MANUAL PRÁTICO DO MAGNMETISMPO ANIMAL

ALPHONSE TESTE

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

MANUAL PRÁTICO DE MAGNETISMO ANIMAL

UMA EXPOSIÇÃO DOS MÉTODOS EMPREGADOS NA PRODUÇÃO DOS FENÓMENOS MAGNÉTICOS; COM A SUA APLICAÇÃO AO TRATAMENTO E CURA DE DOENÇAS

ALPHONSE TESTE, M.D.

D. SPILLAN, M.D. A.M. MEMBRO DO COLÉGIO DE MÉDICOS DE DUBLIN. 1843

A JOHN ELLIOTSON, Esq, M.D. Cantab. F.R.S. &c. &c. &c.

CUJA FIRME DETERMINAÇÃO NA INVESTIGAÇÃO DA VERDADE SÓ É IGUALADA CORAGEM INABALÁVEL EM DECLARÁ-LA ABERTAMENTE

ANÚNCIO DO TRADUTOR

Tendo-se o estudo do Mesmerismo tornado tão geral neste país nos últimos anos, — circunstância que devemos principalmente ao zelo incansável e aos esforços infatigáveis do Dr. Elliotson, — considerou-se necessário que o público inglês possuísse alguma obra na sua própria língua, que pudesse servir de introdução a esta ciência verdadeiramente interessante. A grande popularidade do *Manuel Pratique de Magnétisme Animal* do Dr. Teste, a exposição muito clara e metódica que apresenta dos diversos processos empregados na produção dos fenómenos magnéticos, e da aplicação desta ciência ao alívio e cura das doenças, indicaram-no imediatamente como um texto que, apresentado sob uma vesta inglesa, poderia não ser inaceitável para o público inglês. Verificar-se-á que possui as qualidades que devem recomendar qualquer obra didática, a saber, grande simplicidade e grande clareza de disposição.

ÍNDICE

Cap. I. Resenha Histórica

§ I. Mesmer e a sua Teoria ib. Reflexões sobre o Relatório de Bailly
Conclusões do Relatório de Jussieu
Efeito produzido pela obra de Thouret, intitulada *Recherches et Doutes sur le Magnétisme Animal* ib.
§ II. O Magnetismo entre os Egípcios ib.
§ III. O Magnetismo entre os Hebreus
§ IV. O Magnetismo entre os Gregos
§ V. O Magnetismo entre os Romanos
§ VI. O Magnetismo entre os Gauleses
§ VII. O Magnetismo na Idade Média ib.
§ VIII. O Magnetismo nos nossos Tempos
Carta do Marquês de Puységur a um dos membros da *Société de l'Harmonie* ib. Atas da Academia Real de Medicina relativas ao Magnetismo
§ IX. Conclusões do Relatório de M. Husson em 1831 VIII
Das Causas que têm retardado a Propagação do Magnetismo
Cap. III. — Condições necessárias para a Produção dos Fenómenos Magnéticos
§ I. Do Sexo
§ II. Da Idade
§ III. Do Temperamento
§ IV. Do Estado Fisiológico
§ V. Condições Morais
§ VI. Condições Frenológicas
§ VII. Dos Lugares, Testemunhas, &c. ib.
Cap. IV. Classificação e Descrição dos Fenómenos Magnéticos
§ I. Sinais Precursores do Sono
§ II. Do Sono Magnético
§ III. Do Sonambulismo
§ IV. Do Sonambulismo propriamente dito ib.
§ V. Inteligência e Faculdades Morais durante o Sonambulismo
§ VI. Do Isolamento
§ VII. Da Insensibilidade Física 65 Caso da Senhora Plantain ib. Caso comunicado à Academia pelo Sr. Oudet 67

§ VIII. Do Isolamento Incompleto
Das Funções da Vida Orgânica durante o Sonambulismo
Cap. V. Sobre o Sonambulismo Lúcido
1. Visão sem o Auxílio dos Olhos
IX Página Caso da Senhora Hortense
1.ª Sessão
2.ª Sessão
3.ª Sessão
4.ª Sessão (na qual os Srs. Bousquet, Amédée Latour, Ch. d'Orbigny, &c. assistiram) ib.
5.ª Sessão (testemunhas: Srs. Bouillaud e Comac)
6.ª Sessão (testemunhas: Srs. Frapart, Latour, Jeanselme, d'Epagny, &c.)
Leitura de um Papel contido numa Caixa
2. Intuição
3. Da Previsão Interior
Caso da Menina Clary D.
4. Sobre a Previsão Externa
Caso Notável 107 Caso da Senhora B.
5. Da Penetração do Pensamento
Caso do Sr. Barrier
Caso de Callixte
6. Transposição dos Sentidos
7. De certas outras Particularidades notadas, ou que se supõe terem sido notadas, durante o Sonambulismo
Carta escrita à Sagrada Penitenciaria, sob a direção do Bispo de Lausana
8. Ao Despertar
Caso de Pradhier
VI. Dos diferentes Métodos de Magnetizar
Método Ordinário segundo Deleuze
Magnetização pela Cabeça por meio do Olhar pela mera Vontade
Experiências feitas no *Hôtel-Dieu* de Paris, pelo Sr. Dupotet ib.
Método de Faria

Da Insuflação Magnetização de um Somnambulista por outro Somnambulista ib. Da Fé
Do Número e da Hora das Sessões
Cap. VII. Dos processos a adotar para DESPERTAR os Sonambulistas
Cap. VIII. Do Fluido Magnético
Cap. IX. Da Fadiga sentida pelos Magnetizadores — DO Sonambulismo ocasionado por certos Medicamentos — algumas Considerações sobre a natureza do Magnetismo
Cap. X. Sobre a Magnetização dos Alimentos, das Bebidas, dos Anéis e das Substâncias Inanimadas em geral
Carta do Sr. Cloquet relativa ao Tratamento em Busancy
1.ª Experiência sobre Água Magnetizada
2.ª Experiência
3.ª Experiência
Considerações sobre a Água Magnetizada Experiência do Sr. Foissac
Modo de Magnetizar a Água
Árvores
Cubas ib. Banhos
Factos que tendem a provar a Existência de um Fluido Magnético
Cap. XI. Magnetização de Animais
Cap. XII. — Influência do Magnetismo Animal no Organismo
Cap. XIII. — Do Magnetismo, considerado como Agente Terapêutico
1.º Caso. — Asfixia num Recém-nascido, &c., pelo Sr. Thiriat 2.º Caso. — Paralisia e Atrofia dos dois antebraços, &c.
3.º Caso. — Paralisia, &c.
4.º Caso. — Paralisia das Coxas e Pernas, &c.
5.º Caso. — Clorose
6.º Caso. — Exaustão, suores, &c.
7.º Caso. — Câncer Oculto
8.º Caso. — Gota
9.º Caso. — Ciática, Dores de Cabeça, &c.
10.º Caso. — Reumatismo
11.º Caso. — Convulsões Parciais

12.º Caso. — Epilepsia
13.º Caso. — Epilepsia
14.º Caso. — Loucura
Reflexões Gerais sobre a Ação Terapêutica do Magnetismo
Cap. XIV. — Do Tratamento Magnético
Caso da Senhora Comet
15.º Caso. — Fístulas e Úlceras
16.º Caso. — Surdez Crónica curada em dois meses
De algumas Particularidades na Terapêutica dos Sonambulistas
Caso da Senhora Teste
Cap. XV. Medicina dos Sonambulistas
Da Previsão Externa
Do Instinto dos Remédios
Das Sensações experimentadas pelos Sonambulistas ao Contacto dos Doentes
Do Modo como as Consultas devem ser dadas
Observação Importante ib. Caso
Cap. XVI. Da Necessidade de Moralidade nos Magnetizadores
Cap. XVII. — Conclusão
Pós-escrito

MAGNETISMO ANIMAL

CAPÍTULO I

RESENHA HISTÓRICA

§ I. Mesmer e a sua Teoria

FAZ agora quase sessenta e cinco anos que o magnetismo animal fez a sua entrada no mundo. A sua descoberta é geralmente atribuída a Mesmer, um médico de Viena.* A natureza e os limites desta obra não nos permitirão dar aqui uma história detalhada desta descoberta, com todas as alterações que sofreu na Alemanha desde as primeiras tentativas práticas de Mesmer em 1773 até 1778, ano em que veio para França. Pode ser conveniente mencionar, no entanto, que foi em quase total desespero da causa que Mesmer deixou a sua

- F. Antoine Mesmer nasceu em Weiler, perto de Stein, no Reno, em 1734; morreu em Mersburg, perto do Lago de Constança, a 5 de março de 1815. Estudou medicina sob a direção de Van Swieten e de Haen, e foi admitido como doutor na Faculdade de Viena em 1766. A sua dissertação inaugural estava bem calculada para indicar a tendência da sua mente; intitulava-se: *Da Influência dos Planetas no Corpo Humano*.

pátria, onde as falsas representações astutas do Padre Hell* e de Ingenhousz tinham trazido o descrédito sobre ela. Contudo, ele ficou a dever vários casos de sucesso ao emprego do seu novo método; e no ano de 1775 publicou, na sua *Carta a um Médico Estrangeiro*, a exposição completa da sua teoria. Apresentaremos aos nossos leitores as vinte e sete proposições que a compõem, sob a forma de aforismos:†

1. Existe uma influência mútua entre os corpos celestes, a terra e os corpos vivos.

2. Um fluido universalmente difundido e contínuo, de modo a não admitir vácuo algum, cuja subtileza está além de toda a comparação, e que, pela sua natureza, é capaz de receber, propagar e

comunicar todas as impressões de movimento, é o meio desta influência.

3. Esta ação recíproca está sujeita a leis mecânicas desconhecidas até ao presente.

4. Desta ação resultam efeitos alternados que podem ser considerados um fluxo e refluxo.

5. Este fluxo e refluxo é mais ou menos geral, mais ou menos particular, mais ou menos composto, segundo a natureza das causas que o ocasionam.

6. É por esta operação (a mais universal de quantas nos são apresentadas pela natureza) que ocorrem as relações de atividade entre os corpos celestes, a terra e as suas partes constituintes.

7. As propriedades da matéria e do corpo organizado dependem desta operação.

8. O corpo animal experimenta os efeitos alternados

- Da Companhia de Jesus, e Professor de Astronomia em Viena. † *Memória sobre a Descoberta do Magnetismo Animal*. Paris, 1799.

deste agente; e é insinuando-se na substância dos nervos que os afeta imediatamente.

9. Manifestam-se, mais especialmente no corpo humano, propriedades análogas às do íman; distinguem-se nele polos igualmente diferentes e opostos, que podem ser comunicados, alterados, destruídos e restaurados; até mesmo o fenómeno da inclinação nele se observa.

10. A propriedade do corpo animal que o torna suscetível da influência dos corpos celestes, e da ação recíproca daqueles que o cercam, manifestada pela sua analogia com o íman, fez-me chamá-la magnetismo animal.

11. A ação e a virtude do magnetismo animal, assim caracterizadas, podem ser comunicadas a outros corpos, animados e inanimados: ambos, contudo, são mais ou menos suscetíveis disso.

12. Esta ação e esta virtude podem ser reforçadas e propagadas pelos mesmos corpos.

13. Observa-se pela experiência a descarga de uma matéria cuja subtileza penetra todos os corpos, sem perder percetivelmente a sua atividade.

14. A sua ação tem lugar a uma distância remota, sem o auxílio de qualquer corpo intermédio.

15. É aumentada e refletida pelo gelo, tal como a luz.

16. É comunicada, propagada e aumentada pelo som.

17. Esta influência magnética pode ser acumulada, concentrada e transferida.

18. Eu disse que os corpos animados não eram igualmente suscetíveis dela; há mesmo alguns, embora muito poucos, que possuem uma propriedade tão oposta, que a sua mera presença destrói todos os efeitos deste magnetismo nos corpos.

19. Esta virtude oposta penetra também todos os corpos; pode também ser comunicada, propagada, acumulada, concentrada e transferida, refletida pelo gelo e propagada pelo som; uma circunstância que constitui não apenas uma privação, mas uma virtude oposta positiva.

20. O íman, quer natural quer artificial, tal como outros corpos, é suscetível do magnetismo animal, e até da virtude oposta, sem que, quer num caso quer no outro, a sua ação sobre o ferro ou sobre a agulha sofra qualquer alteração; o que prova que o princípio do magnetismo animal difere essencialmente do do mineral.

21. Este sistema fornecerá novas elucidações no que respeita à natureza do fogo e da luz, bem como na teoria da atração, do fluxo e refluxo, do íman e da eletricidade.

22. Mostrará que, no que respeita às doenças, o íman e a eletricidade artificial têm apenas propriedades comuns com vários outros agentes que nos são apresentados pela natureza; e que, se quaisquer efeitos úteis resultaram destes, eles deveram-se ao magnetismo animal.

23. Ver-se-á pelos factos, a partir das regras práticas que estabelecerei, que este princípio é capaz de curar as doenças dos nervos imediatamente, e outras doenças mediatamente.

24. Que com o seu auxílio o médico é instruído no que respeita ao uso dos medicamentos; que aperfeiçoa a sua ação, e excita e dirige as suas crises salutares de modo a tornar-se completamente senhor delas.

25. Comunicando o meu método, provarei por uma nova teoria das doenças a utilidade universal do princípio que lhes oponho.

26. Com este conhecimento, o médico julgará com certeza a origem, a natureza e o progresso das doenças, mesmo das mais complicadas; susterá o seu aumento e atingirá a sua cura, sem nunca expor o doente a efeitos perigosos ou consequências fatais, seja qual for a idade, o temperamento e o sexo. As mulheres, mesmo no estado de gravidez e no momento do seu parto, gozarão da mesma vantagem.

27. Esta doutrina, finalmente, capacitará o médico para julgar com precisão o grau de saúde de cada indivíduo, e para o preservar das doenças a que poderia estar exposto. A arte de curar atingirá a sua perfeição derradeira.

Prazera ao Céu que esta esperança pudesse um dia ser realizada; mas tememos muito, pelo bem da humanidade, que a profecia de Mesmer esteja ainda muito distante do período da sua concretização. Seja como for, as proposições que acabaram de ser lidas, um verdadeiro imbróglio onde encontramos um pouco de tudo, do absurdo e do verdadeiro, de factos e de metafísica, — estas proposições, dizia eu, encontraram pouca simpatia no mundo instruído da época; e o seu autor, por ser demasiado refinado na sua teoria, passou por excêntrico na sua prática. Além disso, Mesmer não tinha o direito de reivindicar para si a honra da sua doutrina, visto

encontrarmos todos os seus elementos dispersos por obras mais de um século anteriores ao seu nascimento; uma afirmação cuja verdade pode ser facilmente apreciada folheando os escritos de Paracelso, Van Helmont, Santanelli e especialmente de Maxwell; podemos dizer mais, que o filósofo de Weiler se mostra, em mais de um lugar, um copista bastante servil; pois, como poderíamos provar comparando com a enunciação dos seus princípios certos textos citados da obra de Bertrand,* ele não hesita em transcrever os seus modelos quase literalmente.

Contudo, se pensamos poder disputar com Mesmer a glória de ter descoberto o magnetismo animal, não lhe podemos recusar o mérito de ter feito dele uma exibição hábil e engenhosa. É ainda um ponto debatido se este homem possuía génio; mas o que é certo é que a sua filantropia nunca foi negada. Algumas pessoas astutas asseguram-nos mesmo que ele a vendeu muito caro; vejam-se os duzentos e cinquenta mil escudos que recebeu, segundo se diz, dos seus alunos em Paris.

Mas isto não é tudo: à honra de ensinar o seu método ao médico d'Eslon e a várias outras pessoas, Mesmer juntou a honra ainda mais lucrativa de tratar, estivessem doentes ou não, todos os grandes nobres da corte de Luís XVI. É evidente que, para entusiasmar a população entusiasmada da nossa nova Atenas, não teria havido necessidade de inovações tão estranhas e tão extraordinárias como os processos terapêuticos que ele empregava. Podemos formar uma opinião sobre eles pela descrição que os relatores de 1784 nos deixaram:

«Eles (os comissários) viram no meio de uma grande sala uma caixa redonda de carvalho, elevada cerca de um pé ou pé e meio, chamada a *baquet* (cuba); a parte superior desta caixa estava perfurada com um grande número de furos, através dos quais saíam hastes dobradas em ângulo e móveis. Os doentes estavam colocados em fileiras ao redor desta *baquet*, e cada um com a sua uma haste de ferro, que por meio da dobragem podia ser aplicada diretamente à parte afetada; um cordão, passado ao redor do seu corpo, unia-os uns aos outros.

- *Du Magnétisme Animal en France*. 8vo. Paris, 1826.

Às vezes, uma segunda corrente era formada pela junção das suas mãos, — isto é, aplicando cada um o polegar entre o polegar e o indicador do seu vizinho; depois, o polegar assim seguro é pressionado; a impressão assim feita na esquerda é transmitida pela mão direita, e é assim circulada.

«Um pianoforte estava colocado num canto da sala, e segundo os diferentes movimentos diferentes árias eram tocadas nele. O som da voz e o canto eram por vezes juntados a ele.»

Para completar o quadro, pode acrescentar-se que todos aqueles que magnetizavam estavam armados com uma vara de ferro de dez a doze polegadas de comprimento; e que os doentes, além do fluido que recebiam do reservatório comum, eram novamente magnetizados diretamente, quer por meio do olhar do magnetizador, quer com o dedo ou a vara estendida diante da sua face ou sobre a sua cabeça, quer pela aplicação das mãos e pela pressão dos dedos sobre o hipocôndrio e o abdómen.

Da ação combinada e suficientemente prolongada destes diferentes agentes ocorriam em alguns dos indivíduos que se submetiam a eles (especialmente no caso de mulheres delicadas) fenómenos de um tipo variável, mas sempre mais ou menos invulgares, tais como acessos de tosse, espasmos, vómitos, suores, dores, locais ou gerais, convulsões, &c. Estas eram as famosas crises artificiais das quais Mesmer e os seus seguidores pressagiavam a cura certa e imediata de todas as doenças, sem exceção de uma única. Só Deus sabe se o próprio Mesmer acreditava nas promessas que fazia aos seus doentes; mas se a Alemanha levou a sua ingratidão ao ponto de não reconhecer nele senão um charlatão descarado e avarento, nós somos quase tentados nos dias de hoje, magnetizadores como somos, a juntar o nosso julgamento ao dos seus compatriotas.

Contudo, pondo de parte os chamados milagres de Mesmer, era dificilmente possível recusar admitir que existia realmente algo por baixo do prestígio com que a verdadeira manifestação dos factos

estava tão astutamente velada; e poder-se-ia até suspeitar que na cuba de Mesmer, e no Mesmerismo daquela época, jazia uma poderosa ciência no seu berço.

Muito diferente, porém, foi o julgamento formado sobre ela pela comissão de 1784; devemos ter a audácia de dizer que, não obstante o grande mérito e os nomes imponentes dos homens que a compunham, não pode haver dúvida de que a óbvia incorreção nas conclusões do seu relatório deve ser atribuída única e exclusivamente ao seu modo pouco criterioso de observar factos delicados contra os quais estavam também já preconceituosos.

Borie, Sallin, d'Arcet e o célebre Guillotin foram os médicos nomeados membros da primeira comissão. Foi a seu pedido que os cinco membros da Academia das Ciências foram adicionados, Franklin, Leroi, Bailly, de Bory e Lavoisier.*

Mesmer tinha então deixado França (12 de março de 1784); foi tomar as águas de Spa para a sua saúde (que contradições na vida de um homem!) e tinha entregado a sua prática em Paris ao seu aluno d'Eslon, um dos mais distintos

- *Tendo Borie morrido logo no início, Majault foi eleito para o seu lugar.*

membros da Faculdade, mas em desacredito junto dos seus confrades desde a sua conversão ao magnetismo.

Há poucos médicos, e nenhum magnetizador, que não tenham lido o relatório de Bailly. É o julgamento regular da doutrina mesmeriana; e, com toda a certeza, as conclusões que o terminam estavam bem calculadas para resolver definitivamente a questão do magnetismo, se os julgamentos dos homens pudessem subverter a verdade. Mas a verdade é eterna como o próprio Deus; podemos caluniá-la ou honrá-la, proclamá-la ou prescrevê-la; isto, contudo, não produz qualquer alteração na sua existência.

O relatório de Bailly, espalhado com profusão, e provavelmente com ostentação, por todas as escolas e todas as classes da sociedade,

produziu escassamente qualquer outro efeito além do de azedar mentes já convencidas, e de excitar entre os partidários da doutrina condenada recriminações mais ou menos amargas contra os seus juízes. Está na natureza da mente humana acarinhar a independência e sentir-se exasperada pela oposição; que o poder adote e prescreva uma crença, criará um cisma; que prescreva esta crença, criará apóstolos para ela; que a persiga, ganhará mártires para ela. Ter-se-ia ido tão longe como isto no caso do magnetismo, se o poder o tivesse querido; o poder, contudo, teria tido demasiado que fazer.

O magnetismo, de facto, contava agora com demasiados partidários do seu lado, e entre eles homens de demasiado peso; tinha encontrado um defensor mesmo no próprio seio da Real Academia, na qual tinha feito a sua entrada sob os auspícios de um dos maiores génios da época. O relatório de Ant. L. de Jussieu, redigido com a exatidão minuciosa de um observador honesto e rigoroso, era a contrapartida do relatório de Bailly. É apenas as mentes fracas que temem a contradição numa causa de que estão seguras, e que têm medo de se colocar em colisão com os fortes e a maioria. Jussieu encerrou o seu relatório assim: — «A teoria do magnetismo não pode ser admitida enquanto não for desenvolvida e apoiada por factos sólidos. As experiências instituídas para averiguar a existência do fluido magnético provam apenas que o homem produz no seu semelhante uma ação sensível pela fricção, pelo contacto, e mais raramente pela simples aproximação a alguma distância. Esta ação, atribuída a um fluido universal não demonstrado, pertence certamente ao calor animal existente nos corpos, que emana constantemente deles, é levado a uma distância considerável, e é capaz de passar de um corpo para outro. O calor animal é desenvolvido, aumentado ou diminuído num corpo por causas morais bem como físicas. Julgado pelos seus efeitos, participa da propriedade dos remédios tónicos, e como eles produz efeitos salutares ou prejudiciais segundo a quantidade comunicada, e segundo as circunstâncias em que é empregado.

Um uso mais longo deste agente fará com que a sua ação real e grau de utilidade sejam melhor compreendidos. Cada médico pode seguir os métodos que considera vantajosos no tratamento das doenças, mas apenas sob a condição de publicar o seu modo de cura quando estes forem novos ou opostos à prática ordinária. Aqueles que estabeleceram, propagaram ou seguiram o tratamento chamado magnético, e que se propõem a continuá-lo, estão consequentemente obrigados a publicar as suas descobertas e observações; e todo o tratamento deste tipo cujos processos não sejam tornados conhecidos por publicação imediata deve ser proscrito.»

Mesmo que Jussieu não tivesse apontado aos magnetizadores a sua obrigação de publicar um relato dos seus trabalhos, tal dever teria sido imperativo da sua parte. Inovadores ardentes e desinteressados, nada desejavam tanto como a propagação da sua crença. Consequentemente, vemos memórias, obras polémicas e livros dogmáticos, desenvolvendo novos factos, sucederem-se rapidamente uns aos outros. As obras de Thouret intituladas *Recherches et Doutes sur le Magnétisme Animal*, publicadas em 1784 com o único objetivo de despojar Mesmer de uma celebridade que começava a causar incómodo, produziram um efeito diametralmente oposto.

A vasta erudição exibida pelo autor excitou a emulação e abriu um novo caminho. A história foi consultada, velhas crónicas foram pesquisadas, e todos os factos que, nos anais da antiguidade ou da Idade Média, apresentavam qualquer analogia com os factos magnéticos, foram explicados por uma referência à nova doutrina. Daí a origem dessas incontáveis pesquisas bibliográficas eruditas que, graças aos esforços dos Srs. Deleuze, Abrial, &c., unidas aos escritos dos alemães, nos permitem nos dias de hoje traçar o magnetismo entre nações agora extintas ou totalmente mudadas, como também entre todas as nações modernas.

Apresentaremos agora aos nossos leitores um sumário destas pesquisas históricas de um novo tipo.*

§ II. O Magnetismo entre os Egípcios

Charlatães, segundo Celo, realizavam curas extraordinárias pela mera aposição das mãos, e curavam doentes soprando.

> • *Hoje em dia o magnetismo é praticado em todo o lado: nos desertos da Louisiana como em França, em Pequim como em Paris. Mesmo em Auvergne e no Limousin há sonambulistas que nunca despertam.*

Arnóbio, que confirma o mesmo facto,* expõe a censura que os pagãos dirigiam a Jesus nestes termos: «Ele é um mágico», diziam eles, «que fez todas estas coisas por uma arte clandestina: retirou furtivamente dos templos egípcios o nome dos anjos poderosos, e roubou-lhes os seus antigos costumes, as suas doutrinas secretas.»

Finalmente, a suposta intervenção da deusa Ísis,† que, segundo os sacerdotes egípcios, inspirava os fiéis durante os seus sonhos com o conhecimento dos meios de se curarem das suas doenças, parece-nos nada mais do que o instinto daqueles remédios de que os nossos sonambulistas estão dotados.

§ III. O Magnetismo entre os Hebreus

Os profetas de Israel, designados pelo nome de videntes, eram tão consultados para os acontecimentos ordinários da vida como para as coisas sagradas. Lemos, por exemplo, no nono capítulo do Livro dos Reis, que Saul foi consultar Samuel para saber dele o que tinha acontecido às jumentas do seu pai, que andavam perdidas há vários dias.

Acabe, rei de Israel, desejando saber se deveria fazer a guerra para tomar Ramote em Gileade, reuniu os seus profetas no número de quatrocentos.‡

Deus fala durante os sonhos nas visões da noite para avisar o homem do mal que faz, e para o instruir naquilo que deve saber.§

O filho da viúva de Serepta adoeceu, e a sua doença tornou-se tão grave, que já não retinha um fôlego de vida. Elias tomou a criança nos seus braços, levou-a para o quarto onde residia, e deitou-a na sua cama. Estendeu-se então três vezes sobre a criança, medindo-se pelo seu pequeno corpo, e clamou: «Senhor, meu Deus, rogo-te que faças com que a alma desta criança reentre no seu corpo;» e a criança foi restituída à vida.‖

Quase da mesma maneira Eliseu curou o filho da Sunamita.

§ IV. O Magnetismo entre os Gregos.

Os gregos tinham derivado a maior parte dos seus costumes da Índia e do Egito. A medicina entre eles era uma espécie de sacerdócio, cujos mistérios os iniciados não podiam revelar aos profanos sob pena de sacrilégio. Assim, vemos os primeiros médicos gregos empregarem, para a cura dos seus doentes, certos processos mágicos, que só podem ser comparados aos atos dos nossos magnetizadores.

Pirro, rei do Epiro, curava pessoas que sofriam do baço tocando-lhes lentamente, e durante muito tempo, no lado doloroso.¶

Eliano diz que, ao aproximarem-se dos Psilos, as pessoas ficavam tomadas de estupor como se tivessem bebido uma poção soporífera, e que continuavam privadas dos seus sentidos até que os Psilos fossem afastados.

As afeções sofridas pelo corpo, diz Hipócrates, a alma vê-as muito bem com os olhos fechados.

• *Adv. Gentes, liv. 1. † Diod. Sicul. ‡ Reis, liv. iii. cap. xxviii. § Jó, cap. xxxiii. || Reis, liv. iii. cap. xvii. ¶ Plut. em Pirro. De Regimine, lib. iii.*

Segundo Estrabão, havia entre Nepa e Fralea uma caverna consagrada a Pluto e Juno, na qual os sacerdotes dormiam por amor dos doentes que vinham consultá-los. Por fim, segundo o Sr. Foissac, o espírito familiar, o daimon de Sócrates, essa voz interior que o avisava do que ia acontecer e do que devia fazer, não era senão um estado de crise ou de sonambulismo natural, de que este génio divino era frequentemente afetado, e que o nosso compatriota, o Sr. Lebut,* procurou em vão representar-nos como sofrendo de loucura.

§ V. O Magnetismo entre os Romanos.

Esculápio entregava oráculos num sonho para a cura dos seus doentes.†

«Não permitirei às pessoas», diz Varro,‡ «negar que a Sibila tenha dado aos homens bons conselhos durante a sua vida, e que tenha deixado após a morte predições que são ainda avidamente consultadas em todas as emergências difíceis.»

Lemos em São Justino «que as sibilas diziam muitas coisas grandes com justiça e verdade, e que quando o instinto que as animava cessava de existir, perdiam a recordação§ de tudo o que tinham declarado.»‖

Segundo Celso,¶ Asclepíades adormecia por meio de fricções os afetados de frenesia. Acontecia mesmo bastante frequentemente, segundo o mesmo autor, que demasia fricção podia submergir o doente num estado de letargia.

Estes factos, aos quais vários outros de tipo semelhante poderiam ser adicionados, não deixam dúvida no que respeita à sua identidade com os fenómenos magnéticos observados nos dias de hoje.

§ VI. O Magnetismo entre os Gauleses.

Não há provavelmente em toda a antiguidade um povo entre o qual o poder do magnetismo tenha tido uma posição mais proeminente do que entre os Gauleses. Mulheres, educadas e instruídas pelos Druidas, entregavam oráculos, prediziam o futuro e curavam doenças. Os relatos dados por Tácito, Lamprídio e Vopisco, relativamente aos

Druidas, dão testemunho da confiança que tinham na exatidão das suas predições.

«Dotadas de talentos extraordinários, elas (as Druidesas) curam doenças consideradas incuráveis, conhecem o futuro e anunciam-no ao povo.»

Por fim, Plínio designa os Druidas desta forma: Esta descrição de profetas e médicos — *Hoc genus vatum medicorumque*.

§ VII. O Magnetismo na Idade Média.

Em todos os tempos bem como em todos os países, as coisas extraordinárias passaram por sobrenaturais, a partir do momento em que já não admitiam explicação; e como é natural referir e atribuir coisas sobrenaturais a um poder divino, a história do magnetismo na Idade Média, da mesma maneira que na antiguidade pagã e entre os Gauleses, está inextricavelmente misturada com a história da religião.

«As igrejas», diz o Sr. Mialle, «sucederam aos templos dos antigos, nos quais as tradições e os processos do magnetismo estavam consignados. Os mesmos hábitos de passar noites inteiras neles, os mesmos sonhos, as mesmas visões, as mesmas curas. Os verdadeiros milagres realizados sobre os túmulos dos santos são reconhecidos por carateres que não está no poder do homem imitar; mas devemos excluir da lista das antigas lendas uma multidão de curas muito extraordinárias, onde a religião e a fé interferiram apenas na medida em que produziram disposições eminentemente favoráveis à ação natural do magnetismo.»*

É impossível para nós tentar neste local uma análise crítica desses registos obscuros, e seria necessário um volume apenas para nomear os factos desde os exorcismos de São Gregório Taumaturgo até aos convulsionários de São Medardo.†

E, como já observámos, alguns homens inteligentes, cem anos antes da descoberta de Mesmer, expressaram as suas objeções a pretensos milagres, e deram aos factos magnéticos a sua verdadeira interpretação.

«O magnetismo», diz Van Helmont, «está ativo em todo o lado, e não tem nada de novo senão o nome; é um paradoxo apenas para aqueles que ridicularizam tudo, e que atribuem ao poder de Satanás tudo o que são incapazes de explicar.»

• *Le Démon de Socrate, spécimen d'une application de la science de la psychologie à celle de l'histoire. Paris, 1836. In-8. † Cícero de Divin. lib. iii. ‡ De Re Rustica. § Veremos em breve que este é um dos traços caraterísticos do sono magnético. || Justino. Adm. ad Graecos. ¶ De Medicina. Paris, 1834. Lib. iii. p. 147. Pomp. Mela, t. iii. cap. vi.*

§ VIII. O Magnetismo nos nossos Próprios Tempos.

O sonambulismo, do qual Ant.-L. de Jussieu tinha obtido algum vislumbre na prática de Eslon, mas que foi inteiramente descurado por Mesmer e pelos magnetizadores dessa época, é nos dias de hoje o facto proeminente do magnetismo, e tudo o que se exige para resolver definitivamente a grande questão ligada a ele é tornar conhecida e demonstrar a existência dos fenómenos que o constituem. Veremos em breve qual é o estado da opinião pública sobre este ponto, e mais especialmente a opinião dos médicos. Mas primeiro, para não antecipar, continuemos o nosso simples relato de factos.

Os primeiros casos de sonambulismo artificial foram observados pelo Marquês de Puységur, na sua propriedade de Busancy.* Escreveu o seguinte, a 8 de março de 1784, a um dos membros da *Société de l'Harmonie*:

«Sinto grande prazer, meu senhor, em comunicar-lhe algumas experiências em que estou empenhado na minha propriedade. Estou eu próprio tão agitado, posso mesmo dizer tão transportado, que sinto que preciso de algum repouso e relaxamento, e espero encontrá-lo escrevendo a alguém que é capaz de me compreender. Quando

censurei o entusiasmo do Padre Hervin, quão longe estava eu de compreender a sua causa! Mesmo agora estou tão longe de o aprovar, mas desculpo-o. Mais fogo, mais calor de imaginação, do que provavelmente possuo, arrebataram-no.

Oxalá pudesse eu, bem como aqueles que, como eu, estarão empenhados no magnetismo animal, contribuir para restituir a serenidade à mente daqueles que testemunham as nossas experiências extraordinárias, e isso pela nossa própria serenidade. Façamos, contudo, a exemplo de Mesmer, esforços para nos conter; e, certamente, poderosos esforços são necessários para nos impedirmos de ser exaltados até ao ponto mais extremo, quando vemos todos os efeitos surpreendentes e benéficos que um homem com um coração bondoso e um desejo de fazer o bem pode produzir por meio do magnetismo animal. Entro então no assunto, e com não pequeno ardor.

«Após dez dias de descanso na minha propriedade, sem me dedicar a nada senão ao meu repouso e aos meus jardins, tive ocasião de entrar na casa do meu feitor. A sua filha estava a sofrer de uma violenta dor de dentes; perguntei-lhe a brincar se ela desejava ser curada; ela, naturalmente, consentiu. Não esteve dez minutos a magnetizá-la quando a sua dor desapareceu completamente; e ela não sentiu qualquer retorno dela depois.

«Outra mulher foi curada no dia seguinte da mesma afeção, e em tão curto espaço de tempo.

«Este ligeiro sucesso fez-me tentar fazer algum bem a um camponês, de cerca de vinte e três anos de idade, que estava de cama há quatro dias em consequência de uma inflamação no peito. Fui vê-lo: foi na terça-feira passada, quatro deste mês, às oito horas da noite; a febre tinha acabado de se tornar mais ligeira. Fiz com que se levantasse da cama e magnetizei-o.

Qual não foi a minha surpresa ao ver ao fim de meio quarto de hora esta pessoa cair num sono tranquilo nos meus braços, sem dor ou convulsão. Forcei a crise, o que lhe causou alguma tontura na cabeça;

ele falou alto dos seus assuntos ordinários. Quando pensei que as suas ideias o deviam afetar desagradavelmente, detive-as e comecei a inspirar-lhe outras de uma índole mais agradável e viva. Não exigiu grandes esforços da minha parte para conseguir isto.

• *Foissac, Rapport de l'Académie Royale de Médecine sur le Magnét. Anim. Paris, 1833. 8vo. † Para estes detalhes remetemos os nossos leitores para a obra de Carré de Montgeron (La Vérité des Miracles). Paris, 1737-1741. 3 vol. 12mo.; ao Théâtre Sacré des Cévennes; à obra de A. Bertrand: Du Magnétisme Animal en France. ‡ Armand-Marc-Jacques Chastenet de Puységur, nascido em Paris em 1750.*

Então vi-o bastante feliz, imaginando que estava a dançar numa festa, &c. Acarinhei estas ideias nele, e por esse meio forcei-o a mover-se com considerável atividade na sua cadeira, como que para dançar ao som de uma ária que, cantando mentalmente, o fiz repetir bastante alto. Por estes meios fiz o doente suar profusamente a partir desse dia. Após uma hora de crise sosseguei-o e deixei a sala. Uma bebida foi-lhe então dada, e tendo ordenado que lhe trouxessem algum pão e caldo, fiz com que nessa mesma noite comesse uma quantidade considerável, coisa que não tinha sido capaz de fazer nos últimos cinco dias.

Dormiu toda essa noite e no dia seguinte, não se lembrando da minha visita da noite, informou-me do estado melhorado da sua saúde. Dei-lhe duas crises: quarta e quinta-feira tive a satisfação de o ver afetado apenas com um ligeiro calafrio. Todos os dias mandei pôr os pés do doente em água pelo espaço de três horas, e dei-lhe duas crises por dia. Hoje (sábado) o calafrio durou menos tempo do que o habitual, o seu apetite manteve-se, gozou de um bom descanso noturno; em suma, tive a satisfação de o ver percetivelmente melhor, e espero que em mais três dias ele retome as suas ocupações habituais, etc.»

Muitos factos de natureza semelhante foram publicados pelo Sr. de Puységur desde esta carta; e desde este período, os casos de

sonambulismo artificial multiplicaram-se de tal modo, que há agora escassamente qualquer pessoa que não tenha tido a oportunidade de recolher alguns. Esta nova ordem de fenómenos devia necessariamente modificar as primeiras ideias formadas do magnetismo; tudo está agora mudado nos processos,* como na teoria. Um fluido nervoso foi substituído pelo fluido universal de Mesmer; mas esta hipótese moderna escassamente merece menção, pois nas ciências naturais só os factos são mais ou menos imutáveis, e a explicação dada sobre eles depende da tendência de mente e do grau de conhecimento dos homens que os observam.

Mas não se pode disputar que a questão do magnetismo animal tinha realmente mudado de terreno desde a descoberta de Puységur; e que quando o Sr. Foissac propôs, em 1825, à Academia de Medicina o exame de um caso de sonambulismo, o objetivo não era de modo algum retomar e reconsiderar as observações de 1784, mas antes observar algo inteiramente novo. Os senhores membros da Academia, encarregados pelos seus colegas de aproveitar a oportunidade de uma nova comissão, expressaram-se nos seguintes termos:

«1. A decisão tomada em 1784 pelos comissários encarregados pelo rei de examinar o magnetismo animal não deve, de modo algum, sancionar que se dispense o seu exame *de novo*, porque na ciência nenhuma decisão seja ela qual for é absoluta e irrevogável.

«2. Porque as experiências nas quais este julgamento se baseou parecem ter sido conduzidas sem a reunião simultânea e necessária de todos os comissários, e também com disposições morais que, segundo os princípios do facto que foram nomeados para examinar, deviam causar o seu fracasso completo.

- *Ver o cap. «Dos Diferentes Modos de Magnetizar»*.

«3. O magnetismo, assim julgado em 1784, difere inteiramente em teoria, processos e resultados daquele que observadores atentos, rigorosos e próximos, e que médicos esclarecidos e infatigáveis, estudaram em anos posteriores.

«4. É para honra da medicina francesa não ficar atrás dos médicos alemães no estudo dos fenómenos que os favorecedores esclarecidos e imparciais do magnetismo declaram ser produzidos por este novo agente.

«5. Ao considerar o magnetismo como um remédio secreto, é dever da Academia estudá-lo, sujeitá-lo a ensaio; finalmente, retirar o uso e a prática dele a pessoas inteiramente estranhas à arte, que abusam deste meio e fazem dele um objeto de lucro e especulação.

«Após todas estas considerações, a sua Comissão é de opinião que a secção deve adotar a proposição do Sr. Foissac e nomear uma comissão especial para dirigir a sua atenção para o estudo e exame do magnetismo animal.

«(Assinado) Adelon, Pariset, Marc, Burdin, sénior, Husson, relator.»

Após longos debates, estas conclusões foram adotadas pela Academia, e a comissão pedida em outubro de 1825 foi finalmente formada em maio de 1826; consistindo dos Srs. Leroux, Bourdois de la Motte, Double, Magendie, Guersant, Husson, Thillaye, Marc, Itard, Fouquier e Guéneau de Mussy.

Quase imediatamente após a sua nomeação, os comissários começaram a sua tarefa e continuaram-na até meados do ano de 1831; finalmente, nas sessões de 21 e 28 de junho do mesmo ano, comunicaram à Academia, através do Sr. Husson como seu órgão, os resultados das suas observações.

O Relatório do Sr. Husson, notável sob mais do que um aspeto, formará sempre uma época nos anais do magnetismo; e seria difícil para nós dar aos nossos leitores uma ideia mais distinta e mais autêntica do estado existente da ciência do que transcrevendo para eles literalmente as conclusões deste Relatório.

§ IX. Conclusões do Relatório do Sr. Husson em 1831.

1. O contacto dos polegares ou das mãos, as fricções ou certos gestos feitos a uma curta distância do corpo, e chamados passes, são

os meios empregados para ligar, ou, noutras palavras, para transmitir a ação do magnetizador ao magnetizado.

2. Os meios que são externos e visíveis nem sempre são necessários, visto que, em várias ocasiões, a vontade, a fixidez do olhar, bastaram para produzir fenómenos magnéticos, mesmo sem o conhecimento do magnetizado.

3. O magnetismo tem agido sobre pessoas de diferentes sexos e diferentes idades.

4. O tempo necessário para transmitir e comunicar a ação magnética variou de uma hora a um minuto.

5. O magnetismo não age, em geral, sobre pessoas de boa saúde.

6. Nem age sobre todos os que estão doentes.

7. Durante o processo de magnetizar, efeitos insignificantes e momentâneos manifestam-se por vezes, os quais não atribuímos unicamente ao magnetismo; tais como uma ligeira opressão, calor ou frio, e alguns outros fenómenos nervosos, que podem ser explicados sem a intervenção de um agente particular, a saber, através da esperança ou do medo, do preconceito, e da expectativa de algo estranho e novo, do tédio ocasionado pela monotonia dos gestos, do silêncio e calma observados durante as experiências, e, finalmente, através da imaginação, que exerce tão grande domínio sobre certas mentes e certas organizações.

8. Um certo número dos efeitos observados pareceu-nos depender unicamente do magnetismo, e não se reproduz sem ele. Estes são fenómenos fisiológicos e terapêuticos bem atestados.

9. Os efeitos reais produzidos pelo magnetismo são muito variados: perturba uns, tranquiliza outros; mais habitualmente causa a aceleração momentânea da respiração e da circulação, movimentos convulsivos temporários das fibras, semelhantes a choques elétricos, estupor mais ou menos profundo, sonolência, e, num pequeno número de casos, aquilo a que os magnetizadores chamam sonambulismo.

10. A existência de algum carater próprio para dar a conhecer, em todos os casos, a realidade de um estado de sonambulismo, não foi averiguada.

11. Contudo, podemos concluir, com certeza, que este estado existe, quando ocasiona o desenvolvimento de novas faculdades, que receberam as denominações de clarividência, intuição, previsão interna; ou quando produz grandes alterações no estado fisiológico, como a insensibilidade, um aumento considerável e súbito de força, e quando este efeito não pode ser atribuído a qualquer outra causa.

12. Como entre os efeitos atribuídos ao sonambulismo há alguns que podem ser simulados, o sonambulismo em si pode por vezes ser simulado e fornecer ao charlatanismo meios de engano. Também na observação daqueles fenómenos que ainda se apresentam como factos isolados, que não podem ser ligados a nenhuma teoria, é apenas pelo exame mais atento, pelas precauções mais rigorosas, e por ensaios numerosos e variados, que podemos escapar à ilusão.

13. O sono provocado com mais ou menos facilidade, e estabelecido num grau mais ou menos profundo, é um efeito real mas não constante do magnetismo.

14. Estamos satisfeitos por ter sido excitado em circunstâncias onde os magnetizados não podiam ver, e ignoravam inteiramente os meios empregados para o ocasionar.

15. Uma vez tendo-se feito uma pessoa cair num sono magnético, nem sempre há necessidade de recorrer ao contacto e aos passes para magnetizar de novo. O olhar do magnetizador, a sua vontade apenas, têm a mesma influência sobre a pessoa. Neste caso, pode-se não apenas agir sobre a pessoa magnetizada, mas até colocá-la completamente em sonambulismo, retirá-la dele sem o seu conhecimento, fora da sua vista, a uma certa distância, e através de portas fechadas.

16. Ocorrem habitualmente alterações, mais ou menos notáveis, nas perceções e faculdades daqueles indivíduos que caem num estado de sonambulismo pelo efeito do magnetismo.

A. Alguns, no meio do ruído de conversas confusas, ouvem apenas a voz do seu magnetizador; vários respondem com precisão às perguntas que lhes são feitas quer por este último quer pelas pessoas perto deles; outros mantêm conversas com todas as pessoas ao seu redor; contudo, raramente compreendem o que se passa ao seu redor. A maior parte do tempo são inteiramente alheios ao ruído externo e inesperado feito nos seus ouvidos, tal como o som de vasos de cobre fortemente batidos, a queda de qualquer substância pesada, &c.

B. Os olhos estão fechados: as pálpebras cedem com dificuldade aos esforços feitos com a mão para as abrir. Esta operação, que não é sem dor, permite ver o globo ocular convulsionado e dirigido para a parte superior e por vezes para a parte inferior da órbita.

C. Por vezes o sentido do olfato está, por assim dizer, abolido. Pode-se fazê-los respirar ácido clorídrico ou amónia, sem que fiquem incomodados com isso, ou sem sequer o suspeitarem. O contrário ocorre em certos casos, e eles são sensíveis aos odores.

D. A maior parte dos sonambulistas que vimos eram completamente insensíveis. Podia-se fazer-lhes cócegas nos pés, narinas e no ângulo dos olhos pela aproximação de uma pena, beliscar a sua pele de modo a produzir equimose, picá-la debaixo das unhas com alfinetes introduzidos a uma profundidade considerável, sem que evidenciassem qualquer dor ou estivessem de todo conscientes disso. Numa palavra, vimos uma pessoa que era insensível a uma das operações mais dolorosas da cirurgia, e cuja fisionomia, pulso ou respiração não manifestaram a menor emoção.

17. O magnetismo tem a mesma intensidade, é tão prontamente sentido à distância de seis pés como de seis polegadas, e os fenómenos desenvolvidos por ele são os mesmos nos dois casos.

18. A ação à distância não parece capaz de ser exercida com sucesso, exceto em indivíduos que já tenham sido sujeitos ao magnetismo.

19. Não vimos que uma pessoa magnetizada pela primeira vez caísse num estado de sonambulismo; por vezes não era senão à oitava ou décima sessão que o sonambulismo se declarava.

20. Vimos constantemente o sono ordinário, que é o repouso dos órgãos dos sentidos, das faculdades intelectuais e dos movimentos voluntários, preceder e terminar o estado de sonambulismo.

21. Enquanto estão neste estado de sonambulismo, as pessoas magnetizadas que observámos retêm o exercício das faculdades que têm enquanto acordadas. A sua memória parece mesmo ser mais fiel e mais extensa, visto que se lembram do que se passou durante todo o tempo, e em todas as ocasiões em que estiveram no estado de sonambulismo.

22. Ao despertarem dizem que esqueceram inteiramente todas as circunstâncias ligadas ao estado de sonambulismo, e que nunca mais se lembram delas. A este respeito não podemos ter outra garantia além das suas próprias declarações.

23. A força muscular dos sonambulistas está por vezes amortecida e paralisada; noutras ocasiões os seus movimentos estão apenas constrangidos, e os sonambulistas andam ou cambaleiam como pessoas embriagadas, e sem evitar, embora por vezes evitando cuidadosamente, os obstáculos que encontram ao andar. Há alguns sonambulistas que retêm intacto o exercício dos seus poderes de se moverem; alguns são vistos a ser mesmo mais fortes e mais ativos do que no estado de acordados.

24. Vimos dois sonambulistas distinguirem com os olhos fechados os objetos colocados diante deles; disseram, sem lhes tocar, a cor e o valor das cartas; leram palavras traçadas com a mão, ou algumas linhas de livros abertos por mero acaso. Este fenómeno teve lugar mesmo quando a abertura das pálpebras estava exatamente fechada por meio dos dedos.

25. Encontrámos em dois sonambulistas a faculdade de prever atos do organismo mais ou menos distantes, mais ou menos complicados. Um deles anunciou vários dias, para não dizer vários

meses antes, o dia, a hora e o minuto em que os acessos epiléticos viriam e regressariam; o outro declarou o momento da cura. As suas previsões realizaram-se com notável exatidão. Pareciam-nos aplicar-se apenas a atos ou lesões do seu organismo.

26. Encontrámos apenas uma sonâmbula que descreveu os sintomas da doença de três pessoas com quem tinha sido colocada em contacto. Instituímos pesquisas, contudo, num número considerável.

27. Para estabelecer com alguma exatidão as relações do magnetismo com a terapêutica, seria necessário ter os seus efeitos observados num grande número de indivíduos, e ter experiências feitas nos mesmos doentes por um tempo considerável e todos os dias. Não tendo isto sido feito, a Comissão deve restringir-se a dizer aquilo que viu num número demasiado pequeno de casos, sem pronunciar coisa alguma.

28. Alguns dos doentes magnetizados não sentiram qualquer benefício; outros experimentaram um alívio mais ou menos marcado, a saber: um a supressão de dores habituais, outro o regresso da força, um terceiro um retardamento por vários meses na recorrência de ataques epiléticos, e um quarto a cura completa de uma paralisia grave e de longa data.

29. Considerado como um agente de fenómenos fisiológicos ou como um meio terapêutico, o magnetismo deve encontrar o seu lugar no quadro dos conhecimentos médicos; e, consequentemente, apenas os médicos o devem praticar, ou vigiar e superintender o seu emprego, como é feito nos países do norte.

30. A Comissão não pôde verificar, por falta de oportunidade, outros poderes que os magnetizadores declararam existir nos sonambulistas; mas recolheu e comunicou factos suficientemente importantes para a induzir a pensar que a Academia deveria encorajar as pesquisas sobre o magnetismo, como um ramo muito curioso da psicologia e da história natural.

Tendo a Comissão chegado ao termo dos seus trabalhos antes do encerramento deste Relatório, perguntou a si mesma se, no meio de

todas as precauções com que se tinham cercado para evitar qualquer surpresa; se com o sentimento de constante desconfiança com que tinham sempre procedido; se no exame dos fenómenos observados por eles, tinham escrupulosamente cumprido o seu dever?

Que outro caminho, dissemos para nós próprios, poderíamos ter seguido? Com que desconfiança mais marcada ou mais cautelosa poderíamos ter sido influenciados? A nossa consciência, meus senhores, respondeu-nos em voz alta que não podíeis esperar de nós nada que não tivéssemos feito. Fomos então observadores honestos, exatos, fiéis? É para vós, que nos conheceis há tantos anos, para vós, que nos vedes constantemente quer na vida pública quer nas nossas reuniões frequentes, responder a esta pergunta. A vossa resposta, meus senhores, esperamo-la da antiga amizade de alguns de vós, e da estima de todos.

Certamente não presumimos fazer-vos partilhar a nossa convicção relativamente à realidade dos fenómenos observados por nós, e que não vistes, nem seguistes, nem estudastes connosco e como nós fizemos. Não exigimos, pois, de vós uma crença cega em tudo o que relatámos. Concebemos que uma porção considerável destes factos é tão extraordinária, que não no-la podeis conceder; provavelmente nós próprios presumiríamos recusar-vos a nossa, se viésseis anunciá-los neste tribunal a nós, que, como vós, não tínhamos visto, observado nem estudado nenhum deles.

Tudo o que exigimos é que nos julgueis como nós vos julgaríamos; isto é, que fiqueis convencidos de que nem o amor do maravilhoso, nem o desejo de celebridade, nem qualquer interesse seja ele qual for nos guiou nos nossos trabalhos. Fomos animados por motivos de um carater mais elevado, mais dignos de vós — pelo amor da ciência, e pela necessidade de justificar as esperanças que a Academia tinha concebido do nosso zelo e da nossa dedicação.

«(Assinado) Bourdois de la Motte, presidente; Fouquier, Guéneau de Mussy, Guersant, Itard, J. J. Leroux, Marc, Thillaye, Husson, relator.»*

O relatório do Sr. Husson produziu uma grande impressão na Academia. Contudo, se despertou algumas dúvidas, produziu poucas convicções. Ninguém podia questionar a veracidade dos comissários, cuja boa fé bem como o seu grande conhecimento eram inegáveis, mas eram suspeitos de ter sido enganados. De facto, há certas verdades desgraçadas que comprometem aqueles que nelas acreditam, e aqueles especialmente que são tão cândidos que as confessam publicamente. O magnetismo está entre o número destas verdades.

Mas que os magnetizadores se consolem e ganhem coragem; a posteridade fez justiça a Galileu; por sua vez a posteridade render-lhes-á justiça. O passado responde-lhes pelo futuro; pois se abrirem a história, verão ali que em todos os tempos as academias eram como são nos dias de hoje, cidadelas barricadas contra qualquer inovação. A verdade penetra nelas apenas por estratagema na maior parte das vezes, mas por vezes também entra ali por força, quando, após ter sucessivamente atacado todos os entendimentos, assalta as muralhas do santuário pelas suas vagas estrondosas, e, finalmente, força-as a desmoronarem-se.

Aqui terminam as nossas notícias históricas relativas ao magnetismo animal; pois as discussões académicas dos anos seguintes, o prémio proposto em 1837, e o Relatório de Gérardin† em 1838, não nos parecem constituir quaisquer novas fases nesta história.

No que nos diz respeito, a nossa profissão de fé é que o magnetismo animal terá adquirido, passado um pouco, o direito de ser inscrito entre as descobertas que mais honram a mente humana.

• *Os Srs. Double e Magendie, não tendo estado presentes nas experiências, não julgaram correto assinar o relatório. † Bulletin de l'Académie Royale de Médecine. Paris, 1838, t. ii. p. 962.*

CAPÍTULO II

DAS CAUSAS QUE TÊM RETARDADO A PROPAGAÇÃO DO MAGNETISMO

HÁ duas causas principais: — a inconstância dos fenómenos magnéticos quando é necessário produzi-los diante de testemunhas; a falta de perseverança em homens de boa fé que desejam convencer-se por experiências pessoais.

A isto podemos acrescentar que os fenómenos magnéticos repousam sobre princípios desconhecidos, e portanto, rejeitados como absurdos; por fim, que são tão excêntricos de toda a ideia recebida, tão extraordinários na sua natureza, que se passa por louco quando se acredita neles após os ter visto, e por impostor quando se consegue fazê-los ver a outros. No que me diz respeito, estou persuadido de que, ao expor o que me aconteceu sobre este assunto, exporei o que aconteceu a todos os magnetizadores, e o que acontece todos os dias àqueles que ainda não acreditam no magnetismo.

Desde 1830 li a *Instruction Pratique* de Deleuze, vários artigos inseridos nas publicações periódicas, e um relato das experiências feitas no *Hôtel-Dieu* em Paris pelo Sr. J. Dupotet. Tudo isto me tinha divertido muito, mas não me tinha convencido, e parecendo-me todos os magnetizadores meros velhacos ou loucos (eu era explícito nos meus julgamentos), entreguei-me uma centena de vezes a muitas gracejadas à sua custa, pelas quais mal posso agora perdoar-me. Contudo, experimentei o magnetismo eu próprio; mas, quer por falta de fé quer por falta de simpatia nervosa entre os sujeitos das minhas experiências e eu próprio, atingi apenas resultados risíveis, tão risíveis

que mesmo até este momento não posso deixar de me rir deles tantas vezes quantas me recordo deles. Posteriormente (em 1834) o acaso colocou no meu caminho algumas obras sérias, que me senti forçado a ler atentamente.

A impressão que estas obras fizeram em mim determinou-me a retomar as minhas experiências e a segui-las o mais longe possível. Consequentemente pus-me a trabalhar, mas apenas realizei metade daquilo que me propus fazer; isto é, magnetizei duas pessoas uma vez, das quais uma teve pandiculações após meia hora de passes, e a outra, adormecida mais ou menos perfeitamente após três quartos de hora de esforços, respondeu (de uma maneira muito tola, admito) às perguntas que lhe fiz.

Estou agora satisfeito de que, se tivesse tido então a paciência de recomeçar no dia seguinte, teria produzido num dos meus sujeitos pelo menos os fenómenos do sonambulismo completo; mas, quer por descuido quer por presunção, parei ali; e completamente convencido de que tinha atingido o *ne plus ultra* que era possível no magnetismo, pensei ser correto inserir a seguinte proposição na minha tese inaugural:

«Há algo de verdadeiro no magnetismo animal, mas tudo o que se tem dito dele está longe de ser verdadeiro. Desde o tempo de Mesmer, que não era senão um charlatão, até ao nosso pessoal moderno, entre os quais se poderia contar mais de um Mesmer, o magnetismo encontrou por vezes apoiantes fanáticos e difamadores extravagantes. Mas em factos pertencentes à ciência, é tão perigoso fiar-nos na palavra de alguém como ser cético por preconceito. Quando questões litigiosas estão sob consideração, antes de admitir nada ou negar nada, é necessário experimentar e ver. Ora isto é provavelmente o que aqueles que admitiram tudo e aqueles que negaram tudo não fizeram de todo; ou, o que é pior, fizeram mal (eu estava satisfeito por tê-lo feito muito bem). Daí o carater ridículo, ou o absurdo da maior parte dos artigos assinados 'magnetismo' nas nossas enciclopédias.»

Na primeira parte da última frase tinha obviamente em vista o artigo do Sr. Rostan, sobre o qual tantas pessoas tinham levantado uma grande gritaria. No que respeita ao absurdo aludido, conheço mais de um redator de um dicionário ou de uma revista que poderia ter tomado a minha crítica para si próprio. É, contudo, justo que se faça reparação ao Sr. Rostan, que não apenas teve o mérito de averiguar a verdade, mas que teve também a coragem de a confessar, quando era ainda mais gozada do que mesmo nos dias de hoje.

No que respeita ao artigo do Sr. Bouillaud, 'Magnetismo',* a natureza desta obra proíbe disquisições polémicas.

Tal é, pois, o estado em que me encontrava em 1836, após ter eu próprio experimentado. Ora, declaro-o, que para me levar ao ponto onde estou agora foi necessário um concurso de circunstâncias que apenas raramente pode acontecer, um acaso quase prodigioso, e uma perseverança que provavelmente não teria encontrado em mim mesmo apenas, se para me encorajar nela não tivesse tido homens esclarecidos e perseverantes que me apontaram a rota e me puxaram atrás deles.

Pois bem, repito-o, os obstáculos que encontrei devem ter sempre existido e devem ainda existir mesmo nos dias de hoje para cada um. Contudo, é um facto positivo que, no caso do magnetismo, cada um acredita apenas no que viu e viu distintamente; e como, segundo o que já dissemos, é frequentemente extremamente difícil ver, não deveríamos ficar de todo espantados com a incredulidade quase geral com que os relatos vindos de magnetizadores são ainda recebidos em França, não obstante os seus carateres científicos e morais prévios.

Para concluir, como é fácil evitar um rochedo quando devidamente apontado, e como, afinal de contas, a matéria, sob mais do que um aspeto, merece exame atento, tudo nos inclina a pensar, e a esperar, que os mais incrédulos eles próprios não serão lentos em pôr-se a trabalhar, e que do concurso de tantos esforços resultará em pouco tempo uma fé geral, universal, numa classe de factos destinada,

em nossa opinião, a tornar-se em todos os países em tantas verdades populares.

- Dictionnaire de Médecine et de Chirurgie Pratiques, tom. xi. p. 299, et seq.

CAPÍTULO III

CONDIÇÕES NECESSÁRIAS PARA A PRODUÇÃO DOS FENÓMENOS MAGNÉTICOS

SEJA qual for a ideia formada do magnetismo, seja qual for a teoria com que ligamos os fenómenos ocasionados por ele, parece-me que uma dedução racional desta teoria é que todos os homens podem tornar-se por vezes, e segundo as condições físicas ou morais em que possam estar colocados, magnetizadores e magnetizados. Consequentemente, invocando a analogia dos factos psicológicos e dos carateres da antropologia que nos são conhecidos, é escassamente de supor que uma faculdade de que qualquer organização seja qual for esteja dotada possa não ser encontrada, pelo menos no estado rudimentar, numa organização análoga.

Apenas é natural supor que num número considerável de indivíduos, a influência magnética, sendo exercida segundo a sua natureza e o seu modo ordinário, não apenas não se manifesta de um modo apreciável para o observador, mas escapa mesmo à perceção do próprio indivíduo que é o objeto dela.

Vou mais longe; penso que esta influência é constantemente exercida, embora de um modo latente, de tal maneira que todos os homens, e provavelmente todos os seres da natureza, são reciprocamente e incessante magnetizados. Isto é muito buscado, admito, e muito longe de ser suscetível de demonstração rigorosa; mas

afinal de contas, se esta lei se tornasse um dia um axioma de fisiologia, deveria espantar-nos mais do que os fenómenos do peso, da gravitação, &c.? Certamente não; e eu não ficaria de modo algum espantado ao averiguar que este poder mágico, que alguns homens exercem sobre o seu semelhante, não é nem mais nem menos do que um poder magnético. Platão disse-nos que Aristides fez grandes progressos no estudo da filosofia pelo mero facto de habitar a mesma casa que Sócrates. Mas as reflexões que poderiam ser feitas sobre este assunto espantariam os nossos leitores pela sua estranheza, e poderiam ser bem compreendidas apenas por magnetizadores.

Deixemos a coisa ao tempo, e esses enganos de que Voltaire se teria rido tornar-se-ão provavelmente um dia a base de um grande sistema de antropologia. Isto, contudo, não é o lugar para desenvolver em todo o comprimento esperanças que demasiadas pessoas considerariam ainda extravagantes; além disso, é um livro prático que empreendemos escrever.

Quem são os sujeitos que, por razão do seu sexo, da sua idade, do seu temperamento, &c., são mais suscetíveis da ação magnética? Estas são as perguntas a serem resolvidas, e certamente podemos afirmar que os factos de que a ciência está agora em posse são suficientemente numerosos para constituir os elementos de um detalhe estatístico conclusivo. A nossa própria experiência, juntamente com a de homens industriosos e credíveis, fornecer-nos-á então os princípios gerais que é importante estabelecer.

§ I. Do Sexo.

As mulheres, falando geralmente, são incomparavelmente mais suscetíveis da influência magnética do que os homens. Isto pode ser facilmente concebido se admitirmos, o que é certamente verdadeiro, que a impressionabilidade magnética não é, como se poderia dizer, senão uma qualidade negativa, que tem tendência para tornar a alma e toda a organização passivas e sujeitas a um poder externo. Tudo, no caso das mulheres, parece levá-las naturalmente a este tipo de dependência, que, no seu estado normal, constitui na maior parte delas

um dos traços proeminentes do seu organismo e hábitos. Quase todas elas sentem na realidade a necessidade de se submeterem a esta dependência, quando não é levada a uma servidão dolorosa.

O domínio (com algumas raras exceções, que se assemelham a anomalias) estaria acima dos seus poderes e, pelo seu próprio reconhecimento, seria contrário aos seus instintos. A isto podemos acrescentar que, se certas propensões da alma são por natureza adequadas para favorecer a receção da ação magnética, as mulheres estão dotadas dessas propensões muito mais do que nós. Assim, têm mais sensibilidade, mais tendência para o maravilhoso, mais veneração, menos energia, menos orgulho e, em consequência de todas estas circunstâncias, uma fé mais viva, o que constitui, como teremos ocasião de notar em breve, uma das condições mais necessárias para a produção dos fenómenos magnéticos.

Os homens, em geral, não acreditam sem dificuldade; e, quando são levados a acreditar, digo não meramente nas matérias mais razoáveis, mas nas mais inquestionáveis, têm frequentemente a fraqueza imperdoável de corar da sua crença. Esta é a razão pela qual os homens discutem a religião enquanto as mulheres a praticam; — uma circunstância devida, sem dúvida, a isto: que estas últimas só podem sentir sem raciocinar, enquanto alguns homens, que muito frequentemente são incapazes de uma e de outra coisa, raciocinam e não acreditam. Mas todas estas considerações poderiam ser resumidas numa palavra: as mulheres são mais fracas, mais delicadas, mais impressionáveis do que os homens; o que significa meramente que, no que nos diz respeito, o sistema nervoso nelas é o sistema predominante.

Esta é a verdadeira causa, a causa evidente, palpável, anatómica da sua suscetibilidade magnética; e os inimigos da verdade que tomámos a nosso cargo disseminar faltariam à honestidade se afetassem atribuir unicamente à fraqueza de espírito nas mulheres os prodígios dos fenómenos que diariamente se desenvolvem num grande número delas. Muitos homens podem ser magnetizados, e têm-no sido; mas a maior parte deles, deve notar-se, assemelhava-se muito às

mulheres na fraqueza e delicadeza da sua organização; ou encontravam-se colocados em condições fisiológicas que os privavam temporariamente das prerrogativas do seu sexo.

§ II. Da Idade.

Tenho magnetizado um grande número de crianças desde a idade de seis meses até aos cinco anos, e devo confessar que, exceto com algumas crianças fracas e franzinas, nunca tive sucesso. E isto posso facilmente explicar. Independentemente da circunstância de as crianças serem distraídas, desatentas e impacientes, o seu sistema nervoso, embutido na gordura abundante que dá um arredondamento às suas formas, certamente ainda não adquiriu toda a suscetibilidade que há de ter. É evidente que estamos aqui a considerar crianças num bom estado de saúde; pois todos sabem que a doença pode modificar *ad infinitum* a condição orgânica de que falo.

Contudo, parece-me, pela minha própria experiência e pelo pequeno número de casos que se encontram nos livros, que é em geral difícil magnetizar completamente uma criança muito jovem, mesmo quando está doente; — veja-se o seguinte facto relatado no Relatório do Sr. Husson — «Uma criança de vinte e oito meses de idade, afetada de acessos epiléticos, foi magnetizada em casa do Sr. Bourdois pelo Sr. Foissac, a 6 de outubro de 1827. Quase imediatamente após o início dos passes, a criança esfregou os olhos, inclinou a cabeça para um lado, descansou-a num dos cortinados do sofá em que tinha sido colocada, bocejou, tornou-se inquieta, coçou a cabeça e as orelhas, pareceu lutar contra o sono que se mostrava disposto a atacá-la, e em breve recuperou.

Sentiu desejo de urinar e, após satisfazê-lo, foi novamente magnetizada por alguns momentos; mas não sendo a sonolência tão marcada desta vez como na ocasião anterior, a experiência foi descontinuada.» Verificamos que este rapazinho foi mais tarde colocado num estado de sonambulismo pelo Sr. Foissac. Ainda assim, é evidente que as crianças não cedem à ação magnética na razão direta do seu estado de fraqueza.

Os velhos, também, podem ser magnetizados. Mas as experiências feitas neles são poucas em número; e, pela minha parte, só posso citar um único exemplo conhecido por mim próprio. O indivíduo sobre quem operei tinha setenta e dois anos de idade; era alto, de um temperamento nervoso bem marcado, de um carater de espírito brando, mas volúvel e sensível. Por fim, foi atacado de cascalho e também de incontinência de urina, de que era muito difícil averiguar a causa. O resultado mais notável das nossas primeiras sessões foi a manifestação súbita e perfeitamente invulgar de uma espécie de tosse convulsiva, que deu origem no segundo dia a uma ligeira expetoração de sangue.

Finalmente, no quinto dia (cada sessão durava meia hora), Courtois (era esse o seu nome) adormeceu e falou comigo durante o seu sono. Mas as suas palavras eram confusas, embaraçadas, quase desprovidas de sentido, e muitas vezes não tinham relação com as minhas perguntas. Nos dias seguintes não fui mais bem-sucedido e, após oito ou nove dias de tentativas inúteis, desisti de continuar uma experiência que parecia totalmente desprovida de utilidade quer para mim quer para o meu doente.

O primeiro advento da juventude e a adolescência parecem-me, pois, ser os períodos da vida em que o magnetismo é mais bem-sucedido; mas é principalmente no início e durante os primeiros períodos da puberdade que as raparigas jovens são mais suscetíveis da sua ação.

Contudo, dou aqui aos meus leitores um conselho útil sugerido pela minha experiência. Magnetizar uma rapariga de catorze ou quinze anos de idade, que vê as suas regras pela primeira vez, não é de modo algum desprovido de perigo. Diferentes sintomas cerebrais ou nervosos, que presenciei em tais circunstâncias, despertam a minha reflexão e ensinaram-me à minha custa que poderia haver casos, muito raros com certeza, em que era correto ser circunspeto na prática do magnetismo. Devo declarar, contudo, que os casos a que aludo não foram acompanhados de quaisquer consequências absolutamente fatais. Mas não deixa de ser incómodo para um médico ter ele próprio

ocasionado um delírio de vários dias, nem menos incómodo, talvez, não o ter previsto.

Alguns casos recentes que encontrei dispõem-me a pensar que as mulheres prestes a atingir o período crítico se encontram em situação semelhante à das raparigas jovens que acabaram de ter a menstruação. Nem há nisso nada de espantoso, visto que o aparecimento, tal como a cessação das regras, constituem realmente dois estados mórbidos que, sem ter em conta os outros pontos de analogia entre eles, evidentemente se aproximam pela extraordinária influência que exercem sobre o sistema nervoso em geral, e sobre o cérebro em particular.

§ III. Do Temperamento.

Até agora, no caso do magnetismo, a principal dificuldade é quando se torna necessário resolver uma questão geral e estabelecer a sua solução num princípio. Certo é que as pessoas de um temperamento nervoso são, em geral, as que parecem mais sensíveis à ação dos passes; mas o sonambulismo nem sempre é a consequência desta sensibilidade. Provavelmente, também, e quase me aventuraria a dizê-lo, poderia existir um obstáculo ao sonambulismo na sensibilidade excessiva. Todos os esforços do magnetizador terminam então meramente em produzir um estado muito extraordinário, difícil de ser descrito, porque os seus sinais são muito variáveis, e cujo carater constante consiste unicamente numa grande exaltação moral e física. Tenho visto pessoas neste estado sentir e compreender, tão bem como sonambulistas lúcidos, todas as matizes da minha vontade. Algumas pareciam mesmo dotadas de uma espécie de dupla visão, que as fazia falar com segurança relativamente às causas e natureza das doenças de que estavam a sofrer, e prever, sem erro, o termo dessas doenças. Mas dir-se-á, não eram elas verdadeiras sonambulistas? — Provavelmente. Mas não exibiam nenhum daqueles traços patognomónicos do sono magnético, tais como a insensibilidade, o esquecimento ao despertar, &c.

Para recapitular. Tenho observado sonambulismo perfeito ou completo — 1, Em pessoas muito nervosas; 2, Noutras que o eram apenas moderadamente; 3, Por fim, noutras que declaravam não o ser de todo, e apresentavam, de facto, todos os sinais de uma constituição linfática, ou mesmo escrofulosa.

Acrescentarei, além disso (e a observação é importante), que certos traços de semelhança aproximam os fenómenos produzidos em pessoas de temperamentos semelhantes, de modo que, com um maior número de factos, conseguiremos provavelmente estabelecer a relação que existe entre tal temperamento e tal grupo de fenómenos.

§ IV. Do Estado Fisiológico.

É principalmente em pessoas emagrecidas e enfraquecidas por alguma doença crónica que é fácil produzir fenómenos magnéticos. Mas enganar-nos-íamos muito, na verdade, se supuséssemos que são apenas os doentes ou os convalescentes que são capazes de apresentar estes fenómenos. Numerosos casos provam mesmo que um estado de saúde absoluta não é um obstáculo insuperável à produção do sonambulismo artificial.

Mas um facto que não é menos certo é que uma doença longa, ou mesmo uma doença aguda de natureza nervosa ou debilitante, pode tornar magnetizável uma pessoa que previamente teria parecido não o ser de todo. Tentei várias vezes, mas ineficazmente, magnetizar a Menina Júlia S***, uma jovem de vinte e dois anos de idade, de um temperamento linfático-sanguíneo e em excelente saúde, quando, no mês de março de 1839, esta senhora teve um ataque de febre mucosa que, após ter apresentado durante alguns dias carateres tifoides bem marcados, em breve melhorou sob o uso de purgantes ativos. Oito ou dez dias após o início da sua doença, poderia ser considerada como convalescente.

Contudo, ainda não tinha recuperado as suas forças. Foi então, a seu próprio pedido (pois os meus trejeitos, dizia ela, divertiam-na muito), que a magnetizei na presença da sua mãe e de duas das suas

amigas. Mas, neste dia, a jovem deixou as suas gracejadas; pois, após continuar os passes durante dez ou doze minutos, no máximo, ela bocejou, suspirou, tremeu na sua cadeira, e depois adormeceu, para grande admiração dos presentes. Caiu então num estado de sonambulismo completo, durante o qual falou muito seriamente de magnetismo.

Neste facto não há nada de extraordinário; e certamente não seria difícil recolher um grande número de casos semelhantes. A explicação que se poderia dar dele é extremamente simples. Nem a febre, nem os purgantes, de facto, tinham feito a jovem adquirir uma nova faculdade. Mas a excitação dolorosa do seu sistema nervoso durante oito dias de sofrimento tinha aumentado a sua impressionabilidade. Isto quanto ao físico.

Enquanto a doença, ao desgastar a sua energia, a tinha privado do seu poder de resistência. Isto quanto ao moral. Tudo isto cai sob o conhecimento dos sentidos. Resumiremos então e diremos que não é indispensável estar doente para ser magnetizado com sucesso; mas que as doenças, especialmente as doenças nervosas, tais como a histeria, a epilepsia, &c., favorecem muito o poder da ação magnética.

§ V. Condições Morais.

Ninguém duvidará que a disposição intelectual com que um indivíduo se submete a uma experiência deve ter uma parte considerável no resultado de tal experiência. Sei muito bem que é frequentemente muito difícil — até impossível, para o experimentador apreciar esta disposição; mas é seu dever, se deseja ser bem-sucedido, esforçar-se por descobri-la, e mesmo por modificá-la, se lhe for adversa, pela razão e pela devida habilidade. Se há certas mentes desconfiadas às quais não é fácil inspirar confiança, há outras que facilmente cedem às provas oferecidas por um homem de honra. Aqui o sucesso pode depender de algo impercetível, e nada deve ser negligenciado se estamos ansiosos por ser bem-sucedidos. É então, para dizer o mínimo, útil, quando estamos prestes a magnetizar uma

pessoa estranha à ciência, explicarmo-nos com clareza, seriamente e, acima de tudo, com bondade, sobre o que nos propomos fazer.

Existe por vezes entre o magnetizador e o indivíduo que se submete a ele uma certa antipatia moral que nada pode dissipar. Esta circunstância é desfavorável. Penso que é mesmo um obstáculo insuperável, quando o sentimento de aversão de que falamos é principalmente sentido por aquele ou aquela que pretendemos magnetizar.

Ainda assim, esta espécie de repulsão moral pode, até certo ponto, ser compensada por uma grande desproporção na força física e na vontade entre as duas partes. O acaso deu-me a oportunidade de presenciar tais circunstâncias. Vi, por exemplo, uma jovem submeter-se por cortesia aos passes de um médico por quem sentia involuntariamente uma extrema aversão. O sono foi produzido, mas era perturbado, doloroso; e o estado lúcido, que é geralmente muito notável numa jovem sonambulista, esteve totalmente ausente nesse dia, para grande deceção dos assistentes.

§ VI. Condições Frenológicas.

Os tamanhos relativos das massas cerebrais, e dos centros nervosos em geral, desempenham aqui também um papel importante. Mas ainda não nos atrevemos a aventurar no solo instável da frenologia, nem a estabelecer uma ciência que está apenas no seu nascimento sobre os dados demasiado incertos de uma ciência de ontem.

§ VII. Dos Lugares, Testemunhas, &c.

Como se poderia imaginar uma experiência séria realizada no meio da azáfama tumultuosa de uma sala, por exemplo, no meio de testemunhas que estão ruidosas ou distraídas, ou desfavoravelmente dispostas, ou meramente incrédulas? Expliquemos como explicarmos a transmissão recíproca, se não das ideias, pelo menos das disposições morais, certo é que esta transmissão se efetua. Em todas as associações, seja qual for o seu fim, chega sempre um momento, se elas continuarem por algum tempo, em que uma espécie de equilíbrio

indefinível se estabelece entre todos os pensamentos daqueles que as compõem, de modo que uma tonalidade uniforme de alegria ou de prazer, de gozo ou tristeza, se estende sobre todas as fisionomias do grupo, e se difunde por toda a divisão como uma atmosfera comum.

Ocorra uma experiência magnética numa tal assembleia, e não serão as influências recíprocas dos dois organismos que estão prestes a ser colocados em ligação um com o outro cruzadas em todas as direções pelas influências externas? Tudo isto é abstrato. Pode ser; contudo não podemos negar que assim seja, visto que nada nos prova o contrário. Expliquemos o facto como explicarmos, o facto existe. As experiências magnéticas quase nunca têm sucesso diante de numerosas testemunhas.

É necessário, pois, conduzir o processo em tranquilidade, tanto quanto possível na solidão, e em lugares que não inspirem na alma nem emoção nem constrangimento, e onde não haja nada para cativar demasiado a atenção. No que respeita às testemunhas, seja o número limitado tanto quanto as circunstâncias ou a conveniência o garantam. Esforcemo-nos, acima de tudo, por tê-las bem-dispostas. Mas, mais uma vez, que necessidade há de testemunhas, se o magnetismo for praticado apenas como um ato de caridade e filantropia?

CAPÍTULO IV

CLASSIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS FENÓMENOS MAGNÉTICOS

Sendo este capítulo um dos mais importantes de todo o livro, dedicaremos toda a nossa atenção à sua composição. Embora nos sirvamos do auxílio dos escritos dos nossos predecessores para completar os detalhes, daremos como certo apenas aquilo que nós próprios observámos, e comprometemo-nos a ser fiéis e escrupulosos no relato das nossas observações. É principalmente quando se trata de um assunto novo e de factos extraordinários que cumpre ao escritor ser rigoroso, não imaginar nada e apresentar a verdade inteiramente

nua, na sua verdadeira forma e no seu verdadeiro aspeto, sem a alterar por uma única expressão inexata ou falsa.

Quanto a mim, seja qual for a natureza maravilhosa dos factos que contarei, nunca terei vergonha de os afirmar quando estiver convencido da sua existência; e há apenas um meio de estar convencido deles, que é tê-los visto. Além disso, começo por renunciar a todo o tipo de interpretação dogmática, porque no caso do magnetismo nenhuma teoria me parece ainda possível. Esta teoria, de resto, se alguém a fosse estabelecer, viraria provavelmente do avesso todas as nossas ideias fisiológicas, e quase a totalidade da fisiologia teria de ser começada *de novo*.

O mal não seria grande, bem sei, se a maior parte dos princípios desta ciência fossem erróneos; mas ainda assim é perigoso substituir erros úteis por um erro que, de momento, correria o risco de não ser de vantagem alguma. Poderia acontecer, além disso, que os factos magnéticos, em vez de serem contraditórios com os admitidos e descritos pelos fisiologistas, fossem meramente e simplesmente factos de um novo tipo.

A título de exemplo, a visão pelas pálpebras fechadas, ou mesmo pelo occipício, não invalida necessariamente a nossa teoria da ótica; mas pode-se supor que, além da visão por meio do olho, pode haver outro tipo de visão cujo mecanismo ainda não compreendemos. Sócrates costumava dizer aos seus discípulos: «Tudo o que me ensinaram, todas as ciências humanas que estudei, todas as pesquisas que fiz relativamente ao princípio e à essência das coisas, só serviram para me fazer saber que nada sei.»

Os fenómenos magnéticos apresentam no seu desenvolvimento quatro fases diferentes, a saber: 1. os sinais precursores do sono; 2. o sono; 3. o sonambulismo; 4. o despertar. A fim de proceder metodicamente, portanto, pretendemos dedicar a cada uma destas fases uma das divisões principais deste capítulo.

§ I. Sinais Precursores do Sono.

Falando geralmente, são muito complexos e muito difíceis de descrever. Variando *ad infinitum*, segundo os diferentes indivíduos, dependem não apenas da constituição destes últimos, mas também do tipo de disposição em que se encontram, das circunstâncias em que estão colocados, das testemunhas que os observam; finalmente, dependem da constituição, do poder magnético, do processo empregado e do carater mental do magnetizador. Uma jovem sonambulista da minha relação, quando magnetizada sucessivamente por quatro pessoas, adormeceu quatro vezes de uma maneira diferente. Contudo, os traços gerais mais comumente observados são os seguintes:

a. A cabeça torna-se pesada; mas isto precisa de explicação. Não queremos dizer aqui meramente aquela torpor do pensamento que carateriza uma ligeira congestão cerebral, tal como a que poderia ser ocasionada pela aplicação de um corpo quente à testa; queremos dizer, neste local, uma sensação peculiar que não é fácil de compreender quando a própria pessoa não a experimentou. Parece que a mão do magnetizador descansa imediatamente sobre o ápice e regiões laterais da cabeça, pressionando um corpo elástico sobre essas regiões, as quais se tornam, ao mesmo tempo, o assento de uma intensa sensação de calor ou de frio (o que é mais invulgar), não estando a mão que se aproxima nem quente nem fria.

b. Uma sensação, semelhante à que estivemos a descrever, é sentida no epigástrio quando o magnetizador lhe toca, e percorre o trajeto dos nervos quando os passes são feitos sobre as extremidades. Às vezes, em indivíduos muito nervosos, é uma sensação de picada bem marcada que se sente mesmo até às extremidades dos dedos das mãos ou dos pés, e agita todo o membro por um ligeiro tremor convulsivo.

c. As pálpebras sofrem um piscar peculiar, que se torna mais e mais marcado à medida que a operação avança; antes de se fecharem definitivamente, o seu músculo orbicular contrai-se fortemente várias vezes, como acontece quando a visão está fatigada pela contemplação prolongada ou pela vista de um objeto luminoso. As lágrimas,

também, parecem humedecê-las mais copiosamente do que no estado ordinário.*

d. O globo do olho, à aproximação do sono, realiza vários movimentos de rotação, após os quais se convulsiona para o teto da órbita, e muito mais raramente para a sua parede inferior. Este sinal não é constante, e acontece por vezes — poder-se-ia dizer, na verdade, com bastante frequência — que o olho permanece fixo; mas então a pupila dilata-se, o que dá um grau de vaguidão e de torpor ao olhar. Por fim, há por vezes estrabismo.

e. A contração espasmódica dos músculos da face em alguns indivíduos imprime na fisionomia um selo indefinível; enquanto o tremor convulsivo do masseter, *(NT: Músculo da mastigação)* que surge a intervalos noutros indivíduos, faz com que os arcos dentários matem estalidos um contra o outro com incrível rapidez.

f. As funções do estômago sofrem uma perturbação temporária, mas muito manifesta, com razoável frequência.

g. O pulso está por vezes retardado, por vezes acelerado, sem que seja possível determinar as circunstâncias que ocasionam quer um quer outro destes dois sintomas opostos, mas quase sempre há um aumento de calor na pele.

h. A respiração, ao início evidentemente retardada, torna-se depois suspirada e arquejante. O peito está, por assim dizer, comprimido por uma força física; e vi por vezes um doloroso ponto de dor desenvolver-se subitamente na região subesternal e continuar até que o sono ocorresse. Temos então bocejos frequentes, prolongados e irresistíveis, mal-estar geral, uma tosse nervosa e ocasionalmente soluços; mas é principalmente ao despertar que tenho tido a oportunidade de observar estes dois últimos carateres, que são, na verdade, muito longe de ser frequentes.

i. O que é menos invulgar é uma espécie de hilaridade sem qualquer motivo, uma hilaridade excêntrica, muitas vezes muito agradável, e que não cessa até que o sono venha.

j. Por fim, o corpo inteiro pode ser acometido de violentas convulsões, essas convulsões que constituíam a crise de Mesmer, mas que nos dias de hoje são escassamente mais do que o resultado de circunstâncias acidentais, aparentes ou não para o observador. Não há nada mais comum, pelo contrário, do que uma espécie de estremeção, que poderia ser tomada pelos efeitos súbitos de descargas elétricas. A menor agitação existente previamente à operação quase nunca falha em produzi-la.

Pode acontecer que todos estes precursores existam simultaneamente no mesmo indivíduo, e na mesma sessão; tal, contudo, não é a ocorrência habitual. Uma observação de alguma importância é que são, em geral, tanto mais marcados quanto o sujeito operado está menos acostumado ao magnetismo. A Senhora H***,* enquanto a estou a magnetizar, conversa e brinca comigo, sem a menor emoção, até ao momento em que o sono vem abruptamente fechar-lhe a pálpebra, e desde o primeiro segundo este sono é um sonambulismo perfeito.

O modo como Paul Villagrand adormeceu,

> • *O magnetismo parece estimular todas as secreções. † Terei frequentemente ocasião de mencionar esta jovem: é a sonambulista mais notável que tenho visto.*

um dos indivíduos submetidos ao exame dos Senhores Comissários de 1826, é um dos mais notáveis. Pediremos emprestado o relato dele ao Sr. Foissac:

«Em todas as obras sobre o magnetismo não encontramos instância alguma dos efeitos que Paul experimentou antes de entrar em sonambulismo. Os primeiros passes ao início excitaram a sua hilaridade, mas ao fim de dois minutos a sua fisionomia tornou-se séria e expressiva de espanto. O corpo inteiro foi agitado com choques parciais ou gerais, assemelhando-se aos ocasionados pela ação da eletricidade. As pálpebras erguiam-se e baixavam-se, seguindo a direção dos meus dedos com precisão mecânica; em breve a cabeça inteira participava neste movimento.

Se eu me afastava, ele avançava, como que atraído pelo íman; se a minha mão parava à distância de algumas polegadas dos seus olhos, ele recuava a cabeça com um ar assustado; se eu fazia passes com ambas as mãos, ele levava então os seus olhos rapidamente de uma para a outra: em breve agarrava uma, apertava os meus dedos severamente, e largava-os quase imediatamente para seguir os movimentos da outra. Por vezes colocava a face para a frente em direção à minha mão e contudo parecia ter medo de lhe tocar; cheirava-a, subitamente abria a boca para a agarrar, mas os seus lábios escassamente lhe roçavam quando ele recuava com assustadiço.

«Na *Charité* tentámos frequentemente persuadi-lo a manter-se quieto durante a operação magnética.

Colocámos um relógio diante dele, pedindo-lhe que nos avisasse quando o terceiro minuto estivesse decorrido; ele prometeu fazê-lo e fixou os olhos no relógio. Durante o primeiro minuto permaneceu quieto, mas no segundo os seus olhos passavam rapidamente do relógio para os meus dedos, e destes últimos para o relógio; finalmente, ao terceiro minuto, após esforços inúteis, pareceu perder a memória e a vontade, e limitou a sua atenção à minha mão. Foi em vão que lhe lembrámos a sua promessa, o beliscámos, lhe puxámos os cabelos; estava insensível a tudo. Se eu falava com ele, repetia a última palavra da minha frase, como um eco fiel, com inflexões de voz diferentes e muito estranhas; mas, à medida que o sono se apoderava dele, pronunciava esta palavra mais baixo e menos distintamente, e por fim os seus lábios, já incapazes de emitir sons, faziam ainda um movimento para articular a primeira sílaba. Quando desejei pôr termo a esta pantomima divertida, tudo o que tive de fazer foi colocar uma mão no epigástrio do meu doente; ele imediatamente deixou cair a cabeça e pouco depois soltou um longo suspiro, que era o sinal precursor do sonambulismo. Se eu lhe perguntava então o que o sonambulismo o fazia sentir, a sua resposta era que primeiro via os meus dedos multiplicados, luminosos e a tornarem-se por vezes alongados, de modo a fazê-lo pensar que lhe iam furar os olhos, — que depois as suas ideias se tornavam obscuras, — que a sua visão

ficava inteiramente toldada e que estava sob o domínio de uma verdadeira fascinação. Ao despertar, todas estas circunstâncias estavam apagadas da sua memória; respondia às nossas perguntas naturalmente e pensava ter cumprido a nossa ordem de se manter quieto.»

Confesso que nunca observei nada de semelhante àquilo que acaba de ser lido; mas embora o facto relatado pelo Sr. Foissac me pareça ser um dos mais curiosos, eu poderia apresentar alguns que, provavelmente, possuem não menos interesse. De facto, como já notei no início deste capítulo, nada é mais variado do que os sinais precursores do sono magnético; e para dar uma ideia completa deles seria necessário dar quase tantas descrições quantas as pessoas que magnetizámos. No que respeita à parte moral da questão, é de presumir que todos os indivíduos, nestas circunstâncias, sofrem as modificações graduadas produzidas pela sonolência natural; isto é, que a alma se retira gradualmente para si mesma, à medida que os sentidos suspendem as suas funções, até que, por fim, o pensamento, completamente privado de excitações externas, já não vive senão pelas suas forças internas; pois o sono é uma vida de intuição, quando é ainda uma vida.

Antes de terminarmos o que se relaciona com os sinais precursores do sono magnético, resumiremos em poucas palavras tudo o que é prático nas páginas precedentes. Assim podemos dizer:

1. Que estes sinais não têm nada de constante neles.

2. Que são tanto mais marcados quanto o indivíduo sobre quem a experiência é feita não foi ainda magnetizado, ou o foi apenas algumas vezes, ou então nunca o foi pelo atual magnetizador; e segundo ele apresenta, voluntariamente, uma resistência moral, — segundo entra mais energia do que benevolência no ato do magnetizador.*

3. Por fim, que a duração destes precursores, que se manifestam apenas pela metade, ou não se manifestam de todo, em indivíduos refratários ao magnetismo, é subordinada, como se pode facilmente

conjeturar, à presença ou ausência das diferentes condições que notámos no capítulo precedente como favorecendo a ação magnética.

• *Por energia entende-se vontade. Os capítulos seguintes tornarão o significado da passagem mais inteligível.*

§ II. Do Sono Magnético.

Os homens, em geral, procuram o descanso apenas quando sentem a necessidade dele; e como tomam este descanso a horas certas e determinadas, a consequência é que o seu sono diário, mesmo quando não é neles uma necessidade real, vem ainda a ser um ato habitual que a própria natureza da sua organização os impele irresistivelmente a realizar. Mas suponha-se que, na azáfama da sua vida ativa, um homem fosse apanhado de surpresa, precisamente no momento em que está mais habituado a exercitar a sua mente ou o seu corpo, e suponha-se que, por um meio ou outro, ele vinha a ser submerso subitamente no sono, deve considerar-se que este sono *impromptu* é, relativamente ao homem em questão, o análogo daquele repouso reparador que vem todos os dias a intervalos iguais para refrescar os seus pensamentos e os seus sentidos?

Certamente não; porque ao forçar a natureza fazemo-la desviar-se das suas leis; e tal é precisamente o caso com o sono magnético. Além disso, esta espécie de sono (que não pretendemos de modo algum explicar), se o sonambulismo não estiver incluído nele, constitui, rigorosamente falando, apenas um tempo muito limitado, e muitas vezes até inapreciável relativamente à sua duração, no grupo e sucessão dos fenómenos magnéticos. Seja um indivíduo magnetizado; julga-o adormecido e, contudo, o mero contacto da sua mão fá-lo-á abrir os olhos; de onde se poderia inferir que ele não estava adormecido. Mas não é despertado tocando-lhe. Fale-lhe e ele responder-lhe-á, pois está num estado de sonambulismo.*

§ III. Do Sonambulismo.

O sonambulismo é um estado muito extraordinário e, mesmo até ao presente, muito pouco estudado. Dependendo de circunstâncias externas (os passes magnéticos), ou de condições internas que

escapam aos nossos meios de investigação, apresenta-se-nos sob duas formas principais, que nos esforçaremos por descrever. A primeira destas formas é o sonambulismo propriamente dito, e a segunda o sonambulismo lúcido.

Do Sonambulismo propriamente dito.

Se um homem se encontrasse ao nascer desprovido de toda a espécie de sentidos, quer externos quer internos, isto é, se existisse um homem que pudesse viver sem visão, sem audição, sem olfato, sem órgãos sensíveis, e mesmo sem a menor perceção do que se passava nele, sustento que, a não ser que admitamos a revelação divina, seria absolutamente impossível que este homem tivesse uma única ideia. Este quadro é, na minha opinião, o do sono profundo, durante o qual uma separação quase completa, mas perfeitamente inexplicável, se estabelece entre a alma e os órgãos.

Se, pelo contrário, supusermos que o homem em questão percebe meramente os atos fisiológicos da sua vida interna, este homem terá uma sensação, e até agora uma ideia, a da sua própria existência. Além disso, é muito provável que, neste caso, esta única ideia se desenvolvesse e aperfeiçoasse além de tudo o que podemos imaginar, por esta mesma razão: que seria para si mesma o elemento incessante de uma vida inteira de sensação e reflexão. Esta é precisamente a intuição dos sonambulistas isolados e não lúcidos.

Suponhamos agora a existência de um dos sentidos da vida de relação, mas de um só, — da audição, por exemplo, junta ao exercício normal de apenas algumas das faculdades instintivas ou intelectuais, ou então ao exercício incompleto de todas as faculdades; o pensamento doravante torna-se complicado, visto que se pode alimentar de sensações multiplicadas e variadas; e se a vontade consegue transmitir-se aos órgãos da voz, isto é a soniloquia *(NT: Ato de falar durante o sono)*; ou se a vontade reage sobre os músculos da locomoção, isto é o verdadeiro sonambulismo com perceção de sons.

Posto isto, é claro que o sonambulismo se aproximará tanto mais da vida real quanto mais sentidos e mais faculdades estiverem

despertos. Mas observemos também que, quanto mais completo, menos perfeito será, por esta razão: que em consequência de um sistema de compensação inerente à nossa natureza, as nossas sensações perdem na sua perfeição ao tornarem-se multiplicadas.

O que acaba de ser dito parece capaz de ser aplicado exatamente a todas as espécies de sonambulismo; e não posso compreender por que razão autores dotados de bom senso e de um espírito de observação meteram na cabeça fazer do sonambulismo natural e do sonambulismo magnético duas entidades absolutamente diferentes. Há uma circunstância que os pode provavelmente justificar, a saber, a permanência da relação nervosa ou magnética, como é chamada por alguns, — numa palavra, dessa espécie de associação orgânica que, num número considerável de casos, parece colocar o sonambulista magnético em explícita dependência do seu magnetizador. Mas que se dirá então dos sonambulistas que vão adormecer magnetizando-se a si próprios?

Agora que estabelecemos alguns princípios gerais de um modo sumário, os quais discutiremos mais longamente noutra altura numa obra especial, procederemos ao exame dos fenómenos do sonambulismo estudando sucessivamente os aparelhos intelectuais e sensitivos nos sonambulistas que foram observados até ao presente.

§ V. Inteligência e Faculdades Morais.

Estas faculdades estão subordinadas a duas condições principais: a primeira é o seu estado normal durante o tempo em que estão acordados; a segunda, o grau de sonambulismo em que os indivíduos magnetizados estão colocados. Nas primeiras experiências a inteligência é habitualmente confusa, e os indivíduos, embora expressando ideias verdades, não podem dispor essas ideias, e são quase sempre incapazes de formar ou de compreender um raciocínio consecutivo.

E quando existe um estupefação absoluta de todos os sentidos externos, de modo que é possível apenas para o magnetizador fazer-se compreender pelo sonambulista, este último é taciturno, e mal fala,

exceto para responder às perguntas que o primeiro lhe faz. Contudo, como ele por vezes sente admiravelmente bem aquilo que se passa dentro de si, reflete sobre esta sensação; e acontece frequentemente que expressa bastante alto o espanto que experimenta com ela.

A memória é também nele uma das primeiras faculdades cuja existência se pode averiguar. Desde o início, a maior parte dos sonambulistas recorda com precisão espantosa todos os acontecimentos que lhes ocorreram; por vezes, também, de uma data tão recuada, que tinham absolutamente perdido a recordação deles durante o estado de estarem acordados; mas a sua tendência mais evidente é então falar e interessar-se apenas por aquelas coisas que lhes dizem respeito pessoalmente. A sua saúde principalmente, mesmo quando a experiência é feita em pessoas perfeitamente saudáveis, prende a sua atenção num grau extraordinário; consequentemente, a primeira pergunta que um magnetizador bondoso dirige ao seu sonambulista deve ter referência à sua saúde.

Num período posterior, embora o isolamento possa continuar, a inteligência desenvolve-se, e em breve chegamos a esse ponto onde todas as faculdades da alma apresentam uma exaltação mais notável. Podemos satisfazer-nos disto dirigindo-nos a cada uma destas faculdades separadamente. É a memória que se tornou extraordinária, a sensibilidade que é requintada, o amor-próprio, a vaidade, &c., que se põem em marcha à menor ocasião que ser lhes dá. Deve observar-se, contudo, que estou a falar aqui apenas daqueles sonambulistas que há muito tempo estão habituados ao magnetismo.

Uma faculdade notável também desenvolvida pelo sonambulismo é a apreciação do tempo. Um sonambulista não precisa de ser lúcido para indicar a hora apontada por um relógio que anda bem.

Tinha um dia magnetizado uma jovem na *Rue Saint-Dominique*, e perguntei-lhe que horas eram.

«Três quartos para as quatro», foi a sua resposta.

Puxei do meu relógio, e era esse o tempo preciso.

«Viu então a hora no meu relógio, minha senhora?»

«Não, senhor.»

«Onde a viu então?»

«Não a vi em lado nenhum.»

«Então como sabe?»

«Sei-o.»

«Mas ainda assim?»

«Sinto-o.»

Repeti esta experiência uma centena de vezes noutros indivíduos.

Experiências muito frequentes dão ultimamente ao sonambulismo a mais perfeita semelhança com o estado de estar acordado.

A Senhora Hortense ***, durante o seu sono, raciocina e conversa comigo sobre os assuntos metafísicos mais refinados; muitas vezes me embaraça pela rapidez das suas respostas e pela subtileza dos seus argumentos. A sua linguagem é brilhante, fácil, frequentemente metafórica e por vezes pitoresca, mas ainda assim, apesar de tudo, verdadeira. A Senhora Hortense *** é, sem dúvida, uma pessoa de senso e de espírito; mas está longe, infinitamente longe, de ter no seu estado habitual essa facilidade de pensamento e de expressão que o sono magnético lhe confere.

É bem conhecido que La Fontaine escreveu durante o sono a sua fábula dos *Dois Pombos*, uma poesia deliciosa, onde as duas faculdades predominantes do nosso grande fabulista, a candura e a sensibilidade, estão tão belamente refletidas.

Os instintos, tais como a fome, a sede, as afeções, &c., são também sentidos pelos sonambulistas, e há certas perguntas sobre as quais seria inconveniente, para não dizer imoral, pôr a sua franqueza à prova. Podemos dizer, contudo, que após um pequeno número de sessões, contanto que possuam os hábitos conferidos por uma boa educação, em breve substituem durante o seu sono os sentimentos de

decoro e propriedade pelas sugestões por vezes brutais da natureza. Este sentimento pode ser levado neles mesmo ao excesso. Algumas observações de uma natureza puramente médica trouxeram algumas reprimendas severas de uma jovem, de que os assistentes sorriram.

Talvez devêssemos mencionar aqui algumas das faculdades que, embora muito mais evidentes durante o sono lúcido, existem, contudo, igualmente no sonambulismo ordinário; mas para evitar repetições enfadonhas, remetemos os nossos leitores para os parágrafos seguintes, e passamos à consideração dos fenómenos da vida de relação.

§ VI. Do Isolamento.

Já expressámos metaforicamente, e contudo, muito exatamente, o que deve ser entendido por este termo. No sentido em que o empregamos, significa a suspensão completa das funções de relação, isto é, a estupefação absoluta dos sentidos externos, de modo que o sonambulista já não percebe quaisquer outras sensações salvo as que lhe vêm diretamente do seu magnetizador.

Assim: —

a. Os olhos estão fechados; mas quando conseguimos abrir as pálpebras mecanicamente, coisa que não se realiza sem dificuldade, o sonambulista não vê. É tão fácil convencermo-nos deste facto, que não é de todo necessário citar casos em seu apoio. O olho, neste caso, está baço, sem expressão, e convulsionado para uma das paredes da órbita, habitualmente para a superior.

b. Os sonambulistas não ouvem, ou pelo menos apenas ouvem as palavras que lhes são dirigidas pelo seu magnetizador. Muito tempo antes das experiências instituídas em 1820, no *Hôtel-Dieu* em Paris, não havia incerteza sobre este assunto nas mentes dos magnetizadores; mas os testemunhos de homens tão bem conhecidos como os Srs. Husson, Récamier, &c., não deveriam agora deixar uma dúvida na mente de qualquer pessoa. Não é fácil fazer o papel de surdo, especialmente com médicos. Por outro lado, o ouvido dos sonambulistas adquire, no que respeita à voz da pessoa que os

magnetiza, uma delicadeza invulgar e por vezes extrema. Mencionarei uma instância. No mês de março de 1840 magnetizei, na presença de um número considerável de pessoas, uma rapariga jovem, Adèle Defossey, sobre quem tinha já tentado várias experiências.

Esta rapariga jovem, cuja saúde era muito frágil e o seu intelecto ainda mais escasso, adormeceu ao fim de dez ou doze minutos, caiu imediatamente em sonambulismo e em perfeito isolamento. No dia de que falo, em consequência, sem dúvida, das muitas testemunhas que tinha reunido, empreguei um pouco mais de tempo do que o habitual para a adormecer; mas por fim a sua pálpebra tornou-se pesada e fechou-se; ela soltou um profundo suspiro, a sua cabeça caiu sobre o peito, e pensei que podia interrogá-la.

«Está adormecida, Adèle?»

«Sim, senhor.»*

«Quem a adormeceu?»

«Foi o senhor.»

«O facto de ter sido adormecida causou-lhe prazer?»

«Não me dá dor alguma.»

- É de notar que nem todos os sonambulistas estão conscientes do seu estado; e que vários, especialmente nas primeiras experiências, estão muito longe de pensar que estão adormecidos.

Um dos assistentes tendo feito uma observação bem-humorada muito perto dela, continuei:

«Ouve, Adèle?»

«O quê?»

«O que acaba de ser dito?»

«Não ouvi nada.»

«Contudo alguém falou; não estamos sós aqui.»

«Bem o sei.»

«Conhece estes senhores?»

«Não os vejo.»

«Mas já os viu?»

«Sim, mas já não os vejo.»

«Vê-me a mim?»

Adèle hesitou, e por fim respondeu: «Não, senhor.»

Neste momento, um dos meus amigos, que tinha insuflado um saco de papel soprando demoradamente para dentro dele, fez com que este produzisse um ruído extremamente alto, batendo-lhe violentamente na mão.

Adèle não fez o menor movimento e a sua fisionomia não indicou a menor emoção. Nem sequer notámos aquele piscar impercetível da pálpebra que a rapariga Samson apresentou no *Hôtel-Dieu*, quando o vaso metálico foi atirado ao lado dela para o chão. De facto, Adèle não tinha ouvido nada. Então uma conversa animada e alta começou entre as pessoas presentes, durante a qual continuei a conversar em voz muito baixa com a nossa sonambulista, precisamente como se tivesse estado sozinho com ela, e na mais perfeita tranquilidade. O que é notável é que foi de todo inútil eu ter colocado Adèle e as várias pessoas que vieram vê-la no seu sonambulismo em relação próxima, era a minha voz apenas que ela ouvia.

Além disso, se nos for permitido recorrer mais uma vez à identidade, ou pelo menos à grande analogia, do sonambulismo natural e magnético, afirmamos que vimos um sonambulista natural por quem era impossível fazer-se ouvir, e a quem nenhum tipo de ruído podia despertar. A falta de casos não nos permitirá saber se há ou não indivíduos que apresentem as outras condições de isolamento, mas vamos expor um pouco mais à frente a que se deve principalmente esta maneira de ser nos sonambulistas magnéticos.

c. Olfato. Experiências conclusivas provaram que não apenas o sentido do olfato estava suspenso durante o isolamento, mas que até a membrana mucosa das fossas nasais tinha perdido toda a sensibilidade. Fiz uma jovem sonambulista que não estava acostumada ao tabaco tomar algum, e ela não sentiu efeitos disso. Foi apenas ao despertar, isto é, uma hora após tomar o esternutatório, que começou a espirrar com as contorções mais divertidas. Noutra altura substituí o tabaco por rapé, e o mesmo resultado se seguiu. Sabemos, além disso, que durante as experiências de 1820 frascos do álcali volátil foram colocados debaixo do nariz de vários sonambulistas, que nem sequer perceberam o que lhes tinha sido trazido a fim de os fazer cheirar.

d. Paladar. Fiz apenas uma experiência, que tende a provar que este sentido está suspenso durante o sonambulismo. Coloquei um pedaço de colocíntida um dia na boca de Adèle Defossey, que estava num sono magnético, pedindo-lhe que mastigasse sem engolir a deliciosa confeita com que a gratificava. Adèle fez como lhe disse. Mastigou por mais de um quarto de hora a polpa de colocíntida, e por fim disse-me que a minha deliciosa confeita não tinha gosto algum. Em algumas ocasiões, contudo, o olfato e o paladar parecem adquirir nos sonambulistas uma perfeição admirável.

§ VII. Da Insensibilidade Física.

Existe não apenas na pele, mas também nos tecidos subcutâneos, nos músculos, e mesmo nas ramificações nervosas; veja-se o facto bem conhecido comunicado pelo Sr. Jules Cloquet à Academia de Medicina, a 16 de abril de 1829. A Senhora Plantain, de sessenta e quatro anos de idade, residindo na *Rue Saint Denis*, consultou o Sr. Cloquet sobre um cancro na mama direita, que tinha há vários anos, e que estava complicado com um ingurgitamento considerável das glândulas axilares correspondentes. O Sr. Chapelain, o médico desta senhora, e que a magnetizava há vários meses, com a intenção, dizia ele, de dispersar o ingurgitamento da mama, tinha sido capaz de obter nenhum outro resultado senão um sono muito profundo, durante o

qual a sensibilidade parecia totalmente abolida, retendo as ideias toda a sua clareza.

Ele propôs ao Sr. Cloquet operar enquanto ela estivesse no sono magnético. Este último, que considerava a operação indispensável, consentiu nisso, e foi determinado que teria lugar no domingo seguinte, 12 de abril. Nos dois dias imediatamente precedentes a isto ela foi magnetizada várias vezes pelo Sr. Chapelain, que a dispôs, quando estava no estado de sonambulismo, a suportar a operação sem medo, e que a levou mesmo a discorrer sobre ela com facilidade, enquanto ao despertar estremecia com a ideia dela.

No dia fixado para a operação o Sr. Cloquet, chegando às dez horas e meia da manhã, encontrou a doente vestida, sentada numa cadeira de braços, na atitude de uma pessoa que estava tranquila e num sono natural. Tinha quase uma hora desde que tinha regressado da missa, que estava acostumada a ouvir todos os dias à mesma hora. O Sr. Chapelain tinha-a colocado no sono magnético desde o seu regresso; ela falava com considerável calma da operação que estava prestes a sofrer. Estando tudo disposto para a operação, ela despiu-se e sentou-se numa cadeira.

O Sr. Chapelain sustentava o braço direito. O esquerdo foi deixado pendurado ao seu lado. O Sr. Pailloux, um *élève interne* do hospital *Saint Louis*, foi encarregado de apresentar os instrumentos e preparar as ligaduras. Uma primeira incisão, partindo do fundo da axila, foi levada acima do tumor até ao lado interno da mama. A segunda, começando no mesmo ponto, foi levada abaixo do tumor e continuada de modo a encontrar a primeira. O Sr. Cloquet dessecou as glândulas ingurgitadas cautelosamente, em consequência da vizinhança da artéria axilar, e extirpou o tumor. A operação durou de dez a doze minutos.

Durante todo este tempo a doente continuou a conversar tranquilamente com o operador e não deu o menor sinal de sensibilidade: nenhum movimento nos membros ou nos traços, nenhuma alteração na respiração nem na voz, nenhuma emoção,

mesmo no pulso, foram observados. A doente continuou no estado de indiferença e de impassibilidade automática em que estava alguns minutos antes da operação. Não houve necessidade de a segurar, tudo o que se exigia era sustentá-la. Uma ligadura foi colocada na artéria torácica lateral, que foi aberta durante a extração das glândulas. A ferida foi unida por pensos adesivos e tratada, a doente foi deitada na cama, ainda em estado de sonambulismo, no qual foi deixada por quarenta e oito horas.

Uma hora após a operação apareceu uma ligeira hemorragia, não acompanhada, contudo, de quaisquer consequências. O primeiro penso foi retirado na terça-feira seguinte, 14; a ferida foi limpa e tratada de novo; a doente não evidenciou nem sensibilidade nem dor; o pulso manteve o seu ritmo natural.

Após este penso, o Sr. Chapelain despertou a sua doente, cujo sono sonambúlico durava desde uma hora antes da operação, isto é, por dois dias. Esta senhora não parecia ter qualquer ideia ou sentimento do que se tinha passado; mas ao averiguar que tinha sido operada, e vendo os seus filhos ao seu redor, evidenciou considerável emoção, que o magnetizador travou colocando-a imediatamente a adormecer.*

O Sr. Dr. Oudet comunicou à Academia de Medicina (sessão de 24 de janeiro de 1833) um caso que, sem ser talvez tão conclusivo como o que acaba de ser citado, tende, contudo, a corroborá-lo e a estabelecer a insensibilidade de um bom número de sonambulistas. Eis o facto como foi relatado pelo magnetizador, com a aprovação do Sr. Oudet:† —

«A Senhora B*** tem vinte e cinco anos de idade e é de um carater extremamente sensível; tem um pavor intenso da menor dor, e sofre com a ação de causas escassamente apreciáveis por outros. Assim ela não pode ouvir os dedos de uma pessoa estalar sem sofrer palpitações e uma espécie de desmaio.

• *Rapport de M. Husson, p. 62. † Bulletin de l'Académie de Médecine. Paris, 1837, t. i. p. 343.*

Bulletin de l'Académie de Médecine. Paris, 183?, t. ii. p. 370.

† Ibid. t. i. p. 343.

«Eu já produzira sonambulismo nela várias vezes e verifiquei a sua insensibilidade neste estado, quando, a 6 de Setembro passado, ela se queixou comigo de uma dor de dentes que, dizia, a atormentava há alguns dias. A extração do dente doente era o único remédio para os seus sofrimentos; mas a ideia de uma operação quase a lançava em convulsões. Levei-a ao Dr. Oudet, que, tendo sido previamente avisado do estado peculiar desta senhora, lhe assegurou da necessidade urgente que ela tanto temia. Combinei em privado com o meu digno confrade que ele a encontraria em minha casa em estado de sonambulismo.

"No dia 14 de Novembro, à hora marcada, o Sr. Oudet viu-a tranquilamente sentada numa poltrona e em sono magnético há cerca de uma hora. Para verificar o seu estado de sensibilidade, piquei-a várias vezes com um alfinete; segurei um dos seus dedos durante alguns segundos na chama de uma vela; ela não deu o menor sinal de dor. Durante estas provas, a Sra. B respondia às minhas perguntas com a sua habitual desenvoltura. O Sr. Oudet abriu os seus instrumentos.

O choque dos seus instrumentos pareceu não lhe causar sensação alguma; a minha sonâmbula julgava-se sozinha comigo. Pedi-lhe que me deixasse ver o dente doente (era um grande molar). Ela abriu a boca prontamente, dizendo: 'Já não me dói.' O Sr. Oudet colocou o instrumento sobre ele. No momento da extração, a cabeça pareceu evitar um pouco a mão do operador, e ouvimos um ligeiro grito. Estes dois sinais de dor tiveram a rapidez do relâmpago. O pulso da doente estava tranquilo; o seu rosto não indicava a menor emoção; as suas mãos permaneceram imóveis sobre os joelhos. Apressei-me a fazer-lhe esta pergunta: 'Sentiu dor?' Ela respondeu calmamente: 'Porque hei de sentir?' Ela não sabia nada do que se tinha feito. Apresentei-lhe um copo de água, pedindo-lhe que enxaguasse a boca. Ela não compreendeu o objetivo do meu conselho.

"Durante meia hora em que prolonguei o seu sono, fiz com que falasse bastante, mas não pude descobrir nela qualquer sinal de dor. Quando despertou, não suspeitou de nada e não se queixou de nada a princípio. Vinte minutos depois, levou a mão à face, dizendo: 'Lá está o meu dente a recomeçar a atormentar-me.' Por fim, contei-lhe o que fizera para lhe poupar os terrores e o sofrimento."

§ VIII. Da Isolamento Incompleto.

A insensibilidade completa, da qual acabamos de dar exemplos, nem sempre existe nos sonâmbulos. Pelo contrário, há vários deles que se poderiam despertar do seu estado beliscando-os ou sacudindo-os violentamente, e que, em comunicação desde o início com as pessoas ao redor, respondem indiferentemente às perguntas que estas lhes fazem.

Se fosse permitido generalizar um princípio a partir de um número limitado de factos, diria que o isolamento completo nos sonâmbulos está subordinado à existência de uma doença mais ou menos dolorosa.

O que é certo é que a maioria das pessoas com boa saúde que magnetizei manteve constantemente uma parte da sua sensibilidade, apenas as suas sensações eram mais obtusas do que no estado normal. No entanto, segundo o Sr. Georget, o contrário poderia acontecer por vezes. "Os meus sonâmbulos", diz ele, "conservaram a princípio a faculdade de sentir tal como existe no estado de vigília; mas, além disso, em certos aspetos, adquiriram uma exaltação peculiar deste sentido (o tato), pela qual se tornaram capazes de perceber impressões, de ter conhecimento de objetos que, em qualquer outra circunstância, nem teriam percebido nem conhecido, &c." * Esta afirmação pode ser verdadeira, mas necessita de precisão, na medida em que Georget omite dizer-nos se os seus sonâmbulos eram lúcidos; circunstância que, como veremos adiante, mudaria completamente a questão.

Das Funções da Vida Orgânica durante o Sonambulismo.

A respiração e a circulação sofrem durante o sono modificações consideráveis, e é natural supor que o mesmo acontece com as outras

funções da vida animal. Podemos observar, por exemplo, que certos agentes medicinais ou outros parecem ter perdido o seu poder em relação aos órgãos sobre os quais, durante o estado de vigília, exercem uma ação marcada. Assim, sabemos que os fumos do tabaco, em pessoas que fumam sem estar habituadas, provocam um enjoo muito acentuado, uma espécie de embriaguez que perturba bastante as funções do cérebro e do estômago. Eu próprio fiz fumar um jovem sonâmbulo, que certamente nunca tinha feito o mesmo na vida, e ele não sentiu o menor incómodo com isso.

* *De la Physiologie du Système Nerveux, spécialement du Cerveau ; Recherches sur les Maladies Nerveuses. Paris, 1821, t. i. p. 279.*

CAPÍTULO V

DO SONAMBULISMO LÚCIDO

Refletindo sobre as circunstâncias extraordinárias registadas na história dos célebres extáticos, como São Cipriano, São Paulo, o Eremita, Tasso, Maomé, Cardano, &c., considerando mais especialmente os casos curiosos que nos deixou Petetin de Lyon, e os recentemente publicados pelos Drs. Barrier, De Privas, Despine, d'Aix-les-Bains, &c., não podemos deixar de admitir que existe uma semelhança notável entre o sonambulismo lúcido e uma certa forma de êxtase. Mas, como esta questão de alta filosofia médica não pode ser debatida num livro elementar como este, limitar-nos-emos a mencioná-la sem empreender a sua discussão. Com efeito, do ponto de vista em que a consideramos, o assunto que estamos prestes a abranger parece-nos suficientemente extenso por si só, sem que haja necessidade de o estender ainda mais por digressões excêntricas. Estamos agora num solo novo, onde todos os objetos confinam com o extraordinário, e do qual é impossível dar uma descrição exata sem passar por mentiroso ou tolo; mas que importa isso? A reputação de um homem, seja ele quem for, não equivale a uma grande verdade, e se as nossas narrações parecem hoje monstruosas ou ridículas a certos

espíritos fortes, daqui a dez anos provavelmente serão julgadas de modo diferente.

Nem todos os sonâmbulos são lúcidos; mas a maioria torna-se mais ou menos assim após um certo número de experiências. Alguns são lúcidos desde a primeira sessão, outros só o são na segunda, alguns na terceira, outros, por fim, só o são após oito ou dez sessões; mas, neste caso, sentem e anunciam com vários dias de antecedência o dia e a hora em que verão. O que lhes acontece então surpreende-os muito, e a descrição que dão disso difere consoante o seu carácter e a educação que receberam. Esta descrição, constantemente a mesma na substância, nunca varia senão na forma. É quase sempre uma luz brilhante com que são inundados, um sol esplêndido, segundo a expressão de Catarina Samson.*

A lucidez parece depender de circunstâncias muito complexas, e tanto mais difíceis de determinar, na medida em que, a cada instante, os factos que poderiam fornecer algumas induções sobre este assunto parecem contradizer-se mutuamente; assim, enquanto doentes quase em agonia são perfeitamente lúcidos, outros deixam de o ser à menor indisposição que lhes sobrevenha. Além disso, quase todos os doentes magnetizados tornam-se lúcidos, quando, pelo contrário, quase todos os sonâmbulos com boa saúde perdem a lucidez ao contrair uma doença.

Ainda assim, a lucidez nunca parece durar senão um tempo muito limitado, que pode variar ad infinitum,† conforme os temperamentos e, sobretudo, conforme os processos e precauções dos magnetizadores. Em geral, é bom em todos os aspetos não contrariar os sonâmbulos no que fazem ou dizem, não os incomodar com experiências de mera curiosidade e renovadas incessantemente; por fim, não exigir deles além do que declaram poder fazer com facilidade. Podemos resumir todos estes conselhos num só: a partir do momento em que o interesse pessoal de um sonâmbulo está em causa, consulte-o a ele próprio e conforme-se explicitamente com o conselho que ele lhe der; quando os sonâmbulos estão eles próprios interessados, nunca se enganam.

Muitas vezes, a lucidez não é permanente e reproduz-se apenas de tempos a tempos. É aqui novamente que é indispensável interrogar os sonâmbulos para saber o regresso destes eclipses, que eles predizem com vários dias de antecedência, até quase ao segundo. A pouca atenção que o público médico tem dado até agora a estas predições tem sido, diria eu, uma das grandes causas do desfavor em que o magnetismo ainda se encontra. O seu sonâmbulo anuncia-lhe que lerá em tal dia, às quatro horas da tarde. Dito isto, acredita e convida as suas testemunhas para a hora marcada. Os senhores da Academia julgam que fazem demasiada honra ao magnetismo vindo ter consigo às cinco horas, e a experiência já terminou.

Uma pessoa enganar-se-ia gravemente se imaginasse que todo o maravilhoso da lucidez se reduz a um único fenómeno de visão. Independentemente de uma admirável exaltação de todas as faculdades intelectuais, revelam-se então no sonâmbulo faculdades sem análogas e desconhecidas do fisiologista. A sua memória percorre toda a sua existência; um instinto indefinível associa-o a todos os acontecimentos do momento presente, e veremos mais adiante até que ponto ele consegue mesmo levantar o véu do futuro.

Visão sem o auxílio dos olhos,—intuição,—previsão interna,—previsão externa,—penetração do pensamento,—transposição dos sentidos,—tais são os títulos sob os quais vamos passar sucessivamente em revista os fenómenos do sono lúcido, reservando o instinto dos remédios para o capítulo que dedicaremos à medicina dos sonâmbulos.

Visão sem o Auxílio dos Olhos.

Esta é uma das questões capitais, cuja solução final não deixará refúgio à incredulidade e fará com que as outras visões dos magnetizadores sejam consideradas, pelo menos, como razoáveis. Os nossos leitores perdoar-nos-ão, pois, a minúcia dos nossos detalhes.

Aplicar uma venda sobre os olhos de um sonâmbulo, fazer com que este sonâmbulo leia neste estado e, se ele ler, convencer-se ou de que lê sem os olhos, ou de que vê através da venda — isso, julgar-se-

ia, é uma experiência simples, conclusiva e irrespondível. Outros, tal como vós, julgaram o mesmo, como os Srs. Orfila, Pariset, Guéneau de Mussy, Adelon, Bousquet, Révéillé-Parise, Ribes, &c., na época em que honestamente apuseram a sua assinatura no final dos autos das sessões Pigeaire. Ora, estas pessoas distintas enganaram-se — como vós, como eu, e como todos nós nos enganámos — não sabeis, com efeito, que existe uma certa academia?

Ah! Se este fosse o lugar para falar claro! Mas paciência! O tempo das represálias está próximo e a justiça prevalecerá!* A visão através das pálpebras fechadas e através de corpos opacos não é apenas um facto real, mas um facto muito frequente. Não há magnetizador que não o tenha observado vinte vezes, e conheço atualmente, só em Paris, um grande número de sonâmbulos que poderiam fornecer provas disso.

O facto de ler nas mesmas condições, facto que, no fundo, é exatamente o mesmo, encontra-se com muito menor frequência, o que se concebe facilmente; este é o fenómeno em toda a sua perfeição. Um único exemplo servirá para o ilustrar; os livros sobre magnetismo estão cheios de casos mais ou menos semelhantes aos que vamos mencionar:

Caso da Senhora Hortense * * *.

A Senhora Hortense * * *, cujo nome real nos é impossível revelar em consideração à sua posição na sociedade, nasceu em G, na Franche-Comté. Com cerca de vinte e dois anos, está casada há seis meses e vive em Paris há apenas três meses. As relações de amizade que mantenho com a sua família há quase vinte anos permitem-me, mais do que a qualquer outra pessoa, conhecer o seu temperamento e a sua história fisiológica. Nascida de pais muito robustos, a Senhora Hortense gozou, desde o nascimento, de uma saúde delicada. Há já cinco anos que foi atacada por uma doença grave e complicada que continuou quase até à época do seu casamento, e para a qual fui chamado várias vezes para a assistir.

O Sr. Prosper Lucas parece-nos ter demonstrado à perfeição a incompetência da Academia de Medicina no caso das questões magnéticas, na sua carta ao director dos Annales d'Hygiène. (Ver Annales d'Hygiène Publique et de Médecine Légale, Paris, 1837, t. xviii. p. 243.

Era uma espécie de neurose, da qual nunca vi outro exemplo em toda a minha vida, e da qual não encontro descrição em parte alguma. Depois de ter começado por uma espécie de perturbação gástrica, com dor aguda no hipocôndrio direito, esta afeção assumiu rapidamente uma forma nervosa, que se modificou sucessivamente em cem maneiras diferentes, apresentou toda a espécie de aparências estranhas, passando de um órgão para outro, e acabou por se tornar tão estranha, tão extraordinária nos seus sintomas, que nenhum médico se atreveu a qualificá-la ou localizá-la.

Espasmos horríveis, convulsões, durante as quais a doente partia a cama, depois paralisia absoluta dos membros inferiores, com febre contínua e emagrecimento de todo o corpo, delírio, idiotismo; depois, por fim, letargia simulando a morte, e que durou três meses, foram os traços salientes desta incompreensível doença, cujos pormenores regulares e metódicos estariam aqui fora de lugar.

A Senhora Hortense goza de saúde razoavelmente boa desde o seu casamento; sem estar, propriamente falando, em estado de *embonpoint*, está longe de estar em estado de extrema magreza. O seu humor recuperou a sua natural equanimidade e doçura desde a melhoria da sua saúde; por último, esta senhora nunca tinha sido magnetizada, quando recebi do seu marido a seguinte carta, datada de 3 de Março passado:

"Meu caro Amigo,

"Estou espantado, confundido. Alcancei um sexto sentido; acredito no magnetismo. Mas não cante vitória,

pois a vós não pertence a honra da minha conversão. A quem, então, direis? — À minha mulher, meu caro doutor — à minha mulher — que, depois de ter estado prodigiosamente doente, se tornou agora

uma sonâmbula prodigiosa. Lede rapidamente; é toda uma história. No Domingo passado, a Gazette des Médecins Praticiens continha um artigo encantador intitulado Uma Consulta de uma Sonâmbula, e no qual, naturalmente, o magnetismo era muito agradavelmente ridicularizado. Ora, ontem, Segunda-feira, a minha governanta, que lê sempre os meus jornais antes de mim (e com toda a justiça, pois é ela que os recebe primeiro), depois de se ter divertido com o artigo que acabo de mencionar, encontrou um pretexto para vir ao meu quarto e propôs muito habilmente esta pergunta maliciosa — 'Senhor, o que é o magnetismo?' — 'Magnetismo,' disse eu — e, ao mesmo tempo, endireitei-me muito gravemente no meu roupão, enquanto a Sra. Defossey ouvia com muita atenção. Falei durante um quarto de hora inteiro sem tomar fôlego.

Disse tudo o que sabia e tudo o que não sabia (notai, falei como crente). Por fim, agi tão bem que a boa mulher, a quem a minha mera dissertação quase tinha adormecido, acreditou em tudo de bom sobre o magnetismo e propôs-me magnetizar a filha dela. Não havia como recuar; portanto, aceito; e a sessão foi marcada para as seis horas da tarde. Chegada a hora, a Adele e a mãe subiram ao meu quarto. Faço a pequena sentar-se no meu sofá e coloco-me em frente a ela; e, depois de ter convocado toda a minha fé (confesso que não tinha muita), pus-me a trabalhar, mordendo os lábios para não rebentar a rir.

Pois bem, meu amigo, imagina o meu espanto! Não tinha estado dez minutos a gesticular, quando eis que a minha pequena adormece — num sono profundo. Falo-lhe — ela responde-me. Belisco-a — ela não sente nada. Abro-lhe os olhos — e tudo o que vejo é a esclerótica. A Adele era evidentemente uma sonâmbula, e eu fiquei cheio de prazer. Por fim, depois de me ter convencido de cem maneiras do meu triunfo, desperto-a à força de beliscões e sacudidelas.

"Depois de a Adele e a mãe se terem retirado, a Hortense, que tinha estado presente na experiência, pediu-me que a magnetizasse, ideia que certamente me teria ocorrido, se ela não tivesse pensado nisso. Então, como podeis imaginar, aceito a proposta com entusiasmo e começo a fazer os passes. Oh, meu Deus! em seis minutos a minha

mulher, depois de ter rido muito, começa a tremer, queixa-se um pouco, suspira duas ou três vezes e adormece. Mas a coisa foi bem diferente da Adele. Mal adormeceu, levanta-se vivamente, pega numa partitura, com a qual faz um leque para se abanar, percorre todo o apartamento sem se magoar com nenhum dos móveis e, por fim, volta a sentar-se a meu pedido, e então entra em conversa com uma confiança e volubilidade pouco habituais nela.

"Nunca poderia descrever-vos, meu bom amigo, o que se passou então dentro de mim. Parecia-me que estava a descobrir o magnetismo, e a alegria que senti beirava o delírio.

"De tanto fazer os outros dormir, não dormi eu próprio durante a noite, e esta manhã faria qualquer sacrifício pela honra de Mesmer. Apressai-vos, pois, e vinde ter comigo, para recomeçarmos juntos as minhas experiências de ontem, e façamos prosélitos imediatamente; porque sinto que se eu estivesse certo sozinho por muito tempo, em breve enlouqueceria."

Escusado será dizer que aceitei com entusiasmo o convite do meu amigo. Cheguei a sua casa às duas horas e, no seu entusiasmo, o meu amigo já tinha magnetizado a sua mulher duas vezes desde a manhã, o que a fatigou muito em consequência do processo extraordinário que ele empregava para a despertar.* No entanto, como desejavam ansiosamente que eu testemunhasse uma experiência, a Sra. H , que se prestou com a mais agradável prontidão, foi magnetizada pela terceira vez. A partir deste período, daremos conta aos nossos leitores de cada uma das sessões, indicando os números apenas aquelas em que tive oportunidade de estar presente.

1.ª Sessão (4 de Março de 1840). — A Senhora Hortense é magnetizada às duas e meia. Não demora mais de sete minutos a adormecer. O seu sono é lúcido, pois distingue tudo o que se passa à sua volta. Segundo o desejo do seu marido, sou eu que faço as perguntas.

"Está a dormir, senhora?"

“Se durmo, senhor? Que brincadeira! Garanto-lhe que nunca tive menos disposição para dormir.”

Os olhos estão fechados; a pálpebra, levantada com o polegar, o que se faz com considerável dificuldade, permite-nos ver o globo ocular virado convulsivamente para cima. A sensibilidade está embotada.

“Vê-me, senhora?”

“Como! Se o vejo? Então tornou-se invisível?”

“Não! Mas tem os olhos fechados.”

“Eu! Tenho os olhos fechados?”

Ele beliscava-lhe os joelhos.

“Sim, senhora.”

“Então foi magnetizado, Sr. Doutor?”

“Porquê?”

“Porque penso que hoje é o senhor que está sonâmbulo.”

“Porquê?”

“Diz que estou a dormir — que não o vejo — que tenho os olhos fechados.”

“Bem, senhora, estava a brincar. Como está?”

“Já lhe disse — muito bem! Vamos esta noite ao Bosque de Boulogne?”

“Não poderia acompanhá-la, senhora. Tenho de responder a uma carta muito urgente de G .”

“Uma carta de G

, realmente! E sobre o quê?”

“É curiosa, senhora!”

“Como toda a gente! Encontre uma mulher que não o seja. Vejamos a sua carta, senhor.”

“Quer lê-la?”

“Sim! — se não houver mal nisso.”

“Muito bem, senhora; estou satisfeito, mas com uma condição”

“Qual?”

“Que a lerá em voz alta?”

“Que capricho! Mas não importa, dê-ma. Lê-la-ei para todos. O meu marido e eu somos um só.”

A um sinal que fiz ao meu amigo, ele cobriu os olhos da sua mulher com um xaile de lã.

Depois de o xaile, que cobria quase todo o seu rosto, ter sido devidamente atado no occipital, tirei do bolso o primeiro papel que me apareceu à mão — era um prospeto de uma livraria. Mal o coloquei nas mãos da nossa jovem sonâmbula, ela exclamou:

“Engana-se, doutor — esta não é a carta que recebeu; não se imprimem cartas.” Depois acrescentou: “Que calor! Este quarto é um forno!”

“Bem, senhora, a minha carta?”

“Já lhe disse, senhor, que ainda não ma deu. Isso não é uma carta. Tome!” (Atira o papel com impaciência.)

“Tem razão, senhora; enganei-me. Mas aqui está.”

“Já não tenho vontade de a ler para já.”

“Porquê?”

“Porque estou a sufocar aqui. Oh! Peço-lhe, deixe-me tomar ar, ou saiamos, porque já não posso mais.”

“Sairemos, senhora, assim que tiver a amabilidade de nos ler apenas uma única linha.”

“Bem, o senhor importuna-me tanto.”

Estas foram as últimas palavras que proferiu. O infeliz xaile em que a tínhamos envolvido, numa temperatura já de si elevada, tinha-lhe subitamente alterado o humor. O seu rosto estava coberto de suor; a cabeça caiu sobre o peito e os ombros; a respiração tornou-se ofegante — havia, de facto, uma ameaça de síncope, e prosseguir com a experiência teria sido desumano. Despertei-a, portanto.

Após alguns momentos de fraqueza e peso, recuperou a sua habitual doçura de maneiras.* Mas a experiência não foi adiada para além do dia seguinte, à mesma hora. O facto de que a primeira sessão nos deu a certeza foi o de que a Senhora Hortense, com os olhos e o rosto quase inteiramente cobertos por um espesso xaile de lã, fora capaz de descobrir instantaneamente que os caracteres traçados no papel que lhe apresentara eram impressos e não manuscritos.

2.ª Sessão (5 de Março). — A Senhora Hortense mostra-se com disposições muito favoráveis.* O seu marido magnetiza-a às duas e um quarto. Ela dorme durante duas horas e vinte minutos.

“Está a dormir, senhora?”

“Porque pergunta?”

“Incomoda-a?”

“Não! Mas não compreendo. Que resposta me daria se eu lhe fizesse a pergunta?”

“Diria que não estou a dormir.”

“E julgaria que sou tolo.”

“Ah! senhora”

“Não brinque, senhor. O senhor não sabe aonde quero chegar.”

A subtileza deste raciocínio, do qual apenas metade me foi expressa com um excelente tom de zombaria, divertiu muito os presentes, e eu escapo à conclusão continuando:

“Gostaria de ser magnetizada, senhora?”

“Oh! não, senhor, isso incomoda-me demasiado.”

“Que mal lhe faz?”

“Causa-me náuseas, vontade de vomitar e uma terrível dor de cabeça.”

Esta experiência foi feita na presença do Dr. Millardet e de algumas pessoas não ligadas à medicina.

“Então não a magnetizaremos. Mas terá a amabilidade de ler para nós algumas linhas de um livro encantador que tenho no bolso?”

“Que livro é?”

“Uns versos muito belos.”

“Vejamos.”»

Madame Hortense tem os olhos cobertos por uma faixa de seda atulhada de algodão. Certificamo-nos de que é impossível que esta faixa, disposta e ajustada como está, não intercete completamente a luz. Apresento-lhe os *Pensamentos* de Pascal. Ela pega no livro, abre-o, ergue-o até à altura dos olhos, folheia-o durante alguns minutos depois de ter ajustado o livro devidamente, e depois deita-o fora com desdém, dizendo: «Não hei de ler isto.»

«Porquê?»

«Porque os seus belos versos não são do meu agrado. E eu não leio para toda a gente. Quando leio, leio para mim. Mas diante de toda a gente sair me ia mal demais.»

«Madame, peço-lhe — recorde-se de que está em causa o triunfo de uma grande verdade.»

«Não entendo absolutamente nada. De que fala o senhor?»

«Do magnetismo.»

«Ah! Lá vem isso. Há três dias que não ouvimos falar de outra coisa senão de magnetismo. Mas o senhor sabe, meu senhor, que o seu

magnetismo é uma dupla calamidade, pois faz tolos daqueles que se metem nisso e parte a cabeça àqueles que não o querem fazer.»

«Madame, reconhecemos a nossa importunação. Mas leia uma palavra — uma única palavra — e não diremos mais nada sobre o assunto.»

«Ah! Deixe-me em paz. O senhor tortura os meus nervos.»

Após estas últimas palavras, proferidas num tom de impaciência, Madame Hortense levanta-se, cantando em voz baixa, e com um ar de indiferença, um verso de uma balada de Aubert, após o qual entra na biblioteca do seu marido, para onde a seguimos.

«Há alguma ordem aqui», diz ela. «O meu marido nunca teve ordem a não ser nos seus livros. Ah! Pensei que não havia livros aqui exceto livros de medicina; e aqui estão as *Obras Completas* de Jean-Jacques Rousseau.»

Observamos que a faixa não está deslocada, como nos certificamos plenamente, e que os livros há pouco mencionados ocupam uma prateleira suficientemente alta, de modo que a sonâmbula, mesmo supondo que a luz lhe pudesse chegar aos olhos por baixo da faixa, ainda assim teria de virar a cabeça completamente para trás, o que não fez, a fim de perceber o título do livro que acabou de ler. Mas isto não é tudo. Madame Hortense pega num dos volumes, erguendo-se nas pontas dos pés, abre-o abruptamente ao acaso, e tão ao acaso que a folha onde o abriu não estava cortada; e fui eu quem a cortou enquanto o livro estava nas suas mãos. Disse-lhe então:

«E bem, madame, uma frase do livro que agora segura?»

«Senhor,» respondeu ela, com um ar bastante agradável, «quando deseja uma coisa, deseja-a tão ardentemente que é difícil não aceder.» Ao mesmo tempo, começou a ler com uma rapidez espantosa todo aquele trecho do *Contrato Social*: — «*perd sa rectitude naturelle lorsque elle tend a quelque objet individuel et determine, parce qu' alors, jugeant de ce qui nous est etranger, nous n'avons aucun vrai principe d'equite qui nous guide.*» *

A sessão tinha sido longa, e o despertar foi um pouco mais doloroso do que no dia anterior. Madame Hortense não só não se recorda de nada do que disse e fez durante o seu sono, como se recusa positivamente a acreditar nisso.

3.ª Sessão (8 de março). — Madame Hortense foi magnetizada às três horas. Adormece em poucos minutos; mas, tal como na ocasião anterior, ainda não tem perceção do seu sono e recusa-se a ler. Para compensar, aceita prontamente um jogo de cartas, que lhe proponho, e jogamos. Ela ganha constantemente, pelo que é claro que vê com ambos os olhos; pois, mesmo quando me esforço por lhe ocultar a minha mão, ela tem o prazer malicioso de nomear todas as minhas cartas uma após a outra. Por fim, peço permissão ao meu amigo para convidar alguns médicos de grande reputação, e algumas pessoas de letras, para uma das suas primeiras sessões.

4.ª Sessão (12 de março). — Embora ainda não sejamos muito numerosos, esta sessão apresenta um pouco mais de solemnidade do que as precedentes. Contamos com a presença dos Doutores Bousquet † e Amédée Latour, de M. Charles d'Orbigny, ‡ e de algumas pessoas não pertencentes à profissão médica. Madame Hortense não ficou de modo algum comovida e não sente qualquer incómodo, como eu receava que acontecesse, com a presença de testemunhas que lhe eram perfeitamente desconhecidas. Após um quarto de hora de conversa geral, foi adormecida precisamente às três horas. Desta vez, o marido magnetiza-a pela mera influência de um olhar, e isto quase tão rapidamente como por meio de passes. Cabia-me a mim interrogá-la sempre.

«A sua saúde, madame?»

«Não muito boa, senhor. Mas, contudo, não se meta com ela; pois os médicos fazem um triste trabalho comigo.»

«Quer-lhes bem, então?»

«Nem um bocadinho.»

«No entanto, parece dizer que eles lhe fizeram mal?»

«Ah! Tão bem como a muitos outros; mas eles pensam que fazem bem; podemos dispensá-los agora.»

«Não foi, então, bem tratada na sua gravíssima doença?»

«Não, senhor; não, longe disso.»

«O que deveriam eles ter feito consigo?»

«Exatamente o que o senhor fez.»

«Teria então confiança em mim agora, madame?»

«Eh! Exatamente como em qualquer outro.»

«Não mais? E no entanto, curei-a.»

«Por acaso.»

«Ah! Madame, é injusta.»

«Não, senhor, não; esteja certo de que não sou nem injusta nem ingrata; tenho grande, muito grande confiança no senhor, mais especialmente hoje, que posso dispensar a sua assistência.»

«Eh! Tanto melhor, madame; recorreu a ela por um tempo considerável; mas já que se encontra tão bem hoje, terá a bondade de ler algumas linhas para nós?»

«Outra vez! Sempre a querer fazer-me ler. É uma espécie de monomania!»

Devo observar que madame nunca lia em voz alta enquanto acordada, e que a última exclamação que lhe escapou provou claramente que, durante o seu sonambulismo, se recordava do que se passara nos seus sonos anteriores. Em consequência de ela continuar a recusar-se a ler, fomos obrigados a recorrer a vários estratagemas para obter dela o que queríamos; por fim, após debatermos durante meia hora, ela prometeu ler em dez minutos. Cada um de nós tomou então nota precisa da hora e, em precisamente dez minutos, M. Hortense pegou no livro que lhe apresentei e leu fluentemente a seguinte passagem:

«*La qualite de citoyen etant considerable dans les democraties, ou elle emportait avec elle la souveraine puissance, il s'y faisait souvent des lois sur I'etat des batards, qui avaient moins de rapport.*» *

Por um lado, o livro foi selecionado por nós, sem dúvida, na biblioteca de M***, e é evidente que Madame Hortense *** poderia muito facilmente saber de cor os quinhentos volumes que compõem esta biblioteca; existem memórias tão extraordinárias! Por outro lado, faixas são faixas, e os Senhores membros da Academia há muito provaram, *ex professo*, que era moral e fisicamente impossível cobrir os olhos de um homem de modo a impedi-lo de ver. Posto isto e perfeitamente entendido por todos os nossos leitores, é claro como o dia que a experiência agora relatada não prova nada.

Pergunte aos nossos colegas de profissão sobre o assunto; noventa e nove em cada cem dir-lhe-ão precisamente o que lhe disse. Consequentemente, antes de tirar qualquer conclusão, era, no mínimo, razoável esperar por outra experiência. M. Bousquet tira um pequeno volume do bolso, que envolve em duas folhas de papel branco, e apresenta-o a Madame ***.

Tomei a liberdade, contudo, de notar que isto era mudar as condições do problema, dado que os carateres destinados a serem lidos já não têm o acesso da luz; * além disso, ocorre muito raramente que duas experiências desta natureza tenham êxito uma após a outra na mesma sessão, considerando a aflição e o cansaço que a primeira fez sofrer à sonâmbula. No entanto, insiste-se no assunto; Madame ***, apesar da evidente agitação em que se encontra, acede novamente ao seu pedido; mas desta vez falha. Após esforços extraordinários para decifrar a letra indecifrável de M. Bousquet, leu apenas uma palavra insignificante (2?), e deitou fora o papel, declarando que não pode ir mais longe.

São agora quatro horas e meia, e Madame Hortense ***, sendo acordada por mim, pergunta-me o que fez e o que leu. Poupamo-la aos

pormenores, por medo de ferir os seus sentimentos, e despedimo-nos dela.

«O que pensa disto,» disse-me o Dr. Amédée Latour ao sair; «deve-se acreditar nisso?»

«Meu bom amigo,» disse eu, «ainda não estou preocupado com as convicções dos outros.»

5.ª Sessão (2 de abril). — O mundo médico inteiro é essencialmente feudal; é tudo servo, ou grande vassalo. Estes, montados em andas, e erguendo a sua voz para se fazerem ouvir melhor, impressionam com agrado ou desagrado o povo comum, que não tem melhor autoridade para as suas crenças ou as suas dúvidas. Negando, como é evidente, tudo o que não conseguem entender, fazem alarde da sua incredulidade em todas as ocasiões, e passam por homens de espírito forte; depois, tomando seriamente o seu próprio palavreado por eloquência, e a sua presunção por génio, conseguem reunir em redor de si uma multidão de pessoas de espírito pequenino (*servum pecus*), isto é, espíritos baixos e fracos, que pensam apenas através dos outros, refletem até as próprias grimotas do seu mestre, e ecoam fielmente a sua própria insipidez.

Ora, dos homens de quem falo, nunca tentarei convencer nem uns nem outros; estes últimos são incapazes de ser convencidos, os outros não desejam outra convicção senão a que se adequa aos seus próprios interesses — isto é, em outras palavras, o seu ceticismo é neles um sistema regular e, consequentemente, um vício incurável. Ao defender a verdade que abracei, exijo apenas mentes honestas e independentes, capazes de penetrar e estudar esta verdade, dotadas de coragem suficiente para a manter, e de abnegação suficiente para sacrificar tudo por ela.

Esta é a razão pela qual, entre todos os ilustres descrentes das minhas relações, não tive, na nossa sessão de 2 de abril, senão o M. Professor Bouillaud, a quem se juntou posteriormente o Dr. Cornac, cujo caráter afável e benévolo tempera a sua incredulidade, e pode servir como meio de simpatia entre um homem convencido e um

homem que receia sê-lo. Eu esperava então muito; mas, como que de propósito, tudo correu mal nesta noite infeliz, e o resultado desapontou cruelmente as minhas expectativas. Primeiro, M. Bouillaud atrasou-se, de modo que fomos obrigados a esperar por ele, e isso é extremamente incorreto.

Não direi ao douto professor que a fama da sua reputação, ou a gravidade do seu porte, fazem falhar as experiências magnéticas por intimidarem sonâmbulos e magnetizadores; mas limitar-me-ei a notar que ele indispõe e perturba tanto uns como outros ao faltar à pontualidade. Assim, a nossa sessão, que deveria ter tido lugar às sete horas da noite, não começou senão às oito.

Primeiro, o momento já não é favorável, mas isso não é tudo; desde há uma hora que as pessoas bocejam, estão cansadas, impacientes e à espera, de modo que ainda me pergunto, agora que passei por fracassos não tão facilmente explicáveis, como, em tal estado de espírito, poderíamos obter os resultados que logo se verão. Eis um resumo sucinto, mas preciso, de tudo o que se passou nessa sessão.

Madame Hortense, *que se encontra em certo grau num sono natural, é magnetizada às oito horas e dez minutos, e não leva mais de três minutos e meio a entrar em sonambulismo. A faixa que lhe há de cobrir os olhos foi dobrada na sessão e aplicada pelo próprio M. Bouillaud. Feito isto, o fenómeno foi, reconheço, muito lento desta vez a desenvolver-se, e temos de esperar uma hora inteira até que a vontade ou a possibilidade de ler chegue à nossa sonâmbula; por fim ela decide-se, e lê; lê um verso alexandrino num livro trazido por M. Cornac, um livro impresso em tipo romano pequeno, e que, para passar das mãos destes senhores para as mãos de Madame H*, não passou pelas minhas. No entanto, pela própria admissão das testemunhas, a faixa que desce até às abas do nariz não se deslocou nem uma única linha, e foi encontrada exatamente como M. Bouillaud a aplicou.

Mas eis outro facto que, talvez, deixe ainda menos dúvidas. Todas as luzes são apagadas, e uma escuridão profunda reina pela divisão. M. H. é então libertada da sua faixa, mas o livro de M. Cornac continua nas suas mãos.

«Poderia ler assim, madame?»

«Sim, senhor.» (A escuridão era tão grande que mal nos podíamos ver uns aos outros.)

«E bem, qual é o título do livro que segura?»

Madame *** não dá resposta, e M. Cornac diz várias vezes, em voz baixa, «*Obras de Rousseau*.»

«Não, senhor,» diz ela por fim, após alguns minutos, «são os poemas de Malherbe;» e tal era o facto.

Sobre isto, os senhores da Academia retiraram-se, dizendo: «A experiência tem de recomeçar!» *

6.ª Sessão (8 de abril). — Hoje temos o magnetismo julgado pelos seus pares, ou, pelo menos, empenhado num encontro com adversários gentis. Os Drs. Frapart e Amédée Latour, M. Gustave Jeanselme, e M. d'Epagny; tais são as testemunhas da nossa sexta sessão. Começou às três horas. Madame H *** foi magnetizada à distância, meramente pelo olhar; ela não leva mais de três minutos a adormecer e, novamente, durante estes três minutos, troca várias pilhérias, que fazem ambos rir e, provavelmente, têm o efeito de retardar a chegada do sono. Por fim está a dormir, e todos estão atentos. O Dr. Frapart mais especialmente (devemos fazer-lhe justiça), de quem se poderia supor estar cegado pelo seu entusiasmo, é, em matérias relacionadas com o magnetismo, mais circunspecto e mais desconfiado do que uma pessoa incrível.

Como há sempre algo de equívoco no emprego de faixas, de qualquer tipo que sejam, chegamos à determinação unânime de renunciar ao seu uso doravante, e de as substituir por uma simples folha de papel, de modo que possa ser interposta entre o objeto a decifrar e os olhos da sonâmbula; MM. Frapart e A. Latour

desempenham este dever à vez. Pela primeira vez Madame Hortense tem consciência do seu estado, e compreende o que queremos quando lhe rogamos que leia; mas ela ainda não possui um conhecimento preciso da extensão dos seus poderes, às vezes promete mais do que pode cumprir, e encarrega-se, por exemplo, de ler quando o seu grau de lucidez ainda não lho permite.

Além disso, a visão através de uma folha de papel é uma experiência nova, e na qual ela necessita de um pouco de prática. No entanto, tentamo-lo. Madame ***, cujas mãos não tocam nem na folha de papel branco nem no jornal apresentado atrás do papel, põe-se a trabalhar, faz esforços que a esgotam, fica impaciente, nomeia algumas letras, mas, no geral, não tem sucesso. Devo aqui prestar contas aos meus leitores de uma pequena circunstância, que os porá em guarda contra os truques de sonâmbulos, e a disposição para enganar, mesmo naquelas pessoas que, quando acordadas, são dignas de toda a confiança. Madame H ***, que, sempre em estado de sonambulismo, costumava passar com o seu marido e comigo para um quarto ao lado daquele em que a experiência tinha lugar, e cuja elevada temperatura a incomodava, perguntou-nos em confidência:

«O que está, então, no jornal de M. Latour?»

«O quê, Madame,» respondi eu; «em primeiro lugar não sei; e depois é muito provável que, se repetirmos a experiência, seja outro jornal que lhe seja dado.»

«Oh, meu Deus! Meu Deus! E se eu não conseguir ler hoje?»

«Por que razão não haveria de ler? Tenha a paciência de aguardar até que o poder para o fazer lhe chegue, e aguardar pelo seu bom prazer não nos custará nada.»

«É isso,» sussurrou ela ao meu ouvido ao entrar no quarto, «e se eu não puder, direi que não quero.»

Um quarto de hora depois, Madame H *** leu esta frase através de três folhas de papel encorpado: «*En Chine il n'y a point de loi sur la diffamation!*» *

É este facto conclusivo? À primeira vista seríamos tentados a pensar que sim; mas quem nos pode assegurar que os olhos da sonâmbula não estão abertos? Quem nos pode assegurar que, justamente nesse momento, por um falso movimento de M. Frapart ou de M. A. Latour, o jornal não caiu ao alcance dos seus olhos? Quem nos pode certificar? «Senhores, vós sois incorrigíveis, e eu não conheço senão mais uma forma pela qual vos possa convencer; mas, como nunca vi a experiência ser realizada, é, no mínimo, duvidoso que venha a ter sucesso; contudo, tentemo-la, se fazem o favor. Eis uma caixa, meus amigos, que um de vós escreva legivelmente a frase que bem entender; que esta caixa seja depois atada com cordel, e selada por vós; se amanhã vos enviar o conjunto intocado, com uma cópia exata e literal da vossa frase, acreditarão?»

«Sim, sem dúvida alguma.»

No dia seguinte escrevi ao Dr. Frapart: — «Está na sua caixa, *Le possible est immense*» (O possível é imenso).

M. Frapart respondeu-me: «Meu caro amigo, ganhámos; pois Madame Hortense leu realmente na caixa o hemistíquio de Lamartine que eu tinha escrito: *Le possible est immense*; apenas está precedido por isto, *Le reel est etroit*» (O real é muito estreito).

Evidentemente não podia haver objeção a isto; mas como M. Amédée Latour, que até aí desconfiava apenas do magnetismo, agora nos fazia a honra de desconfiar de nós (ele sabe muito bem que o desculpo), tornou-se necessário recomeçar a experiência para ele. Foi ele, então, quem selou a caixa depois de ter escrito, sem que ninguém disso tivesse conhecimento, esta frase, que nunca poderia ter ocorrido a uma senhora: «*L'eau est composee d'hydrogene et d'oxygene.*» (A água é composta de hidrogénio e de oxigénio).

Três dias depois visitei o Dr. A. Latour, devolvi-lhe a caixa, ele examinou-a e reconheceu os seus selos.

** Lib. 2. chap. iv. † Secretário do Conselho da Academia de Medicina. ‡ Diretor do Dicionário Universal de História Natural. **

Montesquieu, Esprit des Lois, t. ii. p. 265.

** Veremos já a seguir que esta circunstância, embora tornando, sem dúvida, o fenómeno mais difícil de realizar, não é ainda assim um obstáculo insuperável.*

** Uma particularidade muito estranha, mas que notei muitas vezes sem ser mais capaz de a explicar do que os outros factos magnéticos, é que um sonâmbulo lúcido, mesmo quando vê suficientemente para ler com uma faixa nos olhos, pode muito bem não distinguir um indivíduo sentado ao seu lado. O que é ainda mais irritante em tal caso é que os sonâmbulos enganam, ou são enganados (não sei qual das duas coisas), e afirmam que vêm coisas que realmente não vêm. Os magnetizadores sabem a que erros deste tipo devem ser atribuídos; mas certamente eles prejudicam o magnetismo quando ocorrem perante testemunhas; foi o que nos aconteceu a 2 de abril. * Journal d'Hygiène.*

«E bem?», disse-me ele, depois de fazer este exame.

«*L'eau est composée d'hydrogène et d'oxygène.*»

«E bem, o senhor é o diabo,» exclamou ele, «ou o magnetismo é uma verdade.» *

A experiência que acabo de mencionar foi realizada, sem dúvida, sem qualquer outra testemunha além de mim; mas não é evidente, pela sua natureza, que esta circunstância nada tira à sua autenticidade? Esta experiência prova, então, que os sonâmbulos lúcidos podem não só ver e distinguir através de corpos opacos objetos tão minúsculos como os carateres de imprensa, mas, também, que podem ver estes objetos sem a intervenção, pelo menos a intervenção aparente, da luz, dado que um pedaço de papel, encerrado numa caixa de madeira, está certamente colocado em completa escuridão.

Surgem aqui várias questões para as quais não é fácil encontrar uma solução positiva. 1.º Os sonâmbulos veem através de todos os corpos opacos indiferentemente? 2.º Usam eles os seus olhos para ver?

À primeira questão responderei que não penso (sem, contudo, afirmar o contrário) que venhamos a ter sucesso em fazer um sonâmbulo ler através de uma divisória, de uma parede, etc.; mas penso poder dizer com segurança que os sonâmbulos veem através destes corpos, e que alguns deles distinguem a distâncias enormes e incríveis.

Os exemplos que eu poderia apresentar não provariam absolutamente nada; precisamente por esta razão, porque não teriam outra garantia senão a minha. Estes fenómenos magnéticos têm de ser vistos publicamente, sob o risco de nos darmos a ar de acrobatas e palhaços; mas citar factos que foram observados sem testemunhas demonstraria um desejo de nos fazermos passar por impostores sem qualquer benefício para a ciência. Tão difíceis de lidar são as pessoas!

Usam os sonâmbulos os seus olhos para ver? — Sim; pelo menos essa é a minha opinião, e é nisto que a fundamento:

1.º Seja por hábito ou por necessidade, um sonâmbulo, a quem desejamos fazer ler, vira o rosto para o livro que lhe é apresentado, ergue-o até aos seus olhos, e segura-o desta forma sem o mover até que a experiência esteja terminada.

2.º Ouvi várias vezes um sonâmbulo queixar-se de uma dor aguda no fundo da órbita durante o curso das experiências, uma circunstância que provaria, pelo menos até certo ponto, que a retina e o nervo ótico estavam a desempenhar algum papel na ocasião. As restrições a aplicar ao que acaba de ser dito encontrar-se-ão noutro lugar, no nosso artigo sobre a Transposição dos Sentidos.

2. Intuição

Esta faculdade é uma das primeiras que o sonambulismo desenvolve, mas a lucidez leva-a ao seu máximo de perfeição. A intuição é então um sentido novo, um instinto sublime que de uma só vez inicia os indivíduos em quem se desenvolve nos mistérios mais obscuros da sua natureza íntima. Nunca se poderia imaginar com que

tato, exatidão e precisão os sonâmbulos dão conta de tudo o que se passa no seu íntimo. Estão literalmente presentes na realização de todas as suas funções orgânicas; detetam nelas a mais ligeira desordem, a mais minúscula alteração. Não há afeções tão ligeiras ou tão latentes; mesmo aquelas que no início da sua existência não só não dão ocasião a qualquer sintoma externo, como não se denunciam por qualquer espécie de sofrimento interno; não há nenhuma, digo eu, que escape à investigação do sonâmbulo.

Depois, de tudo isto ele forma uma ideia clara, exata e matemática. Ele poderia dizer, por exemplo, quantas gotas de sangue há no seu coração; sabe, quase ao grama, quanto pão seria necessário para satisfazer o seu apetite no momento, quantas gotas de água seriam necessárias para satisfazer a sua sede, e as suas avaliações são inconcebivelmente exatas. O tempo, o espaço, as forças de todo o tipo, a resistência e o peso dos objetos, os seus pensamentos, ou antes o seu instinto mede, calcula, aprecia todas estas matérias por um único golpe de vista.

Uma mulher em estado de sonambulismo tem perceção da sua gravidez desde a primeira hora da conceção; sente se está ou não em disposição para conceber; mais ainda, não estará grávida há oito dias e dirá, sem nunca se enganar, o próprio sexo do seu bebé, etc.

Tudo isto, bem o sei, espantará mais do que um dos nossos leitores, e fará sorrir com pena certos doutores graves, que no entanto falam de irritação, de inflamação, do *princípio vital*, etc., etc., com tanta certeza como se tivessem realmente visto todas estas coisas; pois assim é o mundo, uma grande casa de tolos, onde cada um, sentindo pena dos seus vizinhos, pensa que guardou toda a sabedoria para si.

Serão os nossos honrados confrades, então, os indivíduos mais incuráveis de todo o estabelecimento? Que tenham cuidado; não é uma teoria o que lhes submeto, são meramente factos que reúno para que eles verifiquem, e que eles verificarão se apenas tiverem paciência suficiente e honestidade suficiente para o efeito.

Embora os fenómenos da visão contribuam muito nos sonâmbulos lúcidos para aperfeiçoar e provavelmente para retificar a intuição, continua a ser indiscutível que esta última não está necessariamente subordinada a uma perfeita *clarividência*. Admito, contudo, que a integridade de uma das duas faculdades me parece uma garantia para a excelência da outra; e, como não possuímos meios de verificar a maioria dos fenómenos de intuição, não dou crédito implícito a estes fenómenos, exceto no caso de sonâmbulos dotados de *clarividência*.

A intuição está para a *clarividência* assim como a fisiologia está para a anatomia; com esta diferença, contudo, de que os sonâmbulos, mesmo os menos lúcidos, sentem *a priori* as ações vitais que se estão a passar no seu íntimo, e não têm necessidade de noções organográficas para estarem dotados de uma apreciação fisiológica bastante razoável.

Devemos observar, ao terminar este parágrafo, que tudo o que foi dito relativamente à intuição se refere apenas àquela de que os sonâmbulos gozam e fazem uso por sua própria conta, reservando-nos para falar, quando tratarmos do seu diagnóstico, da intuição que eles podem empregar ao serviço dos outros. (Ver *Medicina dos Sonâmbulos*.)

3. Da Previsão Interior

Os sonâmbulos lúcidos não têm apenas a perceção do seu estado fisiológico ou patológico presente, mas podem até anunciar por uma espécie de presciência que pertence apenas a eles todas as modificações destinadas a ocorrer no seu sistema. Será um cálculo da sua parte, um processo de dedução por meio do qual determinam a partir do que existe aquilo que ainda não existe? Isto é o que ninguém pode dizer; mas o que é inteiramente certo é que os casos de previsão interior — isto é, de previsão que incide sobre ocorrências e acontecimentos relativos ao próprio indivíduo — são extremamente numerosos. Todos os autores sobre o assunto citam vários deles.

Pierre Cazot, um sonâmbulo mencionado no relatório de 1832, previu com várias semanas de antecedência o dia e a hora em que seria atacado por um acesso de epilepsia. Ele não só determina o instante em que o acesso há de vir, mas também a sua violência e duração. A comissão que verifica o facto garante a sua autenticidade.

Paul Villagrand, que também é mencionado na obra de M. Husson, previu muito tempo antes todas as fases da sua doença, e tudo ocorreu precisamente como ele previu.

Os estáticos de Petetin, de Barrier e Despine, apresentam factos semelhantes. Desde a mais remota antiguidade encontramos na história doentes que são exemplos de previsão. Areteu, Aristóteles, Platão, Plutarco, Porfírio, e todos os filósofos da escola de Alexandria, deixaram-nos a sua quota-parte de observações sobre esta faculdade extraordinária; na verdade, basta ter magnetizado com êxito uma vez na nossa vida para ficar profundamente convencido da sua existência. Agora, quanto à explicação que dela foi dada (pois não há nada que os médicos não consigam explicar). Uma simples passagem da obra de M. Bertrand sobre o êxtase apresentar-nos-á quase tudo o que de mais racional se disse sobre este assunto; mas declaramos de antemão que estamos muito longe de participar nas convicções de M. Bertrand:

«Já tivemos ocasião de observar que as ideias que surgem na mente dos estáticos agem não só sobre eles durante o êxtase, mas que a sua influência se pode muitas vezes estender até ao seu estado ordinário. É, contudo, certo que no momento em que o estático desperta, não conserva qualquer recordação do que se passou durante o acesso; mas esta falta de recordação não é suficiente para impedir que as ideias pelas quais foi movido produzam, num certo momento, aqueles efeitos que naturalmente delas devem resultar.

Explico-me. Já vimos que quando os convulsionários de Saint-Médard anunciavam que em expiação de tal ou tal falta, ou por qualquer outra causa, eram obrigados a jejuar por um tempo mais curto ou mais longo, se encontravam totalmente incapazes de engolir qualquer espécie de alimento durante todo esse tempo.

Ora, o que aconteceu nesta ocasião no caso dos convulsionários observa-se ocorrer em geral no caso dos estáticos em relação a um grande número de modificações orgânicas; e basta que o sonâmbulo tenha declarado que num determinado momento há de ser afetado de tal e tal modo, para que o seja na realidade. ******

Nada é mais comum do que ver mulheres no estado de sonambulismo preverem, a uma hora fixa, o aparecimento das mentes, paralisia parcial, etc. Vi mesmo prever-se um inchaço do rosto com infiltração das pálpebras, e a predição cumpriu-se. Menciono este último caso porque dificilmente parece capaz de ser o resultado de uma predeterminação. Os partidários do magnetismo animal, que acreditam numa verdadeira previsão existente nos sonâmbulos, objetar-me-ão então o próprio caso que acabo de relatar.

Responder-lhes-ei: 1.º Que não podemos determinar positivamente os limites dentro dos quais esta influência extraordinária dos sonâmbulos sobre a sua organização se pode estender. 2.º Que não se pode negar que na maioria dos casos as predições são realmente a causa dos efeitos produzidos.»

Absurdo revoltante, Dr. Bertrand, ao qual não há nada a objetar — senão factos! Citarei um, mas um que vale por mil:

*Caso da Menina Clary D****. [1]

A Menina Clary tem doze anos de idade, no máximo. A natureza dotou-a de um intelecto precoce, mas ao mesmo tempo de uma constituição delicada, que a cruel doença de que padece facilmente esgotou.

A 6 de maio de 1840, vi-a pela primeira vez. Estava na sua cama, o seu rosto emagrecido e pálido, pulso febril, pele quente. Um exame rápido certificou-me de que existia: 1.º Um abcesso tuberculoso no lóbulo superior do pulmão direito; 2.º Tubérculos de tamanho considerável no mesentério; 3.º Uma afeção gastrointestinal, que poderia provavelmente ser apenas consequência das alterações orgânicas precedentes.

Como vemos, o caso era mais do que grave; era desesperado. A Menina Clary tinha tísica, pelo menos no seu segundo estádio. No entanto, certifiquei-me do tratamento que tinha sido seguido até esse momento. Se todas as velhas da província se tivessem reunido em casa de Madame D*** para receitar para a sua filha, não se poderia ter concebido um tratamento mais estranho, complicado e bárbaro. Consistia em pombos vivos com o pescoço cortado, com os quais os pés da doente eram cobertos ou calçados; em emplastros com que o abdómen e o peito eram cobertos; fumigações de todo o tipo, drogas, tisanas, misturas como nenhum boticário jamais preparou. Numa palavra, uma sonâmbula lúcida tinha passado por ali — uma dessas sonâmbulas que vivem privadamente da credulidade de tolos ou de doentes sem esperança, e que às vezes nos fazem corar de ser magnetizadores.

A Menina Clary foi magnetizada. A pobre criança foi adormecida de imediato, e de imediato espantou a sua família pela sua lucidez. Infelizmente, ela nunca teve aquilo que lhe teria sido mais necessário. A Menina Clary via a sua doença, descrevia-a com precisão, tanto quanto se podia julgar, mas o instinto dos remédios faltava-lhe, e ela nunca conseguiu receitar um curso de tratamento para si própria. Aqui junta-se um relato sucinto da última sessão em que foi adormecida:

«Como se encontra, Menina Clary?»

«Muito mal.»

«Onde sente dor?»

«Em todo o lado.»

«Mas onde sofre mais?»

«Nalém das tripas.»

«Em que parte?»

«Abaixo do estômago.»

«Vê os seus intestinos?»

«Sim, senhor.»

«E o que vê?»

«Manchas vermelhas de sangue, e outras de cor enegrecida. Depois, num lugar, com cerca do comprimento da minha mão, um vasto número de pequenos pontinhos vermelhos.»

«É tudo?»

«Sim, senhor.»

«Em que estado vê os seus pulmões?»

«Como se estivessem sequiosos.» *

«Não parecem estar atravessados por grãos brancos na sua parte superior?»

«Não vejo com clareza suficiente para poder dizer.»

«E não sabe o que deveria tomar para se curar?»

«Não, senhor.»

«Como estará amanhã?»

«Um pouco melhor do que hoje.»

«Depois de amanhã?»

«Terei uma boa dose de febre.»

«Como estará no dia 25 deste mês?»

«Muito mal.»

«No dia 1 de junho?»

«Pior ainda; todo o meu corpo estará inchado.»

«E depois?»

«Nos dias 2 e 3, oh! Como estarei doente! — meu Deus! — meu Deus!»

«E depois?»

«Espere!»

A Menina Clary hesita, reflete durante muito tempo, e por fim diz: «A 4 deixo de ver.»

Ela foi despertada, não manteve recordação de nada do que tinha dito, e eu aconselhei expressamente que não se lhe falasse sobre o assunto; no entanto, tudo ocorreu quase precisamente como ela tinha previsto até ao dia 4 de junho, dia em que a Menina Clary morreu.

Este caso é curioso sob mais do que um aspeto. Primeiro, é uma prova incontestável da previsão dos sonâmbulos; mas, além disso, esta previsão traz consigo uma espécie de fatalidade sem esperança, dado que, seja qual for o método de tratamento seguido, o evento tem de ter lugar, e a morte ocorrer à hora prevista, e sem que haja qualquer meio de a retardar por uma única hora.

Ora, eu pergunto a Bertrand se foi porque a Menina Clary fixou o momento da sua última luta que esta luta teve lugar precisamente à hora prevista? Foi porque ela disse que no dia 4 de junho deixaria de ver que a Menina Clary morreu precisamente no dia 4 de junho? Não há alternativa; ou o facto agora relatado tem de ser negado, e dez pessoas prestarão testemunho dele comigo, ou temos de acreditar, como a entendemos, na previsão dos sonâmbulos. *

Da Previsão Externa

Sem falar aqui daquela previsão que constitui o prognóstico dos sonâmbulos lúcidos em referência às crises ou aos diferentes fenómenos que hão de ocorrer nos doentes postos em ligação com eles, alguns indivíduos, muito poucos, admito-o, possuem a incompreensível faculdade de prever durante o seu sonambulismo acontecimentos com os quais a sua existência estará misturada, mas cuja causa, evidentemente estranha ao seu sistema, ou uma causa com a qual o seu sistema não mantinha relação, não pode ter qualquer espécie de ligação que possa ser minimamente explicada. Daremos alguns exemplos disso:

A 8 de maio passado (era uma sexta-feira), magnetizei Madame Hortense ***, que já foi tantas vezes objeto de experiências no caso da visão sem o auxílio dos olhos. No dia de que falo, esta senhora estava num estado de lucidez admirável; mas, por razões que não é necessário mencionar, tínhamos renunciado há muito tempo a experiências com ela por mera curiosidade, e o único assunto considerado nas nossas sessões era a sua saúde ou a nossa. Desta vez eu estava inteiramente sozinho com ela e com o seu marido, e, depois de a ter interrogado durante alguns minutos sobre objetos de mais ou de menos indiferença, quisemos saber até onde a sua penetração do futuro poderia chegar; mas, apesar da forma das nossas perguntas, o próprio destino de madame acabava sempre por se misturar nas suas respostas para nós. Ela descobria o futuro, mas apenas numa direção, a saber, aquela através da qual ela própria tinha de passar.

No entanto, entre outras coisas marcantes, disse-nos isto:

«Estou grávida há quinze dias, mas não chegarei ao fim do tempo, e já sinto uma mágoa aguda em consequência disso. Na próxima terça-feira (dia 12) apanharei um susto com alguma coisa, terei uma queda, e um aborto será o resultado.»

Reconheço, apesar de tudo o que já tinha visto, que a minha razão se revoltou num dos pontos desta profecia. Na verdade, concebia com bastante facilidade a queda e tudo o que dela pudesse resultar; ia mesmo ao ponto de compreender a circunstância do susto, mas o motivo deste susto era o que me confundia.

«Com o que apanhará um susto, então, madame?», perguntei-lhe com uma expressão de interesse que estava longe de ser simulada.

«Não sei de nada sobre isso.»

«Mas onde lhe acontecerá isso? — onde sofrerá a queda?»

«Não posso dizer — não sei.»

«E não há meio de escapar a tudo isto?»

«Nenhum.»

«Se não nos afastássemos de si?»

«Isso não teria efeito.»

«Só Deus, então, pode prevenir o acidente que receia?»

«Só Deus! Mas ele não o fará, e estou muito aflita com isso.»

«E ficará muito doente?»

«Sim, durante três dias.»

* Quando Madame H *** lê numa caixa, pega nesta última com a mão direita, fixa-a à distância de alguns milímetros de um dos seus olhos, exatamente como um relojoeiro segura a sua lupa, exceto que o olho permanece fechado; depois continua assim durante cerca de um quarto de hora sem ver nada. Por fim nomeia algumas das letras, depois uma palavra (raramente a que começa a frase); depois lê a frase inteira, e guarda a caixa.

*[1] M. D***, um dos nossos principais livreiros em Paris, reside na Rue Pavée-Saint-André, N.º 2.*

** Os sinais fornecidos pela auscultação e percussão nunca me deram senão um diagnóstico muito obscuro sobre este ponto, um diagnóstico que não foi esclarecido nem pela tosse, nem pela matéria da expetoração; e pergunto muitas vezes a mim mesmo se a acumulação das esputas naturais, num estado espessado, nas ramificações brônquicas, não poderia dar origem à impermeabilidade circunscrita e à maciçor que eu tinha detetado.*

** Ver factos semelhantes na obra de M. Foissac, Rapports et Discussions de l'Académie Royale de Médecine sur le Magnétisme Animal, Paris, 1833, em 8.º.*

«Sabe precisamente o que há de sofrer?»

«Certamente, e vou agora dizer-lhe. Terça-feira, às três horas e meia, imediatamente após ter tido um susto, terei uma fraqueza que se apoderará de mim e que durará oito minutos; depois disto serei acometida de dores muito violentas nos rins, que durarão o resto do

dia, e continuarão por toda a noite. Na quarta-feira de manhã começarei a perder sangue; esta perda de sangue aumentará rapidamente e tornar-se-á muito abundante.

Contudo, não haverá razão para alarme com nada disto, pois não comprometerá a minha vida. Na quinta-feira de manhã estarei muito melhor, serei até capaz de deixar a minha cama durante quase todo o dia; mas à noite, às cinco horas e meia, sofrerei outro ataque de hemorragia que será seguido por delírio. As noites de quinta e sexta-feira serão favoráveis, mas na sexta-feira à noite perderei a razão.»

Madame Hortense não disse mais nada e, sem acreditarmos explicitamente no que ela nos dizia, ficámos tão impressionados que não a interrogámos mais. Monsieur ***, contudo, muito comovido com o que a sua esposa declarara, e mais especialmente com as suas últimas palavras, perguntou-lhe com a mais intensa ansiedade se ela ficaria muito tempo delirante.

«Três dias», respondeu ela, com perfeita calma. Depois acrescentou, com a mais cativante doçura: «Não fiques alarmado, Alfred, não ficarei privada da razão, nem morrerei; sofrerei, isso é tudo.»

Madame H*** foi despertada e, como de costume, não manteve recordação de nada do que se passara durante o seu sono. Quando fiquei a sós com Monsieur ***, recomendei-lhe expressamente que guardasse segredo, especialmente com a sua esposa, sobre os acontecimentos que, embora provavelmente quiméricos, podiam, contudo, ter o efeito de lhe causar grande dor se deles fosse informada, e dos quais, por outro lado, era da maior importância mantê-la ignorante, pelo interesse da ciência. Monsieur *** prometeu tudo, e conheço o seu caráter o suficiente para afirmar positivamente que cumpriu a sua promessa. Relativamente a mim próprio, notei cuidadosamente todas as circunstâncias que Madame Hortense *** tinha previsto; e no dia seguinte aproveitei a oportunidade para as comunicar ao Dr. A. Latour, que ficou muito divertido com a minha confiança.

Devo reconhecer que uma espécie de vergonha me impediu de comunicar os meus pensamentos sobre este ponto a qualquer pessoa séria; receava que me tomasse por um tolo. É por esta razão que não posso agora dizer se foi antes ou depois de o evento se realizar que o mencionei ao Dr. Frapart; mas isto sei eu, que me envergonho agora de ter sentido vergonha na altura, e que lamento muito não ter chamado um maior número de testemunhas em apoio de um facto tão extraordinário como o que passo a relatar.

Tendo chegado a fatal terça-feira, o susto de Madame H*** era a única coisa que me ocupava a atenção. Quando cheguei a casa da senhora, ela estava a tomar o pequeno-almoço na companhia do seu marido, e parecia-me no melhor estado de saúde possível.

«Meus bons amigos», disse eu ao entrar, «estou ao vosso serviço durante este dia até à noite, se não vos incomodar. O meu trabalho é aqui», sussurrei ao ouvido do marido; ele compreendeu-me prontamente.

«Seja bem-vindo», respondeu Madame Hortense, «mas com uma condição, e essa é a de que não fale muito sobre magnetismo.»

«Madame, não falarei disso de todo se consentir em adormecer para mim apenas dez minutos.»

«Oh! Senhor, o que me promete vai custar-lhe tanto que não posso recusar ser-lhe agradável até esse ponto; por isso, como aprecio a grandeza do sacrifício, concedo-lhe um quarto de hora completo.»

Após uma curta meia hora de conversa deste modo, estando o pequeno-almoço concluído, Madame Hortense *** foi magnetizada e adormeceu em menos de um minuto.

«Como passa, madame?»

«Muito bem, senhor, mas não passará por muito tempo.»

«Como assim?»

Madame *** repetiu então a sua frase solene de sexta-feira, a saber: «Entre as três e as quatro horas apanharei um susto com alguma

coisa, — terei uma queda; o resultado será uma hemorragia abundante», etc.

«Mas qual é o objeto que lhe causará o susto?»

«Não sei nada disso.»

«Mas onde é?»

«Não sei nada disso.»

«Então, madame, se o que diz se realizar, teremos de admitir uma fatalidade nos acontecimentos que lhe sucedem.»

«Sim, senhor, como na maioria daqueles que sucedem a todas as pessoas.»

«Não há meio de nos retirarmos desta fatalidade?»

«Nenhum.»

«Esta noite, madame, serei capaz de a contradizer.»

«Esta noite, senhor, o senhor estará muito alarmado com a minha saúde, pois estarei muito doente.»

A isto não tinha no momento qualquer resposta a fazer; era necessário esperar, e esperei. Madame Hortense, tendo acordado poucos minutos depois, não se lembrava de nada, e a sua fisionomia, tornada algo sombria pelas visões do seu sono, recuperou toda a sua serenidade habitual. Pouco antes de adormecer, conversa e graceja connosco sem quaisquer pensamentos do passado, e retoma o curso das suas piadas vivazes, que lhe são tão naturais e de que é tão capaz. Pela minha parte, estava num estado de espírito não facilmente descritível; estava perdido em conjeturas, em hipóteses, em suposições que faziam a minha fé vacilar de vez em quando, — duvidava de tudo — duvidava de mim próprio.

Contudo, como era ainda apenas meio-dia, saí por um momento com Monsieur ***, mas regressámos muito antes das três horas. A saúde de Madame *** era sempre a mesma, e teria sido impossível para o observador mais astuto descobrir quaisquer sinais de uma

alteração próxima. Ao regressarmos, a senhora cantava alegremente uma das canções de Mademoiselle Puget, fazendo uma pequenina touca para o bebé de que se dizia então estar grávida. O seu marido e eu próprio sentamo-nos ao seu lado e, inteiramente determinados a não nos afastarmos dela novamente por um momento, observamos até os seus mais ligeiros movimentos.

Fechamos as janelas por medo de que qualquer acidente a ocorrer na rua ou nas casas vizinhas viesse realizar a profecia; na verdade, se a campainha tocava, era um de nós que ia à antecâmara para receber a pessoa, para que o visitante, com efeito, não fosse alguma pessoa assustadora. «Temos a aparência de estar a jogar com o diabo», diz-me Monsieur ***; «mas se ele ganhar desta vez será muito destro.» Parecia, na verdade, difícil que ganhasse. E bem, conselho os meus leitores a nunca jogarem alto com tal parceiro, pois o diabo ganhou.

Passava um pouco das três horas e meia. Madame Hortense, que estava espantada com as pequenas atenções que via ser-lhe prestadas por todo o lado, e que não conseguia sondar o segredo das nossas precauções, disse-nos, ao levantar-se do sofá onde a tínhamos feito sentar:

«Permitem-me, senhores, retirar-me por um minuto da vossa solicitude tão ansiosa e inexplicável?»

«Para onde diz que vai, madame?», exclamei eu, com um ar de ansiedade que não podia ocultar bem.

«Meu Deus! Senhor, o que se passa consigo? Supõe que tenho intenções de cometer suicídio?»

«Não, madame, mas...»

«Mas o quê?»

«Sinto que sou indiscreto, mas é a sua saúde que me interessa.»

«Então, senhor», responde ela, com um sorriso, «uma razão adicional para me deixar sair.»

O motivo era evidentemente plausível e não podíamos bem perseverar. Contudo, Monsieur ***, que desejava levar a matéria até ao fim, diz à sua esposa:

«E bem, minha querida, permites-me acompanhar-te até lá?»

«O quê! É uma aposta então?»

«Precisamente, madame, uma aposta entre si e mim, e que certamente ganharei, embora tenha jurado fazer-me perder.»

Madame Hortense olha para nós alternadamente e continua sem conseguir adivinhar o que andamos a fazer.

«Uma aposta entre nós ambos!», repete ela. «Vamos, não consigo perceber, — mas não importa, veremos.»

Pega no braço do seu marido e sai rindo alto.

Eu também me rir, e contudo sentia uma espécie de pressentimento de que o momento decisivo tinha chegado. Esta ideia ocupava tanto a minha mente que não pensei em reentrar no quarto durante a ausência deles, e permaneci à porta da sua antecâmara. De repente, ouve-se um grito estridente e o ruído de um corpo que caiu. Corro; à entrada da retrete, Monsieur *** segura a sua esposa com todas as aparências de estar a morrer nos seus braços. Fora ela então quem gritara, e o ruído ouvido fora ocasionado pela sua queda. No momento em que largou o braço do seu marido para entrar na retrete, um rato, do qual ela tinha um horror incrível, num lugar onde não se via um há vinte anos, apresentou-se à sua vista e deu-lhe um susto tão grande e tão repentino que caiu para trás sem haver possibilidade de a suster.

Tal é o facto que ocorreu; juro-o pela minha honra.

O primeiro ponto da predição fora realizado, o restante cumpriu-se com a mesma exatidão. Madame *** teve o seu esgotamento, as suas dores, a sua hemorragia, o seu delírio, o seu dia de calma e os seus três dias de aberração mental. Nada faltou para a conclusão da profecia; nem a natureza dos fenómenos anunciados, nem a ordem

pela qual se sucederam uns aos outros. O Dr. A. Latour, e vários amigos de Monsieur ***, seguiram com profundo interesse as diferentes fases desta afeção milagrosa, da qual, graças a Deus, já não resta qualquer traço.

Quem ousaria, após tais factos, estabelecer limites àquilo que é possível e definir a vida humana?

Caso de Madame B.

O relato que vou agora dar está longe de ser tão interessante como o já dado. Contudo, o caso de Madame B., sem ser exatamente um caso de previsão externa, apresentou uma singularidade que me impressionou muito, a saber, um erro de tempo cometido por uma sonâmbula, uma espécie de asneira que raramente ocorre.

Madame B., embora de um temperamento nervoso e irritável, goza ainda assim de uma saúde razoavelmente boa, com exceção de alguns acessos de histeria epilética que a atacam ocasionalmente, e cuja frequência já foi consideravelmente diminuída pelo magnetismo. Ela diz ter cerca de trinta e três anos de idade, mas, como algumas pessoas dignas de crédito me disseram que essa era a sua idade há sete anos, concluí que teria cerca de quarenta, se não um pouco mais. Seja como for, foi no decorrer de abril passado que comecei a magnetizá-la. Após cerca de dez dias ela tornou-se lúcida, mas a sua lucidez nunca apresentou nada de muito notável. Mencionarei aqui apenas uma ocorrência:

A 3 de maio fui fazer a minha visita habitual a Madame B. Encontrei a senhora ocupada a limpar e a arrumar pratos de porcelana muito bonitos, pelos quais aproveitei a oportunidade para a cumprimentar. Esta atenção da minha parte lisonjeou-a muito e colocou-a em excelentes disposições magnéticas, das quais me apressei a tirar partido. Em dez minutos Madame B. estava em estado de sonambulismo.

Quando a senhora era magnetizada, nunca deixava de se desatar em mágoas e lamentações, com as quais não era matéria fácil evitar rir. Nunca consegui sequer uma vez fazê-la adormecer sem falar e,

especialmente, sem se queixar; depois o sono apoderava-se dela tão subitamente que muitas vezes não tinha tempo de terminar a frase que começara e, às vezes, até a palavra que estava nos seus lábios. Vinham depois alguns momentos de silêncio. A cabeça, no início descansando no peito, descansava depois num ou noutro ombro alternadamente; depois, subitamente, todos estes movimentos eram travados.

Madame B. compunha-se, atirava-se um pouco para trás, soltando dois ou três suspiros profundos, depois começava a falar com grande volubilidade e com um fanhoso áspero e nasal, inteiramente diferente do timbre da sua voz natural. A sua conversa era então igualmente muito extraordinária. Era composta por frases desarticuladas e inconsequentes, que frequentemente não tinham relação com as perguntas que lhe eram propostas, perguntas, contudo, a que ela começava sempre por responder. O seguinte diálogo servirá de exemplo:

«Dorme, madame?»

Nenhuma resposta. Repito a minha pergunta após alguns segundos.

«Dorme, madame?»

«Sim, mas não tenho sono.»

«Mas dorme?»

«Sou muito infeliz! Sempre doente!»

«Madame, não me responde.»

«O que quer que lhe diga?»

«Diga-me se sofre muito.»

«Sim, durmo, — já lhe disse isso, e gostaria de dormir sempre.»

«Porquê?»

«É pavoroso estar como estou.»

«Como está então?»

«Desgraça sobre desgraça! É o que me está a acontecer.»

«E bem, madame, é tudo culpa sua.»

«Deveras!»

«Empregue toda a sua energia para se convencer de que é a mulher mais feliz que existe, e sê-lo-á por fim.»

«Acha que sim?»

«Nem uma dúvida sobre isso.»

«Devo, suponho eu, convencer-me de que estou entre os anjos quando os meus acessos me dão! Oh! Meu Deus! Meu Deus! Que bichos são estes homens de espírito!»

«Lisonjeia-me, madame.»

«Ainda por cima, para que tinha eu de lhes tocar!»

«Tocar em quê?»

«Nesses pratos odiosos.»

«O que é que eles lhe fizeram?»

«Fizeram-me partir um deles.»

«É uma pena; contudo a perda não é tão grave que se deva afligir tanto por causa disso.»

«Deveras! Segundo o senhor dever-se-ia rir se a casa estivesse a arder?»

«Não disse isso, madame, mas...»

«O que é feito do meu marido, então?»

«Realmente não sei.»

«Ah! Coitado!»

«Sente-se assim em relação a ele?»

«Ah! O bêbado! Esse homem, senhor, vai destruir-nos com a sua bebida.»

«Diga antes que ele a vai beber até ao fim.»

«Disse o que disse.»

Madame B. continuou durante alguns minutos no mesmo tom, falou-me um pouco relativamente à sua doença, e acordou pela mera influência da minha vontade, uma coisa que lhe acontecia já há vários dias.

«E bem, madame», disse-lhe eu então, «quando a felicitei pelo bom gosto demonstrado na sua porcelana, foi bastante involuntariamente que a incomodei, pois não sabia que tinha partido um dos seus pratos.»

«Parti um dos meus pratos!», exclamou ela, com uma expressão inimitável de terror; «Deus me livre de tal coisa! Valho mais aos meus pobres pratos do que aos meus próprios olhos.»

«De facto, madame, pude ver isso mesmo; mas ainda assim a coisa ocorreu.»

«O que é isso que diz?»

«Repito o que disse.»

«Eu disse...»

«Alguém mais além de si cometeu essa asneira, mas...»

«Ninguém lhes tocou a não ser eu própria, e terá uma prova disso.»

«Um, dois, três, quatro», etc. Madame B. conta e re-conta os seus pratos até aos doze, e não falta nenhum.

Isto pareceu-me estranho; na verdade, suponho que alguma circunstância particular deve ter ocasionado esta anomalia magnética. Deixei Madame B. na sua ocupação e despedi-me dela.

Ora, mal tinha descido metade das escadas que conduziam do seu apartamento para a rua quando o som de uma peça de louça que se partiu por cair no chão acima da minha cabeça me bateu no ouvido.

Regresso imediatamente para cima e encontro Madame B. num mar de lágrimas.

Um dos seus valiosos pratos acabava de lhe escorregar das mãos. No seu sono, Madame B. tinha tomado o futuro pelo passado.

5. Da Penetração do Pensamento

A faculdade singular de que certos estáticos, e um pequeno número de sonâmbulos, estão dotados de penetrar nos pensamentos das pessoas que os rodeiam antes de estes pensamentos terem assumido uma forma sensível, é uma daquelas que têm excitado a maior quota-parte de incredulidade. Contudo, mesmo antes de a observação direta me ter convencido da existência desta faculdade, os testemunhos que vão no sentido de a estabelecer são tão numerosos, e parecem-me tão respeitáveis, que me senti antes disposto a acreditar nela. Na verdade, desde a Idade Média, ao tempo daquelas epidemias de êxtases, que o Professor Andral foi o primeiro a considerar sob um ponto de vista verdadeiramente filosófico ao alinhá-las no número dos factos patológicos; desde o tempo dos convulsionários e dos possessos, a comunicação do pensamento era um facto admitido, a tal ponto que constituía o caráter patognomónico da *posse*, e não era permitido proceder a exorcismos antes de a sua existência ser verificada. O Padre Surin, quando encarregado de recapitular as provas da posse das religiosas ursulinas de Loudun, apresenta-nos uma das mais indiscutíveis, a de que elas diziam os pensamentos mais secretos.

«No dia seguinte à minha chegada», escreve este cândido eclesiástico, «estava no exorcismo um homem que me expressou o desejo de ver se o demónio conhecia os nossos pensamentos. Disse-lhe para formar uma ordem na sua mente e, depois de a ter feito, pressionei o demónio a fazer aquilo que o homem lhe tinha ordenado; depois de ter recusado por algum tempo, ele foi pegar no altar à caixa onde estava o Evangelho de S. João, e este homem declarou positivamente que tinha ordenado na sua mente ao demónio que mostrasse o último evangelho que tinha sido dito na missa.

Um dos nossos padres, desejando experimentar se era verdade que o demónio conhece os nossos pensamentos, formou outra ordem no seu peito para o demónio, que estava de serviço, e depois formou outra, — numa palavra, no espaço de um instante, formou cinco ou seis ordens e, revogando-as uma após a outra, atormentou o demónio dizendo: *obediat ad mentem*. O demónio repetiu em voz bem alta todas as ordens que este padre tinha formado na sua mente para ele. Começou na primeira, depois disse: 'Mas o senhor não deseja isso.' Estando na sétima, disse: 'Veremos se executaremos isto', onde por fim fixou.»

Num caso comunicado por M. Barrier, um médico de Privas, ao Dr. Foissac, o sujeito do mesmo era uma jovem estática, chamada Euphrosine, que possuía tão perfeitamente o dom de adivinhar os pensamentos da pessoa com quem por acaso estava que facilmente mantinha uma conversa muito bem articulada, na qual um dos interlocutores falava apenas mentalmente.

«Aquando da minha segunda visita», diz M. Barrier, «encontrei Euphrosine, com o seu corpo a formar o arco de um círculo, no meio do seu quarto. Descansava no chão pelos calcanhares e pelo topo da sua cabeça; mais de vinte pessoas estavam em redor dela; todas observavam o mais religioso silêncio. Aproximei-me, cheguei-me para junto dela e desejei os bons-dias à doente, travando cuidadosamente a minha língua e lábios.

«'Bons-dias, Monsieur Barrier', respondeu ela.

«'Quando virá a La Voulte?'

«'Assim que for..."

«Virei-me para a mãe e disse-lhe:

«'A sua filha adivinha os pensamentos, coloque-se em contacto com ela e tente.' Logo ouvimos Euphrosine pronunciar estas palavras: 'A Alissas.' Um momento depois, repetiu, de forma vivaz: 'Não, a Alissas, já lhe disse.' Madame Bonneau tinha proposto à sua filha ir no dia seguinte a Cous para passear com ela; da segunda vez que

pressionou o mesmo local para um passeio, uma amiga dela colocou-se em contacto com ela e logo colhemos estas palavras: 'Eh! Tola, pensas que não sei que tens de ir a Vernoux?'

A amiga empalideceu, mas recomeçou as suas perguntas. 'Não, é muito longe disso', respondeu Euphrosine. Esta senhora declarou-nos que tinha dito à doente, mentalmente, que tinha de fazer no dia seguinte a viagem a Vasence, e que executaria as suas encomendas se ela tivesse algumas para lhe dar; à sua segunda pergunta, perguntou-lhe se encontraria o seu marido em Vernoux. Três ou quatro dias depois, encontrei esta pessoa em Vernoux; ela vem ter comigo e, com um ar aterrorizado, falou-me da ausência do seu marido. Vem então um carreiro e imediatamente ouvimos as palavras: 'Não, a La Voulte.'

Este homem tinha-lhe proposto levá-la a Aubenas. A maior parte dos presentes dirigia-lhe perguntas mentais; ela respondia com firmeza e instantaneamente com a maior precisão. Algumas crianças também quiseram fazer tentativas, mas ela mandou-as embora com bom humor, chamando a cada uma pelo nome.»

Casos semelhantes ao que agora se expôs são, sem dúvida, muito numerosos nos anais das ciências médicas, e poderíamos facilmente apresentar provas disso se não tivéssemos receio de aumentar a nossa obra com demasiadas citações; mas uma matéria que nos importa observar é que, unicamente à existência desta faculdade de penetração mental, se deve referir a suposição, outrora afirmada por exorcistas e magnetizadores, a saber, a de que os possuídos de uns, e os sonâmbulos dos outros, entendiam todas as línguas.* Teremos oportunidade, noutro momento, de voltar a este assunto.

A comunicação de pensamentos observa-se menos frequentemente nos sonâmbulos magnéticos do que nos extáticos; e, no entanto, o que é algo notável, é uma das primeiras faculdades notadas pelos magnetizadores do tempo de Mesmer, que a estabeleceram como um traço característico do sono magnético.

** Lemos na Demonomanie de Loudun: — «O Sr. Launay de Barille, que tinha residido na América, deu testemunho de que, numa*

viagem que fez a Loudun, tinha falado às religiosas na língua de certos selvagens desse país, e que elas lhe responderam muito prontamente.

»O Bispo de Nimes, tendo feito perguntas em grego e alemão, foi respondido em ambas as línguas.

»O Bispo de Nimes ordenou à Irmã Claire, em grego, que levantasse o seu véu e beijasse a grade num local que mencionou; ela obedeceu-lhe e fez várias outras coisas que ele desejou, uma circunstância que fez o bispo declarar, publicamente, que devia ser um ateu ou um tolo quem não acreditasse na posse.

»Alguns médicos interrogaram-nas também em grego sobre alguns termos da sua ciência, que eram muito difíceis, e conhecidos apenas pelos eruditos entre eles, — elas deram uma explicação clara deles.

»Alguns cavalheiros da Normandia certificaram por escrito que tinham questionado a Irmã Claire de Sarelly em turco, espanhol e italiano, e que ela lhes respondeu muito prontamente.»

Assim, lemos na carta do Marquês de Puységur, parcialmente transcrita na nossa introdução, que ele fez o camponês Victor dançar na sua cadeira ao cantar-lhe uma ária mentalmente.

Pela minha parte, vi apenas um número muito pequeno de sonâmbulos que estivessem dotados desta faculdade; vi, no entanto, alguns, e, entre os magnetizadores modernos, vários escritores respeitáveis citam também instâncias disso.

Alexandre Bertrand, entre outros, relata,* que, ao desmagnetizar a primeira sonâmbula que alguma vez teve oportunidade de observar, teve um dia, ao mesmo tempo, o desejo determinado de que ela não acordasse. Movimentos convulsivos foram imediatamente observados na sonâmbula.

«O que tem?», disse-lhe o magnetizador.

«Por que razão», respondeu ela, «me diz para acordar, e não deseja que eu acorde?»

O Sr. Bertrand cita novamente na mesma obra† o exemplo de uma pobre mulher, inculta, nem sequer sabendo ler, e que, no entanto, era capaz, num estado de sonambulismo, de compreender o significado de palavras cuja significação lhe era totalmente desconhecida no seu estado de vigília. Esta mulher explicou-lhe, da maneira mais precisa e engenhosa, o que se entendia pelo termo *encéfalo*, que ele lhe propôs, — «Um fenómeno», acrescenta Bertrand, «que, se as pessoas não quiserem ver nele um acaso tão difícil, talvez, de ser admitido como a faculdade que supõe, só pode ser explicado reconhecendo

** Traité du Somnambulisme. Paris, 1823. P. 247. † P. 729.*

que esta mulher lia nos meus próprios pensamentos a significação da palavra sobre a qual a questionava.»

Terminaremos o que temos a dizer sobre a penetração do pensamento pelo caso de Callixte, um indivíduo que o Sr. Ricard magnetiza publicamente no seu curso há alguns anos.

Caso de Callixte.

A 7 de junho de 1840, dirigi-me, às duas horas da tarde, à casa do meu amigo Dr. Frapart, para estar presente numa sessão de magnetismo que o Sr. Ricard teve a bondade de nos dar. O número dos convidados era muito considerável; pois, à minha chegada, encontrei o salão do Sr. Frapart repleto de mais de sessenta pessoas, a maioria delas não relacionadas com a profissão médica, entre as quais, no entanto, notei alguns médicos bem conhecidos, pessoas incrédulas, cujos nomes, no entanto, não mencionarei, uma vez que não me autorizaram a fazê-lo.

A sessão começou a um quarto depois das duas por diferentes experiências intentadas num jovem sonâmbulo, que o Sr. Ricard vinha magnetizando há apenas alguns dias. Estas experiências não tiveram êxito, uma matéria que não me espantou de todo, pois nunca esperaria

que a lucidez de um sonâmbulo pudesse resistir à atmosfera quente e contaminada de uma sala de tamanho médio, na qual sessenta indivíduos respiram e pensam.

A vez de Callixte vem a seguir; ele foi magnetizado a cerca de um quarto para as três. É um jovem, de cerca de vinte anos de idade, de uma constituição toleravelmente boa, provido de um sistema muscular que faz honra ao magnetismo. No entanto, a sua fisionomia é mutável, inquieta, como que selvagem, e a sua marcha habitual evidencia em toda a sua pessoa uma irritabilidade de modo algum comum.

Magnetizado, pela primeira vez, há cinco anos, foi posto a dormir e tornou-se lúcido desde a primeira sessão, tornando-se, em muito pouco tempo, um dos indivíduos mais notáveis que vimos. Até ao presente momento, segundo o relato do Sr. Ricard, nem a interrupção de um único dia ocorreu na sua lucidez. Callixte, então, é um desses sujeitos raros e valiosos sobre os quais a ciência pode trabalhar com confiança para vantagem da sua disseminação.

Posto a dormir em poucos minutos pelo Sr. Ricard, e os seus olhos cobertos com uma venda aplicada por um espectador incrédulo e por mim mesmo, isto é, com uma daquelas vendas que não poderiam deixar esperança de engano, Callixte começa por formar várias partidas de cartas com as pessoas da assistência que acharam por bem oferecer-se. Podemos observar que as cartas são novas, que acabaram de ser compradas e que, para maior regularidade, fomos solicitados a fornecê-las nós próprios.

Toda esta precaução não impede Callixte de ganhar ao seu adversário. A rapidez com que joga é incrível, a tal ponto que espantaria qualquer pessoa, mesmo se observada num homem inteiramente acordado e com os seus olhos escancarados.

«Senhor, proponho. Consente?»

«Três cartas, e só vai tirar duas; pois aí está aquela que vai deitar fora.» E ele nomeia as cartas.

Noutra ocasião, antes de o seu adversário ter tempo de olhar para o seu jogo, e enquanto ainda o segura firmemente na sua mão, Callixte atira o seu sobre a mesa, dizendo: «Senhor, *jogo sem propor*, e o senhor perdeu, pois tem tais e tais cartas na sua mão.» Nem se enganou em única ocasião alguma.

Ele joga quatro partidas uma a seguir à outra, com a mesma destreza ou o mesmo sucesso, para grande admiração da assembleia, que se levanta e o aplaude, pensando, sem dúvida, que estava presente numa representação de Conus ou do Sr. Comte; mas lembremos aos nossos leitores que o nosso ilusionista tem as suas pálpebras cobertas com algodão cardado e, sobre este, um lenço espesso. Neste caso temos, como se pode facilmente adivinhar, um fenómeno de visão através de corpos opacos, e que, embora notavelmente desenvolvido, não vai, contudo, ao ponto de lhe permitir ler.* Mas venhamos às experiências que nos fizeram introduzir este caso aqui.

Num grande número de pequenas cartas estavam escritos previamente os diferentes movimentos que as pessoas presentes podem fazer o sonâmbulo executar, apresentando ao magnetizador as cartas que expressassem o seu desejo. O Sr. Ricard, após esta simples advertência, repetida de cada vez: *Callixte, meu amigo, presta atenção, vou falar-te*; lê mentalmente a frase, ou frases, que lhe acabavam de ser apresentadas, não adiciona uma palavra, não faz gesto algum, e Callixte, que tem constantemente a venda posta, obedece ao seu pensamento.

a. A primeira carta apresentada ao Sr. Ricard contém esta frase: *Que o sonâmbulo levante, ao mesmo tempo, as suas duas pernas.* O magnetizador, após a sua advertência habitual, prossegue, mas Callixte não compreende; as suas extremidades inferiores são agitadas por diferentes movimentos, mas os seus pés não saem do chão.

b. A segunda carta continha esta frase: *Que o sonâmbulo levante o braço esquerdo.* A ordem mental é dada; Callixte executa-a e levanta mecanicamente o braço esquerdo, dizendo, com um tom de impaciência, que não compreende.

c. A terceira carta: *Que o sonâmbulo se levante, dê quatro passos e toque com a sua mão direita no peito do seu magnetizador.* O mesmo procedimento da parte do Sr. Ricard; Callixte reflete um instante, levanta-se, caminha, contando os seus passos, hesita alguns segundos, depois termina por completar a execução da ordem misteriosa que recebeu.

d. Callixte está sentado na extremidade da sala, de tal modo que nos dá as costas; um órgão vai tocar uma ária na antecâmara, e o Sr. Ricard diz-me: «Quando me fizer o sinal, o sonâmbulo marcará o compasso da ária que vai ser executada, e deixará de o marcar quando me expressar o desejo de que o faça por outro sinal.» Estando isto acordado, o órgão começa; faço um sinal ao Sr. Ricard, e Callixte marca o compasso; alguns minutos depois, faço o meu segundo sinal, e Callixte deixa de marcar o compasso. Recomeço, ele recomeça; quero que ele pare novamente, e ele para; mais rápido do que o relâmpago o meu pensamento voa de mim para o magnetizador, e do magnetizador para o sonâmbulo.

e. Eu próprio tiro ao acaso três das cartas de um chapéu onde estavam misturadas; o seu sentido unido forma esta frase: *Que o sonâmbulo se levante, suba para uma cadeira e se deixe cair para trás nos braços do seu magnetizador.* As cartas sendo apresentadas ao magnetizador, Callixte levanta-se, suba para uma cadeira, hesita, depois deixa-se cair de uma só vez nos braços do Sr. Ricard, que se julga derrubado pela violência do choque.

Estes são os factos tal como ocorreram, sem qualquer alteração, exagero ou adição da minha parte; cinquenta e nove pessoas estariam lá para me convencerem de uma mentira se eu agisse de outro modo. Já sei que consequências os leitores desinteressados retirarão deles. No que diz respeito aos homens da medicina, a maioria deles não acreditará neles, porque, como não os compreendem, tudo é ou ilusão própria ou uma ilusão deles. Explicar factos comuns, como explicam tudo, e negar factos extraordinários, esse é o seu sistema eterno, o círculo vicioso em redor do qual a sua incredulidade tem vindo a correr nos últimos sessenta anos.

6. Transposição dos Sentidos.

Quando os casos das suas famosas catalépticas, que viam, sentiam, provavam e ouviam pelo estômago ou pela ponta dos dedos, foram encontrados nas obras de Petetin,* este médico, que durante toda a sua vida tinha gozado de uma reputação bem merecida, já não era considerado senão um mero visionário.

** Jacques-Henri-Désiré Petetin, nascido em Lons-le-Saunier em 1784, e falecido em Dijon em 1808. As obras aludidas são: Mémoire sur la catalepsie, em 12, 1787; L'Électricité animale prouvée par la découverte des phénomènes physiques et moraux de la catalepsie hystérique et de ses variétés; et par les bons effets de l'électricité artificielle dans le traitement de ces maladies. Lyon, 1808, em 8.*

No entanto, testemunhos ulteriores restituíram em breve à estima dos eruditos a memória injustamente depreciada deste prático reto e distinto; pois os indivíduos afetados de êxtase ou catalepsia, e apresentando, como aqueles cuja história ele nos deixou, a transposição de certas funções orgânicas externas, tornaram-se em breve tão numerosos que se tornou necessário admitir, pelo menos, a possibilidade destas prodigiosas anomalias, ou acusar de impostura homens de inegável boa-fé. Nos dias de hoje, dificilmente passa um ano sem que a Academia Real de Medicina não tenha de dedicar a sua atenção, quer diretamente, quer após algum relatório ter sido feito sobre o assunto, a questões semelhantes às que estão agora sob consideração. Estamos prestes a colocar diante dos olhos dos nossos leitores uma das últimas comunicações do Sr. Despine, o velho, inspetor das águas minerais de Aix, na Savoia.*

«Tenho presentemente na minha casa uma jovem do campo, de dezasseis anos de idade; o seu nome é Sophia Laroche, de Virieu, a famosa taumaturga dos arredores de Grenoble, sobre quem os jornais fizeram tão grande barulho em 1834. Esta rapariga tornou-se sonâmbula aos oito anos de idade, após um susto; está paralisada do

topo da espinha até aos dedos dos pés, e assim, durante quatro anos, não deixou a sua cama desde o 1.º de janeiro de 1834.

As crises durante este lapso de tempo variaram muito; e é a fim de estudar este caráter, e de comparar os fenómenos que apresentam com aqueles que observei noutros doentes, que tomei Sophia a meu cargo para a tratar. Fiz isto gratuitamente, porque ela pertence a uma família muito pobre e era incapaz de custear as despesas da mudança; fui também obrigado a trazer para Aix, juntamente com ela, a sua mãe e uma irmã mais nova, sem as quais ela não teria vindo.

»Esta pessoa, quando está na crise, *ouve, vê, lê, sente, prova e toca*, por meio dos pés e das mãos. Vi-a fazê-lo em Virieu, e vejo o mesmo aqui todos os dias. O meu filho também viu alguns destes fenómenos em Virieu; o que ele viu pode capacitá-lo a julgar o resto. O Sr. Dr. Mercier de Coppet, médico da escola de Paris, e médico das famílias Girod de l'Ain, de Staël, de Broglie (que podem dar testemunho da capacidade, integridade e bom juízo que ele possui em física e medicina); o Sr. Dr. Mercier, digo eu, viu estes fenómenos, assim como eu próprio, e comigo; ele próprio os viu sem mim também. O mesmo se pode dizer dos Drs. Rome, Eymard (Sylvain), Raymond (Asphée), do Sr. Pagès, antigamente sub-prefeito de Tour-du-Pin, e de mil outros.»

Em razão da posição que ocupa e das delicadas experiências a que se tem dedicado com tanta paciência, o Sr. Despine possui um grande número de casos semelhantes ao que acaba de ser lido; mas há poucos deles que possuam tanto interesse como os que nos foram deixados por Petetin. Nada pode ser mais estranho ou mais divertido do que a maneira pela qual este último descobriu a existência da faculdade agora sob consideração.

A Sra. ***, durante um dos seus ataques de catalepsia, tendo começado a cantar, no início com uma voz fraca e depois com uma voz forte, uma arieta de execução algo difícil, com todo o gosto imaginável, os seus parentes fizeram esforços inúteis para a fazer ouvir; ela estava totalmente insensível ao ruído e até às picadelas.

** Bulletin de l'Académie royale de Médecine. Sessão de 10 de abril de 1838; t. ii. p. 631.*

À conclusão, a doente ficou muito oprimida e vomitou uma grande quantidade de sangue vermelho e espumoso. Tendo-se sobreposto convulsões e delírio, Petetin mandou mergulhá-la num banho de gelo; alguns minutos depois a calma foi restabelecida, a sua razão regressou, e a Sra. *** declarou que se encontrava aliviada, e que a dor intensa que tinha sentido no estômago tinha desaparecido completamente. Após vinte e dois minutos ela sentiu um calafrio, foi tirada do banho e posta na cama; mas, contrariamente às instruções de Petetin, aqueceram a cama. Assim que ela foi para a cama, a sua fisionomia ficou ruborizada, sentiu dois choques convulsivos no braço e caiu novamente num ataque de catalepsia.

Ela pôs-se a cantar, como de manhã; embora, para a impedir de o fazer, a tivessem colocado nas posições mais dolorosas, os braços levantados e estendidos para a frente, o corpo dobrado para a frente, a cabeça nos joelhos. Provando tudo isto ser inútil, e sofrendo a doente muito, Petetin determinou atirá-la sobre o seu travesseiro; mas, ao tentar fazê-lo, o braço da cadeira em que estava sentado caiu debaixo dele, e ele caiu meio inclinado sobre a cama, gritando, ao mesmo tempo: «É muito lamentável que eu não possa impedir esta mulher de cantar.»

«O quê, Doutor», respondeu ela, «não fique zangado, não cantarei mais!»

No entanto, escassos momentos depois, ela retomou a sua canção exatamente na parte onde tinha parado, nem podiam os gritos lançados ao seu ouvido produzir a menor interrupção. Parecia certo que a doente tinha ouvido; mas como ela já não ouvia, Petetin determinou colocar-se novamente na posição em que tinha estado previamente, levantou as roupas, aproximou-se do estômago dela, gritando com uma voz toleravelmente alta:

«Minha senhora, estará sempre a cantar?»

«Ah! que mal me fez!», disse ela; «imploro-lhe, fale mais baixo!»

Ao mesmo tempo, ela levou as suas mãos lentamente ao seu estômago; ele baixou a sua voz e perguntou-lhe como tinha ouvido:

«Como todo o mundo ouve!»

«Contudo, é sobre o seu estômago que lhe falo.»

«É possível?»

Ela suplicou-lhe que dirigisse algumas perguntas aos seus ouvidos, mas não respondeu quando ele o fez, nem mesmo quando empregou um megafone para aumentar a sua voz. Ele dirigiu-se novamente ao estômago dela e perguntou-lhe, em voz baixa, se tinha ouvido: «Não», disse ela, «sou muito infeliz!» Alguns dias depois, Petetin certificou-se de que o sentido da audição não era o único que estava transferido para o estômago, uma vez que a fez provar algum pão e leite colocando-os no epigástrio; ele também a fez nomear várias cartas colocando-as na mesma região.

Já não era, então, uma matéria de dúvida que a transposição dos sentidos era um facto real num grande número de extáticos, e a evidente relação existente entre o sonambulismo e o êxtase deve levar a presumir que em breve veríamos alguns sonâmbulos também dotados desta faculdade. E esta mesma circunstância ocorreu; e embora factos desta natureza sejam ainda poucos nos registos da ciência, as experiências que o Sr. Filassier detalhou na sua tese inaugural, e aquelas, mais especialmente, do Sr.

Professor Rostan,* não deixam dúvida sobre este ponto. «Eis uma experiência», diz o Professor Rostan, «que tenho repetido frequentemente, mas que fui finalmente obrigado a descontinuar porque afligia muito a minha sonâmbula, que me disse que se eu a continuasse ela ficaria louca. Esta experiência foi realizada na presença do meu colega e amigo, o Sr. Ferrus, que julgo correto mencionar aqui, porque o seu testemunho deve ser do maior peso. Ele tomou o meu relógio, que coloquei a três ou quatro polegadas atrás do ocipício; perguntei à sonâmbula se via alguma coisa.

»'Certamente, vejo algo que brilha; incomoda-me.'

»A sua fisionomia era expressiva de dor, como a nossa de espanto. Olhámos um para o outro, e o Sr. Ferrus, quebrando o silêncio, diz-me que, uma vez que ela via algo brilhar, deveria certamente declarar o que era.

»'O que é que vê brilhar?'

»'Ah! não sei, não lhe posso dizer.'

»'Olhe atentamente.'

»'Espere, — isso cansa-me, — espere' (e após um momento de atenção) — 'é um relógio.'

»Uma nova causa de surpresa.

»'Mas se ela vê que é um relógio', disse o Sr. Ferrus, 'verá certamente que horas são.'»

«— Poderia dizer-me que horas são?

»— Oh, não; é demasiado difícil.

»— Preste atenção, esforce-se e faça-o.

»— Espere, vou tentar. Provavelmente direi a hora, mas nunca serei capaz de ver os minutos.'

** Artigo: Magnétisme do Dictionnaire de Médecine. 18 vols. Paris, 1825.*

E após se ter esforçado com grande atenção: 'Faltam dez minutos para as oito;' o que era precisamente a hora.

»O Sr. Ferrus quis repetir a experiência ele próprio, e fi-lo com o mesmo sucesso. Fez-me girar várias vezes o ponteiro do seu relógio, apresentámo-lo a ela sem o termos olhado; ela nunca falhou em dizer a hora corretamente. Noutra ocasião coloquei o relógio na testa: ela disse a hora corretamente, mas declarou os minutos erradamente, lendo como aditivos os minutos que eram subtrativos e reciprocamente; o que só pode ser atribuído a um menor grau de lucidez nesta parte, ou ao hábito que tínhamos adotado de colocar o mostrador atrás do occipício *(NT: Zona occipital).*

Seja como for, esta sonâmbula desconfiava tanto da sua clarividência, a qual, no entanto, ultrapassava qualquer uma que eu alguma vez tivesse testemunhado, que nunca lhe parecia possível ver aquilo que lhe era perguntado. Seria demasiado enfadonho relatar todas as matérias extraordinárias que ela me disse; o facto que acabo de mencionar é suficiente. Aqui está, pois, o poder de ver transferido para outros órgãos que não aqueles que estão encarregados dele no estado normal. Este facto eu vi, e fiz outros verem.»

Estas experiências do Sr. Rostan são realmente tão simples, que é impossível supor que este criterioso observador tenha sido ele próprio iludido por qualquer ilusão ou malabarismo. Na altura, pois, em que ele imprimiu o relato delas, invocando, em apoio da sua autenticidade, o testemunho do Dr. Ferrus, não havia absolutamente nada a fazer senão dizer-lhe isto: «Sr. Dr. Rostan, o senhor está a praticar uma impostura.» Mas as pessoas racionais não teriam deixado de perguntar a si mesmas: «Porquê, então, nos engana ele? Que interesse

pode ele ter em impingir-nos absurdos que não lhe trarão senão o ridículo? Se o que ele diz não é verdade, o homem deve estar louco.» Ora toda a gente sabe como é. Se estes filhos de Esculápio apenas encontrassem tempo para empregar um pouco de lógica, onde é que ela os não levaria?

Além disso, não deixa de ser certo que a transposição dos sentidos nos sonâmbulos magnéticos é um fenómeno muito raro; pela minha parte, nunca tive oportunidade de o testemunhar, e o Dr. Frapart declarou-me que nunca, em toda a sua vida, viu mais do que uma jovem sonâmbula que, com a cabeça voltada noutra direção, dizia os números de certos tubos homeopáticos colocados atrás dela, tocando-os com os dedos. Veu esta sonâmbula com os dedos? O Sr. Frapart assegura-nos que sim.

De certas outras particularidades notadas, ou supostas notadas, durante o Sonambulismo.

Lembramo-nos de como, pela intervenção claramente demonstrada de outra faculdade, a de penetrar os pensamentos dos

outros, provámos que as desgraçadas extáticas de Loudun eram capazes, sem saberem grego, nem latim, nem árabe, etc., de responder aos exorcistas que as interrogavam nestas línguas. Contudo, a superiora da comunidade respondia em latim, maltratando e esfacelando as palavras pelo seu modo de as pronunciar, e cometendo, diz-se, numerosos solecismos, que expunham o diabo a uma multidão de zombarias. Era, de facto, porque o diabo, sem contar os salmos e as antífonas que tinha aprendido na sua juventude, tinha tido frequentes comunicações com o diretor do convento, que, nas suas horas de lazer, ensinava um pouco de latim às suas queridas ursulinas; numa palavra, a pobre superiora lembrava-se, e não inventava; mas pode facilmente conceber-se como tais particularidades podiam impor-se a observadores creduladores e supersticiosos, a quem o espírito de imitação, juntamente com o medo de Satanás, com quem estavam convencidos de estar a lidar, fez mais do que uma vez ficarem possuídos por sua vez. Além disso, certos sonâmbulos acreditam realmente que expressam os seus pensamentos articulando uma sucessão de sons estranhos, de maior ou menor eufonia, mas não guardando qualquer semelhança com a sua língua natural.

Em primeiro lugar, estes casos são extremamente raros; e em segundo lugar, não se enganem as pessoas, as sílabas articuladas por estes sonâmbulos não formam as palavras de nenhum idioma falado. Toda a matéria é uma fantasia estranha, ou uma imperfeita desconexão entre o pensamento e os órgãos destinados a expressá-lo. Quantas coisas no magnetismo deixariam de nos parecer maravilhosas se apenas as pudéssemos compreender!

No que diz respeito aos erros a que a exaltação da memória pode dar origem, o mero acaso forneceu-me um exemplo impressionante disso. Tinha magnetizado uma jovem senhora que vivia na Rue d'Enfer, a qual, antes de ser posta a dormir, estava ocupada a preparar e a arranjar alguma renda. Entre as perguntas que lhe fiz no seu sono, deu-me na cabeça perguntar-lhe onde tinha arranjado essa renda. «É uma prenda da minha cunhada», respondeu ela; «uma prenda que me deu duplo prazer; pois» (acrescentou ela em italiano) «*dolce in ogni*

tempo è il benefizio; ma vie più dolce quando è accompagnato dalla sorpresa».

«Ah! a senhora entende italiano?»

«Sim, senhor», disse ela, sorrindo.

«Nem uma palavra, senhor! ela não entende uma palavra disso», gritou o Sr. ***, que me parecia quase pasmado por ver a sua senhora tão douta.

«A senhora, contudo, estudou esta língua?»

«Nunca! certamente nunca!»

Agora, enquanto o Sr. *** continuava a manifestar o seu espanto perante o conhecimento recém-adquirido da sua senhora, que sorria muito astutamente para ele, encontrei nas minhas reminiscências a explicação do enigma. De facto, a frase exótica com que a nossa sonâmbula intelectual tinha temperado a sua resposta não era nem uma inspiração do céu nem do inferno, mas meramente uma citação emprestada de uma pequena obra que se encontra nas mãos de toda a gente que começa a ler italiano.

O que é notável nisso é que a Sra. ***, quando acordou, era totalmente incapaz de traduzir esta frase, que ela certamente compreendia no seu sono, uma vez que a citou muito a propósito. Contudo, quando, no dia seguinte, a senhora foi novamente posta num estado de sonambulismo, comecei a falar-lhe em italiano; mas ela não me conseguiu compreender de todo, embora nos tivesse declarado no dia anterior que tinha estudado a língua durante vários meses.

Não é invulgar ver o sonambulismo assumir as formas de estados mórbidos bem conhecidos, estranhos, contudo, aos hábitos ordinários dos indivíduos que os apresentam. Nada mais comum, por exemplo, do que o sono magnético transformar-se num ataque de catalepsia. O mero nome desta afeição proferido perante a pobre Menina Clara D***, cujo caso já mencionámos, era bastante suficiente para lhe dar todos os sintomas dela. Os seus membros cediam então a todas as impulsões que lhes eram dadas, e continuavam até ao fim do ataque

nas posições mais dolorosas e fatigantes em que se podia fazê-los ficar.

Finalmente, o sonambulismo artificial degenera por vezes em êxtase místico. A alma do sonâmbulo, então transportada para as regiões da imaginação, rompe as suas cadeias terrestres e já não sente as emoções deste mundo inferior. Admitida na contemplação do Eterno, exulta na sua glória, conversa com os anjos e deleita-se nos concertos inefáveis dos serafins. Mas, infelizmente! a vontade inflexível do magnetizador em breve a traz de volta às tristes realidades do nosso miserável planeta, e, em poucos minutos, nada lhe restará da sua peregrinação celestial, nada — nem sequer uma lembrança.

Terminamos aqui os esboços que pretendíamos apresentar aos nossos leitores sobre o sonambulismo lúcido. Aos pormenores já lidos, muitos outros, ainda mais surpreendentes, poderiam ainda ser adicionados; mas creio realmente que o tempo ainda não chegou para contar tudo o que sabemos sobre este assunto. Contudo, concluirei este capítulo aqui, e, a fim de esgotar o assunto dele pela produção de um caso autêntico, mencionarei apenas um dos mais importantes que a história do magnetismo agora possui, e que reúne, com admirável concisão, todos os seus fenómenos mais extraordinários. É uma carta escrita no ano passado à Sagrada Penitenciaria, sob a direção do Sr. B. Bispo de Lausana. Ver-se-á noutro lugar que as condições sob as quais esta carta foi escrita excluem toda a suspeita, muito mais ainda do que o alto nome, a elevada posição e o caráter sagrado do seu autor: —

«Eminentíssimo Senhor,

»Vendo a insuficiência das respostas dadas, até ao dia de hoje, relativamente ao magnetismo animal, e sendo muito de desejar que os casos que tão frequentemente se apresentam possam ser decididos com mais certeza e mais uniformidade, o abaixo assinado faz a seguinte exposição a Vossa Eminência:

»Uma pessoa magnetizada, que é geralmente do sexo feminino, entra num tal estado de sono, ou sonolência, chamado *sonambulismo*

magnético, que nem o ruído mais forte feito nos seus ouvidos, nem a violência do ferro ou do fogo a podem tirar dele. O magnetizador sozinho, que obteve o seu consentimento (pois o seu consentimento é necessário), a faz cair nesta espécie de êxtase, quer por certos toques e gesticulações, feitos em várias direções, se ele estiver perto dela, quer por uma simples ordem interna, se ele estiver distante dela, mesmo a várias léguas de distância.

»Então, sendo interrogada viva voz, ou mentalmente, sobre a sua própria doença, ou sobre as doenças de pessoas ausentes, que lhe são absolutamente desconhecidas, esta pessoa magnetizada, embora notoriamente ignorante de tudo, encontra-se, no momento, dotada de um conhecimento muito superior ao dos médicos; dá descrições anatómicas de perfeita exatidão, aponta a causa, a sede, a natureza das doenças internas do corpo humano, as mais difíceis de serem conhecidas e de serem caracterizadas; detalha o seu progresso, as suas variações e complicações, tudo em termos apropriados; muitas vezes prevê a sua duração precisa e prescreve os remédios mais simples e mais eficazes para elas.

»Se a pessoa sobre quem o indivíduo magnetizado é consultado estiver presente, o magnetizador coloca ambos em correspondência por contacto. Se estiver ausente, uma mola do seu cabelo é meramente aproximada da mão do indivíduo magnetizado, este último diz o que é sem olhar para ela, também a quem pertence o cabelo, onde a pessoa de quem veio o cabelo está no presente momento, o que está a fazer; e com respeito à sua doença, dá todas as informações acima mencionadas, e isso com tanta exatidão como se um exame *post-mortem* do corpo tivesse sido feito.

»Por último, a pessoa magnetizada não vê pelos seus olhos.* Pode ter os olhos vendados e lerá qualquer coisa, mesmo sem saber ler,† um livro ou um manuscrito, que tenha sido colocado, aberto ou fechado, quer na sua cabeça quer no seu abdómen. É desta região também que as suas palavras parecem vir. Tirada deste estado por uma ordem, mesmo interna, do magnetizador, ou, por assim dizer, espontaneamente no instante anunciado por ela, parece ser

completamente ignorante de tudo o que lhe aconteceu durante o acesso, por muito longo que tenha sido; nada de tudo o que lhe foi perguntado, de tudo o que respondeu ou que sofreu deixou uma ideia no seu entendimento ou o mais leve traço na sua memória.

»É por esta razão que o escritor, vendo razões tão fortes para duvidar de que tais efeitos, produzidos por uma causa ocasional evidentemente tão pouco proporcionada, pudessem ser puramente naturais, suplica com a maior urgência a Vossa Eminência que tenha a bondade, na sua sabedoria, de decidir, para maior glória de Deus e maior vantagem das almas, tão caramente remidas por Nosso Senhor Jesus Cristo, se, supondo a verdade dos factos anunciados, um confessor, ou pároco, pode, sem perigo, permitir aos seus penitentes ou aos seus paroquianos,

»1. Praticar o magnetismo animal assim caracterizado, como sendo uma arte auxiliar e suplementar da da medicina;

»2. Consentir em ser lançado neste estado de sonambulismo magnético;

»3. Consultar pessoas assim magnetizadas, quer sobre si próprias quer sobre outras;

»4. Fazer uma destas três escolhas, com a precaução prévia de renunciar formalmente no seu coração a todo o pacto com o diabo, quer implícito quer explícito, e mesmo a toda a intervenção satânica, visto que, não obstante isto, algumas pessoas obtiveram do magnetismo os mesmos, ou, pelo menos, alguns efeitos.

»Por ordem do reverendíssimo Bispo de Lausana e Genebra,

»Eminentíssimo Senhor,

»De Vossa Eminência

»O mais humilde e mais obediente servo,

»Jac. Xavier Fontana,

»Chanceler da Chancelaria Episcopal.

»Friburgo, Suíça, Palácio Episcopal,

»19 de Maio de 1841.»

Do Acordar.

Se os sonâmbulos adormecessem instantaneamente* — se o seu acordar não fosse acompanhado por qualquer sensação especial e característica — o tempo do sonambulismo não seria para eles uma interrupção na sua vida real, mas antes uma real subtração de algumas horas, das quais não teriam consciência. É deste modo que as coisas se passam na catalepsia. Eu era muito jovem quando fiz esta reflexão pela primeira vez. Eis a circunstância que m'a sugeriu.

Na altura em que comecei os meus estudos no Colégio de Poligny, um dos nossos companheiros de escola, cujo nome era Achille ***, estava sujeito a ataques de catalepsia bastante frequentes, cuja duração nunca excedia alguns minutos. Era suficiente, contudo, para expor frequentemente o pobre rapaz ao ridículo dos seus camaradas («Esta idade é desprovida de piedade», diz La Fontaine); e nenhum de nós podia deixar de rir ao vê-lo, quer na recreação, quer no refeitório, quer em qualquer outro lugar, parar subitamente no gesto que tinha acabado de começar, e continuar como uma estátua na atitude em que o acaso o tinha colocado. Ora num dia de folga (e é provavelmente essa circunstância que me fez pensar tanto sobre o assunto da catalepsia) a nossa alegria custou-nos caro; pois o nosso companheiro incomodou-nos durante todo o estudo de uma manhã pelo escândalo que inocentemente causou na missa. Lembro-me ainda. Era numa quinta-feira. Achille estava então a desempenhar o cargo de sacristão pela sua vez na capela, enquanto o clérigo, que, diziam, ia tomar o pequeno-almoço à cidade nessa manhã, se apressava com o ofício divino com toda a rapidez possível.

Estou mesmo disposto a acreditar que o nosso bom abade, que era um guloso, involuntariamente misturou com a leitura dos cânones a deliciosa imagem de um banquete, pois foi uma bênção, visto que nos tinha roubado o *Gloria*, o Evangelho e o *Credo,* quando, para incómodo de todos nós, chegou o ofertório. Pareço ainda ver a

sofreguidão com que o nosso digno clérigo apresenta o seu cálice à galheta do sacristão, e este último, no meio da sua pressa, tropeçar nos degraus do altar. Finalmente ele está prestes a derramar a mistura sagrada. Mas não! — nada flui; pois o seu ataque apoderou-se dele.

O vinho na sua mão direita e a galheta na sua esquerda, ali está ele sem se mexer mais do que as estátuas de S. Nicolau e S. Cristóvão, que estavam nas nichos do coro. O abade fica impaciente. «Derrama então», gritou ele em voz alta, — nem um movimento. «Derrama — derrama!», repete ele, batendo com os pés. De nada serve: pode muito bem dirigir-se à parede, pois o nosso jovem amigo está completamente petrificado. É fácil julgar se havia motivo para rir.

** Uma asserção verdadeira em geral, mas em certos casos contradita por factos, como já declarámos. † Não vi isto, o que não prova, contudo, a sua incorreção. * Isto ocorre por vezes.*

Ora, um minuto depois, o desgraçado sacristão tinha recuperado as suas funções, e tudo estava calmo; mas, como o mal estava feito, não fomos menos punidos. Um único entre todos nós ignorava o que tinha ocorrido, e não queria acreditar nisso, e essa era precisamente a pessoa que o tinha causado.

Um dos casos de Petetin, no que diz respeito ao esquecimento dos cataléticos, é ainda mais impressionante. Daremos uma parte dele. A Sra. *** perguntou se não colocariam uma bacia de folha de flandres cheia de água quente debaixo dos seus pés; que ela sentia... O movimento convulsivo do braço, o precursor do ataque cataléptico, apareceu como um relâmpago. Ela não pôde terminar a frase, e ficou imóvel como uma estátua. Petetin perguntou-lhe como se encontrava?

«Toleravelmente bem», respondeu ela.

«E a sua cabeça?»

«Sempre ocupada.»

«Ainda vê o seu interior?»

«Tão perfeitamente, que a previno de que não será correto dar-me banho nem amanhã nem durante alguns dias.»

«Compreendo-a. Mas o que lhe diz que o obstáculo acontecerá amanhã?»

«Os meus olhos e a minha previsão, que não me podem enganar», etc.

Este diálogo dura mais de uma hora, durante a qual Petetin fez várias das experiências que mencionámos; após o que, estando terminado o ataque de catalepsia, a Sra. *** abre os seus olhos sem o menor espanto, e diz em voz alta: «Um grande frio por todo o corpo; esta bacia não pode ser acompanhada pelos inconvenientes do carvão aceso», — a terminação da frase que ela tinha começado ao surgir o ataque.

Mas, assim como a invasão do sono magnético não tem sempre a instantaneidade do ataque de catalepsia, o acordar dos sonâmbulos quase nunca surge abrupta e inesperadamente. No instante em que se aproxima, os belos poderes do sonambulismo desvanecem-se, ficam confusos e dispersam-se; ao mesmo tempo que se desenvolve progressivamente um certo estado de aflição ou sofrimento que traz de volta com precisão, mas numa ordem invertida, os sinais precursores do sono. Assim há opressão, calor da pele, bocejos, suspiros, sobressaltos dos membros, etc. Depois, de repente, as pálpebras abrem-se, e o indivíduo acorda. Nada mais notável do que o seu espanto, mais especialmente nas primeiras experiências. «Onde estou? De onde venho? O que ocorreu? O que me está a fazer?» Tais são as perguntas. Se ele notou algum estranho que possa ter entrado durante a sessão, e com quem entra em conversação: «Ah!», diz ele, «como é isto? Aquele é o Senhor Fulano-de-Tal! Como é que ele está aqui?», etc.

Contudo, o seu poder de reflexão regressa a ele com o seu estado normal. Lembra-se de ter sido magnetizado; lembra-se do que experimentou durante os passes. Mas terá ele dormido? — Isso é o que ele não sabe. Assegura-se-lhe que não só dormiu, mas que

também falou; que disse tal coisa; que fez outra coisa qualquer; disto ele nunca pode ser persuadido a acreditar. Conheci um sonâmbulo que não acreditava no magnetismo! Ceticismo, também, sobre o qual teria sido fácil triunfar, uma vez que o mero desejo de que este sonâmbulo conservasse, ao acordar, a memória dos acontecimentos da sua outra vida, teria bastado para isto. Isto merece explicação.

O esquecimento, ao acordar, é o traço característico do sono magnético. Mas depende por vezes do magnetizador que esta circunstância dominante não exista, e que o sonâmbulo se lembre com exatidão, ao acordar, de tudo o que fez, disse e ouviu durante o seu sono. Baste que o magnetizador apenas deseje energicamente que assim seja, e que expresse este desejo em voz alta, a fim de que possa passar para a mente da pessoa magnetizada — eis todo o segredo. Confesso que não estava inteirado desta particularidade, que é mencionada, contudo, na maioria das obras sobre magnetismo, quando uma circunstância algo singular ma revelou. Foi uma sonâmbula que me deu a ideia disso. Uma senhora, durante o seu sono, tinha exigido de mim uma explicação delicada relativa a certas matérias de família. A confiança que ela exigia de mim era tão embaraçosa na sua natureza que, embora provavelmente pudesse ter tido a coragem de aceder ao seu pedido enquanto ela dormia, nada me poderia induzir a fazê-lo enquanto estivesse acordada. No dia de que falo, cedi à sua urgência, pois não tinha meios de a escapar. Disse-lhe com reserva, e da melhor maneira que pude, o que ela desejava saber; e quando concluí, fiquei tão satisfeito comigo mesmo, que exclamei: «Minha senhora, desejaria muito que a senhora se recordasse de tudo isto.»

«Não receie nada, senhor», respondeu ela. «O seu desejo de que eu o faça é tão forte, que não posso deixar de o lembrar.»

Apenas acordei a minha sonâmbula, disse logo: «Bem, minha senhora, recorda-se de alguma coisa hoje?»

«Lembro-me de tudo, senhor», disse ela; e dizia a verdade, pois ruborizou.

Desde este período, que formou uma época nos meus estudos magnéticos, repeti muitas vezes a mesma experiência, e sempre com o mesmo sucesso. Apenas devo fazer aqui uma observação importante: a saber, que se por acaso um sonâmbulo cometeu alguma indiscrição, ou previu algum acontecimento fatal para si próprio ou para os seus amigos, a caridade deve, em ambos os casos, impedir o magnetizador de lhe ordenar que se lembre disso. Pareceu-me também que reminiscências deste género, que necessariamente confundem os acontecimentos do estado de vigília com os do sono, prejudicavam a lucidez do indivíduo. A reserva é, portanto, necessária neste ponto, e não deveríamos exigir que os sonâmbulos se lembrem do que disseram, exceto nos casos em que prescreveram a si mesmos o uso de alguns agentes terapêuticos, os quais haveria o risco de esquecer, ou aos quais poderiam recusar submeter-se sem a convicção que encontram na sua própria consciência do benefício que lhes advirá disso.

É importante adicionar aqui que várias vezes se sucedeu em fazer este fenómeno útil como meio de instrução. O Sr. Mialle cita alguns exemplos disso no seu *Exposé des Guérisons*, etc., e eu próprio publiquei nas minhas *Transactions** o caso de um jovem pintor de Hamburgo, de nome Pradhier, cuja pronúncia alemã assim corrigi: — «Este jovem, que se colocou sob os meus cuidados por uma neuralgia crónica da face, foi posto a dormir após a segunda sessão, e tornou-se nos dias seguintes incomumente lúcido.

Mas o que achei particularmente notável nele foi o horror e as sensações dolorosas que o contacto dos metais lhe ocasionava; a sua mera aproximação era bastante para o lançar em convulsões. Como o Sr. Pradhier é, tanto acordado como a dormir, um rapaz de inteligência considerável, senti prazer em conversar com ele durante a hora da sessão; apenas o seu infeliz sotaque alemão me afligia e cansava a minha paciência, e diminuía muito o encanto que sentia no seu discurso. Um dia, estando ele depois de me debitar uma sucessão de palavras, nas quais, como que por desígnio, aquelas próprias consoantes que ele desfigurava mais desagradavelmente se

encontravam reunidas, exclamei, já não me podendo conter: 'Pelo amor de Deus, Sr. Pradhier, fale francês como ele é falado em Paris!'

O meu sonâmbulo parou subitamente, pareceu absorvido um minuto ou dois, depois, ao meu convite, retomou o fio

*** Um vol. in-8. Paris, 1842; na casa de J. B. Baillière. Preço: 6 fr.**

da sua história, mas com uma pureza de sotaque que me confundiu verdadeiramente. Perguntei-lhe então se não lhe seria possível reter, ao acordar, os felizes frutos da estranha lição de gramática que lhe estava a dar, sem contudo o pretender. 'Nada mais simples', disse ele; 'não tem senão de o desejar.' 'Bem, então, eu desejo-o: assim seja.' E o Sr. Pradhier, tendo acordado para meu grande incómodo, confesso, articula o francês como uma criança parisiense.

Contudo, na manhã seguinte, o seu discurso está novamente desfigurado por certas particularidades de Hamburgo, e mais do que um *s* brando torna-se uma vez mais endurecido na sua boca. Ele recupera o sotaque francês, contudo, ao adormecer. Dois dias depois o progresso é muito marcado, e na semana seguinte poder-se-ia escutar o Sr. Pradhier durante horas inteiras sem nunca suspeitar do seu local de nascimento. E o que é muito notável é que este jovem é a única pessoa a não percecionar a alteração que se operou na sua maneira de falar», etc. É evidente que este facto, como também os do mesmo género que relatámos no ano passado,* abrem um novo caminho às investigações dos magnetizadores.

A natureza e a intensidade das sensações desconfortáveis que acompanham o período do acordar dependem naturalmente das condições em que a experiência é conduzida; a maneira como o magnetizador atua é então quase tudo num tal caso, e veremos já a seguir qual deve ser; mas, em geral, assim que há uma colisão entre o desejo do magnetizador e o do magnetizado, o resultado é acompanhado de sofrimento para este último. É necessário, também,

evitar contrariar ou frustrar os sonâmbulos, se não quisermos fazer-lhes algum mal real.

Se eles falam, devemos ouvi-los, e deixá-los falar; se, pelo contrário, não desejam responder às perguntas que ser-lhes-iam feitas, não os deveríamos importunar demasiado. Se, finalmente, houver alguma experiência delicada em questão, é então mais especialmente que deveríamos ter o cuidado de poupar a sua suscetibilidade, e que deveríamos ter a maior paciência para aguardar as suas fantasias. Penso que já mencionei que esses caprichos a que todos os sonâmbulos estão sujeitos não são, na maioria das vezes, mais do que pequenos expedientes pelos quais ocultam a sua incapacidade no momento relativamente às coisas exigidas deles; uma sorte de subterfúgio, numa palavra, para a sua vaidade.

Deveríamos, então, se não quisermos ferir desnecessariamente o seu amor-próprio, afetar não percecionar esses truques inofensivos, e deveríamos contentar-nos em desejar mentalmente aquelas coisas que eles próprios possam desejar. Saber aguardar, recomeçar cem vezes se necessário, nisso jaz todo o segredo das belas experiências.

As consequências aparentes a que o período ou fase do acordar pode dar origem, e pelas quais as pessoas que estão apenas a começar a praticar o magnetismo ficam tão frequentemente inquietas, não têm nada de realmente grave. Em caso algum as vi continuar por mais do que alguns dias, e mesmo isto não ocorre no caso de indivíduos que tenham sido habituados ao magnetismo. Uma ligeira dor de cabeça, uma espécie de sensação de picada nas pálpebras, estes são os principais efeitos experimentados pelos sonâmbulos que foram acordados com as precauções necessárias; mas tal não é o caso quando meios violentos foram empregues para os despertar do seu sono; a perturbação nervosa pode então proceder até ao ponto de terminar em espasmos, e o torpor intelectual pode passar mesmo a idiotia. Apontaremos no tempo e local próprios todas as precauções a adotar em tais casos.*

** Transactions, etc. Paris, 1842, em-8. * Ver Processos a adotar a fim de acordar Sonâmbulos.*

CAPÍTULO VI

DOS DIFERENTES MÉTODOS DE MAGNETIZAR

«1. O homem tem a faculdade de exercer sobre o seu semelhante uma influência salutares dirigindo sobre eles, à sua própria vontade, o princípio que nos anima e nos faz viver;

»2. A esta faculdade dá-se o nome de magnetismo: é uma extensão do poder que todos os seres vivos possuem de atuar sobre os seus próprios órgãos que estão sujeitos à vontade;

»3. Somos sensíveis a esta faculdade apenas pelos resultados, e fazemos uso dela apenas na medida em que o desejamos;

»4. A primeira condição para magnetizar é querer.»*

Como o magnetismo não envolve profissão alguma de fé filosófica, os vitalistas, assim como os materialistas, podem derivar estes princípios da sua respetiva doutrina; estes princípios continuam ainda a ser a expressão estrita e exata da verdade. A vontade não é um ser quimérico, é uma força real; e esta força à qual todas as outras aptidões intelectuais ou morais estão subordinadas, não só domina o organismo do indivíduo que a possui, mas pode ainda reagir sobre os seres que cercam este último. A vontade é então, de certo modo, tudo

para mim no magnetismo; e a arte do magnetizador reduz-se, por assim dizer, a saber como impressionar a sua vontade oportunamente.

Mas para formar uma ideia justa do magnetismo, é importante compreender devidamente o sentido desta proposição que, à primeira vista, apresenta algo de tão abstrato que afasta as mentes ordinárias do estudo dos factos que envolve. Ora todos esses factos conspiram em provar que existe no homem, e provavelmente em todos os seres organizados, um agente subtil, uma causa ou produto da vida* (não sei qual dos dois), mas transferível de um indivíduo para outro, e estabelecendo por esta transmissão uma sorte de associação íntima entre os agregados vivos que estão sujeitos aos seus efeitos. Esta é, em suma, toda a teoria do fluido ao qual os magnetizadores atribuem um papel tão importante.

Além disso, esta teoria, como todas as do mesmo género, não é senão uma hipótese racional empregue para explicar fenómenos, para os quais não seria provavelmente impossível prestar contas de alguma outra maneira. Não temos intenção alguma de exagerar o seu valor; mas pedimos a permissão dos nossos leitores para fazer uso dela, na falta de dados mais certos, como base dos preceitos que estamos prestes a estabelecer, preceitos que a experiência dos factos é bastante suficiente para tornar legítimos.

Assim o fluido magnético é movido pela vontade; mas visto que são os nossos órgãos que lhe servem de condutores, os gestos tornam-se em consequência os auxiliares indispensáveis de toda a ação mental. Mas se estes gestos, se os processos manuais, numa palavra, estão realmente dotados de um valor intrínseco, merecem ser estudados por todos aqueles que desejam praticar o magnetismo; e o título deste livro declara distintamente que este estudo entra no nosso assunto. Os processos de que falamos variam além disso *ad infinitum*, visto que cada magnetizador tem, poder-se-ia dizer, o seu próprio. Vamos, no entanto, passar em revista a parte principal daqueles agora em uso, reservando-nos, no exame de cada um deles, para notar as suas respetivas vantagens e inconvenientes.

*Método Ordinário segundo Deleuze.**

«Uma vez que esteja acordado e determinado a tratar a matéria seriamente, remova do doente todas as pessoas que lhe possam ocasionar qualquer constrangimento; não mantenha consigo senão as testemunhas necessárias (apenas uma se possível), e exija delas que não interfiram de modo algum nos processos que emprega e nos efeitos que são as consequências deles, mas que se combinem consigo em prestar bom serviço ao doente. Proceda de modo a não ter nem demasiado calor nem frio, para que nada constranja a liberdade dos seus movimentos, e tome todas as precauções para não ser interrompido durante a sessão.

»Então faça o seu doente† sentar-se da maneira mais conveniente possível, e coloque-se oposto a ele ou ela, num assento algo mais alto, de modo a que as joelhos dele fiquem entre os seus, e que os seus pés fiquem ao lado dos dele. Primeiro exija dele que se resigne, que não pense em nada, que não distraia a sua mente a fim de examinar os efeitos que experimentará, que bana todo o medo, que se entregue à esperança, e não fique inquieto ou descorçoado se a ação do magnetismo produzir nele dor momentânea.

»Após as matérias estarem bem ajustadas, tome os polegares dele entre os seus dois dedos, de modo a que o interior dos seus polegares toque o interior dos dele, e fixe os seus olhos nele. Permanecerá de dois a cinco minutos nesta posição, ou até sentir que um calor igual se estabeleceu entre os polegares dele e os seus. Feito isto, retirará as suas mãos, separando-as para a direita e para a esquerda, e virando-as de modo a que a superfície interna fique do lado de fora, e levantá-las-á à altura da cabeça; depois colocá-las-á sobre os dois ombros, deixá-las-á ficar ali por cerca de um minuto, e trá-las-á de volta ao longo dos braços até às pontas dos dedos, tocando-os ligeiramente. Recomeçará este passe cinco ou seis vezes, afastando as suas mãos e separando-as um pouco do corpo, de modo a reascender.

Colocará então as suas mãos acima da cabeça; mantê-las-á ali por um momento, e trá-las-á para baixo passando em frente do rosto à

distância de uma ou duas polegadas, até à boca do estômago; ali parará por cerca de dois minutos, colocando os polegares na boca do estômago e os outros dedos abaixo das costelas. Depois descerá lentamente ao longo do corpo até aos joelhos, ou melhor, e se puder sem se incomodar, até à extremidade dos pés. Repetirá os mesmos processos durante a maior parte da sessão.

Aproximar-se-á também do doente por vezes de modo a colocar as suas mãos atrás dos ombros dele, de modo a descer lentamente ao longo da espinha das costas, e daí sobre as ancas, e ao longo das coxas, até aos joelhos, ou mesmo até aos pés. Após os primeiros passes, pode dispensar a colocação das mãos na cabeça, e fazer os passes subsequentes nos braços, começando nos ombros; e no corpo, começando no estômago.»

O método que acaba de ser descrito é em geral aquele que deve ser adotado quando se começa a magnetizar. Contudo, penso poder notar que o contacto absoluto das mãos na cabeça e no epigástrio não é indispensável; este contacto, pelo contrário, é um motivo de distração, e nada adiciona à eficácia do processo. Pensei, também, ter notado que os passes ao longo da espinha não tinham ação muito marcada; e, pela minha parte, há muito tempo que os deixei de empregar. Por último, como regra geral, todo o género de toque direto parece supérfluo; e, no interesse da sua própria prática, assim como por uma questão de decoro, aconselho todos os magnetizadores a absterem-se dele.

Mais comummente, ponho-me de pé diante da pessoa que desejo magnetizar, e mesmo a uma certa distância do indivíduo; após os poucos minutos de recolhimento que deveriam preceder cada experiência, levanto as minhas mãos à sua testa, e dirijo os meus passes lentamente de cima para baixo, diante do rosto, peito e abdómen; apenas, de cada vez que levanto a mão, tenho o cuidado de deixar os meus dedos cair de modo a que a sua superfície dorsal olhe para a pessoa magnetizada durante o meu movimento de ascensão, e a sua superfície palmar durante os passes.

Este processo é simples, provavelmente demasiado simples; de modo que não aconselharia a que fosse adotado, exceto em pessoas já habituadas ao magnetismo, e suscetíveis de serem prontamente postas a dormir. O método de Deleuze, com as ligeiras modificações que apontei, é muito de preferir para os primeiros ensaios. Mas, de facto, todos os processos sucedem quando inspiram confiança àqueles que os empregam.

Magnetização pela Cabeça.

Eis um dos processos mais prontos e mais enérgicos com que estou familiarizado; consiste nisto: coloca-se oposto à pessoa que deseja magnetizar; ao início faz alguns passes longos de cima para baixo, na direção dos braços, diante do rosto, e ao longo do eixo do corpo; após o que, estende as suas duas mãos a algumas polegadas da testa e regiões parieais, e permanece assim por alguns minutos. Durante todo o tempo que a operação dura varia muito pouco a posição das suas mãos, contente em as levar lentamente para a direita e para a esquerda; depois para o ocipício, de modo a regressar então à testa, onde as deixa por um tempo indefinido, isto é, até que o indivíduo esteja a dormir.

Depois faz passes nos joelhos e pernas, para atrair o fluido para baixo, segundo a expressão dos magnetizadores. O facto é que a intervenção do fluido é pelo menos muito conveniente para explicar claramente aquilo que desejamos fazer entender; e no caso de que falo, gostaria de ter a certeza de que este imponderável existe, a fim de ser capaz de dizer que, ao recomendar passes nas extremidades inferiores, é uma revulsão magnética, ou melhor, derivação, que aconselho.

Além disso, não obstante esta precaução, a magnetização pela cabeça está longe de ser isenta dos seus inconvenientes: expõe pelo menos a dor de cabeça, por vezes a enxaqueca, e noutras alturas, embora muito raramente, a consequências mais graves. Disto daremos um exemplo:

Henriette *** tem quinze anos e alguns meses, de um físico bastante agradável. Goza, de um modo geral, de boa saúde; mas os inúmeros romances que leu entusiasmaram nela ideias más e prejudiciais, e se não costumes viciosos, pelo menos certos hábitos eróticos, que terminarão ultimamente por comprometer a sua razão. Considero-a incorrigível neste ponto (não que tenha empreendido a sua conversão), mas porque, infelizmente para ela, a natureza dotou-a apenas do menor grau de razão, que é controlado e levado por uma obstinação incrível.

Henriette sentiu durante algumas semanas no joelho direito uma dor obscura, cuja origem e natureza me embaraçavam igualmente, e da qual ficaria encantado de saber o diagnóstico que ela própria daria no estado de sonambulismo. Para este propósito magnetizei-a. Quanto ao processo que adotei, foi-me sugerido pela impaciência e inconstância do caráter da doente. Apressei-me a aproveitar as suas disposições favoráveis, e quis expedir a matéria. Nisso sucedi; pois, em menos de três minutos, Henriette, que tinha tido a fantasia invencível de permanecer de pé, foi posta a dormir, e caiu na sua cadeira.

Livrei-a então (momentaneamente) da sua dor no joelho, fazendo passes sobre esta parte; mas as respostas que me deu não me forneceram informação alguma quanto à etiologia ou natureza desta dor. Determinei então acordá-la, e foi aqui que fiquei inquieto; pois, após uma boa meia-hora de gestos e esforços, Henriette continuava a dormir. Além disso, estava evidentemente perturbada, e ocasionalmente todos os seus membros ficavam espasmodicamente rígidos, e soltava gritos que aterrorizavam as pessoas que acorriam em consequência do tumulto que ela fazia. Finalmente abriu os olhos, esfregou-os durante muito tempo com as mãos, depois levantou-se abruptamente, soltando grandes gargalhadas. A pobre rapariga estava num estado de loucura, e este delírio durou três dias.*

Damos agora a contrapartida do resultado que, neste caso, poderia ser justamente imputado ao magnetismo. Dois dias depois, sendo Henriette magnetizada novamente, mas pelo método de

Deleuze, recupera a sua razão no seu sonambulismo, e aponta o que deveria ser feito a fim de a curar com tanta exatidão, que ficou curada pela sua própria prescrição não só da sua afeição mental, mas também da sua dor no joelho. Ainda assim este acontecimento deu-me uma má disposição para com o processo magnético que lhe tinha dado origem.†

** Deleuze não magnetizava pessoa alguma senão doentes, e tinha razão.*

** Ver nas minhas Transactions o capítulo intitulado Un mot de Physiologie Générale.*

** Instruction Pratique, p. 22.*

** Soube desde então que Henriette tinha tido vários ataques deste género; de modo que o magnetismo foi apenas a causa ocasional, e provavelmente apenas a causa aparente, de uma doença que primeiro lhe atribuí inteiramente.*

† Ver Processos a adotar a fim de acordar Sonâmbulos.

f É frequentemente muito perigoso concentrar a atenção num único órgão, sobretudo no cérebro e no coração, quando estes órgãos se tornaram um centro de fluxão.

Tenho visto consequências muito graves provocadas por esta concentração tão imprudente, mesmo em sonâmbulos que não deixaram então de despertar a minha atenção para este ponto. Concordo que isto só adquire grande importância quando não há sonambulismo, ou quando o sonambulismo ainda é incompleto. Nas afeções locais do peito, nunca deixei de envolver toda a organização magnetizando com grandes correntes, o que continua a ser o modo mais seguro, até que o sonambulismo venha esclarecer-nos sobre as modificações dos processos nos quais a nossa própria sagacidade não nos pode dirigir.

Observei uma vez uma exceção notável ao método ordinário. Uma pessoa com a mente perturbada ficava furiosa quando magnetizada começando pela cabeça para ir até aos pés; ocorreu a

feliz ideia de magnetizar numa direção invertida, subindo dos pés para a cabeça. Ao ver estes factos, não se pode deixar de admitir, no sistema nervoso, correntes semelhantes provavelmente àquelas que se veem no sistema sanguíneo, e que algumas pessoas julgam perceber nos fenómenos que precedem a congestão sanguínea e nervosa.

Não recomendaria, contudo, que se empregasse este método invertido sem fortes motivos: vi nascer dele paralisia permanente e catalepsias temporárias. Vi uma afeção espasmódica, muito grave e permanente, seguir-se a uma tentativa deste género, que o magnetizador tinha empregado para facilitar os movimentos do estômago num ataque de vómitos. Fui obrigado a empregar todos os meios ao meu alcance para vencer esta afeção espasmódica, que durante vários anos se renovava de cada vez que o paciente fazia um esforço para vomitar. *Lettre d'un Médecin Étranger (M. Koreff) à M. Deleuze, p. 17. broch. in-8. Paris, 1825.*

Da Magnetização

Magnetização por meio do Olhar

Este processo não pode ser empregado por qualquer pessoa. Exige na pessoa que o emprega um olhar agudo, penetrante, capaz de uma fixidez prolongada; do mesmo modo, raramente terá sucesso em indivíduos que devam ser magnetizados pela primeira vez; embora me tenha acontecido adormecer pelo mero poder de um olhar, e na primeira sessão, um homem de trinta anos de idade, e inquestionavelmente mais forte do que eu. Além disso, quase nunca magnetizo os meus sonâmbulos habituados de outra forma, quando a experiência é daquelas em que a visão está envolvida; pois julguei observar que este tipo de magnetização aumentava a clarividência.

Eis o modo de proceder: — Coloca-se em frente do seu sujeito; ordena-lhe que o olhe com toda a fixidez possível, enquanto pela sua parte fixa os olhos nele firmemente. De início, alguns suspiros profundos elevarão o seu peito; depois as suas pálpebras piscarão, ficarão humedecidas com lágrimas, contrair-se-ão fortemente várias vezes e, por fim, fechar-se-ão. Tal como no processo já descrito,

podemos aqui terminar o processo com algumas passes revulsivas nas extremidades inferiores; mas, de novo, se o seu sujeito lhe oferecer qualquer resistência, terá algum trabalho para o salvar de alguns ataques de enxaqueca que a magnetização pelos olhos frequentemente ocasiona, e dos quais o leitor mesmo nem sempre estará isento.* A experiência também me satisfez de que, quanto mais próximo o magnetizador estiver do sujeito magnetizado, mais poderosa será a ação do olhar; mas isto não nos impedirá de ser capazes de magnetizar assim mesmo a distâncias consideráveis.

• *Disse-se que certos animais magnetizam desta forma outros que são mais fracos do que eles, e dos quais fazem sua presa. Ora, é sumamente provável que esta hipótese seja bem fundada; e, pela minha parte, considero-a digna de crédito.*

Magnetização pela mera Vontade

Dois casos podem apresentar-se: ou o seu sujeito sabe que o vai magnetizar, ou ignora completamente o que vai fazer, e ignora até a sua própria presença. Provar que a última experiência é possível impedirá certamente qualquer coisa parecida com discussão sobre a primeira. Ora, independentemente da nossa observação pessoal, factos autênticos e bem conhecidos servirão de nossa prova. Não há ninguém que não tenha lido o relato das experiências feitas no Hôtel-Dieu de Paris, pelo Sr. Dupotet,† sob o olhar e no serviço do Sr. Husson. O caráter e a posição científica dos médicos que estiveram presentes a estas experiências não permitindo a ninguém suspeitar da veracidade do narrador, apresentaremos agora aos nossos leitores o relato de algumas delas.

† *Paris, 1826, in-8.*

Sessão de 7 de Novembro. — "À minha chegada, às nove e um quarto, o Sr. Husson veio avisar-me de que o Sr. Recamier desejava estar presente e ver-me adormecer a paciente (Catherine Samson) através da divisória. Expressei imediatamente o meu desejo de que uma testemunha tão respeitável fosse prontamente admitida. O Sr. Recamier entrou e conversou comigo, mais especialmente a respeito

da minha convicção no tocante aos fenómenos magnéticos. Concordámos num sinal. Passei para o gabinete, no qual fiquei fechado. A mulher Samson foi trazida para a frente. O Sr. Recamier colocou-a à distância de mais de seis pés do gabinete, uma circunstância de que eu não estava ao corrente, e de costas para este. Ele conversa com ela, acha-a melhor; dizem-lhe que eu não venho; ela expressa o desejo de se retirar.

"No momento em que o Sr. Recamier lhe pergunta se digere a comida (esta era a frase acordada como sinal entre o Sr. Recamier e eu), ponho-me a trabalhar. São agora trinta e dois minutos depois das nove; ela está a dormir aos trinta e cinco minutos depois das nove. Três minutos depois, o Sr. Recamier toca-lhe, levanta-lhe as pálpebras, sacode-a pelas mãos, interroga-a, belisca-a, bate na mobília de modo a fazer o máximo de barulho possível; belisca-a de novo, e com toda a sua força, cinco vezes; começa de novo a atormentá-la; levanta-a três vezes diferentes e deixa-a cair de novo; a paciente continua absolutamente insensível a tanta violência, a que não pude assistir sem dor considerável, sabendo que as sensações dolorosas que não foram manifestadas neste momento seriam reproduzidas ao acordar, e ocasionariam convulsões, que eram sempre difíceis de acalmar.

"Por fim, o Sr. Husson e os presentes convidaram o Sr. Recamier a descontinuar as experiências, que se tinham tornado agora inúteis, estando agora completa a convicção comum a respeito do estado de insensibilidade da paciente.

"Durante a sua prova, dirigi várias perguntas a este indivíduo, às quais ela deu respostas. O Sr. Recamier interpôs as suas próprias, às quais ela ficou invariavelmente muda. Disse-me que não tinha dores de cabeça, mas queixou-se de uma sensação de calafrio no lado, a qual, contudo, não a incomodava tanto hoje como tinha incomodado ontem.

"Volto ao gabinete, e tendo sido dado o sinal para a acordar aos vinte e oito minutos depois das dez, ela acordou em dois minutos," etc.

Sessão de 9 de Novembro. — "O Sr. A. Bertrand, Doutor da Faculdade de Paris, tinha estado presente na sessão precedente. Tinha dito ali que não considerava extraordinário que a pessoa assim magnetizada adormecesse, estando o magnetizador colocado no gabinete; que pensava que a combinação particular das mesmas circunstâncias envolventes produzia um efeito similar na minha ausência; e que, além disso, a paciente podia estar naturalmente predisposta a isso. Propôs então instituir a experiência que passo a descrever.

"Foi proposto fazer a paciente vir à hora habitual, ao mesmo lugar, fazê-la sentar na mesma cadeira, entrar no mesmo discurso com ela a respeito de si mesma; parecia-lhe quase certo que o sono se devia seguir. Concordei, consequentemente, em não vir senão meia hora mais tarde do que o habitual.

"Às nove e três quartos começaram a executar o que tinha sido acordado diante da mulher Samson: fizeram-na sentar na cadeira em que era habitualmente colocada, e na mesma posição. Diferentes perguntas lhe foram dirigidas, depois deixaram-na tranquila; simularam os sinais previamente empregados, como atirar as tesouras para a mesa, e fizeram uma repetição exata de tudo o que habitualmente acontecia; mas em vão esperaram pelo estado magnético que esperavam produzir na paciente. Ela queixa-se do seu lado esquerdo, ficou inquieta, esfregou o lado, mudou de posição, achando-se incomodada pelo calor da frigideira, e não manifestou nenhum sintoma de qualquer desejo de sono, quer natural quer magnético."

Sessão de 10 de Novembro, à noite. — "Cheguei quase às sete horas ao local de encontro. Subimos todos juntos para a enfermaria de Santa Inês; a nossa paciente ocupava a cama N.º 34; fui colocado no

maior silêncio, acompanhado por dois destes senhores, entre as camas 35 e 36.

"O Sr. Husson, passando diante da cama da mulher Samson, prossegue para visitar outra paciente mais à frente, à qual diz bem alto: 'É por si que venho esta noite. Deixou-me algo inquieto na minha primeira visita, mas acho-a melhor; fique calma, tudo correrá bem.'

"Ele volta para trás para a cama N.º 34, e perguntou a Samson se estava a dormir. Ela respondeu que não tinha disposição para ir dormir, e que nunca vai dormir tão cedo. Ela tosse; ele retira-se, e coloca-se a alguns leitos de distância, de modo a ficar fora da vista da paciente, mas perto o suficiente para observar o que se passava.

"Às sete precisamente magnetizei a paciente; às sete e oito minutos ela diz, falando alto para si mesma: 'É espantoso que dor tenho nos olhos, estou a adormecer.'

"Dois minutos depois o Sr. Husson passa junto dela, dirige-lhe algumas palavras; ela não dá resposta; ele toca-lhe, mas não obtém nada.

"Às sete e onze minutos aproximamo-nos todos dela, e eu dirijo-lhe as seguintes perguntas:

"— 'Menina Samson, está a dormir?'

"— 'Oh! meu Deus! como é impaciente!'

"— 'Como se sente?'

"— 'Tenho uma dor no estômago às vezes.'

"— 'Como é que está num sono magnético?'

"— 'Não sei.'

"— 'Sabia que eu estava aqui?'

"— 'Não, senhor.'

"— 'E se a deixássemos dormir toda a noite?'

"— 'Oh, não! isso seria mau.'

"— 'A que horas acordaria?'

"— 'Amanhã de manhã.'

"— 'Desejo-lhe boa noite,' e retiramo-nos todos juntos.

"O Sr. Bertrand não deixou de estar presente nesta experiência, que ele próprio tinha proposto. O nosso sucesso tinha sido completo, todos ficaram convencidos, e ele próprio não sentiu dificuldade alguma em assinar o documento que foi redigido na ocasião."

Aqui, pois, vemos além de toda a disputa a vontade de um indivíduo transmitir-se em silêncio, e sem quaisquer gestos, a outro indivíduo, que nem sequer suspeita do que vão fazer com ele. Ora qual é o veículo desta vontade? Sem dúvida, os fluidos magnéticos dos quais temos a esperança de dar, se não uma ideia precisa, pelo menos uma ideia racional, no capítulo que lhe dedicaremos.

Alguns magnetizadores foram ao ponto de afirmar que a vontade não se limitava à produção de fenómenos similares aos que acabam de ser descritos, e dizem que, uma vez estando as relações magnéticas bem estabelecidas entre duas pessoas, um desses dois indivíduos (o magnetizador) pode agir sobre o outro a distâncias muito consideráveis, de uma casa para outra, por exemplo, ou mesmo de uma extremidade à outra de uma cidade. Esta possibilidade não a nego de modo algum; mas não estou inteiramente certo da sua existência para a afirmar positivamente. No que respeita a esse ponto, eis o que vi.

Subindo um dia a casa do Sr. M*** (o marido da Sra. Hortense), encontrei no quarto da governanta Adèle Defossey, já mencionada, e a quem eu já tinha magnetizado várias vezes com a maior facilidade. Perguntei pela sua saúde; ela respondeu que estava muito bem, e eu prossegui. Quando cheguei à casa do meu amigo, ocorreu-me a ideia de a magnetizar sem a avisar disso, do local onde estava (o primeiro andar) para o quarto dela. Pus-me a trabalhar, e dez minutos depois, quando mandei alguém perguntar por ela, a resposta que recebi foi que Adèle não fazia mais nada senão bocejar, que tinha uma dor no coração; numa palavra, que sentia uma comichão intolerável nos

olhos. Cinco minutos depois mandei perguntar. O seu estado era quase o mesmo; estava a morrer com vontade de dormir, mas não dormia. Sentindo-me fadigado, não fui mais longe nesse dia; mas parece-me muito provável que, perseverando, eu poderia tê-la magnetizado completamente. Desde então não tive oportunidade de repetir a experiência.

Método de Faria

O Abbé Faria, um magnetizador que exibia os seus sonâmbulos como um espetáculo, e morreu com a mais bela reputação de charlatão que algum homem neste mundo jamais possuiu ou mereceu, este homem, para melhor aumentar a aparência maravilhosa das suas experiências, e com isso dar mais aparato às suas exibições, concebeu um método que não teve imitador, e quase nunca tinha sucesso, exceto nas suas próprias mãos.

Colocava numa cadeira a pessoa que desejava submeter-se à sua manipulação, recomendava-lhe que fechasse os olhos e, após ajustar-se durante alguns minutos, dizia-lhe numa voz alta e imperiosa: "Dorma!" Esta simples palavra, proferida no meio de um silêncio solene por um homem cujos feitos prodigiosos eram tão falados, fazia por vezes no paciente uma impressão suficientemente intensa para produzir nele um ligeiro choque de todo o corpo, bem como calor considerável, transpiração e, por vezes, sonambulismo. Se esta primeira tentativa não tinha sucesso, submetia o paciente a um segundo, depois a um terceiro e até a um quarto ensaio, após o qual o declarava incapaz de entrar no estado lúcido.

Este método não difere essencialmente do precedente; apenas o aparelho cabalístico com que o Abbé Faria assustava os espíritos fracos que se entregavam a ele, ao neutralizar neles toda a espécie de resistência moral, os preparava para receber mais prontamente a influência de uma vontade sob outros aspetos muito poderosa.

Da Insuflação

Este é um meio misto, que, de acordo com o capricho do magnetizador e a direção dos seus pensamentos, pode do mesmo

modo servir para adormecer e para acordar. A maioria dos magnetizadores recorre a ele para sustentar o estado dos seus sonâmbulos durante experiências longas e delicadas. A insuflação quase nunca é praticada exceto na cabeça ou numa parte doente; o sopro é então o veículo do agente magnético.

Magnetização de um Sonâmbulo por outro Sonâmbulo

Esta é uma experiência que nunca fiz, mas que proponho a mim mesmo tentar em breve. Poderia não ser impossível que fosse de feliz aplicação à terapêutica. Derivei a ideia dela de uma pequena obra de muito mérito, da qual também aproveitei a oportunidade para citar uma passagem numa parte anterior desta obra.* Lê-se na décima sexta página desta brochura: "O espetáculo mais extraordinário que se pode apresentar aos olhos de um observador é ver, quando dois sonâmbulos de diferente clarividência ficam magnetizados, como o sonâmbulo superior sujeita à sua vontade e impulsão o sonâmbulo inferior; que poder físico ele exerce sobre ele para excitar crises inesperadas; que domínio tem sobre as suas sensações; como dá aos seus membros movimentos extraordinários, similares aos dos saltimbancos mais ativos; que contorções pavorosas o obriga a fazer; com que prontidão o liberta de dores que ele tinha ao entrar nestas crises violentas. Não pude deixar de traçar aqui um esboço deste tratamento a que assisti três vezes, e do qual menção alguma é feita em qualquer das obras que li. É ao magnetismo exercido no sonambulismo, e por muito tempo continuado, que ficámos a dever a recuperação de várias crianças hidrocefálicas, e de outra criança que estava quase imbecil; crianças pelas quais o sonâmbulo se interessava com uma ternura sobrenatural ou antes natural, e cujo tratamento não nos aventurávamos a empreender, visto que não tínhamos esperança do menor sucesso."

Este poder de ação que um sonâmbulo pode exercer sobre outro sonâmbulo é uma singularidade que penso que se pode explicar razoavelmente bem. Na verdade, independentemente de o magnetizador estar aqui sobressaturado, como se poderia dizer, com o agente magnético, ele transmite este agente tanto melhor quanto é dotado, como já provou, de mais aptidão para o receber. A isto

podemos acrescentar que todos os seus movimentos, todas as suas intenções, numa palavra, todos os atos da sua vontade, são dirigidos por um instinto admirável, que lhe permite apreciar justamente a intensidade e a natureza do esforço que deve fazer para obter este ou aquele resultado.

Para recapitular as observações precedentes, pensamos que podemos concluir que o método descrito por Deleuze é, na maioria dos casos, aquele que deve obter a preferência. Mas seja qual for o método adotado, é importante não suspender as passes imediatamente quando o sono está estabelecido; pois ao continuar a magnetizar determinamos uma série de fenómenos, dos quais apenas os últimos são a manifestação do sonambulismo completo. A jovem paciente, por exemplo, cujo caso foi apresentado pelo Sr. Despine no *Bulletin d'Aix* (Estelle), viu primeiro partículas de fogo cintilar diante do seu rosto.

Após oito minutos experimentou uma sensação de mastigação na sua boca; em dez minutos ligeiros sobressaltos nos seus braços e pernas; em quinze minutos distinguiu com os olhos fechados as mãos do seu magnetizador; em trinta e cinco minutos adivinhou os pensamentos das pessoas presentes na sessão, e expressou-os em voz alta. Pouco depois foi uma visão fantástica que a assustou. Em alguns minutos depois tufos luminosos pareceram-lhe brilhar nas extremidades de todos os dedos do seu magnetizador. Por fim veio outra visão que a encheu de alegria e esperança.

Era uma figura celestial, que se tornou a sua divindade tutelar, o seu génio protetor, e que, como o génio de Sócrates, devia servir-lhe de guia, para a esclarecer sobre a natureza do seu sofrimento, para dirigir o seu modo de viver em cada dia e para realizar a sua cura. Este exemplo é suficiente para explicar o nosso significado; mas seria errado supor que inclui os elementos precisos de uma regra prática; pois, com cada novo sujeito que é magnetizado, observa-se que as diferentes fases do sono são marcadas por diferentes sinais. Em geral, a magnetização deve ser suspensa quando o paciente, evidentemente posto a dormir há alguns minutos, parece experimentar de novo as pandiculações de que se queixava ao começar a experiência. Tal é,

pelo menos, na minha mente, o caráter sintomático de uma saturação suficiente.

Quando tiver razões para supor que o seu paciente está suficientemente magnetizado, espere alguns minutos antes de lhe dirigir uma palavra. Por fim fale-lhe, mas numa voz suave, com brandura e bondade: e se ele não responder à pergunta que lhe fizer, deixe passar alguns minutos antes de a repetir. Depois tome conhecimento do estado da sua saúde, bem como de qualquer coisa que o possa incomodar, ou de qualquer coisa que ele possa desejar a fim de estar melhor. Se ele sentir dor em qualquer parte, leve a sua mão a esta parte, faça ali algumas passes, e ligeiras fricções, com o desejo sincero de remover a dor, e quase invariavelmente terá sucesso.

Caso ele se queixe de calor, permita-lhe algum ar fresco e límpido. Pergunte-lhe quanto tempo deseja que lhe seja permitido dormir; e no caso de qualquer experiência para fins de demonstração, se ele consente em submeter-se a esta experiência, se isso o não afligirá; e quando ele tiver dado o seu assentimento, qual será o momento preciso em que ela deve ser tentada. Por último, uma obrigação que a caridade lhe impõe para com ele é a de o interrogar a respeito da sua saúde no dia seguinte e nos dias seguintes, e de tomar nota, se ele for adoecer, das prescrições que ele sugerirá após as suas perguntas.

Qualquer que seja a natureza das experiências magnéticas, o sonâmbulo, para não ser desnecessariamente fadigado, nunca deve ter mais do que um interlocutor, e este encargo cabe por direito ao magnetizador. Este último nunca pode ser demasiado cuidadoso ou vigilante nas suas maneiras, nem demasiado preciso ou discreto na sua linguagem. A sua missão é séria, e ele deve desempenhá-la seriamente. Cautele-se ele, por exemplo, de ceder aos caprichos ridículos dos assistentes, que tanto gostam de truques e malabarismos.

As minhas recordações fornecem-me os motivos desta reflexão, pois tenho visto estas fraquezas, e elas têm-me despertado compaixão. Um magnetizador que, para satisfazer a fantasia de algum tolo, ou de

alguma senhorinha, faz do seu sonâmbulo um ladrãozinho, degrada e prostitui uma descoberta magnífica. No que me diz respeito, quando magnetizo, resolvo não ter outra vontade senão a minha; mas, ao mesmo tempo, esforço-me para que esta vontade nunca se manifeste de outra forma a não ser sob a forma de um desejo.

Assim, em vez de falar no tempo presente, o que muitas vezes parece ofender as elegâncias da cortesia, digo, *eu gostaria*, uma frase que é impossível terminar de outra forma senão pelas palavras, *se tivesse a bondade*. Não se pode imaginar até onde vai por vezes a suscetibilidade dos sonâmbulos. Quando, depois de ter dirigido uma pergunta à Senhora Hortense, adiciono inadvertidamente: *Reflita, minha senhora!*, raramente escapo a uma repreensão desta senhora, porque, como ela diz, dizer-lhe para refletir implica uma espécie de suposição de que não é sua prática habitual fazê-lo. Figuremos para nós mesmos o expor um sonâmbulo, homem ou mulher, às pilhérias de uma Comissão Académica (pois os senhores da Academia, que muitas vezes tomam da forma mais séria as coisas mais divertidas do mundo, por vezes, para compensar esse facto, entregam-se a pilhérias em assuntos sérios).

Exceto no caso de contraindicações terapêuticas, os sonâmbulos devem dormir apenas um tempo limitado; o seu dever é então, como já dissemos, consultá-los sobre o assunto, e deixar-se dirigir pela resposta que eles possam dar. É necessário também, antes de fechar cada sessão, perguntar-lhes o dia e a hora em que devem ser magnetizados de novo.

Por último, nunca se esqueça de que o interesse do seu sonâmbulo é a única coisa que deve ter em vista; e que, por outro lado, encontrará, para seu guia, nas sugestões que ele lhe fizer, regras mais certas do que quaisquer outras que obterá nos livros.

Da Fé

Como este manual é escrito muito menos para magnetizadores do que para pessoas que desejam sê-lo, julgo ser meu dever explicar-me sobre as questões que são as mais simples e as mais facilmente

resolvidas. É indispensável acreditar no magnetismo a fim de produzir efeitos magnéticos? Sim e não; far-nos-emos entender. Se magnetiza, isto é, se faz passes com a firme convicção de que não obterá nada porque não há nada a obter, desde que o seu sujeito esteja na mesma disposição, é de presumir que as suas conjeturas se realizarão; mas neste caso não vejo por que deve tentar uma coisa que lhe parece ser impossível e absurda. Se, pelo contrário, apenas duvidando do magnetismo, e procurando obter informação sobre a natureza dos seus fenómenos, inspira no seu sujeito uma confiança, que sem dúvida o leitor mesmo ainda não tem, mas que contudo se esforça por ter a fim de se conformar com os nossos princípios, coragem! continue, tenha paciência, pois não deixará de atingir o seu fim.

Como disse no meu segundo capítulo, esta é a história de todos os magnetizadores; todos começam por ser incrédulos, porque não há homem razoável que encontre de repente em si mesmo fé em coisas que são prodigiosas e, segundo todas as aparências, fisicamente impossíveis. Mas à medida que as vê, cede à evidência; e quando as tem visto suficientemente, acredita nela firmemente, e sente até um orgulho numa crença de que, ainda há pouco tempo, se teria envergonhado. Mas há certas cabeças infelizmente organizadas, nas quais algumas verdades não conseguem penetrar. Tal homem que passa por um espírito engenhoso apenas tem memória, e não tem sequer sentido para apreciar factos palpáveis, *oculos habent* . . .

Do Número e da Hora das Sessões

Raramente acontece que tenhamos sucesso na primeira sessão em produzir o sono magnético. Muitas vezes, também, acontece que os primeiros efeitos ocasionados são tão pouco marcados que passam despercebidos; mas isso não é razão para concluir que o sujeito é incapaz de entrar em sonambulismo; e muito menos, ainda, para supor que o magnetismo carecerá de influência sobre a sua saúde. Comece de novo no dia seguinte, depois no outro dia, depois oito dias consecutivamente, e só então será capaz de formar um julgamento definitivo. Este julgamento, de novo, deve envolver apenas um único

facto, — o grau do seu poder magnético, ou da sua completa falta de poder relativamente a tal pessoa.

Em qualquer ocasião, cautele-se de se deixar desanimar por um ou dois insucessos, e especialmente de trair quaisquer sinais deste desânimo; pois isto seria o meio de se privar para o futuro da confiança que as pessoas pudessem ter em si. Não posso impressionar demasiado fortemente aquelas pessoas que desejam aplicar-se à prática do magnetismo, no sentido de tentarem as suas experiências primeiro apenas em pessoas que apresentem condições favoráveis para ter sucesso; se não, cederão ao desânimo, e serão travadas no seu caminho.

Cada uma das sessões deve durar vinte minutos pelo menos. Quando as pessoas não estão no hábito de magnetizar, estes vinte minutos parecem muito longos, em consequência da fadiga ocasionada pelos vários movimentos. O magnetizador não deve adiar o descansar-se até que esta fadiga seja extrema; pois ela tornar-se-ia então uma causa irresistível de distração, e até aí um obstáculo insuperável. É útil, pelo contrário, tomar repouso frequentemente; e se a vontade, que, além disso, se fatiga muito menos rapidamente do que os braços, retiver a sua direção durante estes momentos de paragem, a ação magnética continua, e não há nada a opor-se à continuação da sessão.

O ponto importante é que as experiências devem ser instituídas todos os dias à mesma hora. Pessoas não familiarizadas com a observação médica e os estudos fisiológicos têm, na verdade, dificuldade em conceber com que prontidão e com que facilidade o nosso corpo contrai certos hábitos. O regresso regularmente periódico do seu apetite, do seu sono e, numa palavra, de todas as suas necessidades físicas, pode dar-lhes alguma ideia disso. Um fisiologista de Lião, após estar por três noites consecutivas imerso num banho frio precisamente quando o relógio batia as doze horas, sentiu um calafrio na quarta noite à mesma hora, embora estivesse então deitado na sua cama coberto quentinho.

Não é pois de admirar que os efeitos magnéticos devam adquirir rapidamente alguma tendência para ser reproduzidos a certas horas fixas; e assim é que a experiência do dia anterior pode preparar a do dia seguinte, se ambas forem realizadas à mesma hora.

Durante o momento de se recolher, o qual, rigorosamente falando, deveria preceder cada sessão, reúna e concentre as suas forças; bana da sua mente todo o pensamento alheio ao assunto em mãos; chame de volta e reflita sobre essas várias associações que podem fortalecer a confiança que tem em si mesmo: por último, trace clara e distintamente a imagem dos resultados que se propõe atingir.

O dever da pessoa que se submete à sua ação é inteiramente diferente do seu. É um dever passivo o de se resignar totalmente, e o de não pensar em nada: nisso consiste.

Se o seu sujeito é uma pessoa de estrutura delicada, de uma constituição nervosa e impressionável; se, também, após os primeiras passes, ele confessa uma sensação de inquietude e desassossego, que declara não poder sustentar por muito tempo, modere um pouco o seu modo de proceder, e dirija a sua ação para as partes remotas daquelas onde a dor ou desassossego se manifesta.

Se esta sensação de desassossego aumenta apesar das suas precauções, retire-se para uma distância um pouco maior, adotando mais lentidão no seu movimento e menos de ação na sua vontade, e dirija-se ao seu sujeito em termos tais que o possam fortalecer e encorajar.

Por último, se ele se queixar de aflição real, tal como espasmos violentos, convulsões, síncope, etc., recorra ao seu sangue-frio e domínio de si mesmo; não chame ninguém para assistência; cautele-se de ter recurso a qualquer agente farmacêutico, o qual apenas aumentaria o mal; acima de tudo, proíba expressamente qualquer pessoa de tocar no seu paciente, ou mesmo de se aproximar dele, mas reúna toda a sua própria vontade, todo o seu calmo, e toda a sua bondade de disposição; penetre-se completamente desta ideia, de que é dotado do poder de transmitir este calmo que está em si; alimente a

certeza de que ele se deve manifestar à sua palavra, ao seu gesto, etc., e em breve testemunhará, para grande espanto dos assistentes, os efeitos salutares do poder mágico com que a natureza o dotou. Frequentemente basta meramente diminuir a intensidade da ação magnética a fim de remediar instantaneamente a perturbação que ela produz.

Outras vezes, pelo contrário, as convulsões e sintomas similares não passam de precursores naturais do sonambulismo; neste caso, que apenas uma longa prática o pode capacitar para apreciar, é apenas perseverando que podemos ter sucesso em restaurar o calmo. Para concluir, nunca perca de vista este grande princípio: o estado do seu paciente depende de si — de si apenas; é de si que o gozo ou a dor deve derivar para ele; mas quer possa ser explicado ou não, mantenha isto em vista, a fim de que o seu poder possa ser real, deve começar por estar firmemente persuadido dele.

CAPÍTULO VII

DOS PROCESSOS A ADOTAR

PARA ACORDAR OS SONÂMBULOS

Os elementos deste curto capítulo, que rigorosamente deveria fazer parte do precedente, estão reduzidos a um espaço muito pequeno. Contudo, experimentei tal embaraço em acordar os meus primeiros sonâmbulos, que prometi a mim mesmo, se alguma vez viesse a escrever uma obra didática sobre o magnetismo, reunir num artigo separado tudo o que tivesse aprendido sobre este assunto.

Ao início, é verdade, a menor reflexão deveria ter-me traçado as indicações que eu tinha de cumprir; mas quem se pode vangloriar de refletir precisamente na altura certa? E depois, estão as pessoas dispostas a meditar sobre uma coisa em que não acreditam, ou em que apenas acreditam a meias? A esperança de adormecer o primeiro sonâmbulo sobre quem atuei estava tão afastada da minha mente, enquanto o estava a magnetizar, que mal pensei nos meios que deveria

empregar para o tirar do seu sonambulismo; mas nada é melhor do que as falhas para dar experiência.

Nada no mundo é mais simples do que acordar um sonâmbulo; mas, apesar de tudo, há certas precauções a tomar com as quais devemos estar profundamente impressionados. A primeira coisa a fazer é avisá-lo das suas intenções, e aconselhá-lo a participar delas; metade do trabalho estará feita assim que ele tiver o desejo de acordar. Uma circunstância, não contudo comum, mas muito embaraçosa, pode apresentar-se aqui; é esta: a de o seu sonâmbulo poder não estar consciente do seu estado. Como, então, lhe vai transmitir o desejo de acordar, se ele está persuadido de que não está a dormir?

Somos então obrigados a agir sem a sua concordância, e a acordá-lo a despeito de si mesmo, — uma coisa que raramente deixa de o agitar um pouco. A primeira vez que magnetizei a Senhora Hortense, fiquei assustado quando chegou a altura de a despertar do seu sonambulismo; era sempre uma zanga, e por vezes um verdadeiro combate. Sabemos que a mesma coisa se passa relativamente aos sonâmbulos naturais; mas, felizmente, como disse antes, raramente experimentámos qualquer desagrado deste género.

Assim que o seu sujeito estiver avisado disso, recolha-se por um minuto como ao começar a operação; depois ponha-se a proceder na ordem inversa, — isto é, deixe que a vontade de acordar substitua a de adormecer, e faça passes horizontais em vez de verticais. As duas operações devem em geral durar o mesmo tempo; e se deseja não testemunhar o estado de sonolência e estupor muito prolongado que se seguirá ao acordar, não deve considerar o seu sujeito como perfeitamente acordado no momento em que ele tiver aberto os olhos, mas deve continuar o processo de o desmagnetizar até que ele se sinta perfeitamente restabelecido no seu estado normal.

No tocante aos passes horizontais, eis como são realizadas. Aproxime as suas duas mãos pelas suas superfícies dorsais; depois separe-as subitamente. Repete o mesmo movimento um certo número de vezes diante do rosto; após o que o repete, descendo ao longo de

toda a linha mediana até às extremidades inferiores inclusivamente. Em geral, o ato de acordar é mais lento à medida que o sono durou mais tempo. Ocupei várias vezes uma meia-hora inteira a realizá-lo; este caso, contudo, é extremamente raro.

O que é felizmente ainda mais raro é a impossibilidade absoluta de o determinar, como acontece quer quando desejamos acordar certos sonâmbulos contra a sua vontade, quer quando, em consequência de alguma circunstância fisiológica desconhecida, o seu sonâmbulo deve dormir um tempo determinado, que ainda não decorreu. O que se deve fazer nesse caso? Deve esperar, e retomar o trabalho quando o momento favorável tiver chegado.

No tocante a certos sintomas nervosos, são evitados procedendo com reserva, com lentidão se necessário, e sempre com paciência. Por último, acontece ocasionalmente que, faça-se o que se fizer, estes sintomas sobrevirão: é, contudo, trabalho de apenas alguns momentos dissipá-los.

Se restar alguma tendência para dormir, recomendo algumas horas de repouso na cama; mas o mais das vezes não há absolutamente necessidade alguma de ter recurso a meios nenhuns, quer higiénicos quer terapêuticos; e os sonâmbulos têm encontrado em algumas horas de sono magnético o repouso reparador que uma noite inteira de sono ordinário nos dá.

CAPÍTULO VIII

DO FLUIDO MAGNÉTICO

Esquecendo a sábia máxima que nos foi proposta pelo grande Newton, e à qual ele sempre aderiu estritamente, *hypotheses non fingo*, a maioria dos nossos confrades no magnetismo admite, a fim de explicar os fenómenos a que assiste, a intervenção subtil de um agente desconhecido, ao qual deram o nome de fluido magnético.
Certamente, estou longe de condenar esta hipótese, visto que, afinal de

contas, é propriedade dos seres racionais testar a análise das suas sensações no crisol do seu entendimento.

Mas o que não posso deixar de censurar é o erro de aceitar uma simples conjetura como equivalente a uma verdade de facto, e de materializar de um momento para o outro um agente que é provavelmente puramente fictício, visto que ninguém jamais o viu, nem o tocou, nem de modo algum o sentiu. Reflitamos, de facto, na grande propensão para alimentar o espírito humano apenas com matéria, em vão tormento: as grandes forças da natureza, contudo, continuam privadas quer de extensão quer de corpo; pois os nossos sentidos ainda não apreenderam a atração planetária, esse poder sublime e mágico de onde emana eternamente a harmonia do universo.

Mas desconfiemos das analogias cuja exatidão não há nada que prove, e esforcemo-nos por preencher o vazio deixado pelos nossos predecessores julgando o facto pelo próprio facto.

Toda a gente sabe quão limitadas são as noções que possuímos a respeito da vida humana. Haller, Brown, e o nosso imortal Bichat, tomando, como tema das suas especulações, algumas das suas propriedades mais proeminentes, tentaram em vão defini-la. Alguns ainda não veem no conjunto dos fenómenos que a constituem mais do que as reações especiais de uma matéria modificada nas suas propriedades íntimas ao tornar-se organizada; enquanto alguns, cortando a dificuldade sem a resolver, rejeitam perentoriamente toda a espécie de aproximação e comparação entre o homem e os outros seres da natureza, e deixam-nos a associação de uma alma a um corpo.

Finalmente, há alguns que, segundo o exemplo de São Paulo (*Epístola aos Tessalonicenses*, cap. v.), encontram os meios de extrair três entidades do organismo humano, a saber, um espírito ou alma imortal, uma alma viva, e um corpo, *spiritus et anima et corpus*. Por razões que serão facilmente compreendidas, abster-nos-emos, tanto quanto possível, de nos aproximarmos da primeira destas abstrações; pois a existência de uma alma imortal é um artigo de fé, e portanto

não se discute. Mas felizmente não é assim com a alma viva — a *anima* de São Paulo. Esta pertence-nos por direito, e faz parte do domínio da ciência, pois a sua essência é inteiramente terrena.

Ora se, como presumimos, ela em nada difere da vitalidade dos nossos fisiologistas, de um dos *archæi* secundários de Van Helmont, da alma material de Stahl, do princípio vital de Barthez, numa palavra, do movimento vital, esse ser de razão, que por tanto tempo ocupou os espíritos ativos do grande Locke e do Abbé Condillac, temos alguma esperança de estabelecer uma definição dela, não digo apenas uma definição racional, mas quase estritamente precisa.

As propriedades simples da matéria admitidas por todos os filósofos sob os nomes de adesão, afinidade, atração molecular, etc., parecem-nos, de facto, dar uma razão suficiente da vida, mas para que não sejamos suspeitos de materialismo, repetimo-lo mais uma vez, apenas da vida orgânica.

E primeiro, não é no homem, de todas as máquinas vivas a mais complicada, que devemos em primeiro lugar estudar a ação vital, e investigar as suas leis. Foi o emprego de um método contrário àquele que propomos que produziu todas as divagações absurdas que a maioria dos nossos antropólogos nos apresentou até ao presente, sob o título pomposo de sistemas. Substituamos pois a análise pela síntese, visto que a experiência nos prova que a primeira é impraticável. Procedamos, numa palavra, sempre do simples para o composto; e teremos infalivelmente tocado no fim, se tivermos sucesso em encontrar em alguma parte o movimento eterno, ou antes a fonte deste movimento, que, ao ser transmitido de era em era, anima sucessivamente todas as gerações de seres.

Toda a gente sabe que na natureza há corpos simples e corpos compostos. Não me deterei aqui a definir quer um quer outro, uma coisa que seria, para dizer o mínimo, banal. Direi, contudo, a tais dos meus leitores que estão mas pouco familiarizados com os estudos químicos que, enquanto os últimos são inumeráveis, o número dos

primeiros é tão limitado que mal podemos contar mais de cinquenta deles, cujos nomes bárbaros me me absterei de mencionar.

Ora é combinando, e agregando juntamente de mil maneiras, e em proporções a variar *ad infinitum*, que os últimos dão origem a todas as substâncias com que estamos familiarizados. Tão verdadeiro é isto, que a análise química já teve sucesso em iniciar-nos na formação primária de quase todas as individualidades da natureza inerte; apenas ainda não resolveu, e provavelmente nunca resolverá, o problema das combinações incomparavelmente mais complexas que fornecem a sucessão dos corpos organizados.

Mas se descermos atentamente ao longo da grande série de seres, que conduz por graus quase impercetíveis do homem ao mineral, sentimo-nos tão impressionados com a analogia que une os elos desta cadeia imaginária, que ficamos quase dispostos a admitir:

1.º Que, tomada na sua aceção mais vasta, a vida é em toda a parte idêntica, em qualquer direção em que a observemos;

2.º Que podemos quase lisonjear-nos de a ter pelo menos tornado concebível no homem, no momento em que a tivermos tornado inteligível num átomo.

Pois bem, meçamos por um exemplo que podemos encontrar o seu elemento fundamental (o movimento) mesmo na mais simples de todas as combinações químicas.

Se, sob certas condições, pusermos em contacto dois corpos elementares, o oxigénio e o hidrogénio, as moléculas destes dois corpos, em razão de uma força de afinidade que lhes é essencial, aproximar-se-ão uma da outra, e combinar-se-ão, de modo a formar as moléculas de um novo corpo. Um vapor esbranquiçado e floculento preencherá ao início todo o aparelho, dando origem a um desprendimento de calórico e de luz proporcional à rapidez da operação.

Depois este vapor em breve se tornará claro e condensado; e presentemente não restará na bola de vidro, que foi usada na

combustão, nada senão uma multidão de pequenas pérolas esferoidais e diáfanas, suspensas dos seus lados. Ora, se em todas estas pequenas gotas de água (pois é água o que acaba de ser formado) concordarmos em ver outras tantas individualidades reais, sustento que cada uma delas nos apresentará a imagem — não digo completa, mas perfeita — da vida orgânica no estado rudimentar. Retomemos a operação exatamente onde a deixámos. Ateemos fogo a novos volumes de hidrogénio e de oxigénio, e instantaneamente um movimento interno e regular recomeça a manifestar-se em cada uma destas gotas de água, a qual, sem perder a sua aparência esférica, se move e aumenta em todas as direções, como um animal que aumenta de tamanho. Mas quanto tempo durará esta existência efémera? Até ao momento em que os elementos que a sustentam deixem de lhe ser fornecidos. E é só então que ao movimento se sucederá o repouso — esse repouso, essa imobilidade eterna, a que os homens chamaram morte.

Mas isto não é tudo. Independentemente do movimento, na vida da minha gota de água encontro, como que em miniatura, todos os epifenómenos da vida animal. Os filósofos detetaram nela um desprendimento contínuo de fluidos imponderáveis. Calor, luz e eletricidade estão alojados, tal como na carne do homem, em todos os interstícios moleculares desta água, que acaba de vir à vida, e que se tornará fria como um corpo morto, após a realização inteira da sua formação.

Não suponha o leitor por um momento que as últimas linhas contêm meramente uma alegoria paradoxal; pois se houver um meio de explicar a transmissão do movimento de uma maneira tão plausível como esse próprio movimento, teremos verdadeiramente penetrado no grande mistério da vida. Pois bem, imaginemos que, no produto de uma combinação química, se desenvolvam primariamente alguns corpos embrionários que, após a cessação do movimento — isto é, após a realização desta combinação primária — possam ser capazes de recomeçar uma nova pelo simples contacto dos corpos circundantes; e teremos adivinhado a história sumária de todas as plantas, de todos os animais, de todos os homens — numa palavra, de todas as raças

organizadas. Tudo nos inclina a crer que as coisas se passam assim na natureza. As sementes e botões das árvores, tal como os germes reprodutores dos animais, desenvolvem-se ao mesmo tempo que estas próprias árvores e estes próprios animais. Terra, água, sol, ar e substâncias assimiláveis fornecem ou põem em ação os múltiplos elementos das combinações de que estes próprios germes e estas próprias sementes fazem parte. Estes reproduzem por sua vez os seus análogos em obediência às mesmas leis; e é desta maneira que o mundo vivo se perpetua.

Restaria agora para nós investigar a natureza e a causa das propriedades abstratas que a matéria contrai ao tornar-se organizada. Seria uma coisa curiosa, por exemplo, mostrar qual é a relação existente entre a simples afinidade química e os primeiros traços dessa sensibilidade confusa que caracteriza a individualidade; por que transformações esta sensibilidade pode engendrar o instinto; e, finalmente, o instinto a inteligência. Mas supondo que investigações deste género fossem praticáveis, não deveríamos, para satisfação de todos, recusar ao início as suas consequências? Felizmente, a Providência previu a nossa extrema ganância, e sobre este ponto ninguém jamais obterá o fruto proibido.

Seja como for, não tenho medo de ser acusado de um sofisma por resumir tudo o que acabo de dizer nesta dupla conclusão:

1.º Conhecemos as propriedades da matéria apenas muito imperfeitamente; por esta mesma razão — que só as podemos investigar na matéria inerte.

2.º A mais complexa de todas as vidas animais, a do homem, não difere, provavelmente quanto ao seu princípio, da do mais baixo dos seres.

Se, pois, é verdade que cada espécie de vida animal não é outra coisa senão a saturação do elemento vivo* por elementos que podem ser assimilados à sua substância, — se, numa palavra, esta vida, propriamente falando, não é senão uma grande combinação química, na qual as propriedades da matéria adquirem provavelmente um

desenvolvimento e perfeição proporcionais à perfeição que esta própria matéria parece adquirir no alto grau da escala viva, — não se segue que todo o organismo deve ser o foco permanente e o ponto de partida de fenómenos análogos àqueles que vemos desenvolvidos em todas as combinações químicas ordinárias?

Assim, enquanto a gota de água que se está a formar é cercada por emanações eletroluminosas, que os nossos filósofos naturais não pretendem ter definido com precisão, não deveria algo de similar escapar-se incessantemente de um organismo humano? Ora, este algo, do qual estamos na verdade muito longe de formar uma ideia distinta, mas que não estamos indispostos a admitir ser mais do que o próprio pensamento, do qual parece ocasionalmente ser o veículo, este intermédio subtil da vontade deve, na nossa opinião, ser nem mais nem menos do que o *fluido magnético*, de cuja existência tentaremos, num período posterior, apresentar prova direta.

- O oxigénio do ar, bem como a parte nutritiva dos alimentos, estão constantemente a combinar-se com o elemento embrionário, de modo que, sem os acidentes que a ocasionam, a morte não ocorreria senão até à completa saturação deste elemento. Isto parece ser claramente provado pela petrificação dos ossos e pela ossificação das artérias nos velhos.

-

CAPÍTULO IX

DA FADIGA SENTIDA PELOS MAGNETIZADORES — DO SONAMBULISMO OCASIONADO POR CERTO MEDICAMENTOS — ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A NATUREZA DO MAGNETISMO

"O tratamento, especialmente pelo contacto," diz de Jussieu, "pode fatigar aqueles que o administram. Não o experimentei na minha própria pessoa, mas tenho visto várias pessoas debilitadas após longas sessões ter recurso à tina (*baquet*) e ao contacto de outra pessoa, e recuperar forças empregando estes dois meios." Não sei se o contacto da tina mesmeriana teria produzido este último efeito em

mim; sei muito bem que me consideraria muito afortunado por encontrar um meio tão eficaz de recuperar as minhas forças após uma longa sessão magnética.

Independentemente da lassidão frequentemente extrema que sinto após fazer as passes, uma lassidão que é acompanhada por uma transpiração copiosa, e é seguida por uma contusão em todas as articulações, sinto após cada operação outro tipo de fadiga que, afetando diretamente os centros nervosos, se assemelha a esse tipo de depressão ocasionado pelo trabalho intelectual forçado. A minha mão treme, a minha visão é turva, eu seria incapaz de escrever, e se vou para a cama, uma perturbação indescritível impede-me de dormir. Estes efeitos são, além disso, subordinados ao indivíduo que é magnetizado, à maneira de proceder, e, acima de tudo, às disposições em que as partes estão; magnetizadores vigorosos nem sequer suspeitam da sua existência. Pela minha parte, tenho ouvido várias vezes dizerem-me durante a sessão: "Senhor, está pálido." Certifiquei-me do facto olhando para um espelho, e apurei sempre a exatidão disso. Contudo, esta palidez súbita não era o resultado de fadiga física, pois eu magnetizava então frequentemente sem gestos.

Mas desejar intensamente, e por muito tempo, é acompanhado pelo mesmo efeito; e toda a gente sabe que os esforços do cérebro têm um limite, além do qual o órgão começa a sofrer. É, na verdade, uma ocupação laboriosa a do pensador, e a saúde é desgastada por ela mais cedo do que por carregar fardos do mercado. "A meditação desgasta o corpo" (Salomão).

Ora, desejar como os magnetizadores desejam é muito pior do que pensar, pois sinto que morreria disso se continuasse a magnetizar mesmo um dia inteiro sem descontinuação. Além disso, nunca encontrei em mim mesmo que o contacto de outros homens fosse, em tais circunstâncias, um meio de refratar as minhas forças; mas, para dizer a verdade, nunca tentei certificar-me sobre o ponto.

Esta circunstância, contudo, não deve alarmar os nossos prosélitos, visto que, após ter magnetizado várias centenas de pessoas,

ainda não morri de exaustão. As minhas intenções limitavam-se então à menção de um facto fisiológico, o qual, em razão de uma impressionabilidade excessiva, eu deveria talvez apreciar melhor do que outro, e do qual corolários importantes me parecem fluir. Na verdade, é em parte a partir destes dados que somos capacitados a estabelecer as condições físicas de um bom magnetizador. Ele deve ser forte, dotado de um moral energético e, acima de tudo, num bom estado de saúde; pois como poderia uma pessoa doente encontrar em si mesma saúde para outros?

É provavelmente cedendo a um sonâmbulo a metade do poder vital com que está dotado que a vida extraordinária é criada nele pela exuberante atividade funcional de que todos os seus atos são caracterizados. É necessário, de facto, ter um excesso de força para magnetizar com sucesso, caso contrário a parte deve sofrer com os esforços que é obrigada a fazer; pois quando tem apenas a quota-parte de saúde necessária para si mesma deve necessariamente fazer-se doente ao ceder parte dela a outros. Que sacrifícios deste género já fiz à verdade! Mas que apóstolo sincero jamais recusou o martírio?

Além do sono magnético, do êxtase e do sonambulismo natural, existe ainda uma espécie de sonambulismo que difere deste último apenas na causa que o ocasiona. Falo agora do sonambulismo produzido por certos medicamentos, tais como o ópio, a beladona, etc. Esta espécie de sonambulismo está longe de ser um dos sintomas constantes da intoxicação por narcóticos; mas é certo que essas substâncias, administradas em certas doses e em estados que ainda não foram determinados, produzem um estado muito singular, um estado que pode ser comparado apenas ao sono magnético. O Dr. Frapart comunicou vários casos que não deixam dúvida sobre este assunto.

O sonambulismo, pois, é uma maneira de existência anormal, é verdade, mas inerente, contudo, à nossa natureza, cujos elementos e frequentemente as causas cada indivíduo inclui dentro de si mesmo.

"A vontade do homem," diz o autor de uma carta a Deleuze, "não é senão um dos meios de excitar na organização essa força instintiva

ou medicinal (como tem sido chamada) que adquire o seu mais alto desenvolvimento no sonambulismo. Água simples, água do mar, metais, dores violentas, doenças, disposições internas cuja natureza nos é desconhecida, podem pô-la em ação sem que a vontade de outro indivíduo desempenhe qualquer parte ativa.

Atribuímos demasiado, pois, à conta da vontade e da benevolência para a chamar; penso antes que, uma vez despertada esta força, uma razão esclarecida e uma vontade benevolente são necessárias para a dirigir devidamente, pois é muito raro que ela possa por si mesma fazer uso da bússola. Parece-me que um espírito superior e uma vontade benevolente, sustentados por conhecimento positivo e grande experiência, lhe dão uma direção salutare, enquanto uma má vontade, paixões egoístas e a falta de experiência a podem perturbar, conduzi-la mesmo à loucura, e fazê-la flutuar ao acaso num oceano escuro, onde até ao presente tem havido apenas poucas estrelas para guiar o viajante."

Estas reflexões parecem-me apresentar um vasto fundo de verdade; mas, sem determinar se há ou não uma necessidade de dirigir a clarividência dos sonâmbulos, apresentamos a ideia fundamental incluída nesta passagem, e adotamo-la como parte da nossa profissão de fé. Cada espécie de sonambulismo consiste num certo estado do sistema nervoso, que pode ser produzido por uma multidão de causas indiferentemente, não guardando qualquer analogia entre si. Assim a própria vontade do sonâmbulo pode ser substituída pela vontade do magnetizador, visto que há sujeitos que vão dormir e acordam por si mesmos, e quando lhes apraz; depois, também, uma certa disposição orgânica é equivalente a toda a espécie de vontade, visto que o sonambulismo é produzido vezes suficientes por si mesmo.

Assim de novo uma doença (êxtase) dá origem ao mesmo resultado. Por último, é desta maneira que vários agentes medicinais podem substituir a vontade, as passes, etc., de modo a produzir os mesmos efeitos. Esta questão delicada formou um dia assunto de conversa entre mim e uma jovem sonâmbula, que já citei frequentemente:

"— Que diferença," disse-lhe eu, "supõe que existe entre o sonambulismo natural e o sonambulismo artificial?"

"— Nenhuma, penso eu."

"— Quando se magnetiza a si mesma, então, acha-se a mesma de quando outro a magnetiza?"

"— Precisamente."

"— Não acredita então na existência do fluido?"

"— Nunca o vi."

"— Mas como explica a circunstância de um sonâmbulo poder pensar pelo seu magnetizador?"

"— Porque o primeiro adivinha o pensamento do segundo, e tem a condescendência de se submeter a ele."

"— De onde vem, então, a intimidade das relações que os unem?"

"— Do seu contacto e hábito."

"— Mas de novo esta comunidade de pensamento?"

"— Eh, senhor! disse-me que os extáticos adivinhavam os pensamentos de todas as pessoas que se aproximavam deles; não havia, contudo, entre uns e outros esses pretendidos laços em que pretende encadear-nos ao magnetizar. Vá, é um médico, e morrerá no seu Ateísmo, pois aprendeu o Ateísmo com a anatomia."

Apresento estas reflexões de uma senhora aos nossos leitores sem comentário; parecem-me bem merecedoras da sua consideração.

Seja como for, e não obstante a grande parte que atribuímos aos agentes morais na produção dos fenómenos magnéticos, não é menos verdade que as passes e fricções empregadas e feitas numa certa direção têm também um poder intrínseco, visto que frequentemente têm bastado para produzir o sonambulismo. Segue-se, pois, que se poderia magnetizar um homem precisamente da mesma maneira que carregamos a placa resinosa de um eletróforo com eletricidade. Seriam

os dois factos idênticos? Não o penso; mas não gostaria de tomar sobre mim o provar o contrário.

Ainda mais, corpos reputados elétricos são também dotados de uma virtude magnética peculiar. Sabemos, por exemplo, que certas superfícies polidas são eletrizadas batendo-lhes com a pele de um gato; ora os gatos produzem um dos efeitos mais marcados em todos os sonâmbulos, e não seria necessário mais do que o mero contacto de um destes animais para produzir uma crise na Menina Estelle Hardy, uma das catalépticas do Sr. Despine. Os sonâmbulos são também muito sensíveis ao contacto, e mesmo à aproximação, de substâncias metálicas.

O cobre, em particular, afeta-os dolorosamente. As pessoas que estavam connosco nessas sessões do Sr. Ricard, das quais demos o relato,* puderam convencer-se desta circunstância. Callixte, ao passar diante das senhoras, para de repente, gritando numa espécie de susto: "Cobre! há cobre ali!" Olhamos e não encontramos nada. Contudo, Callixte repete: "Digo-vos que é cobre," e hesita como um homem que tinha medo de pôr o pé sobre uma serpente. Os assistentes curvam-se e olham de novo, e o resultado das suas novas pesquisas justifica as estranhas apreensões do sonâmbulo, pois encontram debaixo do sofá um guarda-chuva, que uma senhora tinha deixado cair ali, cuja extremidade estava coberta de cobre.

Estou no presente momento envolvido em pesquisas experimentais, cujo objeto é determinar a natureza das relações que podem ser estabelecidas entre o magnetismo animal e a eletricidade; mas os resultados que atingi não estão ainda em condições de colocar diante do público.

CAPÍTULO X

DA MAGNETIZAÇÃO DE ALIMENTOS, DE BEBIDAS, DE ANÉIS E DE SUBSTÂNCIAS INANIMADAS EM GERAL

Quando li, pela primeira vez, a descrição dos efeitos ocasionados pela água, por anéis, tinas (*baquets*), lenços e especialmente por árvores, após estas várias substâncias terem sido magnetizadas, deitei fora o livro, encolhendo os ombros e perguntando a mim mesmo como podia haver homens tão pródigos do seu tempo a ponto de o consumirem a relatar tais tolices, e outros tão tolos a ponto de tomar tais histórias como sérias.

Pois bem, o orgulho não passa de um tolo, disse um homem de espírito; mas nem todas as pessoas orgulhosas são incorrigíveis. Riam-se os incrédulos agora de mim tanto quanto quiserem, entrego-me à sua compaixão; mas eles não me impedirão de gritar com toda a força dos meus pulmões: "as coisas de que me zombei são verdadeiras, infinitamente verdadeiras." Outrora, tinha o orgulho da incredulidade, agora tenho o orgulho da fé. Recordem os nossos adversários que a incredulidade é frequentemente mera ignorância.

A famosa árvore de Busancy, magnetizada pelos Srs. de Puysegur, foi a primeira maravilha deste género contra a qual a minha razão se revoltou. Confesso que havia causa para duvidar. Ponderem os meus leitores os motivos do meu pirronismo ao passar os olhos pela seguinte carta. É uma do Sr. Cloquet, um recebedor da alfândega, que tinha ido a Busancy, como um número de outras pessoas curiosas fez, a fim de testemunhar o tratamento do Sr. Marquês de Puysegur:

"Soissons, 13 de Junho de 1784.

"Atraído, como outros, a esta exibição, levei comigo para ela as disposições de um observador calmo e imparcial, determinado a manter-me na minha guarda contra as ilusões da novidade e do espanto, determinado também a ver bem e a ouvir bem.

"Figure para si mesmo uma aldeia de província. No meio está um olmo, ao pé do qual corre uma fonte da água mais límpida, — uma árvore velha, imensa, mas ainda muito vigorosa e verdejante, — uma árvore respeitada pelos antigos do lugar, que nos dias de festa se reúnem ali de manhã para conversar sobre as suas colheitas, e mais especialmente sobre a vindima próxima, — uma árvore estimada pelos

jovens, que realizam as suas reuniões ali à noite para formar as suas danças rústicas.

Esta árvore, magnetizada desde tempos imemoriais pelo amor do prazer, está-o no presente pelo amor da humanidade. Os Srs. Puysegur transmitiram-lhe uma virtude salutare, ativa, penetrante. As suas emanações são distribuídas por meio de cordas, com as quais o corpo e os ramos estão cercados, as quais estão afixadas a ela em redor, e são prolongadas à vontade. Vários assentos circulares de pedra foram colocados em redor desta árvore misteriosa, nos quais todos os doentes estão sentados, os quais enrolam a corda em redor da parte afetada do seu corpo. Depois a operação começa, formando cada um a cadeia e segurando-se cada um pelo polegar. O fluido magnético circula nesses momentos com maior liberdade. A impressão dele é sentida mais ou menos. Se acontece que alguém quebra a cadeia largando a mão do seu vizinho, alguns dos pacientes sentem uma sensação de constrição, e declaram em voz alta que a cadeia está quebrada. Chega a altura em que, a fim de lhes dar repouso, o mestre lhes permite largar as mãos, recomendando-lhe que as esfreguem.

Mas o ato mais interessante é este: o Sr. Puysegur, a quem doravante chamarei o mestre, escolhe entre os seus pacientes várias pessoas, as quais, pelo toque das suas mãos e apresentando a sua vara (uma vara de ferro de cerca de quinze polegadas de comprimento), ele lança numa perfeita crise. A realização deste estado é uma aparência de sono, durante o qual as faculdades físicas parecem suspensas, mas para proveito das faculdades intelectuais. Eles têm os olhos fechados, o sentido da audição desapareceu; ele acorda apenas à voz do mestre. Grande cuidado deve ser tomado em não tocar no paciente na crise, nem mesmo na cadeira em que está sentado, pois isso causar-lhe-ia grande aflição e convulsões, que apenas o mestre pode controlar.

Estes pacientes em estado de crise, que são chamados *médicos*, têm um poder sobrenatural, por meio do qual, ao tocar num paciente que lhes possa ser apresentado, aplicando a sua mão mesmo por cima das roupas, eles sentem qual é o órgão afetado, a parte que está a sofrer; declaram-no e dirigem quase o tratamento próprio."

"Fiz-me tocar por um desses médicos; foi por uma mulher de quase cinquenta anos de idade. Eu certamente não tinha informado ninguém sobre a natureza da minha doença. Depois de ela ter demorado algum tempo, particularmente na minha cabeça, disse-me que eu sofria frequentemente, e que tinha habitualmente um grande ruído de zumbido nos meus ouvidos, o que era na verdade a verdade. Um jovem, espectador incrédulo desta experiência, submeteu-se então a ela; e foi-lhe dito que ele estava afetado no estômago, que tinha um estado de enfartamento dos órgãos abdominais, e isto desde uma doença que ele tinha tido alguns anos antes. Isto ele confessou-nos ser estritamente conforme à verdade. Não satisfeito com esta adivinhação, ele foi, à distância de vinte passos do seu primeiro médico, tocado por outro deles, que lhe disse precisamente a mesma coisa.

Nunca vi nada parecido com a estupefação deste jovem, que certamente tinha vindo para contradizer e gozar, e não para ser convencido. Uma singularidade não menos notável do que o que estive a mencionar é que aqueles médicos que durante quatro horas estiveram a tocar nos pacientes e a conversar com eles não se lembravam de nada, absolutamente nada, quando era o desejo do mestre os desencantar e os restaurar ao seu estado normal; o tempo que decorreu desde a sua entrada na crise até à sua saída dela é, como se poderia dizer, nulo, de modo que uma mesa bem fornecida será posta diante destes médicos a dormir, eles comerão e beberão, e se, sendo a mesa retirada, o mestre os restaurar ao seu estado normal, eles não se lembrarão de ter comido nada.

O mestre tem o poder, como já disse, de se fazer ouvir por estes médicos num estado de crise; mas, e tenho-o visto frequentemente com os meus olhos abertos, vi-o apontar o dedo para um destes médicos sempre no estado de crise e num sono espasmódico, fazê-lo segui-lo para onde quer que ele quisesse; vi-o também enviá-los para longe dele, quer para a sua própria residência, quer para diferentes lugares que ele concebia na sua mente sem lhes dizer. Lembre-se, o médico tem sempre os olhos fechados. Esqueci-me de lhe dizer que a inteligência destes médicos doentes é singularmente suscetível. Se, a

uma distância considerável, estão a decorrer discursos que são de qualquer modo ofensivos para o decoro, eles ouvem-nos, como se poderia dizer, interiormente; a sua alma sofre em consequência, eles queixam-se disso, e avisam o mestre disso, uma circunstância que várias vezes ocasionou cenas de confusão para aqueles grandes zombadores que se entregavam a esses sarcasmos inconsiderados e despropositados em casa dos Srs. Puysegur. Mas como é que o mestre desencanta estes médicos? É suficiente tocar-lhes nos olhos, ou então diz-lhes: 'Vão, abracem a árvore.'

Então eles levantam-se, vão diretos à árvore, e logo a seguir os seus olhos abrem-se; há um sorriso nos seus lábios, e uma aparência de satisfação no seu rosto. Interroguei vários destes médicos, que me asseguraram que não tinham recordação de nada do que se tinha passado durante as três ou quatro horas da sua crise. Questionei um grande número dos pacientes ordinários que não tinham sido postos em crise, pois nem todos têm esta faculdade, e todos me asseguraram que experimentavam muito alívio desde que se submeteram ao simples tratamento, quer do toque pelo mestre, quer da corda ou cadeia; todos me falaram do número muito grande de curas que tinham sido efetuadas em pessoas da sua relação.

"Penso, senhor, que todos estes pormenores a respeito destes médicos no estado de crise são novos para si; não os vejo em nenhuma das obras publicadas sobre o magnetismo animal.

"Perguntar-me-á, provavelmente, qual é o fim essencial deste magnetismo? Pretendem os Srs. Puysegur curar todas as doenças? Não; estes senhores não acalentam tal ideia extravagante. Eles gozam o prazer puro, sem mistura, de ser úteis aos seus semelhantes, e exercem o seu poder com todo o zelo e toda a energia que o amor da humanidade inspira. Pensam que as emanações magnéticas, de que dispõem à sua própria escolha, são em geral um princípio que renova a vida, por vezes suficientemente para restaurar o tom a uma víscera enfraquecida, e para dar ao sangue e a outros humores um movimento salutar. Eles creem e provam que o magnetismo é um índice seguro para atingir o conhecimento de doenças cujo assento escapa às

sensações do paciente e à observação dos médicos, mas declaram positivamente que a medicina prática deve concorrer com o magnetismo e secundar os seus efeitos.

"Enquanto eu estava a observar o espetáculo mais interessante a que jamais assisti, ouvi frequentemente a palavra charlatanismo ser pronunciada, e disse para mim mesmo: é possível que duas pessoas jovens, levianas, inconsideradas, e de nenhum plano social, montem uma cena concertada de ilusões e de malabarismo, e iludam a fim de se rir deles; mas nunca poderei ser persuadido de que dois homens da corte, que foram educados com o maior cuidado por um progenitor altamente instruído, honrado na sua província pelos seus talentos e qualidades pessoais boas, que ele transmitiu aos seus filhos, na flor da saúde e no auge do gozo nas suas propriedades, onde vêm descontrair a sua mente na melhor estação do ano, — nunca poderei ser persuadido, nem homem razoável nenhum, de que os Srs. de Puysegur iriam, por um mês, abandonar os seus negócios e os seus prazeres para se dedicarem ao aborrecimento repetido de dizer e fazer coisas de cuja falsidade e inutilidade eles deviam estar internamente convencidos. Esta continuação de mendacidade e de aborrecimento é inconsistente não só com a natureza, mas com o caráter bem conhecido destes senhores.

"Poderia mais facilmente conceber que o Sr. Mesmer (se eu pudesse agourar mal da veracidade de um homem capaz de fazer uma grande descoberta, e que além disso, há vários anos para cá, era vigiado por olhos muito clarividentes) se entregasse à repetição fastidiosa de experiências falsas e mentirosas, porque se poderia supor que o Sr. Mesmer teria algum objeto ao fazê-lo; mas que interesse poderia induzir os Srs. Puysegur a fazê-lo? É apenas necessário vê-los no meio dos seus pacientes para ficar persuadido da sua convicção interna, e da satisfação que sentem em converter a um proveito útil a doutrina interessante e sublime que lhes foi revelada.

"Pergunte a todas as pessoas desgraçadas que vieram implorar a assistência do Senhor de Busancy; todas lhe dirão: ele consolou-nos, ele curou-nos; vários entre nós precisavam de pão; não nos atrevíamos

a apelar para a sua beneficência; ele adivinhou os nossos pensamentos e aliviou as nossas necessidades. Ele é o nosso pai, o nosso libertador, o nosso amigo.

"Tenho a honra de ser," etc.

É certo que se qualquer leitor, que nunca tivesse estado presente em nenhuma experiência magnética, acontecesse abrir o meu livro ao acaso e calhar precisamente nesta carta, não deixaria de imaginar que eu a tinha extraído de algum conto árabe, ou que a tinha redigido como um romance. Pois bem! Não é tal coisa. Esta carta é a de um observador sério, que não conta nada senão o que viu.

Sei bem que os magnetizadores não têm tido o mesmo sucesso com árvores como os Srs. de Puysegur, mas as suas experiências foram, não obstante, repetidas com sucesso, primeiro pelo Marquês de Tissard, seu contemporâneo, e subsequentemente pelo Sr. Segretier, de Nantes, etc. Se a mesma experiência não teve sucesso na presença dos comissários de 1784, isso foi atribuível a razões que faremos conhecer após ter citado a passagem do relatório de Bailly, que se refere a esta questão:

"Quando uma árvore foi tocada de acordo com os princípios e método do magnetismo, toda a gente que se adere a ela deve experimentar, mais ou menos, os efeitos deste agente; há alguns mesmo que perdem a sua consciência, ou são lançados em convulsões. Isso foi mencionado ao Sr. d'Eslon, que respondeu que a experiência deveria ter sucesso desde que o sujeito fosse muito sensível, e foi feito um arranjo com ele para a fazer em Passy, na presença do Sr. Franklin. A necessidade de o sujeito ser sensível fez o comissário pensar que para tornar a experiência decisiva e satisfatória era necessário que ela fosse feita por uma pessoa selecionada pelo Sr. d'Eslon, e cuja sensibilidade ao magnetismo ele testasse previamente. Marcaram no pomar um damasqueiro perfeitamente isolado e próprio para preservar o fluido magnético nele impresso.

O Sr. d'Eslon foi trazido para ali sozinho a fim de o magnetizar, tendo o jovem permanecido na casa com uma pessoa que não a

abandonou. Teriam desejado que o Sr. d'Eslon não estivesse presente na experiência; mas ele declarou que ela poderia falhar se ele não dirigisse a sua bengala e os seus olhares para esta árvore, a fim de aumentar a sua ação. Tomou-se o cuidado de afastar o Sr. d'Eslon o mais longe possível, e de colocar alguns dos comissários entre ele e o jovem, a fim de se certificarem de que ele não faria sinais, e de poderem responder que não havia entendimento entre eles. Estas precauções numa experiência que devia ser autêntica são indispensáveis, sem ser ofensivas.

"O jovem foi então trazido, de olhos vendados, e apresentaram-no sucessivamente a quatro árvores, que não estavam magnetizadas, fazendo-o abraçar cada uma pelo espaço de dois minutos, de acordo com o arranjo feito pelo próprio Sr. d'Eslon.

"O Sr. d'Eslon, estando presente, a uma distância considerável, dirigiu a sua bengala para a árvore que estava realmente magnetizada.

"Na primeira árvore, sendo o jovem questionado, ao expirar de um minuto declarou que suava em grandes gotas, tossiu, escarrou e disse que sentia uma ligeira dor de cabeça; a distância da árvore magnetizada era de cerca de vinte e sete pés.

"Na segunda árvore sentiu-se atordoado; a mesma dor na cabeça: a distância era de trinta e seis pés.

"Na terceira árvore a sensação de atordoamento foi redobrada, bem como a dor de cabeça. Diz que pensa que se está a aproximar da árvore magnetizada; estava ele então a cerca de trinta e oito pés dela.

"Por último, na quarta árvore não magnetizada, e a cerca da distância de vinte e quatro pés da árvore que o estava, o jovem caiu numa crise; perdeu a consciência, os seus membros ficaram rígidos, e ele foi transportado para um relvado vizinho, onde o Sr. d me l'Eslon o recuperou."

O que é que esta experiência prova? Nada, absolutamente nada; exceto que a imaginação é suficiente, como ninguém duvida, para produzir efeitos magnéticos. Por que é que o jovem cai numa crise

debaixo de árvores que não tinham sido magnetizadas? Será para pregar partidas aos comissários? De modo nenhum: a pobre criança sabe que lhe disseram que ele vai ser magnetizado, e esta ideia pré-ocupa e envolve inteiramente a sua jovem mente.

Por fim, em consequência de ter sido persuadido de que vai experimentar tais e tais coisas, ele realmente as experimenta; e, como o fenómeno não se desenvolve todo de uma vez, o seu estado de indisposição e desassossego segue um curso ascendente, cujas fases, contudo, não são de todo proporcionadas às distâncias que o separam da árvore magnetizada. Além disso (o grande Broussais repetia frequentemente a frase depois de Jussieu), factos negativos não invalidam factos positivos; e quando de novo o jovem do Sr. d'Eslon não experimentou nada debaixo do damasqueiro de Passy, o olmo de Busancy não deveria menos por isso continuar a ser uma árvore histórica. Detalharemos, noutro lugar, as diferentes experiências feitas por nós mesmos no tocante à magnetização de diferentes substâncias inertes; infelizmente, a maior parte destas experiências não tinha testemunhas cujos nomes sejam de autoridade suficiente; mas testemunhos, por mais altos que sejam, nada adicionam a uma verdade quando esta verdade é um facto, o qual cada um pode reproduzir quando lhe apraz.

1.ª Experiência. *Sobre a Água Magnetizada.* — Esta experiência é realizada à mesa, e foi acompanhada de circunstâncias burlescas; as quais, contudo, nada tiram ao seu valor científico. A 4 de Maio de 1840, estando convidado para jantar com um dos meus pacientes, o Sr. G***, na Rue St. Honoré, ocorreu-me a ideia de magnetizar uma garrafa de água, a fim de ver se esta água, da qual a Menina Júlia G*** devia beber durante o jantar, produziria algum efeito nesta jovem pessoa, que estava frequentemente a submeter-se a tratamento magnético. Os meus preparativos foram feitos em segredo, e nenhum dos convidados teve qualquer conhecimento disso. Não havia razão, pois, se a minha experiência acontecesse ter sucesso, para atribuir o seu sucesso à imaginação.

Cerca de um quarto de hora após os meus arranjos estarem feitos sentámo-nos ao jantar, e, para evitar introduzir qualquer complexidade nas causas do resultado que prometia a mim mesmo, esforcei-me por não pensar no magnetismo, por esquecer mesmo a minha experiência, e por banir da minha mente o próprio pensamento da Menina Júlia. Tudo isto foi muito mais difícil do que se pode imaginar; mas disse que estava indisposto, para melhor ocultar a minha brincadeira, e as mil banalidades com que me sobrecarregaram impediram-me de pensar em qualquer outra coisa. Contudo, a minha situação torna-se mais e mais embaraçosa; a minha água magnetizada circula livremente, toda a gente bebe dela, e como ninguém parece experimentar nada com ela começo a sentir-me ridículo.

Que tolice, disse para mim mesmo, pretender pôr as pessoas a dormir com água sobre a qual passei as minhas mãos duas ou três vezes! Não há sentido comum nisso, e não gostaria por nada deste mundo que eles soubessem o que eu tinha feito. Estes magnetizadores são inteiramente absurdos, e se não tiver cuidado eles ultimamente farão de mim um tolo tão grande como eles próprios, etc. Numa palavra, perdi todo o gosto por isso; e contudo, devo confessar, não obstante o meu desapontamento, algo como esperança permanecia no fundo do meu pensamento.

Por fim, não pensei mais na água magnetizada; mas teria de bom grado dado vinte francos para ver a Menina Júlia bocejar. Mas, como que de propósito, a minha água diminui sem que ela lhe toque. Tudo, pois, conspira contra mim! Irá esta jovem senhora jantar, então, sem beber?

"— Tem ainda horror ao vinho, então, Menina Júlia?"

"— Mais do que nunca, senhor."

"— E à água?"

"— Tem de se beber alguma coisa."

"— Por que não bebe nada? Tenha cuidado com a sua gastrite."

"— Não fale nisso."

"— Faz-lhe ter medo?"

"— Aterra-me: a doença, o remédio, e os médicos; tudo me faz tremer."

"— Beba, então, enquanto come; ou se não..."

A Menina Júlia por fim esvazia o seu copo, mas continua da mesma maneira, e eu perco toda a esperança. A garrafa está quase seca: mal resta o suficiente do líquido soporífero para cobrir o fundo. Não importa, isto é para a Menina Júlia. Diabo! agora a sua avó estende-me o seu copo. Na minha vida nunca mais magnetizarei outra gota de água. O que vejo?

"— Está a suspirar, Menina Júlia?"

"— É demasiado cortês, senhor, — mas não é minha culpa."

"— Como! está..."

"— Sim; não sei o que sinto. Ah! o senhor é o magnetismo personificado."

"— Na verdade!"

"— Não estou a brincar; não sei se é uma ideia, mas tenho vontade de dormir. Oh! mas..."

Ao terminar estas palavras ela boceja de novo, e a sua pálpebra está evidentemente a cair. Tê-la-ia de bom grado abraçado.

"— Peço-lhe," continuou ela, "deixe de me magnetizar."

Agora, na verdade, já não me posso conter, e com um ar triunfante aviso toda a companhia do que tinha feito. Estava pouco ciente das consequências deste reconhecimento imprudente.

O Senhor e a Senhora G***, embora espantados com o que lhes tinha dito, tomaram a coisa como deviam; mas a vovó também tinha bebido da água magnetizada! Na minha vida nunca presenciei uma cena mais divertida. A própria Academia de Ciências se teria rido dela. A boa da velhinha viúva julga-se realmente possuída, e recomenda a sua alma a todos os santos. Imagine-se então! o diabo

meteu a sua pata no que ela bebeu; e merecidamente, visto que ela nunca tinha dito o seu *benedicite*! A minha água queima-lhe o estômago como óleo a ferver, e causa-lhe regurgitações sulfurosas. Por fim, após ser assegurada de que eu não tinha pés fendidos, e de que não havia cornos debaixo do meu cabelo, torna-se um pouco mais tranquila; mas estou satisfeito de que, não fosse este episódio grotesco, a Menina Júlia não teria estado longe de estar a dormir.

2.ª Experiência. — Três dias após este banquete cabalístico, tendo ido fazer uma visita à família G***, perguntei à Menina Júlia se ela provaria de novo água magnetizada; ela consentiu, e a experiência teve lugar na presença dos seus amigos. Magnetizo então o meu copo de água, mas desta vez com uma confiança que nada podia destruir.

"— Não tem medo do diabo, Menina Júlia?"

"— Sabe bem que não tenho, senhor."

"— Bem, então, beba."

"— Beber sem sede nenhuma?"

"— É um dos carateres específicos da humanidade."

"— Que sabor tem?"

"— O sabor da água."

"— Mas ainda assim..."

"— Da água do Sena; é possível que eu esteja enganado."

Eles olham para mim e riem-se.

"— Não sente nada?"

"— Não."

"— Como! não sente...?"

"— Sinto que tenho o meu estômago distendido por um grande copo de água, mas isso é tudo."

"— Esperemos."

Esperamos consequentemente, e a Menina Júlia continua a sua brincadeira. Mas as matérias em breve começam a mudar, pois três minutos não decorreram quando ela me diz:

"— É surpreendente! Já não tenho inclinação para me rir."

"— Porquê?"

"— Porque estou inclinada a bocejar."

"— Não se contenha, Menina; concorda, então, que embora a minha água possa estar privada de sabor, não tem por isso menos virtude?"

"— Ah! é espantoso!"

Dizendo estas palavras, ela levanta-se vivamente, e dá duas ou três voltas ao quarto, depois lança-se no seu assento, gritando:

"— Tudo em vão; não terei sucesso em impedir-me de ir dormir."

Consequentemente, em meio minuto, a Menina Júlia diz-me, num estado de perfeito sonambulismo:

"— Peço-lhe, senhor, magnetize-me um pouco na cabeça e extremidades, pois estou agitada."

"— De onde vem a sua agitação?"

"— De ter ido dormir contra a minha vontade."

3.ª Experiência. — Não há dúvida de que, se a primeira experiência tivesse tido completamente sucesso, teria sido infinitamente mais conclusiva do que a precedente, pois a imaginação nesta última poderia ter tido a sua parte; mas eis uma onde a imaginação foi para nada, e que me decidiu perfeitamente no tocante à magnetização de corpos inanimados, ou, se quiserem, no tocante à transmissão da ação magnética por meio de substâncias inertes.

A 15 de Maio, o Sr. e a Sra. G*** vieram a minha casa, acompanhados pela sua filha. Após alguns momentos de conversa geral, principalmente relativa ao magnetismo e à nossa última entrevista, ocorreu-me a ideia de tentar se uma cadeira magnetizada,

na qual a Menina Júlia se sentasse, seria capaz de a pôr a dormir. Tendo então formado um pretexto para me ausentar por um momento, fui magnetizar um sofá no quarto adjacente, para o qual chamei a família G***. Estou certo de ter gerido a matéria de modo a não dar qualquer suspeita com respeito à minha intenção. A Menina Júlia, sentada entre a sua mãe e eu, ocupa-se a virar as folhas de um álbum que lhe pus nas mãos, mas ela não prossegue além do terceiro desenho antes de ir dormir.

Fiquei consequentemente esclarecido sobre este ponto, e esta terceira experiência é a última que fiz, e provavelmente farei jamais por mera curiosidade.

O magnetismo não exige nem admite experiências frívolas e especialmente inúteis. Além disso, não há magnetizador que, com respeito às diferentes questões que acabamos de examinar, não tenha chegado aos mesmos resultados a que cheguei.

Assim lemos em Deleuze:* "O magnetizador pode comunicar o seu fluido a vários objetos, e estes objetos tornam-se quer o condutor da sua ação, quer próprios para a transmitir e produzir efeitos magnéticos sobre as pessoas com quem estejam em ligação. Por meio de alguns destes auxiliares, ele pode também conduzir ao mesmo tempo, e sem se fatigar, o tratamento de vários pacientes, quando estes não são sonâmbulos."

Estes auxiliares são água magnetizada, lã, algodão, placas de vidro, etc., que tenham sido magnetizados, árvores magnetizadas, tinas ou reservatórios magnéticos.

"A água magnetizada é um dos agentes mais poderosos e também dos mais salutares que podem ser empregados. Os pacientes com quem a ligação está estabelecida são levados a beber dela quer durante as refeições quer entre as refeições.† Ela transporta diretamente o fluido magnético para o estômago, e daí para todos os órgãos: facilita as crises para as quais a natureza está disposta; e por essa razão excita por vezes a transpiração, por vezes as evacuações, por vezes a

circulação do sangue: fortalece o estômago, acalma a dor, e muitas vezes é capaz de tomar o lugar de várias substâncias medicinais."

O médico estrangeiro, cuja carta a Deleuze serve como que de complemento às obras deste último, expressa-se nestes termos sobre o mesmo assunto:‡ —

"Fiz as experiências mais variadas e decisivas sobre o poder e modo de ação da água magnetizada. Elas levaram-me a verificar dois pontos, que estão agora provados além de toda a dúvida. O primeiro é que os sonâmbulos, e mesmo várias pessoas que estão no estado magnético, descobrem por uma impressão de que não podemos dar conta, porque esta modificação do gosto adormece dentro de nós, se a água foi magnetizada, se foi magnetizada pelo seu magnetizador ou por outra pessoa, se foi meramente tocada por alguém após ter sido magnetizada, e que vomitam por vezes até à última gota a água que foi tocada por um estranho.

Vi uma sonâmbula mulher que pensava ter um cancro no estômago, e que durante dois meses e meio não podia suportar nada senão água magnetizada pelo seu médico: se inadvertidamente lhe dessem qualquer outra, ela instantaneamente a vomitava. O segundo resultado das minhas observações é que sonâmbulos muito exaltados requerem uma grande quantidade de água magnetizada para beber, e que assimilam esta água de uma maneira diferente daquela que tem lugar no estado de vigília; isto é, que esta água não passa com a prontidão ordinária para os órgãos de secreção," etc.

- Instruction Pratique. † A água magnetizada nem sempre produz o sono; empreguei-a frequentemente como sedativo, e, segundo Deleuze, ela pode preencher vários outros usos. ‡ Página 28.

Lemos na obra de Georget:* "Desejando certificar-me de se os corpos que receberam a influência magnética adquirem realmente novas propriedades com respeito ao gosto, fiz-lhes várias vezes provar água em diferentes copos, um dos quais tinha recebido esta influência; o único facto interessante que obtive foi este: a água magnetizada foi

descoberta como tendo um sabor ferruginoso, e distinguida de outra água contida e sucessivamente provada em cinco copos."

O Sr. Foissac† pensa que pode empregar o mesmo facto para provar a existência de um *fluido magnético*. "Eis," diz ele, "uma experiência que pode servir para provar a realidade de um fluido ou agente magnético. Apresentei a Paul‡ dois copos de água numa salva; um deles estava magnetizado; ele provou-os ligeiramente, e imediatamente reconheceu aquele que estava magnetizado. Encontrou nesta água um sabor peculiar, e no momento em que a bebeu, surgiu, disse ele, do seu estômago um calor similar àquele que vinha da extremidade dos meus dedos. Repeti frequentemente esta experiência com o mesmo sucesso, tomando todas as precauções possíveis, e elevando o número de copos até oito."

A esta passagem está anexa uma nota importante, na qual se estabelece que uma pessoa afetada de vómitos espasmódicos foi, sob os olhos do Professor Fouquier, curada desta afeção por água magnetizada preparada para ela pelo Sr. Bertrand. Tendo estes senhores desejado certificar-se de se a imaginação da paciente não era a causa dos efeitos salutares que ela experimentava, substituíram, sem o conhecimento dela, água comum pela que estava magnetizada, e os vómitos retornaram imediatamente. Por fim fizeram-na tomar água que ela não sabia ter sido magnetizada, e a digestão foi devidamente realizada.§

• *Physiologie du Système Nerveux. Paris, 1821, tom. i. p. 279. † Rapports et Discussions de l'Académie Royale de Médecine sur le Magnétisme Animal. Paris, 1833, p. 409. ‡ Paul Villagrand, um somnâmbulo já mencionado. § Estas diferentes considerações explicam-nos a origem e natureza dos talismanes, amuletos, filtros soporíferos, etc., que desempenham um papel tão importante nas lendas da Idade Média. O Sr. Mialle diz-nos (Exposé par ordre alphabétique des cures opérées par le Magnétisme Animal, Paris, 1826, 2 vol. in-8), que tendo dito ao Sr. Puysegur que o seu sono era perturbado e doloroso, este último deu-lhe um pedaço de vidro magnetizado,*

que lhe recomendou que pusesse no seu peito quando quisesse dormir. O Sr. Mialle teve alguma dificuldade em compreender como isto se poderia dar; mas na própria mesma noite viu que nunca se devia zombar de uma coisa que se não compreendia. "Assim que fui para a cama," diz ele, "quis tentar o efeito do meu vidro; mal o tinha colocado no meu peito quando experimentei um calor como aquele que o Sr. Puysegur me comunicava; as minhas pálpebras em breve se tornaram pesadas, e passei uma excelente noite." Introduction, p. 8.

Seria fácil para nós multiplicar *ad infinitum* o número das nossas autoridades; mas não sentimos que seja necessário, pois o mérito e a reputação dos homens que citamos valem pelo menos a pena de repetir as suas experiências. Ora isto é tudo o que podemos pedir aos nossos leitores. Eles não acreditariam em nós suficientemente bem se se contentassem em acreditar em nós sob a nossa palavra. Na matéria do magnetismo, repito, um homem deve ver com os seus olhos, ouvir com os seus ouvidos, e tocar com as suas mãos; pois o que significam todos os testemunhos do mundo, quando a questão é concernente a factos supostos impossíveis? É exatamente o que acontece em tais casos. O nome da testemunha, por mais ilustre que seja, não dá crédito à coisa; é a coisa, pelo contrário, que descredibiliza a testemunha. Passemos agora a alguns pormenores práticos sobre a magnetização da água, das árvores, etc.

a. Nada no mundo é mais simples do que magnetizar um copo de água: toma o copo numa das suas mãos, enquanto passa a sua mão várias vezes pela superfície do líquido.

b. A magnetização de uma garrafa de água não dá mais trabalho. Duas ou três passes de minutos na mesma direção constituem a operação inteira. "Há um processo," diz Deleuze,* "que emprego de preferência para magnetizar uma garrafa de água, quando estou certo de que não é desagradável para a pessoa que magnetizo: consiste em colocar a garrafa no meu joelho, e colocar a minha boca na abertura.

"Sopro para dentro da garrafa e, ao mesmo tempo, faço passes com as minhas duas mãos sobre toda a superfície. Penso que este método dá uma carga forte, mas não é necessário. As mãos são suficientes para magnetizar."

O mesmo autor adiciona noutro lugar que, quaisquer que sejam os processos seguidos, seriam absolutamente inúteis se não fossem empregados com atenção e com uma vontade determinada. Esta reflexão, que consideramos justa, e que não repetiremos de novo, parece-nos aplicável a toda a espécie de operação magnética.

c. "Para magnetizar uma árvore, começamos por a abraçar durante alguns minutos; vamos depois para longe da árvore, e dirigimos o fluido para o cume, e do cume para o tronco, seguindo a direção dos ramos grandes. Quando chegamos à união dos ramos, descemos até à base do tronco, e concluímos magnetizando as partes circundantes a fim de difundir o fluido sobre as raízes, e trazê-lo da extremidade das raízes para o pé da árvore. Quando terminamos de um lado, colocamo-nos então no lado oposto e fazemos a mesma coisa. Esta operação, que é trabalho de meia-hora, deve ser repetida quatro ou cinco dias consecutivamente. Atamos cordas à árvore para servirem de condutores. Os pacientes que se colocam em redor da árvore começam por lhe tocar, encostando-se ao tronco. Sentam-se depois no chão ou em assentos; tomam uma das cordas suspensas dos ramos e põem-na em redor de si. A união dos pacientes em redor da árvore mantém a circulação do fluido. Contudo, é bom que o magnetizador venha de tempos a tempos renovar e regular a ação. Para este fim é-lhe suficiente tocar na árvore por alguns momentos. Ele presta também atenção particular àqueles que dela necessitam; e se entre os pacientes houver algum que experimente as crises, ele afasta-o para uma distância da árvore, para o magnetizar separadamente."*

O mesmo autor adiciona um pouco mais à frente que a seleção das árvores não é uma matéria de indiferença; que todas aquelas cujo sumo é cáustico e venenoso devem ser excluídas, tais como a figueira, o loendro, o loureiro-cerejo, o sumagre, e mesmo a nogueira. As

árvores que têm sido principalmente empregadas até ao presente são o olmo, o carvalho, a Tília, o freixo, e a laranjeira; esta última, quando está em vaso, tem a vantagem de ser capaz de ser transportada para os aposentos.

d. As tinas a que se recorria apenas quando os pacientes a tratar eram numerosos são no presente quase nada empregadas; daremos, contudo, o plano para as construir. Para construir um reservatório magnético, toma-se uma caixa de madeira, de dois a dois pés e meio de altura, cuja borda inferior isola o fundo separando-o algumas polegadas do chão. A forma desta caixa é uma matéria de indiferença, e as suas dimensões dependem do uso a fazer dela; isto é, do número dos pacientes a colocar em redor dela. Um suporte de ferro firmemente fixado pela sua base num bloco de vidro, ou num frasco, desce até duas polegadas do fundo, e eleva-se verticalmente à altura de dois ou três pés acima da tampa. Garrafas de água magnetizada a comunicar por meio de fios de ferro que passam através da rolha com o condutor principal são colocadas circularmente em redor da base deste último. Estas garrafas, se a tina for grande, podem formar vários planos colocados uns sobre os outros. Areia, limalha de ferro, vidro moído ou água, cuidadosamente magnetizados, preenchem os interstícios.

A tampa ou cobertura, que é formada por duas peças simétricas de madeira, unidas cuidadosamente pelas suas bordas, é furada por um certo número de orifícios através dos quais passam varas de ferro dobradas e móveis, que servem também como condutoras. Por último, do cume do condutor central saem cordas de linho ou de lã, que os pacientes podem pôr em redor de si durante o tratamento. Independentemente dos preparativos gerais que acabamos de descrever, o reservatório deve ser regularmente magnetizado na altura em que o vamos utilizar. Esta operação é para ser repetida vários dias consecutivamente ao começar, e o mesmo magnetizador deve sempre desempenhar o dever. Uma vez tendo o reservatório sido bem carregado, a fim de o carregar de novo, será suficiente que o

magnetizador segure o condutor central por alguns momentos na sua mão.

Os banhos são magnetizados por meio de passes longitudinais feitas à superfície da água, e sobre os lados da tina de banho. Os banhos magnetizados apresentam um recurso terapêutico do qual retirei várias vezes vantagem. Os sonâmbulos prescrevem-nos para si mesmos muito frequentemente.

e. O magnetismo é também praticado por meio de passes, fricções empregadas na mesma direção, anéis, lenços, outros artigos de toucador, etc.; mas para todas as substâncias metálicas, é bom, segundo Deleuze, escolher apenas entre os metais não facilmente oxidáveis, tais como o ouro e a platina, ou entre os metais cujos óxidos não sejam venenosos. O cobre, o antimónio, o zinco, etc., devem ser então rejeitados.

Muitos indivíduos, há muito tempo habituados ao magnetismo, são postos a dormir por meio de um anel magnetizado; mas o sono, em tais casos, é muitas vezes doloroso, uma circunstância devida, sem dúvida, à insuficiência dos meios empregados. Na verdade, como já tivemos ocasião de assinalar, nada fatiga mais os sonâmbulos do que uma magnetização incompleta. A prolongação suficiente deste estado faz com que ele até degenere em espasmos e convulsões, e esta é, talvez, a origem dos sintomas nervosos experimentados por certos sujeitos ao contacto das tinas mesmerianas.

A isto podemos acrescentar que a intenção do magnetizador faz uma grande modificação na influência que ele exerce; assim, ele acalma pelo mero facto de magnetizar com a ideia de acalmar, tal como poderia produzir perturbação se misturasse um desejo maligno no seu procedimento. Ora um lenço, um anel, etc., não têm intenção; são apenas sonâmbulos de profissão que, quando estão privados do seu magnetizador, têm o direito de recorrer a estes agentes intermédios, nos quais a sua clarividência muitas vezes encontra auxiliares terapêuticos poderosos por sua própria conta ou pela de outros.

- *Deleuze, livro citado, p. 81.*

Factos Tendentes a Provar

a Existência de um Fluido Magnético*

1. Henriqueta, uma jovem mulher de cerca de vinte e seis anos de idade, de um temperamento bilioso, e cuja sensibilidade nervosa parece muito irritável, dorme o sono magnético. A pessoa que a põe a dormir apresenta-lhe um copo de água, a qual ele sujeitou a algumas passes no quarto adjacente, sem qualquer outra intenção senão a de comunicar ao líquido uma virtude magnética. Henriqueta, após a ter levado aos seus lábios, declara que este líquido tem um sabor que ela não pode definir, mas que lhe parece ter algo como o sabor a limão.

Outro copo de água, que foi também magnetizado para o mesmo fim, e com as mesmas precauções, mas por um estranho trazido em correspondência com a sonâmbula, desperta nela a ideia de chocolate, embora saiba, diz ela, que não há nada dele neste líquido. Por fim, é-lhe trazido um terceiro copo de água, que não foi magnetizado. Henriqueta bebe algum dele, faz uma ligeira careta, e declara que não é senão mera água.

2. Rosália, sobre quem as seguintes experiências foram feitas, é uma jovem rapariga de cerca de dezoito anos de idade, de um temperamento algo sanguíneo. O seu sistema nervoso não parece estar demasiado desenvolvido. Ela gozaria de muito boa saúde se, desde a idade da puberdade, não sofresse, de tempos a tempos, dores algo violentas no estômago. A sua educação é a de um pobre artesão, unicamente ocupada em sustentar pelo trabalho das suas mãos uma mãe idosa e fraca. A isto deve acrescentar-se, a fim de ter uma apreciação física e moral do sujeito, que Rosália nunca deixou uma província que era muito distante de Paris.

Estando Rosália num estado de sonambulismo num gabinete separado e bem fechado, um novelo de lã é magnetizado pela pessoa que a pôs a dormir, e colocado num dos chapéus dos homens, que estavam atirados descuidadamente num canto do quarto. A sonâmbula é então introduzida no aposento, e convidada a procurar um objeto,

sem dar a este objeto qualquer outra designação. Ela começa por andar em redor do quarto, toca em diferentes peças de mobília, mas não para; depois, por fim, após ter levado a sua examinação para o canto acima mencionado, descobre o novelo de lã, o qual traz consigo sem hesitação.

3. Rosália está a dormir há alguns minutos. Um médico incrédulo, com a intenção de se certificar quanto a se a ação magnética pode ser realmente concentrada em objetos inanimados, leva para fora o magnetizador para fora do quarto, e propõe-lhe operar num degrau das escadas, — o décimo foi o escolhido pelo médico. O décimo degrau, partindo do fundo das escadas, recebe as passes magnéticas. No momento de se retirar, o magnetizador desejando, por sua vez, e ao mesmo tempo, fazer uma experiência própria, declara que mentalmente coloca uma barreira acima do décimo degrau, para impedir Rosália de continuar o seu caminho. Estando as coisas assim preparadas, o médico conduz de volta o magnetizador, a quem já não larga, para junto da sonâmbula ainda a dormir.

De acordo com o seu desejo expresso, ela é despertada sem ser tocada, e meramente por alguns gestos feitos a distância. É apenas após uma séria examinação do estado perfeitamente normal da jovem rapariga que, à ordem do médico incrédulo, Rosália toma uma vela a fim de ir para a cama. Ao fazê-lo ela deve necessariamente passar pelas escadas até ao degrau magnetizado. Após cinco ou seis minutos eles vão no encalço dela; o médico passa primeiro, e qual é o seu espanto quando, tendo chegado ao fundo das escadas, perceciona a jovem rapariga de pé e imóvel no décimo degrau. O seguinte diálogo tem então lugar:

"— Rosália, o que está, então, a fazer aí?"

"— Estou a dormir, senhor."

"— E quem a pôs a dormir?"

"— O degrau em que estou: escapa dele um vapor quente, que subiu para as minhas pernas, e me pôs a dormir."

"— Pois bem, então, visto que está a dormir, vai para a cama?"

"— Não posso, senhor, porque há uma barreira que me impede de passar."

4. Rosália está a dezoito léguas do seu magnetizador; este último dirige-lhe, pelo correio, um papel sob envelope, que contém nada senão esta palavra: "Dorma." A carta é enviada três dias após ter sido escrita. Ao recebê-la, Rosália parece muito espantada com esta brincadeira, da qual se rir muito, depois, após alguns minutos, ela cai num estado de sonambulismo e, enquanto neste estado, declara que foi posta nele por meio do papel que o seu magnetizador lhe enviou.

Todos estes factos, obtidos atuando sobre matéria inerte, na ausência da sonâmbula, têm sido frequentemente repetidos, e quase sempre com sucesso completo. Mas há outros que não é menos curioso observar, e que constituem, talvez, uma nova ordem de fenómenos. São referentes às modificações que podem ser feitas magneticamente nas sensações do gosto, na forma e propriedade da matéria.

Sobre o Gosto. — Um copo de água pura, sujeito à ação magnética, tomou, com respeito à sonâmbula, o sabor que aprouve ao magnetizador comunicar-lhe; e este líquido tem sempre, não vagamente despertado a recordação de um sabor similar, mas produzido a própria sensação do licor; em outras palavras, a água pura fez a jovem rapariga experimentar a causticidade aguda do rum, ou causado a sensação branda e refrescante de xarope de orchata, conforme um ou outro destes líquidos era pretendido pelo magnetizador.

Sobre a Forma. — Numerosas experiências provaram, mesmo até à evidência, que ao magnetizar objetos inanimados fora dos olhos dos sonâmbulos, a forma destes objetos podia ser modificada para eles, e mesmo ser completamente mudada. No que se não pode demorar demasiado é em que os efeitos assim operados produzem sempre todas as suas consequências, como se existissem realmente.

Estando Rosália a dormir, foi colocada na extremidade de um quarto, com a sua cabeça voltada para a parede. Uma pessoa incrédula

exige que o magnetizador, colocado à distância de vários pés da sonâmbula, quebre um dos pés da cadeira em que ela estava sentada. Mal duas ou três passes foram dirigidas para o objeto designado, quando Rosália se levanta abruptamente, e grita:

"— Meu Deus! vou cair, a minha cadeira tem apenas três pés."

** Comunicado pelo Visconde du Ponceau.*

Outra vez, na ausência de Rosália, o chão do quarto foi magnetizado, com a intenção de o transformar em terra lavrada. Quando a rapariga, que está num sono profundo, foi introduzida, recusa-se a avançar, e pretende que os sulcos a impedem de andar, e que não sabe onde colocar os pés. O mesmo chão assume também a aparência de um rio congelado, etc., de acordo com a exigência feita sobre ele.

De Algumas Propriedades da Matéria. — Estes factos consistem em provar que o magnetismo pode dar à matéria uma virtude que ela não possui por si mesma. Exemplos: — Rosália está num gabinete adjacente àquele em que o seu magnetizador está, e num estado de sonambulismo. Diante de uma bancada estão colocadas, casualmente, duas cadeiras, uma das quais é muito leve. Esta é precisamente aquela que o magnetizador é solicitado a carregar com um peso considerável, o que ele se põe a fazer por meio de numerosas passes. Estando a operação concluída, a sonâmbula é introduzida. Após algumas experiências de outro género, pede-se-lhe que tome uma das cadeiras e se sente perto do fogo. O acaso fez com que escolhesse aquela das duas que era realmente a mais pesada. Rosália trá-la com facilidade para perto do fogo.

Precisando uma senhora de um assento, pede-se a Rosália que vá buscar a outra. Ela vai até ela, toma-a com as suas duas mãos, depois parece fazer um esforço violento para a levantar; a cadeira permanece imóvel. A pedido daqueles que a cercam ela tenta de novo, mas ainda sem sucesso; contudo, os seus músculos estão tensos, o seu rosto está corado; por fim, ela grita, com uma voz alterada, como que pelos violentos esforços que tinha feito: "Meu Deus! nunca serei capaz, é

demasiado pesada." Um livro foi magnetizado sobre a prateleira da lareira, com a intenção de o fazer aderir ao mármore.

Ao pedido feito a Rosália, ela vai para o trazer, mas os seus esforços para o levantar são inúteis; apenas, como a vontade do magnetizador não tinha outro fim senão o de afixar ao mármore essa parte da capa em contacto com ele, Rosália abre o livro, vira as folhas, mas sem ser capaz de o arrancar da prateleira da lareira mais do que se um dos lados das capas estivesse realmente afixado a ela. Assim, de novo, tendo um pires sido magnetizado, pede-se a Rosália que o tome e o carregue. No momento em que ela o apresenta, os seus dedos estavam contraídos fortemente na porcelana, e ela declara que o não pode largar. Tal era a vontade do magnetizador, comunicada por meio do objeto.

Chegamos agora, poderíamos quase dizer, por uma transição insensível, a uma série de factos que ainda constituem uma classe particular. Pois vimos que as modificações ocasionadas na forma dos objetos eram tais nas experiências da terra lavrada e do rio congelado, que podem ser bem consideradas como criações completamente novas. Compreender-se-á então, pelo menos por analogia, que a ação magnética pode criar objetos inteiramente imaginários. Eis alguns exemplos disso.

Rosália, num estado de sonambulismo, conversa com algumas pessoas. Um espectador incrédulo pede ao magnetizador que coloque num assento desocupado um par de tesouras abertas. Algumas passes são feitas no assento apontado. Após cerca de um quarto de hora faz-se a sonâmbula levantar; depois, como que trazida por mero acaso, é convidada a sentar-se no assento que acaba de ser magnetizado: Rosália recusa.

"— Por que, então, não se quer sentar?" perguntam-lhe.

"— Porque não me quero magoar."

"— Vamos, agora, sente-se."

"— Não, senhor, há tesouras ali que me magoariam."

Outra vez, a pedido de uma pessoa que ainda não acredita, um pilar de madeira foi levantado magneticamente no centro do quarto; está-lhe presa mentalmente uma corda que deve ir em redor do pescoço da somnâmbula. Rosália grita quase no instante:

"— Ah! senhor, como isto me aperta o pescoço."

"— O que então?"

"— A corda presa a este pilar de madeira."

Ao perguntar-lhe onde está este pilar, após ter sido liberta do laço imaginário de que se queixava, ela levanta-se e aponta com o dedo para o próprio lugar onde o magnetizador tinha levantado o seu pilar fantástico.

Rosália está a dormir o seu sono magnético calmamente no sofá. O seu magnetizador levanta-lhe os pés, depois passa a sua mão entre eles e o chão. Este sinal, de acordo com o pedido que lhe foi feito, é para colocar um banco debaixo dos pés da sonâmbula. Na verdade, a partir deste momento os dois pés de Rosália permanecem no ar como se fossem suportados por um objeto colocado debaixo deles. Quando uma forte pressão é feita sobre eles, são forçados a ceder; mas então todo o corpo segue o movimento, e instantaneamente, assim que a ação cessa, os dois pés levantam-se juntos na posição que lhes foi dada pelo magnetizador.

Este é de algum modo o efeito experimentado por uma pessoa sacudida num veículo; o ponto de apoio em que os pés descansam levanta-se e cai, sem contudo que as relações de posição das diferentes partes do corpo sejam sensivelmente mudadas. Após ter permanecido um longo tempo desta maneira sem manifestar qualquer fadiga, pergunta-se a Rosália por que mantém os pés levantados. "Porque," diz ela, "os coloquei num banco." Sem enumerar um maior número de factos do mesmo género, a fim de terminar esta ordem de fenómenos, eis um caso que é útil notar, porque teremos ocasião de recorrer a ele. Rosália está num gabinete adjacente a uma sala de visitas num estado de sonambulismo; a comunicação entre estes dois aposentos está

fechada, mas outra porta dando saída da sala de visitas para uma escada permaneceu aberta.

O magnetizador coloca uma barreira ali magneticamente; depois Rosália é introduzida por um estranho. É-lhe então pedido que saia para a escada; mas ela declara que o não pode fazer, "porque," diz ela, "esta porta está barrada." A fim de que ela possa passar através dela, é necessário que o magnetizador, de certo modo, quebre o encanto.

Não só, como se acabou de ver pelos exemplos acima, pode a ação magnética criar para Rosália objetos completamente imaginários, mas, além disso, à vontade do magnetizador, priva-a do poder de ver objetos que realmente existem, e que estão colocados em estados para lhe serem perfeitamente distintos no estado ordinário. Assim uma simples passe magnética é suficiente para que uma peça de mobília, uma pessoa, uma porção de um quarto, desapareça dos olhos de uma sonâmbula.

Interrogue-a por surpresa, arme-lhe todas as armadilhas que quiser, nunca ela verá nenhuma das pessoas ou coisas que o seu magnetizador tiver tornado invisíveis, e o que mal deveria deixar qualquer apreensão de fraude nesta experiência é que aqueles que possam estar assim dispostos com respeito ao assunto da invisibilidade tentarão em vão provocar na sonâmbula um riso, espanto, susto, etc. etc., ou qualquer outra impressão que seja.

Todos aqueles que têm dado a sua atenção ao magnetismo têm notado que um dos carateres do sonambulismo é não deixar qualquer recordação ao acordar, exceto, contudo, se o magnetizador tiver tido a intenção de fazer uma ideia sobreviver à cessação do efeito magnético. Então o pensamento concebido sob o domínio do agente é continuado no estado ordinário, e quase sempre produz o resultado esperado. Esta observação deve necessariamente inclinar uma pessoa a pensar que talvez pudesse ser possível transportar para a vida natural dos sonâmbulos algum outro fenómeno da sua existência magnética. No que toca à invisibilidade, numerosas experiências não deixaram dúvida sobre esta possibilidade.

Contentar-nos-emos com citar meramente o seguinte facto. Rosália está a dormir. Uma espessa camada de algodão cardado é-lhe aplicada, coberta com uma faixa atada atrás da sua cabeça. Neste estado ela é trazida para o meio de pessoas que não conhece. Entre estas, selecionam, para o fim de tornar invisível, uma pessoa estranha que ela nunca poderia ter visto. Após algumas passes magnéticas, esta pessoa vai com duas outras vestidas da mesma maneira para trás de um taipal.

A faixa é então tirada a Rosália, — ela é desmagnetizada. Retoma a sua fisionomia habitual, conversa como de costume com os que estão em redor dela. Subitamente um braço levanta-se acima do taipal. Rosália é uma das primeiras a percecioná-lo; um segundo braço aparece então, — ela vê-o de novo; mas quando o terceiro é levantado perto dos outros, ela persiste em dizer que vê apenas dois. O terceiro braço é realmente o da pessoa tornada invisível. Esta experiência é repetida dez vezes, vinte vezes, sempre de uma maneira diferente; nunca Rosália perceciona a pessoa que tinha sido tornada invisível, embora essa pessoa mudasse de roupa com aqueles que estavam colocados atrás do taipal com ela.

Um facto do mesmo género teve lugar com respeito às barreiras de que falei. Enquanto Rosália está num estado de sonambulismo a porta de entrada do gabinete em que ela está foi fechada magneticamente, embora na realidade esteja aberta. À conclusão da sessão, quando Rosália está inteiramente acordada, despede-se e prepara-se para sair; mas ao aproximar-se da porta, diz que vê uma nuvem que, segundo a sua própria expressão, a obstrui, e a impede de passar. Em vão o magnetizador se esforça por dissipar esta aparição; ele não pode ter sucesso senão após ter posto a rapariga a dormir de novo.

Chegamos agora à última experiência, cujo objeto, como o das precedentes, é fazer as criações fantásticas do magnetismo passar para a vida real; e desta vez, como o caso não é meu próprio, cito do original, de modo a não omitir nenhum pormenor:

"Após ter magnetizado Rosália no pequeno gabinete da Senhora ***, pergunto o que é que desejam que eu a faça ver. 'Uma menina,' respondeu um dos assistentes. Aproximo-me então de uma cadeira, e esforcei-me ao fazer alguns passes por fixar a minha ideia a ela, como muitas vezes temos feito juntos. Rosália, que trago bem diante de mim, após um momento de hesitação, conclui dizendo-me: 'É a pequena Hortense.' Tendo-a enviado para outro quarto, retiro a cadeira do seu lugar, a fim de que ela a não reconheça; mas hesito, e coloco-a em vários lugares diferentes antes de a fixar. Vou então acordar Rosália no gabinete da Senhora ***, depois me dirijo com ela para o pequeno quarto. Agora que ela está bem acordada, o que vê ela? Não uma menina, mas seis meninas, para meu grande espanto. Em vão me esforço por passes transversais por abolir a minha múltipla criação; é inteiramente impossível. Curioso por ter uma explicação de tudo isto, ponho de novo Rosália a dormir, e pergunto-lhe a solução do enigma.

"— Em boa fé, senhor," responde a rapariga, "não devia ter retirado a cadeira do seu lugar; então teria visto apenas uma criança; mas em toda a parte onde a pós no chão, o fluido passou através, e formou uma criança inteiramente parecida com aquela que está acima."

"— O que é esse fluido?"

"— Um ligeiro vento a sair dos seus dedos?"

CAPÍTULO XI

MAGNETIZAÇÃO DE ANIMAIS

Será um poder magnético aquele que os célebres Martin, Van Amburgh, Carter, etc., exercem sobre os seus leões e os seus tigres? É isto comummente dito, mas como prová-lo? Os centros nervosos estão, é verdade, proporcionalmente mais desenvolvidos no homem do que nos animais; mas estes últimos estão dotados de um poder de ação vital que os retira da nossa influência. É, além disso, extremamente provável que os animais não estejam completamente isentos das ações magnéticas que os homens ou os seus semelhantes podem exercer sobre eles; mas os resultados são tão vagos, tão fugidios, tão inapreciáveis, que não é possível certificar a sua existência.

Aconteceu-me um dia magnetizar um gato durante uma hora inteira. Suava grandes gotas de suor com isso; mas por fim imaginei que tinha tido sucesso, quando o barulho de um prato subitamente dissipou a minha ilusão, ao fazer o vilão do bicho que fingia estar a dormir sobre eles fugir de cima dos meus joelhos.

Contudo, uma jovem pessoa repetiu a mesma experiência diante de mim num cão novo, e realmente não sei o que pensar disso; pois o animal, após um quarto de hora de passes, ofegava, mantinha-se nos pés mas mal, e realmente parecia estar a dormir; mas seria o sono magnético?

CAPÍTULO XII

INFLUÊNCIA DO MAGNETISMO ANIMAL NO SISTEMA

Esta é uma daquelas questões que não propomos para nós mesmos, mas para outros; uma que não pretendemos resolver, mas que esperamos ver resolvida um dia por alguém mais hábil do que nós. Contudo, reunamos os nossos dados e reflitamos.

Se fôssemos fazer um homem em perfeita saúde (se há tal pessoa) contrair o hábito do sono magnético, faria isso algum mal a este homem? Não tenho razão para responder pela afirmativa, e não me atreveria a responder "não". A minha resposta seria "sim", se o magnetismo tem a propriedade de aumentar a ação, a força, a vitalidade de certos sistemas, de certos princípios, visto que então, o equilíbrio que constitui a perfeita saúde seria interrompido; mas seria "não", se esta tonificação especial produzida pelo magnetismo ocorre apenas em sujeitos que sentem a falta dela.

Contudo, há sonâmbulos que realmente gozam de um estado de saúde mais do que passável, e nos quais o magnetismo nunca foi, pelo menos segundo todas as aparências, a causa de qualquer indisposição. Callixte, entre outros, a quem o Sr. Ricard tem estado a magnetizar há vários anos para trás, é um homem forte e musculado. Mas, devemos dizer, a saúde do sonâmbulo depende principalmente do método e das atenções do magnetizador. Se temos sucesso, na verdade, em pôr a dormir e em acordar o nosso sujeito sem lhe causar a mais ligeira doença, pode-se facilmente conceber que o sonambulismo se pode tornar para ele uma espécie de estado normal incapaz de fazer o mais ligeiro dano à integridade das suas funções orgânicas durante o estado de estar acordado; supondo, contudo, ainda, que o sonambulismo mesmo não é uma fonte de emoções dolorosas (como acontece no caso dos médicos sonâmbulos), ou de fadiga dos sentidos (como no caso de sonâmbulos para experiências).

Mas se a questão não respeita nem a experiências nem a consultas, que bom há em magnetizar um homem em boa saúde? Em conclusão, o resumo dos meus pensamentos sobre este assunto é: É inútil e provavelmente não privado de perigo magnetizar frequentemente um indivíduo em perfeita saúde.

CAPÍTULO XIII

DO MAGNETISMO,

CONSIDERADO COMO UM AGENTE TERAPÊUTICO

Se a um médico razoável fosse perguntado qual é a ação terapêutica da casca, ele responderia que a casca, sob certas circunstâncias, fortalece o estômago, eleva a circulação, restaura o apetite, põe um travão à transpiração, numa palavra, atua como um tónico, e cura principalmente febres intermitentes e nevralgias periódicas. Mas como é que a casca cura estas últimas afeções? Será fortalecendo os órgãos digestivos? Será restaurando o apetite? Será despertando o sistema circulatório? — Ora, então, senhores médicos, digam que não sabem nada sobre o assunto, se querem que acreditemos em vós. Como é que o mercúrio cura a sífilis? Como é que o ópio cura o *delirium tremens*? Como é que as pílulas de Méglin curam o *tic-douloureux* da face? Como é que o subnitrato de bismuto cura espasmos do estômago? Como é que o tártaro emético cura a pneumonia? Como é que o sal marinho cura a tísica? Como é que a sangria cura uma multidão de doenças, amplamente diferentes umas das outras? Como? Mas nunca teríamos acabado, se nos puséssemos a apresentar exemplos para mostrar o defeito da sagacidade médica.

A penetração humana tem os seus limites; e as conquistas do empirismo constituem o único progresso indiscutível que a medicina tem feito pelos últimos dois mil anos. Pois bem, o magnetismo deveria ser colocado, mesmo por aqueles médicos que são os maiores apegados aos poderes da medicina, entre o número dessas descobertas úteis que estendem o seu domínio, visto que o magnetismo também cura doenças intrinsecamente, sem que seja possível dizer porquê. Como acontece, então, que os nossos confrades não fazem mais uso dele do que se ele não existisse de todo? É porque não há meio termo.

Se o usassem uma vez, a sua razão condená-los-ia a usá-lo sempre; e custou-lhes tanto trabalho e tanto dinheiro aprender o que chamam a sua ciência! E depois, há sessenta anos, a Faculdade de Paris levantou o grande clamor contra os magnetizadores. A ordem está dada; passa de boca em boca; lembram-na uns aos outros; transmitem-na de pai para filho; está gravada nas tábuas da lei, e esculpida em pleno relevo no frontão do templo; durará, pois, até que o próprio templo seja destruído. Pois bem! seja assim: esperaremos,

pois, esta grande luta aproxima-se do seu fim. O resultado já não pode ser duvidoso, visto que temos a verdade por divisa e o universo por nosso juiz.

Será o magnetismo sozinho suficiente para a cura de todas as doenças? Não; e a melhor prova que se pode dar disso é que os sonâmbulos quase sempre prescrevem algo mais do que o magnetismo. É, pois, além de toda a dúvida que Mesmer e d'Eslon estavam enganados quando da sua vara magnética apagavam a palavra incurável da lista das nossas enfermidades.

Quero crer que um entusiasmo natural extraviou estes dois homens; mas o que teriam feito se, mais favorecidos pelo acaso, tivessem descoberto o segredo do nosso tratamento magnético tal como agora existe; se, numa palavra, tivessem encontrado para seu guia, em cada um dos seus pacientes, o instinto infalível e a razão sublime de um sonâmbulo. Veremos no capítulo seguinte o que é esta nova medicina de que nos fazemos apóstolo; mas cumpramos primeiro a nossa primeira intenção, ao deduzir simplesmente da análise dos factos a influência intrínseca do magnetismo no corpo sofredor.

Estes factos, que os discípulos de Esculápio nunca quiseram quer contar quer estudar, são tão numerosos quanto autênticos; volumes têm sido enchidos com eles, e bibliotecas poderiam ser acumuladas com eles, as quais um novo Omar poderia queimar em vão, pois seriam reproduzidas sem demora. Que dano faria a abolição de todos os tratados escritos sobre ótica à visão? Tornar-se-ia um único indivíduo caolho ou cego em consequência disso? Certamente que não; a integridade dos meus olhos não está dependente das vossas teorias, senhores ideólogos. Ora, as verdades magnéticas são tão inalteráveis, tão imutáveis, tão inacessíveis aos vossos sistemas, tão essenciais, de facto, como as nossas faculdades de ver, sentir e ouvir. O magnetismo não é pois uma ciência cujo valor e utilidade dependa do grau de inteligência daqueles que a praticam; é um recurso que o Eterno na sua benevolência dispensou indiferentemente a todos os seres humanos. Mas estamos a esquecer-nos de que estamos

preocupados no presente apenas com o simples capítulo da matéria médica.

A influência do magnetismo exerce-se principalmente nos sistemas nervoso e circulatório; mas como o estado funcional destes dois sistemas é quase constantemente mudado em todas as doenças, segue-se que em quase todos os casos possíveis o magnetismo deve imprimir alguma modificação no sistema. Contudo, é principalmente nas afeções caracterizadas por fenómenos anormais de inervação, ou certos erros na circulação do sangue e da linfa, que esta modificação se torna rapidamente apreciável.

Assim, por um lado, a epilepsia, a coreia, os espasmos, as convulsões primárias, e as diferentes formas de histeria; por outro lado, os enfartamentos sanguíneos e glandulares, a escrófula com todas as suas matizes, tais como a tísica, a doença mesentérica, etc., a clorose, a amenorreia, e mesmo as degenerescências cancerosas; tais são as doenças que os primeiros magnetizadores competiam uns com os outros em curar, cujos sucessos fizeram tanto barulho que os seus seguidores rejeitavam com desdém toda a espécie de divisão e classificação nosológica, persuadidos de que, não obstante a natureza do mal, nada era preciso para o fazer desaparecer senão magnetizar o paciente. Havia algum entusiasmo, e portanto alguma exageração; mas que inovação foi jamais feita sem arrastar abusos consigo?

As doenças que consistem numa deficiência de inervação,* numa palavra, as diferentes formas de paralisia, tais como a amaurose, a cólica de chumbo, etc. etc., foram também aquelas tratadas com mais sucesso.

* *Falta de ação nervosa.*

Casos de toda a espécie abundam nos livros dos magnetizadores; mas, em geral, são relatados de forma tão imperfeita e tão estranha, que é escassamente possível retirar deles qualquer inferência precisa. Tomaremos, contudo, alguns emprestados dos magnetizadores mais conhecidos em apoio dos princípios que acabamos de estabelecer.

- *As anervias do Sr. Piorry.*

PRIMEIRA OBSERVAÇÃO

Asfixia num recém-nascido, em Épinal, 1818, pelo Sr. Thiriat, médico e inspetor das águas de Plombières.

"A asfixia das crianças recém-nascidas é muitas vezes seguida por morte real, não obstante o emprego de todos os meios prescritos pelos dignos médicos, e continuados com assiduidade não abatida. A insuflação do peito ocupa o primeiro lugar entre estes meios, e tenho frequentemente retirado grande vantagem dela. Tenho-a empregado empiricamente, sem explicar a mim mesmo o seu modo de ação.

"Ao refletir mais sobre o fenómeno da respiração, estou muito inclinado a pensar que o ar interno não é a causa da primeira inspiração, consequentemente da contração do diafragma, visto que esta contração tem lugar antes de haver qualquer ar no peito; além disso, que esta contração cessa no momento em que o ar é introduzido, de onde resulta a expiração. Assim, este movimento automático que começa na criança no momento em que vê a luz, e que termina apenas com a vida, não é devido à sensação do ar; assim a insuflação é não só inútil, mas é prejudicial, visto que o ar viciado que introduz no pulmão da criança é mais próprio para aumentar a asfixia do que para a destruir.

Contudo, a experiência dos parteiros mais distintos tem provado a utilidade da insuflação; a sua aplicação metódica acelera os movimentos do coração; as passagens internas do peito são excitadas gradualmente, a respiração estabelece-se, a pele fica corada, a criança é despertada e chora. Vinte vezes tenho restabelecido crianças asfixiadas à vida por estes meios. Qual é então o estimulante nesta operação que restabelece a vida no sistema? O fluido magnético.

"A mãe da criança sobre a qual atuei de acordo com estes dados era pequena; a sua bacia estreita, sem ser deformada; o parto foi moroso, a cabeça estava consideravelmente alongada, e concluí com o fórceps.

"O recém-nascido estava asfixiado, o coração batia fraca e lentamente. Primeiro empreguei fricções, imersão em água quente.

Desimpedi o gargalo posterior, irritei muito essas partes. Soprei para dentro do peito metodicamente; — esta última manobra aumentou os movimentos do coração. Continuei a operação durante uma hora: a esperança de ter sucesso tornou-se mais e mais incerta. Então, apenas, me determinei a atuar mais particularmente sobre o coração e o diafragma. Apliquei sobre a região desses dois órgãos um pano de linho seco, e comecei a soprar quente sobre o primeiro. Alguns minutos bastaram para trazer as pulsações a um grau de força que me espantou. Uma ação mais prolongada tornava-se inútil, mesmo perigosa, ao produzir uma irritação demasiado intensa.

Comecei a soprar quente nas partes anterior e inferior do tórax; este em breve se moveu, ao início lentamente, por graus com mais força. Depois vieram algumas inspirações a intervalos consideráveis, e que se aproximavam cada vez mais umas das outras. Por fim a respiração ficou perfeitamente estabelecida. A fim de reanimar completamente esta fraca criaturinha, que mal movia as suas extremidades, comecei a magnetizar com grandes correntes e a uma curta distância.

Estava nos meus joelhos, deitada sobre panos de linho quentes, descoberta, e com o rosto para cima. Em breve toda a superfície do corpo se tornou mais altamente colorida, movendo-se as extremidades a cada passagem da minha mão sobre a parte inferior do peito, sendo a inspiração mais intensa e muito mais profunda. Após ter magnetizado a criança assim pelo espaço de um quarto de hora, entreguei a criança à ama, a fim de a limpar, banhar e envolver nos seus panos de joelho.

"Esta espécie de ressurreição, que eu desesperava de efetuar pelos meios ordinários, ficou assegurada após cerca de uma hora do afluxo magnético. Este caso explica completamente a maneira como a insuflação atua. Introduz nos pulmões o ar decomposto, o qual é, consequentemente, prejudicial à respiração; mas introduz, ao mesmo tempo, o fluido vivificante que carrega a vida ao coração e ao diafragma, e então é útil," etc.

Reflexões. — Qual é a ação terapêutica do magnetismo no caso que acaba de ser lido? Será simplesmente a de excitação? Na minha opinião é muito mais do que isso; vejo nela uma vivificação real; vejo nela, numa palavra, um agente desconhecido, que reanima não sei como um pequeno ser a morrer. A maneira como o magnetismo atua nos casos seguintes é exatamente tão difícil de qualificar.

SEGUNDA OBSERVAÇÃO

Paralisia e atrofia dos dois antebraços, obstrução considerável no fígado, no Sr. Thomas Tabary. Nantes, 1784; pelo Sr. de Boissière.

"Thomas Tabary, um sapateiro nos arredores do Mans, esteve pelos últimos dois anos paralisado nos dois antebraços. As partes paralisadas estavam sem movimento e sem calor, havia pouca sensibilidade; estavam num estado de secura que constitui perfeita atrofia. Esta doença foi a consequência de cólicas violentas que Tabary tinha sofrido: tinha uma obstrução considerável no fígado, e uma icterícia nascente, acompanhada por febre lenta. Este paciente foi sujeito ao tratamento magnético a 28 de Julho de 1784. A 3 de Agosto começou a sentir algum calor por todas as partes paralisadas: este calor aumentou gradualmente, e por fim atingiu o estado natural. No dia 15 teve copiosa diarreia biliosa, que durou até ao dia 25; cessando a diarreia, estabeleceu-se uma sudação tão copiosa que gotas dela realmente fluíam dos dedos. Este suor era local, e não se estendia além das partes paralisadas; isto é, além da articulação do antebraço; durou até 3 de Setembro.

Nesta altura as partes tinham assumido considerável *embonpoint*, força, e poder de movimento; a sensação ficou inteiramente restabelecida. O paciente estava num estado para trabalhar, mesmo para cortar um sapato; foi de melhor a melhor, e continuou a trabalhar um pouco todos os dias.

"20 de Setembro. — O braço e mão esquerda estavam no estado natural, bem como o braço direito, cuja mão ainda requeria alguns dias de tratamento para retomar a sua consistência original e toda a

sua força; a obstrução estava consideravelmente diminuída, boa tez, a febre tinha desaparecido.

"23. — O paciente pediu-me um certificado que me tinha enviado, prestando depoimento ao seu estado, assinado pelo Sr. Loiseau, cirurgião, que o tinha assistido na sua doença, e tinha testemunhado, como era bastante lídimo para declarar, o pouco sucesso dos diferentes remédios empregados para combater esta obstinada doença. Este certificado estava além disso assinado pelo reitor, e autenticado pelo juiz. Enviei-lho perante a sua declaração de que um cavalheiro da terra, que não senti desejo nenhum de conhecer nesta altura, desejava vê-lo a fim de o comparar com o seu próprio estado, e lhe tinha prometido dinheiro para o ajudar a viver.

"Não vi mais esta pessoa, ele não apareceu depois; este modo de se esquivar tem algo de extraordinário e misterioso nele, sobre o qual não quis refletir."

TERCEIRA OBSERVAÇÃO

Paralisia no Padre Borrit, um Agostinho de 75 anos de idade, em Baiona, 1784; pelo Conde de Puysegur.

"O Padre Borrit, um frade agostinho, foi atacado com paralisia de todo o lado direito no mês de Junho de 1783. No mês de Agosto seguinte teve gota no joelho e na perna. Estas dores deram-lhe um pouco de movimento. Podia andar arrastando a perna atrás de si, e com a ajuda de uma bengala, mas não podia mover o braço direito; desde o mês de Maio de 1784 era capaz de levar a mão ao peito. Mal tinha qualquer audição no ouvido direito, não tinha visão no olho direito, falava com grande dificuldade, a sua boca estava ao lado.

Desde o seu ataque não dormia uma hora à noite, e de tempos a tempos sentia dores muito agudas no ombro e braço direito. Neste estado foi apresentado para tratamento magnético a 28 de Agosto. Após a primeira sessão o Padre Borrit foi capaz de levar a sua mão direita à cabeça, atrás dos lombos, e usou-a para comer; dormiu a noite inteira.

No dia seguinte a boca tornou-se direita; no terceiro dia formou a cadeia com os outros pacientes, e em mais alguns dias foi capaz de andar com facilidade sem bengala e sem arrastar o pé. Desde então recuperou inteiramente o uso de todos os seus membros e de todas as suas faculdades, comendo com bom apetite, dormindo muito bem, e já não sofrendo sob respeito nenhum.

"Ao certificado do Padre Borrit estão adicionados os do Padre Marsalens, o prior, do Padre Larrieu, o provincial dos Agostinhos.

"Deveríamos adicionar aqui que, em agradecimento pela cura do Padre Borrit, os Agostinhos ofereceram ao Sr. de Puysegur uma das salas do seu convento para continuar o seu tratamento magnético durante o inverno."

QUARTA OBSERVAÇÃO

Paralisia das coxas e pernas, e atrofia das pernas, vómitos, afeções nervosas, etc., na Senhora de La Malmaison, de trinta e oito anos de idade, em Créteil, perto de Paris, 1778; por Mesmer.

"A Senhora de La Malmaison, de trinta e oito anos de idade, embora de uma constituição aparentemente forte, tinha tido sempre uma disposição para os vapores, cujos ataques lhe tinham causado vários abortos. Estes ataques eram precedidos e seguidos por vómitos, repugnância absoluta, dores de cabeça, tosse, convulsões e escarro de sangue; por fim, as suas pernas recusaram totalmente o seu ofício, e induziram-na a ir às águas de Plombières por três anos consecutivos.

Experimentou os bons efeitos delas até à aproximação do inverno, o qual a atirava quase para o mesmo estado em que estava antes. Estas variações tiveram lugar até ao mês de Junho de 1777, quando uma queda de uma carruagem fez com que as suas pernas ficassem tão laceradas que expuseram os tendões. Este doloroso acidente renovou e aumentou todas as afeções que tinham precedido; os vómitos, em particular, tornaram-se tão violentos que a paciente não podia reter alimento nenhum. As suas pernas, previamente fracas, tornaram-se frias: era evidente que já não recebiam nutrição nenhuma. Ficaram secas. Os dedos dos pés estavam curvados. As coxas,

também, estavam privadas de movimento. Numa palavra, a paralisia atingiu até à anca. O médico que ela tinha consigo teve sucesso em acalmar os vómitos, e em pô-la num estado para ir a Paris no mês de Fevereiro de 1778.

"O Sr. Leroi, a quem ela consultou, e cujo conselho seguiu, tinha tido sucesso em restaurar o tom do seu estômago, e em acalmar os outros sintomas; mas a paralisia ainda permanecia, e ela estava muito incomodada por um asma histérico. A paciente estava prestes a partir para as águas de Balaruc, quando tendo sabido que o Sr. Mesmer tinha tido sob o seu tratamento doenças exatamente tão alarmantes como a sua, na aldeia de Créteil, após o ter consultado, e recebido esperanças dele, preparou-se para seguir o seu tratamento."

A este relato o Sr. de La Malmaison adiciona o seguinte certificado:

"Após a história acima do meu caso, a qual certifico ser verdadeira, declaro que tendo-me submetido ao tratamento do Sr. Mesmer e ao seu novo método, desde o mês de Maio passado até ao dia presente, recuperei o poder de andar livremente e sem suporte, de modo a ser capaz de subir e descer sem dificuldade; que as minhas pernas recuperaram a sua nutrição e calor; que estão, bem como os dedos dos meus pés, num estado natural; e, por último, que estou perfeitamente curada da paralisia, bem como dos outros incómodos com que estava afligida.

(Assinado) "Douet de Vichy de La Malmaison.

"Créteil, 30 de Agosto de 1778."

Observações. — Tomámos estas três observações de entre várias milhares similares a elas contidas nas obras de Mesmer, d'Eslon, Puysegur, Boissière, etc. Até à descoberta do sonambulismo artificial, que foi a verdadeira origem da medicina que presumimos propagar, o tratamento das diferentes formas de paralisia era um dos triunfos mais esplêndidos do magnetismo.

A cura da amaurose (paralisia do nervo ótico) foi o primeiro exemplo do sucesso de Mesmer; e desde este acontecimento notável, que excitou a inveja de alguns e a incredulidade de outros, o magnetismo provavelmente ficou a dever o desfavor em que caiu ao caráter maravilhoso das curas efetuadas pelos seus seguidores.

Mas como é que o magnetismo atua na paralisia? Será como tónico? Como excitante? À maneira das águas sulfurosas? Como a estricnina? A eletricidade? Será sobre as massas musculares, ou apenas sobre os nervos que exerce a sua ação? Como é que, de facto, atua? Cura a paralisia, isso é tudo o que sei disso; mas estudemo-lo como um modificador da circulação e das funções com ela conectadas.

QUINTA OBSERVAÇÃO

No Abril de 1840 fui consultado por uma jovem mulher, uma criada, cujo nome era Josephine Dulau, residindo em Paris, Rue de Lille, a qual, após ter-se submetido a vários modos de tratamento sem benefício nenhum, veio a mim em desespero, a fim de que, como ela disse, o magnetismo a matasse ou a curasse.

Josephine tem cerca de vinte e cinco anos e meio de idade, é de estatura média, as suas feições são antes agradáveis, embora esteja muito pálida; queixa-se de grande debilidade, embora de modo nenhum deficiente em *embonpoint*, e o seu exterior está longe de indicar essas alterações orgânicas graves que ocasionam o seu desespero. Foi apenas desde os últimos dezoito meses que deixou a sua aldeia natal, Dordogne, onde nasceu de pais saudáveis. Antes da doença de que agora se queixa, gozou sempre de saúde toleravelmente boa, e era de uma disposição muito alegre: agora está sombria, morosa e carrancuda; irrita-se com um mero nada, queixa-se de tudo, está alarmada com o futuro, e vinte vezes ao dia deseja a morte.

Sintomatologia. — Boca seca, sequiosa, desprovida de sabor, e por vezes amarga; língua quase natural, exceto um ligeiro revestimento amarelado que cobre a sua base; hálito indicativo da acidez do ácido carbónico; a saliva avermelha instantaneamente o papel de açafrão-da-índia. Há alguma sede e pouco apetite; contudo a digestão não se pode dizer absolutamente má; mas há sensibilidade aguda no epigástrio. Ligeiro meteorismo do abdómen; cólicas frequentes, ocasionando muito frequentemente dejeções semilíquidas; pulso pequeno, frequente (96), por vezes é quase impossível percecioná-lo; outras vezes torna-se percebível apenas por um pequeno, confuso e irregular tremeluzir. Os sons do coração são normais, mas extremamente fracos. Este órgão é frequentemente perturbado por palpitações violentas e dolorosas, que parecem subir até aos vasos do pescoço (*no ruído de diabo*), e obrigam a paciente a descontinuar o andar, e por vezes mesmo a deitar-se na cama. A respiração é um pouco frequente, mas ainda assim natural.

A percussão do peito produz um som normal sobre os dois pulmões; em suma, a auscultação nada deteta de anormal, e ainda assim uma tosse seca e muito dolorosa acompanha cada ataque de palpitação. Sem suores. A menstruação esteve completamente suspensa por mais de seis meses. Hipogástrio não doloroso, mas um corrimento branco constante, e que é muito copioso confirma, com respeito a uma afeção clorótica bem marcada, o diagnóstico que eu já tinha deduzido da cor argilosa da pele, do estado do coração e das perturbações de inervação.

Os médicos consultados antes de mim por Josephine tinham tomado precisamente a mesma visão do caso. As prescrições, que ela me mostrou, não me deixaram dúvida sobre este ponto. Tinham esgotado toda a lista dos tónicos de ferro sucessivamente, desde o antigo subcarbonato até ao moderno lactato, desde a água de ferrugem de ferro até ao chocolate ferruginoso. Nada, contudo, teve sucesso. Nem o ferro nem a digitalis melhoraram a sua condição; e confesso, pela minha parte, que se tivesse sido meramente um médico teria sentido algo mais do que embaraço — teria sentido remorso ao

escrever uma nova prescrição para esta pobre rapariga. Mas nada embaraça um magnetizador. "Sente-se ali," disse-lhe eu, "e em breve saberemos o que a Mãe Natureza deseja que seja feito por si."

Josephine já tinha a sua mente preparada; não fez resistência, portanto, e tudo correu pelo melhor.

1.ª Sessão (*19 de Abril*). — Às duas e meia começo a magnetizar Josephine. A seriedade gélida e o ar meio lamentável, meio resignado com que ela se submete, quase me dão o desejo de rir. Contudo, após oito ou dez minutos de passes, a sua fisionomia desanuvia-se, e um sorriso joga nos seus lábios.

"— Por que se ri?" disse-lhe eu.

"— Não sei," disse ela, "mas estou a morrer com vontade de rir."

"— Exatamente como quiser, minha pobre criança; não se contenha; apenas deixe-me continuar."

Continuo, consequentemente, e Josephine faz amplo uso da sua permissão; pois ri-se bem alto, dando, a longos intervalos, suspiros profundos.

Ao fim de vinte minutos ela está mais calma. A sua pálpebra está pesada; gotas de suor caem da sua testa; e ela sente uma inclinação para vomitar. É certo que se eu continuasse o sono em breve viria; mas eu próprio me sinto fatigado. Por esta razão, após alguns passes transversais, que restauram a paciente ao seu estado natural, concordamos em retomar a experiência no dia seguinte, à mesma hora.

2.ª Sessão. — Josephine chega às duas e um quarto, de acordo com a sua promessa do dia anterior. Começo de novo a magnetizá-la precisamente às duas e meia. Nada de particular lhe ocorreu desde a nossa entrevista, exceto que parecia ter-se sentido um pouco agitada durante a noite; mas como esta circunstância é muito habitual nela, foi suficientemente justa para a não atribuir ao magnetismo, e as reflexões que fez sobre as hipóteses de cura, pelo contrário, aumentaram a sua confiança. Além disso, que alívio lhe tinha dado a medicina? Nenhum; ela está satisfeita sobre esse ponto. Tinha-lhe feito algum mal? Disso

ela é ignorante, bem como eu próprio. Vejamos, pois, se seremos mais bem sucedidos.

As matérias passam-se precisamente como no dia anterior. Os mesmos suspiros, a mesma alegria, a mesma disposição para vomitar. Apenas tudo isto leva menos tempo a desenvolver-se. Por fim, ao fim de cerca de vinte minutos, Josephine diz-me várias vezes que vai dormir, e vinte minutos não decorrem até que ela esteja realmente a dormir. Continuo, contudo, a magnetizá-la por mais cinco minutos, após o que me dirijo a ela:

"— Está a dormir, Josephine?" Ela não responde.

Repito a minha pergunta; mas é apenas à terceira vez que ela responde:

"— Sim, senhor."

"— Como se sente?"

"— Bem."

"— Tem medo que o magnetismo a mate?"

"— Oh, não!"

"— Vai curá-la?"

Sem resposta.

"— Vamos, Josephine, reflita; pensa que o magnetismo será capaz de a curar?"

"— Sim, senhor."

"— Requererá um longo tempo?"

"— Não sei nada a esse respeito."

"Quanto tempo deseja dormir?" "Meia hora." Segui as suas instruções à letra e acordei-a meia hora depois de a ter adormecido. O seu despertar foi muito calmo. "Parece-me que estou a sair de um banho", diz-me ela.

5.ª Sessão (17 de abril).—Josephine vem um pouco atrasada, não tendo chegado senão a vinte minutos para as três. Repreendo-a por isso, e ela promete ser mais pontual no dia seguinte. Pergunto-lhe como se sente desde as suas duas primeiras sessões. "Muito bem, em verdade", diz ela; "jantei ontem com melhor apetite do que o costume. Não chorei nada e passei uma noite excelente." "E as palpitações?" "Tive um pouco delas ao subir as escadas para ir para a cama, mas não foram nada, comparadas com as que tinha tido. Pensei que ia morrer à sua porta da primeira vez que vim à sua casa." "A caminhada prostrou-a?" "Sim, ao início; mas com isso..." "Com o quê mais?" "Medo: pensei que tinha vindo à casa de um feiticeiro." "Bem, folgo em ver que possui um pouco mais de confiança; mas não percamos tempo, pois a hora já passou." São precisamente três horas. Josephine submete-se com confiança e está adormecida às três horas e dez minutos. Um sorriso impercetível tomou desta vez o lugar da franca hilaridade dos dias precedentes. Não é a expressão de um pensamento agradável; é um sintoma que depende de uma causa fisiológica, inapreciável tanto para a paciente como para mim; mas observo que ocorre no momento em que as minhas mãos passam sobre as regiões laterais do tórax e dos hipocôndrios.

Cumpre recordar que, no nosso quarto capítulo, mencionámos essa espécie de hilaridade, inteiramente física, como sendo um dos frequentes precursores do sono magnético. Será uma mera expressão automática ou um fenómeno cerebral? Isto, provavelmente, ninguém saberá dizer. Há, de facto, doenças que tornam as pessoas alegres e as fazem sorrir, tal como há outras que as tornam tristes e as fazem chorar.

Diversas neuroses dão origem a estes dois efeitos opostos; não se deve, pois, sentir demasiado espanto por as influências magnéticas produzirem o mesmo resultado. Mas voltemos à nossa paciente clorótica. "Está adormecida, Josephine?" "Sim, senhor." "Está suficientemente magnetizada?" "Sim, senhor; mas quando passa as suas mãos sobre o meu peito faz-me o maior bem." Magnetizei-a durante alguns minutos sobre a região do coração, e ela diz que sente

uma sensação calma e agradável. "Pensa agora que o magnetismo a curará?" "Sim, estou certa disso, e nem exigirá um tempo muito longo." "De quanto tempo precisará?" "Não sei ainda; poderei dizer-lho daqui a uns dias." "Não vê claramente?" "Não; mas verei em breve. Espere — verei claramente amanhã."

"A que hora?" "Às três horas. Não — às três e um quarto." "Poderá então dizer-nos o que devemos fazer-lhe para a curar?" "Oh! sim, dir-lho-ei." "Durante quanto tempo a devemos deixar dormir?" "Até faltar um quarto para as quatro." "Que horas são agora?" "Três horas e vinte e cinco minutos." Olho para o relógio, para o qual Josephine está de costas voltadas, e ela tem perfeita razão quanto à hora. "Como estará esta noite?" "Estarei muito bem." "E durante a noite?" "Muito bem mesmo." "Terá apetite para o jantar?" "Não muito — mas tenho de comer, apesar de tudo." "O quê?" "Sopa e carne de vaca." "Disse-me que digeria a sopa com considerável dificuldade e que a carne lhe fazia sempre mal." "Verdade; mas esta noite não me fará mal nenhum." "Deverá então recordar-se disto quando estiver acordada." "Sim, senhor. Oh! peço-lhe", acrescenta ela, "magnetize-me mais um pouco sobre o coração — isso faz-me bem." Submeto-me ao desejo de Josephine; ela agradeceu-me várias vezes, nos termos de reconhecimento mais gratos.

Alguns minutos depois, acordo-a precisamente à hora por ela mencionada. Ela sorri ao acordar, tal como ao adormecer. O seu olhar exprime ao início torpor, depois espanto, depois bem-estar e gratidão. Levanta-se de modo vivo e exclama com entusiasmo: "É espantoso como me sinto muito melhor do que me sentia nestes últimos dias; sinto-me tão leve como uma bailarina." Incuti em Josephine a obrigação que lhe era imposta de tomar sopa e carne de vaca ao jantar, o que a leva fazer as caretas mais jocosas; mas, por fim, resigna-se a isso e, após me ter dado a sua promessa formal de se conformar em todos os pormenores às suas próprias instruções, deixa-me e desce as escadas a correr.

6.ª Sessão (18 de abril).—Josephine vem a minha casa quando falta um quarto para as três. Não sei se é devido ao ar de satisfação

difundido no seu rosto e em toda a sua pessoa, certo é que a sua palidez diminuiu. "Se isto continuar, senhor", exclama ela ao entrar, "considerar-me-ei mais de meio curada. Não tive palpitações, comi bem, bebi bem, dormi bem e, especialmente, ri-me bem, a tal ponto que a minha patroa pensa que estou a ficar tola. Mas eu sei a que devo atribuir isto.

Oh! é porque, como vê, estou duplamente satisfeita; primeiro, estou contente por andar melhor, depois, estou contente por já não estar triste. Ri-se? Então não me explico bem. Tanto pior; mas eu entendo-me, e prefiro ter saúde a ter espírito." "O seu jantar fez-lhe algum mal?" "Nem o mais pequeno do mundo, e no entanto comi com a maior avidez." "E o corrimento continua o mesmo?" "Ah! senhor — mas isso passará." "Sim, garanto-lhe que passará."

Tendo sido magnetizada às três em ponto, Josephine foi adormecida em menos de oito minutos. Ligeiras contrações espasmódicas do músculo orbicular dos lábios sucederam ao riso inextinguível das primeiras sessões. Dir-se-ia que a paciente dormia um sono natural. "Como se encontra, Josephine?" "Muito bem." "Vê?" "Ainda não; mas verei daqui a pouco." "Em quantos minutos?" "Em sete minutos." "Deverei continuar a magnetizá-la?" "Mais um pouco, se faz favor, sobre o peito e o abdómen." Obedeço a esta injunção, e a paciente fica de novo em êxtase com o bem que lhe faço. Todavia, decorridos os sete minutos, Josephine, espantada com a sua lucidez nascente, exclama, com um tom de admiração que contrasta com a impassibilidade do seu rosto: "Oh! ali! ali! vejo tão claro como em pleno dia! O que disse eu então? é muito pior! vejo dentro de si como se fosse uma lanterna! Oh! há fogo na extremidade dos seus dedos. Ora essa! que espantoso!

Mas vejo algo dentro de mim também. É com certeza — é o meu coração! Tic, tac — tic, tac — que curiosamente ele bate! E o meu sangue, então! — repare, repare — vermelho de um lado, e preto do outro! E o meu abdómen! estão ali os intestinos! Ó Deus, que nojento!" "E, Josephine, vê a sua própria doença?" "Não, não a vejo,

porque penso que está em todo o lado; mas não importa, sinto muito bem o que será necessário fazer-me para me curar."

"O que será necessário fazer-lhe?" "Magnetizar-me, fazer-me beber vinho e comer carne de vaca assada." "É tudo?" "Sim, por agora." "E quando virão as suas regras?" "Tê-las-ei — em cinco dias." (O leitor poderá recordar-se de que ela não as via há seis meses.) "E o *fluor albus*?" "Depois de as regras terem passado, ficarão diminuídos para metade." "Deveremos voltar ao uso das preparações de ferro?" "Não; foi isso que me tirou o apetite; mas ele voltará em breve." "Deve então ser magnetizada todos os dias?" "Sim, senhor, até que as minhas regras apareçam.

No primeiro dia em que as tiver, magnetize-me de novo, para me livrar das cólicas; depois teremos uma suspensão de dois dias; após o que retomaremos por algum tempo. — Oh! como é espantoso isto que agora vejo! Meu Deus! pensar apenas que se tem tudo isto no corpo!" "Que tipo de bebida lhe convirá melhor? Precisará de alguma tisana?" "Tisana nenhuma." "Estará lúcida amanhã?" "Sim, senhor." "A que hora?" "Estarei assim o dia todo." "Ainda assim será necessário magnetizá-la à mesma hora que hoje?"

"Sim, senhor." "Está bem — acorde." Josephine continuou a ser magnetizada todos os dias, até ao dia 22 de abril, altura em que, como tinha anunciado, as suas regras apareceram. Foram escassas e duraram três dias; mas a melhoria geral do seu estado continuou a manter-se. A secreção excessiva de muco uterino ficou agora restabelecida ao seu estado normal; as suas forças regressaram rapidamente com a sua vivacidade; e, após ter sido prescrita uma ligeira purga e, dois dias depois, uma sangria de três onças*, Josephine declarou-se curada. Qual foi a ação terapêutica do magnetismo neste caso? Atuou como tónico? — como aperiente? Isto é o que não sei; mas curou um dos casos mais bem marcados de clorose que seria possível encontrar.

SEXTO CASO. Esgotamento — suores, em Gervais Nechenger, de trinta e cinco anos de idade, em Oberherklein, perto de Colmar, em 1785, pelo M. Barão Klinglin d'Esser.† Gervais Nechenger, atacado

de vertigens e esgotado por suores contínuos todas as noites, ficou sob os cuidados do

- *Este estranho tratamento lembra-nos um caso mencionado pelo M. Mialle, no Exposé des Cures opérées par le Magnétisme, etc. t. i. p. 369. "No terceiro dia em que a Senhora B. foi magnetizada, tornou-se somnâmbula e disse que a sua doença duraria um ano; que era ocasionada por um remédio tomado durante a menstruação, o qual causara um refluxo dos humores para o sangue. Garantia-nos que o magnetismo a curou disso em menos de um mês. Ficou perfeitamente curada a 20 de novembro, sem ter tido qualquer outro remédio salvo uma pequena sangria, que ela própria prescreveu na sexta sessão, e após ter tomado algumas garrafas de orchat e água magnetizada." Extrait des Annales de Strasbourg, t. i. p. 75. † Annales de Strasbourg, t. i. p. 30.*

M. Klinglin, a 16 de setembro, e ficou curado a 22 do mesmo mês. — Testemunha, Sanner, Cirurgião.

Vemos aí o magnetismo a produzir o efeito da quina vermelha, do tanino, etc. Mas dir-se-á: então pode o magnetismo ser substituído com vantagem por toda a espécie de remédio? Que é feito desses desgraçados boticários? A isto responderei que, se porventura acontecesse podermos dispensar os medicamentos para curar os doentes, o mal não seria grande; mas já dissemos que assim não era.

No tocante às apreensões respeitantes à aflição futura do boticário, é claro que não nos compete a nós ficar inquietos por causa disso. Quem não ficaria satisfeito com a extinção dos advogados, se não houvesse mais processos? Mas sigamos com o nosso exame. Afirmámos que o magnetismo animal era capaz de proporcionar um remédio nessas alterações orgânicas profundas a que os médicos deram o nome de degenerescências.

Os livros dos primeiros magnetizadores estão repletos de factos autênticos, que não permitem a leitor nenhum suspeitar da validade desta asserção.

SÉTIMO CASO. Surdez de quinze anos de existência curada num mês. Toda a gente deve estar ao corrente da última comunicação feita à Academia das Ciências no tocante ao emprego bem-sucedido do magnetismo no tratamento da surdez. Ora, o seguinte caso (embora não respeitando a uma pessoa surda-muta) parece-me não menos digno da atenção dos doutos e do público do que aqueles que foram submetidos à Academia. O Senhor G*** tem cerca de vinte e dois anos de idade.

Embora nascido nas proximidades de Marselha, está longe de ter uma constituição meridional. A linfa e o tecido adiposo predominam evidentemente no seu temperamento; circunstâncias que, nas nossas ideias comuns, deviam deixar-me muito pouca esperança de encontrar nele grande sensibilidade ao magnetismo. Mas o facto, felizmente, desmente as minhas antecipações a esse respeito. Foi a 16 de janeiro último que o Senhor G*** me veio consultar pela primeira vez.

Contou-me em poucas palavras a história do seu caso. Após uma escarlatina, de que sofreu em 1825, e que foi muito grave, perdeu completamente a faculdade de ouvir com o ouvido esquerdo. Para recuperar isto, o Senhor G*** tinha posto sob contribuição todos os recursos da arte, mas sem sucesso. Tendo recorrido primeiramente aos médicos da sua própria terra, resolveu consultar os médicos mais eminentes da capital. O M. Professor Andral foi tão cândido que lhe disse que a medicina era completamente impotente em tal caso, e o M. Jules Cloquet recomendou as águas de Aix, na Saboia, as quais ao início pareceram produzir alguma melhoria; esta melhoria, contudo, não durou muito tempo. O Senhor G*** regressou a Paris, desesperando mais do que nunca de uma enfermidade de que já não esperava ser curado, e cujos incómodos ele muito exagerava; pois, embora ela interferisse muito ligeiramente com a felicidade do seu espírito e a facilidade das suas relações sociais, ouvir apenas com um ouvido parecia-lhe ser viver apenas a meias.

Fez, portanto, um esforço final, colocando-se sob os cuidados de um médico homeopata; mas isto não foi acompanhado de qualquer benefício. Eis, pois, uma prova adicional da asserção que fizemos nas

nossas *Transações*: "É apenas quando o caso é desesperado, isto é, após ter esgotado todos os recursos ordinários da medicina, que os doentes se determinam a consultar-nos." De facto, depois da homeopatia, o que podia o M. G*** tentar? Nada, ou o magnetismo, o que lhe parecia quase a mesma coisa.

Veremos agora o resultado; mas verifiquemos primeiro o estado do paciente no primeiro dia em que foi magnetizado. Tendo-me o M. G*** dado a história do seu caso, conforme já exposto, suplica-me que lhe examine o ouvido, o qual, desde o começo do seu padecimento, tem sido sede de um corrimento bastante copioso. A extração de um pólipo, que ele tivera há alguns anos, fazia-o recear a existência de um corpo similar no *meatus auditorius externus*. É certo que tal circunstância teria tornado as hipóteses do magnetismo muito diminutas; mas um exame minucioso me satisfez em breve sobre este ponto. A minha sonda meramente detetou uma projeção longitudinal e rugosa na abóbada do meato, que parecia ser um inchaço com escoriação da membrana fibro-mucosa; de facto, a doença não é nem mais nem menos do que uma simples otorreia, com paralisia do nervo acústico. "Serei curado pelo magnetismo?", disse o M. G***, após este exame. "Tem duas hipóteses em três", disse eu. Magnetizo o M. G*** com a intenção de o adormecer, coisa que nunca deixo de fazer no começo do meu tratamento.

Após as primeiras passagens de mãos, ele experiencia uma impressão muito marcada, e no fim da sessão acho necessário libertá-lo de um estado de estupor extremo, mas ele não adormece. No segundo, terceiro e quarto dias, não obtive outro resultado senão uma sonolência dolorosa, e, como me parece quase provado que não devo contar com o sonambulismo, doravante magnetizo o M. G*** apenas com a intenção de lhe aliviar a cabeça e de lhe curar o ouvido.

O efeito desta segunda intenção continua incerto durante alguns dias, isto é, até que a relação entre o paciente e eu próprio esteja bem estabelecida; mas, à oitava sessão, está tão bem marcado que o M. G*** me diz, quando deixo de o magnetizar: "Parece-me que tenho todo o lado esquerdo da cabeça vazio!" No dia seguinte, o M. G***

diz que ouve melhor com o ouvido esquerdo do que ouvia há quinze anos.

Três dias depois, garante-me que não tem dúvidas de estar curado. Injeções simples com água salgada, e depois com água e sabão, fazem diminuir o corrimento tão rapidamente que, no fim de fevereiro, não existia dele um vestígio. A água destas injeções meramente traz consigo alguns ligeiros detritos membranosos semelhantes à caspa do herpes. Por fim, neste dia, 12 de março de 1840, o M. G*** não tem mais do que a simples lembrança da sua doença, pois não existe diferença apreciável entre as sensibilidades acústicas dos seus dois ouvidos. Eis o facto simples e nítido; que a medicina dos médicos produza um semelhante.

OITAVO CASO. Ataque de gota no M. Perruchot; Paris, 1781, por d'Eslon. O M. Perruchot, após uma caminhada consideravelmente longa na neve derretida, sentiu subitamente num dos pés uma dor aguda, que em breve apresentou os sintomas de um ataque de gota. O M. Perruchot não acreditava no magnetismo; costumava até rir-se frequentemente dessas pessoas simples que nele depositavam confiança, e dos visionários que o praticavam. Mas a dor torna a pessoa crédula, tal como o perigo a torna supersticiosa.

Os marinheiros, que são tão dados a blasfémias com bom tempo, nunca falham em invocar a Virgem no momento de um naufrágio. O M. Perruchot mandou chamar d'Eslon e mostrou-lhe o pé, que estava preto até ao tendão de Aquiles. Este último pôs-se imediatamente ao trabalho e não se despediu do seu paciente até o ter magnetizado pelo tempo que julgou conveniente.

Mas agora, na verdade, o honesto cidadão acreditou pelo resto da sua vida no magnetismo; pois d'Eslon mal se tinha retirado quando um descarregamento prodigioso que sobreveio produziu imediatamente tal diminuição da dor que ele pôde regressar à sua cama, passando por duas divisões. Duas horas depois há outro descarregamento, que lhe dá novo alívio. Por fim, ao meio-dia, sentindo a dor abrandar a cada momento, levanta-se e vai fazer duas visitas. À noite é sentido o

mesmo alívio; ele agora tem apenas a recordação dos sofrimentos por que passara, e nos quais não pensa de todo no dia seguinte; a partir deste período, continuou a gozar de perfeita saúde. Muito se poderia dizer sobre este caso; mas quero limitar as minhas observações a um espaço reduzido.

Sabemos perfeitamente bem que as evacuações, tais como a que aqui ocorreu, por vezes surgem espontaneamente em sujeitos gotosos, uma ocorrência que quase sempre os alivia inesperada e subitamente. Mas os nossos confrades sabem bem que o facto não é muito comum, enquanto o poder purgativo do magnetismo é, pelo contrário, testemunhado muito frequentemente. O livro do M. Mialle, por si só, poderia fornecer provas amplas disso. Mas dir-se-á que a purga neste caso foi efeito do medo? Meus senhores, Perruchot não acreditava no magnetismo; teme-se uma coisa na qual não se acredita?

E depois, apesar de tudo, sejamos consequentes; se existem apenas uma centena de casos similares ao que acaba de ser relatado, será justo atribuir o efeito produzido ao acaso, isto é, a uma coincidência inexplicável, e que a nossa experiência médica desmente? Certamente que não, e visto que, de qualquer modo que consideremos a matéria, a nossa causalidade está ainda em falta, estou tão disposto a acreditar num milagre como num absurdo.

NONO CASO. Ciática, dor de cabeça, estupor, insónia, etc., no Padre Herviert, Paris, 1778, por Mesmer. Acabamos de ver um ataque de gota ser removido por duas evacuações copiosas; eis agora uma afeção reumática que cede ao magnetismo, terminando em suores profusos. O Padre Herviert, Doutor da Sorbonne e bibliotecário dos Agustinhos, era apaixonadamente dado ao estudo; mas as suas vigílias constantes tinham alterado consideravelmente a sua saúde.

O douto padre, a quem somos devedores de várias obras excelentes (entre outras, de uma *Carta sobre a Descoberta do Magnetismo Animal**), sofria tanto mais com a sua doença quanto ela o privava de se entregar à sua ocupação favorita. Mas não havia como lutar contra ela. A sua vista estava a tal ponto enfraquecida que o

impedia de estudar mais de uma hora de cada vez. Queixava-se de violentas dores de cabeça, tonturas, insónias frequentes e, além de tudo isto, de uma dor intolerável numa das regiões ciáticas à menor variação de temperatura. O Padre Herviert tinha tentado tudo para se curar; mas nada tinha tido sucesso.

- *O caso que apresentamos é extraído desta obra.*

Nem banhos, nem águas minerais, nem divertimento, nem viagens, que lhe tinham sido recomendados, lhe procuravam qualquer alívio; de facto, estava agora quase resignado a sofrer pelo resto da sua vida, quando as curas efetuadas por Mesmer o induziram a recorrer a ele. Que os magnetizadores fiquem atentos; é ainda no nosso tempo como era no de Mesmer, não são senão os miseráveis que se entregam a nós. Mas se a doença do Padre Herviert se mostrava inacessível aos recursos da Faculdade, o magnetismo corrigiu-os, curando-o. A sua melhoria foi marcada desde as primeiríssimas tentativas. Ao mesmo tempo que sentia um grau invulgar de calor nas suas entranhas, as dores da sua cabeça e dos seus membros ficaram inteiramente dissipadas. Até a sua vista se restabeleceu e, seis semanas após a sua admissão ao tratamento público, estava mais do que convalescente. O Padre Herviert mostrou-se grato para com o magnetismo e Mesmer. Discípulo deste último, e um propagador zeloso da descoberta, tornou-se ultimamente um dos magnetizadores mais famosos da Europa.

DÉCIMO CASO. Reumatismo no M. Ducrest em Estrasburgo, 1785, pelo M. de la Jomarière. (*Annales de Strasbourg*, t. i. p. 94.) Um homem chamado Ducrest, bombeiro, no desempenho das suas funções num incêndio que tinha deflagrado no armazém do rei em Estrasburgo (maio de 1784), sofreu uma queda na qual esteve muito perto de partir a perna direita. A contusão resultante desta queda foi tão grande que ficou quase incapaz de ficar de pé sobre o pé. Todavia, melhorou, quando, no mês de junho seguinte, em consequência de um esforço violento, sentiu algo estalar na região lombar, parte em que sentiu instantaneamente dores muito agudas.

Pensou ter tido uma rutura; mas, após algumas horas, nada aparecendo na virilha, o seu susto foi removido. Todavia, as dores aumentaram por graus; a tal ponto que, no mês de dezembro, não podia ficar de pé nem sentar-se. O menor movimento causava-lhe uma dor excruciante e, quando tentava acomodar-se na cama, a tortura que sofria fá-lo-ia gritar. Tornou-se-lhe então inteiramente impossível ter qualquer descanso ou sono. Quando se deitava sobre um lado, não podia voltar-se para o outro, e a menor contração muscular causava-lhe um castigo severo. Por fim, para o meio de dezembro, sobrevieram convulsões, cujos ataques e gravidade foram aumentando até à primavera, altura em que o desgraçado homem começou finalmente a encontrar algum alívio.

No mês de maio seguinte, tendo Ducrest descido a um poço cheio de salitre, para reparar a bomba do alfobre real, e tendo lá permanecido cerca de oito horas em duas ocasiões diferentes, as suas dores, que estavam apenas imperfeitamente removidas, regressaram com renovada gravidade, primeiro nos rins, depois nas extremidades inferiores, onde se fixaram. Aumentaram de tal maneira que, em pouco tempo, Ducrest ficou inteiramente incapaz de se mover. Recorreu então a fumigações e banhos de toda a espécie; mas isto dava-lhe alívio apenas por um momento, e logo o deixava presa dos sofrimentos mais cruéis.

No mês de agosto foi tratado com cáusticos; um foi aplicado em cada barriga da perna, um no tornozelo direito, um em cada anca, um no joelho direito e outro nos rins. Enquanto as superfícies com cáusticos estiveram em estado de supuração, algum alívio foi sentido; mas mal cicatrizaram, as dores regressaram mais severas do que antes.

"Quanto tempo?"

"Meia hora."

"O seu estado de agitação não regressará mais?"

"Não."

"Qual foi a causa dele?"

"Não me faça falar, isso perturba-me."

O paroxismo tinha passado; mas regressou alguns dias depois, e tive de novo a felicidade de a acalmar pelos mesmos meios e com a mesma prontidão. Isto ocorreu na presença de dez pessoas, que eu poderia nomear se tal fosse uma questão de importância. O caso seguinte apresenta infinitamente mais interesse: tomamo-lo de empréstimo da obra do M. Pigeaire:*

DÉCIMO PRIMEIRA CASO.

"A Senhora A***, de cerca de cinquenta anos de idade, caiu ao descer as escadas; em consequência desta queda, experienciou uma violenta concussão de todo o tronco; oito dias depois, o seu braço esquerdo ficou convulsivamente agitado: aos poucos, foi-se afastando do corpo com movimentos nervosos, que se tornaram mais intensos e mais contínuos, e que se transformaram em contrações vermiculares, irregulares, violentas e muito dolorosas.

A paciente era forçada instintivamente a levá-lo até à cabeça, a colocar a mão sobre a cabeça e a mantê-lo constantemente nesta posição com a mão direita, sem que os movimentos de contração cessassem um instante, de tal modo que esta senhora não podia satisfazer a menor necessidade sem a assistência de outra pessoa.

- *Puissance de l'électricité animale ou du magnétisme vital et de ses rapports avec la physique, la physiologie, et la médecine*. Paris, 1839, in-8.

"Após se ter submetido sem vantagem ao tratamento recomendado pelos médicos da sua própria terra, a Senhora A*** veio consultar os médicos da capital. O M. Professor Marjolin foi consultado; recomendou o magnetismo para a paciente. O seu marido, temendo que o tratamento magnético fosse longo e incerto, julgou conveniente tomar o conselho de algum outro médico; o M. Bouillaud foi chamado e prescreveu a aplicação de duas ou três moxas com o intervalo de oito dias entre cada uma. Este remédio repugnava aos sentimentos da senhora.

"Tinha eu estado precisamente três dias em Paris, quando recebi uma carta pedindo-me que fosse à Maison de Santé da Senhora Baric, Faubourg Poissonnière, para ver uma senhora doente que desejava consultar-me. Era para a Senhora A***, a quem encontrei na cama no estado que acabo de mencionar. A fisionomia da paciente estava vermelha e ruborizada, expressando grande irritação. Após me ter familiarizado com a história da sua extraordinária doença, tentei, com grande cuidado, puxar para baixo o braço que estava colocado sobre a cabeça e que se agitava convulsivamente.

Não o tinha deslocado quatro ou cinco polegadas, quando os gritos da paciente me forçaram a descontinuar as minhas tentativas. Este braço, deixado a si mesmo, movido como por uma mola, bateu contra a parte inferior da testa e reascendeu à cabeça, onde a mão direita o mantinha, a fim de moderar os seus movimentos.

"A minha opinião, e era também a do médico ordinário da Maison de Santé, foi a de empregar o magnetismo primeiro; e se, no termo de quinze dias, estes meios não produzissem melhoria alguma, seria conveniente seguir o conselho do M. Bouillaud.

"Soube então pela paciente que o seu marido lhe tinha escrito para se fazer magnetizar pela Senhora Pigeaire, que tinha chegado recentemente a Paris. Disse-lhe que, antes de fazer algumas experiências magnéticas, a Senhora Pigeaire não podia tomar sobre si magnetizá-la; que eu lhe traria um médico bem informado que tinha grande prática em magnetismo.

"— Não desejo que um homem me magnetize; desejo que seja a sua senhora; ela terá piedade do meu estado, tenho a certeza.

"No dia seguinte, a Senhora Baric pediu à Senhora Pigeaire que satisfizesse os desejos da paciente.

"Sob a influência magnética, a agitação nervosa acalmou-se; os movimentos do braço tornaram-se menos violentos. A paciente pôde dormir de cinco a seis horas todas as noites. Após oito dias de magnetização, a mera aplicação da mão da Senhora Pigeaire deteve

subitamente as contrações. Por fim, o braço afetado, seguindo a direção da mão que o magnetizava, abandonou a sua posição.

Dez dias após o emprego do magnetismo, a Senhora A*** desceu ao jardim com o braço pendente e livre de sofrimento. Os movimentos clónicos eram escassamente percecionáveis e intermitentes. Todos os indivíduos na casa ficaram espantados. A paciente sentia uma alegria indizível; subia ao seu quarto vinte vezes por dia para se mostrar a toda a gente.

"O M. Bouillaud foi vê-la de novo quinze dias após a sua primeira visita. Encontrou a Senhora A*** sentada diante de uma mesa e a tentar tricotar. A surpresa do professor, dizem-me, foi muito grande.

"— Ah! estou encantado com o seu estado de saúde; isso está muito bem; espero que não teremos ocasião de continuar a minha prescrição. Fiz-lhe sofrer um pouco; mas deve estar contente.

"— Senhor, não sofri nada; não apliquei as suas moxas.

"— E o que fez?

"— Fiz-me magnetizar.

"A esta palavra, a paixão do M. Bouillaud explodiu.

"— Não quer ficar boa, então?

"— Mas vê que estou muito melhor. E, além disso, sabe muito bem que o M. Marjolin me recomendou o magnetismo.

"O M. Bouillaud saiu numa paixão furiosa."

No seu lugar eu teria agido de outro modo. Teria desejado estar presente ao processo de magnetização; teria desejado certificar-me se algum outro tratamento tinha sido empregado. A questão aqui não era sobre uma visão extraordinária; mas a paixão nunca raciocina. O M. Deleuze tinha perfeita razão em dizer que o preconceito pode extraviar homens com um coração honesto e uma cabeça inteligente.

DÉCIMO SEGUNDO CASO.

Epilepsia numa pessoa chamada Wagner, em Estrasburgo, 1785, pelo M. Barão de Dampierre. *Annales de Strasbourg*, t. i. p. 51.

Uma pessoa chamada Wagner, soldado no regimento de Artois, era epilética desde os três anos de idade. Para dizer a verdade, ele não tinha senão três ou quatro ataques por mês; mas, ao menor arrefecimento que apanhasse, estes ataques aumentavam em número, de modo a recorrerem duas ou três vezes por dia. Sendo incapaz de desempenhar os seus deveres de soldado, Wagner tinha acabado de receber a sua baixa; e o Barão Fumel, seu coronel, consentiu em mantê-lo no regimento apenas a pedido do Barão Dampierre, que concebera a esperança de o curar. Começou a magnetizá-lo na manhã de 21 de agosto.

Após sete ou oito minutos, Wagner caiu numa espécie de estupor, acompanhado de transpiração considerável, e que foi seguido por um ataque epilético. Os olhos, entreabertos, estavam convulsos em direção ao teto das órbitas; os dentes batiam; a respiração era arfante e constrangida; e, enquanto os lábios se cobriam de espuma, todos os membros se agitavam, contorcendo-se sob horríveis convulsões. Wagner esteve neste estado durante mais de duas horas, sem que o seu magnetizador conseguisse ter sucesso em o tranquilizar.

Quando recuperou a consciência, o M. de Dampierre fez-lhe perguntar por um intérprete (ele apenas sabia alemão) como se sentia; respondeu que sofria em todas as partes, e mais especialmente na cabeça, no peito e no coração. Desejavam que ele bebesse água magnetizada, mas o esófago estava tão contraído que ele mal podia engolir um gole. Quando ultrapassou inteiramente esta crise, o M. Barão enviou-o para o seu alojamento; mas ele estava tão fraco que não podia andar, e foram obrigados a transportá-lo numa carruagem.

À tarde, o M. Barão foi vê-lo, acompanhado pelo M. Marquês de Puysegur, a quem tinha convidado a juntar-se-lhe para tentar lançar este homem num estado de sonambulismo. Encontraram-no ainda a sofrer. O M. de Dampierre começou a magnetizá-lo; o que ocasionou, após sete ou oito minutos, um segundo ataque epilético. Vendo, após

um quarto de hora, que não conseguia ter sucesso em o tranquilizar, pediu ao M. Puysegur que o magnetizasse; mas este último não foi mais bem-sucedido. A crise seguiu o seu curso, como de manhã.

O M. Barão ia magnetizá-lo precisamente duas vezes por dia, e a cada vez as mesmas crises se renovavam com a mesma violência. Quando perguntavam a Wagner como se sentia, ele respondia: pior. Permaneceu neste estado até ao dia 28, quando começou a ser purgado duas ou três vezes pela mera ação do magnetismo. As evacuações tiveram lugar nos dias seguintes, durante os quais, sofrendo horrivelmente na cabeça e no estômago, mal podendo respirar, implorava humildemente ao seu magnetizador que o deixasse jazer quieto.

Todavia, o M. Barão, não desejando interromper a obra da Natureza, perseverou em continuar; mas desta vez o ataque foi tão violento que pensou que o paciente não o suportaria. Deixou-o jazer na cama, vencido pelos sofrimentos que tinha suportado. Esta última crise causou-lhe tal impressão, e ele ficou com tanto medo de que o homem morresse nas suas mãos, que esteve quase determinado a desistir dele.

O M. Puysegur, a quem ele comunicou os seus receios, aconselhou-o a perseverar, acrescentando que este homem, se abandonado à sua doença e sem tratamento, estava perdido. O M. de Dampierre cedeu a este conselho, mas, ao regressar junto de Wagner, foi acompanhado pelo M. Jaegle, cirurgião-mor do regimento, a fim de ter a sua assistência se requerida. Quando chegaram à residência de Wagner, esperando encontrar o paciente muito pior do que o costume, ficaram muito agradavelmente surpreendidos quando ele lhes garantiu que não se tinha sentido tão bem desde o começo do tratamento.

Todavia, logo que foi magnetizado, teve o seu ataque habitual, mas muito menos violento do que o precedente. A isto seguiu-se uma espécie de sono magnético, que durou três quartos de hora, ao termo do qual o paciente acordou por si mesmo. À tarde, Wagner perdeu a consciência após três minutos.

O M. Barão suspendeu então o magnetismo. As convulsões foram infinitamente menos violentas, e o paciente acordou em dez minutos. Falou imediatamente, coisa que não tinha feito até então; pois precisava sempre de meia hora para se recompor e se colocar em estado de ser entendido. Declara que desde a sessão da manhã tinha ido cinco vezes à bacia, e que nas três últimas tinha evacuado sangue negro. O M. Barão magnetizou-o então e pô-lo num sono magnético, mas imperfeito. As suas dores tinham descido para as pernas e pés. A 31, diz que passou uma noite excelente e que apenas sofria um pouco nas pernas. Neste dia não teve mais convulsões e tornou-se sonâmbulo. No dia seguinte encontrou-se muito bem e começou a falar da sua cura. Fizeram-no beber alguma água magnetizada, que ele achou excelente.

Por fim, no dia 4, declarou-se curado. Todavia, durante o seu sonambulismo, exigiu que lhe efetuassem uma purga três vezes consecutivas, a dois dias de intervalo. Finalmente, no último dia do seu tratamento, prescreveu para si mesmo uma sangria do braço esquerdo, repetida todos os meses; e garantiu-lhes que a sua saúde estava perfeitamente restabelecida. A cura foi atestada por todos os oficiais do regimento, incluindo o cirurgião.

Testemunha, Jaegle, Cirurgião.

Este caso é mais especialmente notável nisto: que caracteriza o modo ordinário de ação do magnetismo na epilepsia. Um aumento no número e gravidade dos ataques constitui quase sempre o primeiro efeito do tratamento. Mas estas crises em breve diminuem de frequência e gravidade, e por fim desaparecem sem regressar. O seguinte facto relatado pelo M. Koreff* pode também ser citado em apoio deste grande princípio terapêutico.

DÉCIMO TERCEIRO CASO.

"Uma jovem pessoa tinha-se tornado epilética em consequência de um susto, e os ataques eram sempre acompanhados de delírio. Um dia foi sangrada no meio de um violento ataque, que apresentava sintomas alarmantes de apoplexia. Imediatamente após este ataque,

um sonambulismo espontâneo desenvolveu-se em vez do delírio habitual. Durante o sonambulismo, a jovem paciente instruiu o seu tio sobre o método que ele deveria adotar a fim de a magnetizar, e sobre os meios de a tratar.

O tio, cirurgião numa pequena aldeia, e pouco familiarizado com matérias desta espécie, enviou-a para uma grande cidade, onde ela foi magnetizada; permitiram muito imprudentemente que ela se tornasse um objeto de curiosidade; ficou sobrecarregada de perguntas, as quais perturbaram o seu estado de sonambulismo. Fui chamado; restabeleci o equilíbrio, regulei a ação do seu magnetizador ordinário, dirigi o tratamento por algum tempo e obtive resultados muito bons.

Ela possuía lucidez apenas para o seu próprio estado; sugeria escassamente qualquer remédio, mas marcava com precisão o próprio tempo em que a deveriam adormecer. Era geralmente um pouco de tempo antes do acesso do ataque, o qual era então mais ligeiro, não deixava maus vestígios no cérebro e passava ao sonambulismo por uma transição fácil. Era magnetizada com grandes correntes durante todo o acesso. Sendo obrigado a deixá-la, consignei-a às mãos do seu magnetizador original, a quem recomendei a mais escrupulosa exatidão.

- *Lettre d'un Médecin Étranger*, etc. p. 418.

Ela tinha predito que teria uma sucessão espantosa de ataques, mais violentos do que qualquer dos precedentes, mas que esta explosão tempestuosa era necessária para terminar a sua doença. Declarou que durante vários dias consecutivos, os quais indicou, seria necessário magnetizá-la sem a deixar, das sete horas da manhã até às três, e que após este número de dias estaria curada para sempre da sua epilepsia. Nos últimos dois dias, sendo o seu magnetizador obrigado a ausentar-se, e não acreditando na necessidade de uma precisão estrita, não a magnetizou senão às onze horas; a epilepsia desapareceu, mas a paciente permaneceu num estado próximo do idiotismo e ficou mergulhada numa dolorosa apatia.

Pouco tempo depois a epilepsia recomeçou, e os detratores do magnetismo começaram a triunfar. Uma ocorrência notável, que seria talvez demasiado longo recitar aqui, tendo-a lançado de novo num estado de sonambulismo, ela declarou que a falta que tinha sido cometida, de abreviar o seu tratamento em algumas horas, fora a causa do seu reaparecimento. Deu agora novas instruções, que foram escrupulosamente atendidas, e por meio das quais ficou perfeitamente restabelecida. Faz agora mais de dois anos que isto ocorreu, e a jovem pessoa continua a gozar de excelente saúde.

"Koreff, Médico."

Estes paroxismos violentos que terminam a epilepsia, quando tratada pelo magnetismo, não ocorrem constantemente. A obra do M. Mialle (*Cures opérées par le magnétisme*, etc.) contém um número considerável de casos em que a doença observou um curso invertido, isto é, começou por exibir uma emenda desde os primeiros dias do tratamento. As coisas sucederam também desta maneira no caso da Menina J***, epilética há sete anos, cuja história o M. Pigeaire apresentou na sua obra.* A magnetização removeu desde logo os acessos e fez com que desaparecessem de todo.

O M. Esquirol declara que sujeitou um grande número de pessoas insanas à influência do magnetismo sem qualquer vantagem; mas este senhor, em vez de se contentar com uma mera afirmação, deveria ter-nos exposto, com alguns pormenores, os factos que decidiram a sua convicção sobre este ponto; pois as suas afirmadas instâncias de insucesso parecem-nos tanto mais equívocas quanto são, em certo grau, contraditadas pelos relatos de outros observadores tão respeitáveis como ele próprio.

Os escritos dos MM. de Puységur, de Bossière, de Corbaux, etc. fiançam a verdade do que afirmamos; mas, entre todos os casos de alienação mental curados pelo magnetismo, não conheço nenhum mais curioso do que o relatado pelo Dr. Meijer, de Amesterdão, numa obra que não nos foi possível obter. Aqueles dos nossos leitores que não estão familiarizados com a brochura do M. Pigeaire, onde este

caso foi copiado do original, ficarão satisfeitos connosco por o transcrevermos aqui.

DÉCIMO QUARTO CASO.

"No mês de agosto de 1819, o Senhor Crooswijck, de Roterdão, de vinte anos de idade, foi atacado por ataques epiléticos.

- *Puissance de l'Électricité Animale*, etc. p. 242.

Estes ataques regressavam frequentemente e assumiram tal grau de gravidade que, no mês de outubro seguinte, o paciente passou a um estado de frenesi e loucura. Quatro homens fortes eram escassamente capazes de o segurar. Colocado, por medida de precaução, numa alcova, partiu com as suas próprias mãos uma cama de campanha resistente; as portas da alcova, embora seguras com grande força, caíram em pedaços sob a sua violência; foram obrigados a reconstruí-las três vezes.

"Durante os meses de janeiro e fevereiro houve um pouco de calma, mas a 1 de março a sua loucura explodiu de novo, e o paciente demoliu tudo quanto podia deitar a mão.

"Após terem esgotado, sem sucesso, todos os recursos ordinários da arte médica, o último médico que tinham consultado, o douto M. Sander, aproveitou alguns momentos de calma para induzir o paciente a deixar-se magnetizar; fui chamado. Na minha primeira visita, embora tivesse sido informado de todas as circunstâncias prévias, fiquei tomado de espanto e pavor ao ver o estado furioso deste jovem homem e a devastação que tinha cometido.

Não pude senão recuar perante a ideia de arriscar a minha própria existência na minha tentativa para o salvar, uma tentativa, aliás, que era a todas as luzes sem esperança. Tive sucesso, contudo, em acalmar as minhas próprias emoções diante das pessoas que estavam presentes a esta visita, e tomei a minha decisão. O sentimento dos meus deveres para com a humanidade, o desejo de restituir um desgraçado jovem à sua família desconsolada, a ambição de vindicar a honra da minha

profissão, impeliram-me à resolução de desprezar todo o perigo pessoal e de me devotar aos destinos do meu paciente.

"No dia seguinte empreendi a minha primeira operação. Pelo efeito da magnetização, o paciente, passando ao sono magnético, tornou-se calmo; mas experienciou uma sensação de arrastamento e movimentos convulsivos nos braços e pernas, unidos a uma sensação de agitação em todo o corpo.

A língua projetava-se da boca, e, embora mantivesse as suas faculdades intelectuais, uma circunstância que certifiquei pelos sinais que me fazia para responder a algumas perguntas que lhe fazia, estava completamente privado da fala. Temendo a explosão da sua loucura, cujo terrível efeito tinha constantemente diante dos meus olhos, por vezes acalmava o movimento dos nervos, e por vezes deixava-lhe o seu curso livre, conduzindo-o suavemente ao seu termo.

"Após ter dormido o sono magnético durante uma hora, o paciente acordou e estendeu os membros três vezes com considerável força. Não tinha consciência do que se tinha passado, mas sentia-se aliviado e reconfortado. Quando o deixei, estava num estado bastante confortável.

"Continuei a magnetização durante dois dias; o sono magnético, que se estava a desenvolver gradualmente, era interrompido por ataques de frenesi tão violentos que o paciente rasgava as suas roupas, a sua cama, etc. Permiti-lhe prosseguir até um certo ponto e depois, interrompendo abruptamente a sua fúria, exercia sobre ele essa grande força magnética, soprando o meu hálito sobre ele. Acordava geralmente após um sono magnético de uma hora, calmo e aliviado. O efeito da magnetização e do sonambulismo aumentava de dia para dia. O número de pessoas que vinham assistir ao tratamento aumentava igualmente de dia para dia. Já se rejubilavam por ver a calma suceder aos paroxismos violentos.

Esta alegria, contudo, era inteiramente prematura: o frenesi do paciente tornou-se tão alarmante que, não apenas para mim próprio, mas para todos os que dele se tinham de aproximar, a empresa era

extremamente perigosa. A minha força magnética, contudo, mantinha a sua influência sobre ele. Após estas operações, consegui fazê-lo passar ao estado completo de sonambulismo.

Foi então que ele me declarou que apenas podia ser curado pelo magnetismo; e anunciou-me antecipadamente, com a mais estrita exatidão, as horas e minutos em que os seus paroxismos teriam lugar. Obtive desta maneira o conhecimento do perigo que teria de enfrentar, bem como dos meios de me preparar para o encontrar.

"Após oito ou nove dias de magnetização, o momento crítico para o paciente e para mim aproximava-se decididamente. Ele predisse-me que em três dias teria um paroxismo de loucura que duraria duas horas e meia.

"— Este frenesi — diz-me ele — será tão violento que não posso responder pelo perigo que terá de correr."

É uma grande tarefa para si empreender a minha cura. Quando a minha loucura começar a desenvolver-se, deve deixá-la continuar durante vinte minutos, e então será excessiva; mas, após ter arrombado as portas, deve lançar-se subitamente sobre mim e parar o meu paroxismo. Não me atrevo a prometer-lhe que este grande esforço tenha sucesso; mas, se não o empreender, não há uma esperança para mim: devo inevitavelmente perecer. Os únicos meios que me restam já lhos disse; mas lembre-se, em caso algum sairá disto sem sofrer." Ficou em silêncio por um instante e depois, com lágrimas nos olhos, perguntou-me: "Aventurar-se-á a empreendê-lo?"

Fiquei comovido até ao fundo da alma; tive de sustentar a luta de mil impressões diferentes que alternadamente me laceravam o coração. Tomei a minha resolução. "Em nome de Deus, assim seja!", exclamei. O pobre jovem agarrou a minha mão, beijou-a com transportes, expressou-me a sua gratidão e aconselhou-me a não lhe dizer nada, ao acordar, do que tinha ocorrido no seu sono magnético.

"O temido dia apareceu; às cinco da manhã dirijo-me à casa do Senhor Crooswijck, acompanhado pelo digno cirurgião, Van-Wagening, que, sob todas estas dolorosas circunstâncias, fielmente me

prestou o seu auxílio e assistência. Embora o meu coração estivesse oprimido, formei o meu plano de conduta. Tirei a minha gravata para não ser estrangulado; tomei um cordial e preparei-me para o ataque.

Às seis horas, momento predito pelo paciente quando no estado de sonambulismo, o paroxismo começou. O louco soltou um uivo pavoroso; rasgou as roupas sobre si, as roupas da cama e a sua camisa.* Os vinte minutos estavam quase decorridos; tirámos os pedaços de madeira que barricavam as portas do seu quarto, e todos ao meu redor empreenderam uma fuga precipitada. Permaneci sozinho, a porta do aposento foi fechada sobre mim. À distância contemplei, não sem pavor, a figura pavorosa do meu paciente frenético, semelhante a uma fera feroz; a sua língua pendia fora da boca, e as suas mãos estavam dirigidas para mim como as garras de um tigre: o seu rosto era realmente pavoroso. O momento fatal tinha chegado, a batalha devia começar. Reunindo toda a minha força, salto sobre o desgraçado e agarro-o pelos ombros.

- *Devemos supor que a camisa de forças não tinha ainda sido inventada na Holanda?*

Eis-nos ali enfrentados, um contra o outro, como dois inimigos rancorosos; ele agarra-me também pelos ombros e a luta começou. A terra parecia afundar-se sob os meus pés, os meus cabelos puseram-se eretos na minha cabeça, despertei a minha coragem, soprei o meu hálito sobre o pobre louco com toda a intensidade que pude, sabendo por experiência que este meio me dava mais poder sobre ele; tive a boa fortuna de triunfar. Esta terrível luta, que esboço com dificuldade, tinha durado apenas cinco minutos, quando o paciente caiu no chão como se absolutamente morto: estava no sono magnético.

Caí eu próprio bastante exausto ao seu lado. As minhas roupas estavam rasgadas em pedaços. 'Descanse um pouco', disse-me o sonâmbulo; 'dois paroxismos mais violentos estão ainda por seguir; avisá-lo-ei disso fazendo o sinal com a minha mão...' O M. Dr. Wagening e o irmão mais velho do desgraçado paciente entraram. Mal me tinha recobrado do meu esgotamento, quando o paciente deu o

sinal fatal. Estes dois senhores tiveram de me apoiar pelos rins; o paciente, no seu frenesi, fazia todo o esforço para me agarrar pela garganta; foi apenas pela intensidade do meu sopro que consegui mantê-lo suficientemente afastado de mim para o impedir de satisfazer a sua raiva.

Que qualquer um figure a si mesmo a minha situação; estava precisamente no ponto de ceder, quando de uma só vez este paroxismo foi detido e uma calma sobreveio. Após alguns minutos de descanso, o terceiro paroxismo manifestava-se numa forma ainda mais alarmante do que qualquer dos precedentes. Passei mais uma vez pela terrível provação, mas saí vitorioso.

"Pensou-se que o mal estava agora superado; já eles derramavam lágrimas de alegria, o próprio paciente cobria as minhas mãos com os beijos mais ardentes para testemunhar a sua gratidão para comigo. Alas! tínhamos conjurado apenas a menor porção da tempestade. Na magnetização ordinária, e no mesmo dia às onze horas antes do meio-dia, hora a que o magnetizava, o sonâmbulo predisse-me que por três dias consecutivos seria atacado de loucura e hidrofobia; que no terceiro dia o mal estaria no seu auge; que se nesse dia, antes das quatro horas da tarde, não tivesse bebido água três vezes, a sua ruína era inevitável; os primeiros dois dias passaram-se sob circunstâncias pavorosas.

O desgraçado louco estava mais perigoso do que nunca: partiu as peças de mobiliário mais resistentes com as suas mãos, demoliu a chaminé e as caixilhos das janelas, com o risco de fazer ruir a parede. Os terrores do terceiro dia estavam além de toda a conceção; o maníaco pediu de beber pela terceira vez; tomo o vaso, mas ele prostra-o, caindo sobre mim a fim de me arrancar os dentes. A hora fatal ia soar, tudo estava perdido. O desgraçado continuava as suas demolições, sempre sem ferir as mãos, os seus únicos instrumentos. Vai frequentemente até para partir a porta! estamos todos no ponto de fugir, na convicção de que tínhamos feito tudo o que os homens podiam fazer a fim de o salvar.

As quatro horas vão precisamente soar! mas a voz troante do desgraçado homem, gritando três vezes: 'Bebida! bebida! bebida!', bate-nos nos ouvidos com um sentimento de alegria inexprimível; corro para ele, apresento-lhe a taça; ele hesita, recusa; esgoto toda a minha força magnética sobre ele, e ele bebe.

"Nada estava ainda feito. No curso das nossas ulteriores magnetizações, alguns dias após as últimas provações, ele predisse-me outros três paroxismos ainda mais terríveis, os quais ocorreriam em diferentes épocas mais ou menos distantes. 'Ele seria salvo, desde que eu pudesse continuar nele o mesmo tratamento.' Estas três crises realmente ocorreram numa progressão pavorosa. O desgraçado estava cercado por uma cintura de cobre, à qual tinha sido fixada uma corrente de ferro, presa por fortes ganchos a uma estaca fixada no chão.

"Na primeira destas crises demoliu tudo quanto o comprimento da sua corrente lhe permitia alcançar. Antes da segunda, foi colocado numa casa que estava em estado de demolição. Nada lhe podia resistir. Mais de duzentas pessoas vieram para ser testemunhas deste formidável delírio.

"No dia precedente ao dia em que a terceira crise devia ter lugar, o paciente foi removido para Schiedam, para uma casa desabitada; e ali, preso a uma longa corrente que estava fixada a um bloco sólido, podia dar azo à sua raiva nas espessas paredes de pedra. Em Schiedam toda a gente estava em movimento; aqui, como em Roterdão, a polícia estava à minha disposição, e tive grande necessidade dela para manter a ordem entre o povo, a quem a curiosidade ou a ideia de ver um milagre tinha trazido de todas as partes. As últimas três crises foram ultrapassadas como as precedentes.

"Quando restituído à sua razão, o paciente experienciou ainda alguns ataques nervosos, que foram em breve acalmados pela magnetização, e os paroxismos foram diminuindo aos poucos e por fim não regressaram mais.

"Este interessante jovem homem goza de perfeita saúde e junta a um espírito calmo a plena posse das suas faculdades intelectuais.

"J. N. Crooswijck, pai deste jovem homem.

"Roterdão, 11 de dez. de 1820."

"Em consequência desta cura extraordinária e inaudita, os abaixo assinados não podem recusar-se a prestar homenagem à verdade, tendo estado presentes às magnetizações em diferentes ocasiões.

"(Assinado) L. Porte, pastor nesta cidade; B. Naefkens, funcionário público; C. Joachim, funcionário público; Joh. Munts; P. J. Van Wageninge, parteiro; Theod. Dikgers."

Independentemente dos casos já relatados por nós, o magnetismo animal tem sido ainda com sucesso empregado por nós num número de outras doenças de uma natureza inteiramente diferente, e não sei se estaria a ir demasiado longe ao declarar que os primeiros magnetizadores que dele fizeram uma panaceia contra todas as enfermidades capazes de afligir o homem foram ainda, pelo menos, tão bem-sucedidos na sua prática como os médicos da velha escola. Se, contudo, somos chamados a explicar distinta e categoricamente o poder terapêutico deste agente desconhecido, responderemos:

1. Que o magnetismo tem sucesso principalmente nas doenças asténicas; isto é, naquelas cujo carácter predominante é uma debilidade geral, tais como a clorose, a amenorreia em consequência de anemia, a escrófula, a tísica nascente, a doença mesentérica, o inchaço branco, o edema, as hidropisias passivas.*

- Hidropericárdio, hidrotórax, hidroperitonite, do M. Piorry, etc.

DA MAQUIA

CONSIDERADA COMO AGENTE TERAPÊUTICO. 279

2. Em todas as neuroses, tais como a epilepsia, a coreia, a histeria, a hemicrania, as convulsões, os espasmos, etc.

3. Nas nevralgias parciais, como a ciática, etc.

4. Nas alterações dos fluidos acompanhadas ou não por produções anormais, tais como o reumatismo, a gota, etc.

O magnetismo, numa palavra, parece-me ser o regenerador, *par excellence*, da circulação e da inervação; mas os médicos gritarão: "Este catálogo é imenso! Inclui toda a patologia; e, consequentemente, está a dizer absurdos." Distingamos, meus caros confrades; o que vos digo é absurdo porque vós assim o quereis; mas é indubitavelmente verdadeiro, visto que os factos o provaram.

CAPÍTULO XIV

DO TRATAMENTO MAGNÉTICO

"A medicina", diz Broussais, "não era, na sua origem, senão um empirismo grosseiro, que o acaso ou o instinto sugeria aos mortais primitivos."* Mas os filósofos em breve começaram a dogmatizar, e a adicionar as suas hipóteses aos dados já equívocos de uma ciência que o não era, visto que a medicina, como a entendemos, escapa às investigações mais subtis do espírito. É precisamente onde terminaram todos os esforços desses ilustres pensadores (se havemos de acreditar na história da Grécia) que se sucederam desde Empédocles a Heródico, o inventor da ginástica, ou, se quiserem, desde Pitágoras a Hipócrates.

Este último nomeado, é verdade, efetuou uma revolução feliz na medicina ao separá-la da filosofia; mas os seus sucessores, Platão, Aristóteles, Diócles, Praxágoras, etc., em breve regressaram ao dogmatismo, isto é, começaram a raciocinar, além de todos os limites, sobre coisas de que não tinham sequer uma ideia, e a deduzir de factos mal interpretados os princípios de uma arte ordinária.

A partir desta época, a medicina (embora a natureza humana não tenha sofrido a menor modificação e tenha invariavelmente continuado a mesma) — a medicina, digo, não cessa de sofrer alterações e de mudar os seus princípios; há empíricos, humoristas,

pneumatistas, humoro-pneumatistas, ecléticos, metodistas, etc., etc. — uma verdadeira torre de Babel onde cada um ensurdece os seus vizinhos com um jargão do qual não entende um pingo mais do que aqueles que o ouvem.

- *Broussais, Examen des doctrines médicales, etc. Paris, 1829, t. i. p. 2.*

A seguir veio Galeno, que, ao gritar mais alto e talvez por mais tempo do que os outros*, acabou por efetuar uma predominância das suas próprias ideias; a sua profissão de fé médica (se alguma tinha) era um dogmatismo tão complexo que exigiria mais do que um volume para dar um resumo dele.

Após a morte do Médico de Pérgamo, restava agora apenas um vasto campo de trevas, onde a arte de Asclepíades se transformou numa ciência oculta, cujo jargão infernal o próprio velho Nick não conseguiria descortinar. Mas seria a ignorância dos médicos desse tempo mais prejudicial à humanidade do que as sublimes inspirações da nossa gente moderna? Só Deus o sabe; os mortos são mudos.

Contudo, para o fim da Idade Média, a medicina sacudiu o pó das suas asas, após três eras de letargia, e retomou o seu voo aéreo sob os auspícios de Paracelso e Van Helmont. Mas que restauração! Já não temos de considerar, como no tempo de Heraclito e Aristóteles, a filosofia a misturar os seus dogmas com os preceitos da arte de curar; são todas as ciências, todas as artes liberais ou mecânicas que competem entre si para a deformar e desfigurar. A grande descoberta de William Harvey não produz mudança alguma no curso das coisas, pois, não obstante a circulação do sangue, que permaneceu por longo tempo em disputa, passamos agora a ter a medicina molecular e matemática, com Sylvius e Willis, tal como tínhamos tido a medicina química ou alquímica com Paracelso.

A seguir, o vitalismo de Stahl e Frederic Hoffmann põe o remate às perplexidades dos adeptos. Sem intenção de qualquer depreciação para com os apologistas deste período, tudo era ainda um caos. Vejamos agora como saímos dele. Alguns nosologistas infatigáveis, à

cabeça dos quais devemos colocar Sauvages e Pinel, tiveram a coragem heroica de escavar os escombros, de os revolver; de os preparar e aproveitar com o propósito de construir um novo edifício, que há de manter-se desta vez.

O edifício está erguido; o seu plano é irrepreensível, a sua base é sólida, e tudo quanto restará para a posteridade fazer é completar os pormenores. Doravante, pois, havemos de ter uma doutrina médica imutável, eterna. Erro! Ilusão! Eis que o homem com a voz de trovão, com o olho de águia, o braço de um Hércules, vem apressado do Ocidente. Pelo seu sopro poderoso fará num instante desmoronar todo este andaime, do qual não se traçará um vestígio em menos de vinte anos. Este homem é — François-Victor Broussais, que, após ter feito tábua rasa, não deixa nada atrás de si senão — o seu nome!

Onde está então a verdade agora, Senhores médicos? Há três mil anos que a perseguem sem a alcançar! — três séculos de debates, e o processo não está ainda encerrado! Há erro, então. Vós e eu somos os incautos de algum engano. Mudemos de rota, se faz favor, pois, se continuarmos, Molière tinha toda a razão ao fazer o irmão de Argan dizer: "Que não vê nada de mais risível, nada de mais ridículo, do que um homem a ocupar-se de curar outro." Querem saber onde reside a verdade na medicina? Reside nas cabeças dos vossos doentes, meus amigos — escutem-me agora, e entender-me-ão.

Não sei até que ponto a hipótese, que formulei ocasionalmente quanto aos instintos médicos dos homens primitivos, é bem fundada; mas uma coisa que tenho por indiscutível é que estes instintos existem realmente no fundo de toda a organização humana, e que o único estado em que estes instintos se revelam no presente dia é o estado de sonambulismo.

Broussais disse, há cerca de vinte anos, a um amigo seu: "Se o magnetismo fosse verdadeiro, a medicina seria um absurdo"; uma proposição estrita da qual o mais distinto dos médicos rejeitou o consequente apenas porque não acreditou no antecedente. Ora, digo-o e proclamo-o na face do mundo, este consequente que sobressaltou o

grande sistematizador do Val-de-Grâce, admito-o inteiramente, explicitamente e sem reserva; pois os dois termos da sua proposição constituem igualmente no meu espírito duas verdades incontestáveis.

Tudo o que resta, então, é resolver esta questão: Estão todos os doentes suscetíveis de cair no sonambulismo e, consequentemente, de se tratarem a si mesmos? Certamente que não; mas, felizmente, como já mostrámos, o instinto médico de um grande número de sonâmbulos pode ser exercido em vantagem de outros. Para remover todo o obstáculo, então, tudo o que há a fazer é trazer uns em relação com as pessoas doentes sobre as quais o magnetismo tenha falhado em atuar diretamente.

Arrancar assim para sempre a prática da medicina à inteligência e confiá-la ao instinto; tal é o vasto projeto que concebo; pois digo-vos sinceramente, a clarividência de um idiota num estado de sonambulismo inspirar-me-ia mais confiança, se eu estivesse doente, do que os maiores génios que adornam a medicina moderna. E pretendo que esta nova prática da arte médica seja universal e seja aplicada a todos os casos. O estudo da anatomia, das operações, permanecerá sozinho nas nossas escolas com o propósito de fazer cirurgiões; mas todos os atos destes últimos serão de novo subordinados às sugestões do sonâmbulo.

Sei bem que, ao dizer isto, me estou a cobrir de ridículo, porque não devemos ultrapassar o nosso próprio século. Jean-Jacques disse em algum lado que era uma espécie de loucura ser sábio entre loucos. — Pois bem! assim seja; estou satisfeito, se tem de ser assim, por passar por louco; mas nunca terei de me recriminar com a cobardia de ter visto uma verdade importante sem me atrever a anunciá-la. A minha resolução está tomada sobre este ponto, e prosseguirei a minha tarefa até ao próprio fim.

Iremos então agora passar em revista duas ordens de factos.

1.º Os próprios doentes dirigindo o seu tratamento durante o seu sonambulismo.

2.º Os sonâmbulos dirigindo o tratamento de outros doentes.

A primeira questão deve ser tratada imediatamente; a segunda formará o assunto do capítulo seguinte.

Os extáticos predizendo meses antes o regresso dos seus acessos, e descrevendo com perfeita exatidão todos os sintomas da sua doença, eram fenómenos que deviam ter espantado num grau extraordinário os primeiros observadores que os testemunharam. Mas, quando recobraram do seu espanto, não devia a reflexão sobre o que tinham visto sugerir-lhes estranhas inferências?

Não poderia ser, de facto, que um doente tão bem informado sobre as causas, a natureza, o curso e o desenlace da sua doença pudesse saber algo respeitante aos expedientes a empregar para o curar ou aliviar? Certamente, tal ideia dificilmente falharia em ocorrer a um médico, por mais enfatuado que estivesse com a sua profissão; e se o doente respondesse, se sugerisse remédios e traçasse um plano de regime, haveria uma razão para vacilar sobre conformar-se aos seus conselhos?

Pela minha parte, penso que o meu orgulho médico não hesitaria em curvar-se diante destes prodígios, e que seria profundamente ridículo se tentasse escrever uma receita para este novo oráculo de Epidauro, que predisse, há um mês, uma doença cuja existência eu não teria suspeitado uma hora antes da sua invasão! O quê! quando a sua vida está em jogo e, consequentemente, não pode ter ideia de me enganar; quando me garante que conhece o remédio requerido para a sua doença, como conhece as causas e a natureza desta doença, ousaria eu dar-lhe o meu conselho e misturar a minha voz com a dele? Oh! não; calo-me: cedo os meus direitos; renuncio aos meus pobres, miseráveis conhecimentos, e curvo-me com admiração diante dessas sublimes revelações que devem emanar do próprio Deus.

Ouvir esta voz profética, registar com exatidão minuciosa todas as palavras que profere; depois seguir, passo a passo, os conselhos que dela recebi; a isto apenas limitarei as minhas funções. Ora, qual é o resultado? Que, sob a influência das suas próprias prescrições, este afortunado demoníaco obtém uma cura rápida. Bem! concluamos

agora! ele está curado! está curado por meios em que eu não teria sequer pensado; por um modo estranho de tratamento cuja ideia nunca me teria ocorrido. O seu remédio é então o verdadeiro; mas então qual teria sido o meu?.....

As histórias de extáticos que assim se trataram e curaram a si mesmos são excessivamente numerosas; mas, para relatar apenas uma, tão notável pela sua autenticidade como espantosa pelos seus pormenores, selecionaremos a da Senhora Comet, de quem toda a Paris ouviu falar, e que os membros da Academia de Medicina foram chamados a observar.

CASO DA SENHORA COMET.*

(7 de dez.) — A 25 de nov. de 1839, a Senhora Comet predisse, na presença de vários membros da Academia, que a 5 de dez. seria acometida por uma dor do lado e que, sem qualquer referência ao período das suas regras, seria necessário sangrá-la. Em conformidade, anteontem, foi atacada por uma dor severa no lado esquerdo. No seu último sono, declarou que esta dor está sediada no pulmão, que haverá escarro de sangue e que, amanhã, às nove horas da manhã, será necessário sangrá-la em vinte onças.

A pele quente e libertando um ligeiro hálito; pulso cheio e bastante frequente; a respiração um pouco curta; a paciente queixa-se de uma dor profunda, anterior, inferior e no lado esquerdo do peito. Esta dor parece aumentar na inspiração. Alguma tosse, e os escarros estão manchados de sangue. Sem apresentar maciçez à percussão; mas, pela auscultação, distingue-se facilmente na base do pulmão esquerdo algum estertor crepitante. As outras funções não apresentam nada de notável. As faculdades intelectuais parecem perfeitas, língua pálida, sistema muscular flácido; e é fácil de ver, ao olhar para a paciente, diz o Dr. Frapart, que a medicina deles passou ao largo.

(7 de dez., à noite.) — Já não temos de considerar, como de manhã, uma mera fluxão do peito; mas antes um estado muito extraordinário do sistema nervoso, ou melhor, uma doença estranha que devemos contentar-nos em descrever sem tentar dar-lhe um nome.

O acesso deve vir às nove horas precisamente. A paciente parece ter a respiração ainda mais difícil do que durante o dia; a pele está mais halituosa e o pulso mais cheio; a sua mão direita está aplicada ao seu lado esquerdo. A Senhora Comet fala de uma maneira a provar que os seus intelectos estão intactos, e não há indicação de que em alguns momentos fenómenos extraordinários se venham a desenvolver. Todavia, quando faltam oito minutos para as nove horas, a paciente começa a bocejar uma vez, depois uma segunda vez, e assim sucessivamente; quando faltam quatro minutos para as nove, tem uma pandiculação, seguida por várias outras; em breve se queixa de indisposição; depois, às nove horas precisamente, fecha os olhos. Então o M. Comet, que acabou de medir uma dose imensa de laudanum de Rousseau, misturado com partes quase iguais de água pura, dá-lha instantaneamente; depois, com o propósito de remover o sabor desagradável deste fármaco, faz-lhe beber duas colheradas de vinho branco.

Tudo isto se passou diante de testemunhas; e se os membros da Academia não estavam lá, é porque não quiseram lá estar. Qual deles teria ousado prescrever a dose enorme de ópio administrada no dia anterior a seu próprio pedido? Este poderoso narcótico, que, em proporções similares, seria suficiente para adormecer quatro homens num sono eterno, terá desta vez apenas o efeito de aliviar a paciente. Que membro da faculdade teria previsto isso? Em que obra médica teriam eles encontrado esta indicação? Mas voltemos ao facto.

Um minuto depois das nove, a paciente caiu num estado de imobilidade absoluta; às nove horas e cinco minutos a cena muda. A Senhora Comet, enquanto deixa os cotovelos pousados na cama, levanta as mãos lentamente, as quais parece dirigir para o céu, como para invocar Deus. Depois diz, com uma voz tão fraca que mal a podemos ouvir: "Sofro muito no meu lado; amanhã, às nove da manhã, será necessário tirar-me uma libra e um quarto de sangue — vinte boas onças. A fluxão do peito é independente da minha crise. Declararei, num dos meus próximos sonos, o tempo em que a primeira destas doenças estará curada. No tocante à minha crise, se todas as

minhas prescrições forem exatamente seguidas, estarei livre delas no sábado, 28 deste mês. Amanhã a minha crise virá sobre mim às oito e meia; durará um quarto de hora. Será necessário dar-me seis gotas de ópio mais do que hoje."

São agora dezasseis minutos depois das nove; a paciente cessa de falar, levanta um pouco a cabeça, parece recolher-se e orar; depois diz: "Oh! meu Deus!" Subitamente, as suas mãos e a sua cabeça caem para trás, e ela exclama com um tom expressivo de aflição: "Partiu!" Neste instante, leva a mão direita ao seu lado esquerdo e esfrega-o; o estado de êxtase cessou. Fala-se à Senhora Comet; ela responde naturalmente; e, sendo-lhe proposta uma pergunta, declara que vê o seu lado.

Vinte minutos depois das nove: silêncio! O M. Comet diz então que a sua senhora está cataléptica.

Segura-se a manga da camisa da Senhora Comet; é mantida para cima, e todo o braço se segue, apresentando tão pouca resistência como a que um cabelo apresentaria se fosse levantado. Solta-se a manga: o braço continua no ar. Faz-se o mesmo com o braço oposto, depois com uma perna; — o mesmo resultado. A perna é recolocada na cama, mas as extremidades superiores não são tocadas; não se mexem. Às vinte e sete minutos depois das nove, a paciente abre os olhos; o seu olhar é fixo, embaciado e vago. Às vinte e nove minutos depois das nove, as pálpebras piscam, os olhos tornam-se animados; por fim, às nove e meia, tal como dá a badalada, os braços tornam-se fracos, baixam e caem, antes que a badalada do relógio tenha cessado de se ouvir.

Após dez segundos, a Senhora Comet sorri para a sua família, que se encontra ao seu redor, e regressa imediatamente ao seu estado normal. Na manhã seguinte, o Dr. Comet, após ter tomado todas as suas medidas para seguir estritamente as prescrições da sua mulher, efetua às nove horas precisamente a sangria que fora prescrita no dia anterior. Os sintomas em breve parecem diminuir de gravidade, sem

que a paciente pareça mais deatada do que o ordinário; contudo, como está constantemente deitada, é difícil apreciar as suas forças.

(8 de dez.) — Como a carta do M. Frapart, que corresponde a esta fase da doença do M. Comet, inclui uma multidão de pequenos pormenores cujo relato não podemos abreviar sem alterar a verdade, transcreveremos esta carta sem alterar o texto.

AO SENHOR BAZILE, EM COURQUETAINE.

"Meu bom Amigo,

Reassumo a história da doença da Senhora Comet no momento em que esta senhora acaba de perder vinte onças de sangue. Era o dia oito do mês. Desde então, todas as noites a Senhora Comet tem um acesso de sonambulismo, que dura por vezes um quarto de hora, por vezes meia hora, durante o qual tudo ocorre precisamente como naquele que te descrevi; isto é, apresenta dois estados sucessivos muito distintos, um de êxtase, o outro de catalepsia. Neste último, a paciente parece nada ouvir, nada ver, nada sentir, nada compreender; não fala, não se mexe, mal respira, conserva imovelmente todas as posições que lhe são dadas, e, mal me atrevo a dizê-lo, parece ter perdido uma porção do peso dos seus membros. No primeiro, há outros fenómenos estranhos. A paciente encontra-se — quero dizer, tem o ar de se encontrar em comunicação com um ser que ninguém vê, ninguém ouve, ninguém toca; e ao qual, contudo, se a um homem sério for permitido narrar tais impressões, estar-se-ia quase tentado a acreditar que ela fala e responde.

O primeiro destes factos é extraordinário, o segundo é assombroso!* É neste estado de êxtase que a Senhora Comet fala da sua doença, diz onde ela está, como prosseguirá, quando terminará, ordena o tratamento adequado à fluxão do peito de que padece, não esquece o regime, prescreve a dose de ópio que lhe deve ser dada, prediz a hora e a duração do seu acesso do dia seguinte, determina, em suma, o dia em que já não terá acesso algum.

• *Estes factos não são novos. Todos os catalépticos de Petetin apresentavam outros similares; e a Menina Estelle*

l'Hardy, como já dissemos, tinha entrevistas misteriosas com um ser místico e desconhecido.

Em cada sessão é precisamente a mesma coisa, com algumas variações dependentes, sem dúvida, do curso da doença, e que notarei à medida que avançar. Assim, durante a crise do dia 8, a Senhora Comet declara que as vinte onças de sangue que lhe foram tiradas de manhã eram insignificantes e que seria necessário tirar-lhe uma libra de novo depois de amanhã. Pesamos o sangue tirado e verificamos efetivamente que a medida prescrita não fora obtida. Se é por isto que devemos recomeçar a operação, é bastante desagradável e até um pouco alarmante; pois a doença é tão antiga e a paciente tão fraca que uma posterior depleção pode provar-se fatal. Além disso, supondo a prescrição infalível, como havemos de nos livrar de algum deslize ou descuido que possa ocorrer na execução dela? Isto parece-me muito difícil. Na prática da nossa profissão, é apenas por exceção que até o mais hábil pode atingir o seu fim com exatidão e correção.

É deplorável, mas é assim. Decididamente, a Senhora Comet está num mau caminho; e, por mais sábio que seja o seu médico, por mais devotados que sejam os seus assistentes, estou inquieto quanto ao resultado. Penso que será difícil alcançar o porto em perfeita segurança. Todavia, como não temos razão para desconfiar das prescrições do médico, elas são executadas à letra. Em conformidade, no dia 10, após todas as precauções tomadas antecipadamente, o M. Comet tira da sua paciente quase dezassete onças de sangue. Desta vez, pelo menos, não erramos por defeito.

O facto é que, no curso do dia, os sintomas de fluxão do peito diminuem; e, no acesso de êxtase da noite, a Senhora Comet garante-nos que tudo vai melhor, que tudo está bem, que tudo teve sucesso. No dia seguinte, as mesmas afirmações da sua parte, a mesma segurança da nossa. Mas tudo é mera sorte neste mundo. No dia 12, a paciente declara que outra sangria será necessária para destruir inteiramente a inflamação pulmonar; que esta sangria não deve ser efetuada nem no dia 13 nem no dia 14, mas no domingo, dia 15; que hesitaremos em efetuá-la por ela e que ela não pode ainda determinar a quantidade.

Tal predição deixa-nos perplexos. O M. Comet não está tão formado para a obediência passiva que seja capaz de caminhar de olhos fechados; e, quanto a mim, embora um pouco mais flexível — pelo menos, com factos desta espécie —, considerando que há alguns anos a esta parte pratico a homeopatia, perdi o hábito de carnear os meus doentes, sinto-me quase disposto a duvidar e a dar coices.

Mas, de repente, recordando a minha longa experiência, a qual me ensinou que um sonâmbulo, não importa o que prescreva para si mesmo, nunca prescreve nada de errado, visto estar sempre a salvo quando as suas prescrições são exatamente seguidas, e a minha profunda ignorância dos segredos da natureza, submeto-me e procuro induzir o M. Comet a fazer o mesmo. Por fim, submissão. Durante a tempestade é melhor aceitar como piloto o primeiro que se oferece do que não tomar nenhum. É tomar, pelo menos, uma hipótese de salvação.

No serão do dia 14, a Senhora Comet, que, sem dúvida, até aqui não nos queria alarmar, diz-nos que será necessário tirar-lhe mais de vinte e quatro onças deste precioso líquido que sustenta a vida; e que, mesmo se ela estiver fraca, a sangria não deve ser negligenciada, pois a síncope é necessária. Sem isto, as coisas não podem ser concluídas, ou antes, seriam concluídas muito em breve.

O M. Comet vacila; a sua pobre paciente está doente há tanto tempo, está tão fraca, tão pálida, tão exangue, tão abatida, tão moribunda, que na verdade é preciso ter uma fé estúpida ou uma convicção profundamente enraizada para se aventurar a continuar um curso que parece cercado de tantos escolhos. Pela minha parte, contudo, a minha resolução está tomada; é verdade que não é a minha própria mulher que tenho de carnear desta maneira; e contudo, se fosse a minha mulher, estou convencido de que não fraquejaria.

Nenhum sonâmbulo foi jamais um suicida. No meio de um céu escuro não temos nós uma estrela para nos dirigir e que não desaparecerá até que já não tenhamos necessidade dela? Mas se esta

estrela acontecesse falhar-nos antes do tempo? Oh, trevas! trevas! — isso seria morrer sozinho nas catacumbas.

Entre as esperanças e receios que perturbam os nossos espíritos, após termos tomado todas as nossas dimensões para não irmos nem para a direita nem para a esquerda do nosso destino, para não ficarmos aquém da meta ou ir além dela, ontem, às nove horas da manhã, o M. Comet efetua uma grande sangria, na qual o sangue corre bastante livremente; quase vinte onças foram tiradas! e não vemos surgir síncope alguma.

O braço é atado; mas mal a ligadura é aplicada, surgem circunstâncias alarmantes, todos os presentes ficam alarmados com elas; contudo, são por fim apaziguadas. Deixo então a paciente; vinte minutos depois surgem novos sintomas, todos os presentes ficam aterrorizados e começam a chorar, correm para mim como se eu pudesse fazer alguma coisa! eis-me de novo médico à minha revelia! mas que papel hei de eu fazer, onde não há papel a fazer? Mas, em vez de fingir chorar, como todo o médico que conhece o seu ofício deve fazer em tais circunstâncias, procuro fazer boa cara a mau jogo; encorajo a família desconsolada dizendo-lhes: 'Não estamos enganados, o sonâmbulo nunca se engana, mantenhamos a calma.' Além disso, a esperança não me tinha ainda abandonado; não fui eu próprio sangrado oito vezes numa só e mesma doença, para não falar de várias centenas de bacias além disso? — e não estou morto: logo, o meu princípio é não desesperar do jogo até que esteja absolutamente perdido. A Senhora Comet não está morta, não morrerá.

Contudo, o dia passa-se no meio de grande angústia de espírito de todos os lados; à noite a crise não ocorre, como sempre ocorria, à hora em que devia ocorrer; há esforços cruéis para vomitar, sente-se alguma hesitação em dar a grande dose de ópio, não há senão um instante para a administração oportuna desta poção nojenta; em suma, o acesso não chega, a estrela já não brilha, estamos fora da nossa latitude. Armo-me de coragem e refugio-me na minha consciência. Todavia, quis a sorte que o acesso estivesse apenas retardado, ei-lo!

'Tudo se passou muito bem', disse a paciente no seu sono extático; 'a sangria não foi demais.

Dê-me instantaneamente a dose de ópio que devia tomar. Amanhã, a dor do lado estará diminuída; e na próxima quarta-feira estarei inteiramente livre dela. No tocante aos meus acessos, o seu desaparecimento é para o dia 28 deste mês. Estou fraca, sem dúvida, e estarei assim por muito tempo; a minha convalescença será dolorosa; é necessário começar a dar-me alimento a fim de recuperar as minhas forças por graus. O alimento que indicarei não me fará mal. Amanhã, às oito e meia, o meu acesso virá e durará quinze minutos; a mesma quantidade de láudano me será dada como hoje. Graças a Deus, partiu!'

Vem então o estado cataléptico, que é em breve seguido pelo estado de despertar. E eu também acordo, e muito aliviado me sinto, pois tinha um pesadelo; a vida de uma mulher estava a pesar-me no peito.

Felizmente, nas grandes crises a profundidade do abismo não é medida até que esteja inteiramente transposto.

Adeus, etc. Frapart, D. M. P."

A Senhora Comet predisse a cura da sua inflamação pulmonar para quarta-feira, 18 de dezembro. Em conformidade, no dia seguinte ao da última sangria que prescrevera para si mesma, os sintomas da pneumonia estavam sensivelmente diminuídos. Por fim, na noite do dia anunciado por ela, a paciente garante-nos que não sente o menor vestígio da sua dor no lado; e, após o exame mais estrito, nada podemos descobrir de anormal na respiração, na circulação ou em qualquer outra função; numa palavra, no dia 18 de dezembro, não há mais vestígio da sua inflamação pulmonar do que se nunca tivesse existido: as sangrias extinguiram-na. Mas vejamos agora o que foi feito da afeção do sistema nervoso.

Tal como a paciente tinha previsto, todas as noites, até 27 de dezembro inclusivamente, teve um acesso de êxtase e de catalepsia, similar em quase todos os respetivos aspetos ao já descrito. No acesso

do dia 26, a paciente afirmou de novo que não teria nenhum nos dias 28 e 29, e que experienciaria um no dia 30, durante o qual daria aviso do curso a seguir depois.

Em conformidade, nada ocorre nos dias 28 ou 29, mas na noite do dia 30 há um acesso. Neste último, a Senhora Comet prognostica outro para o dia 15 de janeiro e declara que, no caso de haver alguma dificuldade em saber o que fazer, teria no momento oportuno, e para o meio-dia, fosse em que dia fosse, um sono de meia hora de duração, durante o qual os meios de remover os obstáculos lhe seriam revelados.

Dorme nos dias 6 e 11 de janeiro, ao meio-dia, e intima o que deve ser feito e não ser feito. Por fim, na noite do dia 15, o acesso de êxtase chega e não apresenta nada de notável, exceto a predição, para o último dia do mês, de outro acesso, "pois", diz a paciente, "preciso de ter um de tempos a tempos para me dirigir." No dia 31, tudo acontece precisamente como predito; a Senhora Comet prescreve sempre ópio, mas em doses diminuídas, tornando-se constantemente cada vez mais pequenas.*

Não há espírito independente e consciente a quem esta história patológica da Senhora Comet não deva inspirar uma desconfiança invencível na prática ordinária da medicina, juntamente com algumas reflexões sérias.

Neste caso temos uma doença grave, complicada, cujas causas são desconhecidas, cujo progresso é incerto e cujo desenlace não pode senão ser fatal. Poucos médicos teriam tido a coragem de a empreender; nem um único deles a teria conduzido a um termo favorável. Ora aí, no meio das perplexidades naturais de parentes e amigos, a própria paciente, subitamente inspirada pelo Céu, começa a declarar uma a uma todas as alternâncias da sua doença, a predizer as modificações dela e a fixar o dia em que há de ser conjurada. Isto não é tudo; para que as coisas se passem como ela anuncia, é necessário que os avisos que ela dá sejam minuciosamente seguidos; pois o piloto misterioso que lhe descobre o penedo traça-lhe ao mesmo tempo a

rota que deve ser tomada para o evitar. Mas entre as necessidades reais da sua organização sofredora e o tratamento que prescreve para si mesma, que olho humano descobriria jamais a inapreciável conexão que existe?

Abatida por dores incessantes, esta pobre paciente parece exangue, a sua fisionomia é pálida como a de uma pessoa a morrer; bem, o que ordena ela com o propósito de aliviar tanta debilidade? três sangrias sucessivas, três sangrias enormes nas quais, no curso de oito dias, mais de quatro libras de sangue lhe foram tiradas; é verdade que não é culpa sua se é tratada com tão pouca piedade. O ligeiro erro cometido na execução da sua primeira prescrição, por si só, tornou as outras necessárias. Quando lidamos com sonâmbulos, devemos contar miligramas e segundos, pois eles não procedem ao acaso como os nossos outros médicos; um minuto de erro e tudo corre mal; a própria vida pode depender de tal deslize.

Mas será esta precisão rigorosa, esta pontualidade matemática, tão necessária? Sim, os factos mostram-no. A que se deve isso? Sem dúvida às exigências da nossa natureza, que não conhecemos, da qual não temos a ideia mais fugidia e que mutilamos indignamente como boticários estúpidos. Mas então, o que fazem os senhores da faculdade quando, ao tratarem os seus doentes, não tomam nada disto em conta? Desejam que lhes responda? Siga o seu ofício.

- *As previsões da Senhora Comet sobre a duração da sua convalescença realizaram-se como o resto. Tivemos ocasião de estar na casa desta senhora no curso do passado mês de abril; estava ainda num estado de grande debilidade. Os seus acessos regressavam sempre a intervalos distantes, e como ela continuava a tomar ópio em doses consideráveis, era esta circunstância principalmente que escandalizava os médicos, visto, diziam eles, que a reprodução do êxtase não era senão o efeito do narcótico. Bem, esta observação podia ser muito justa, mas não seria o regresso dos fenómenos extáticos uma bondade da Providência, visto que a Senhora Comet tinha ainda ocasião de ser aconselhada pelo seu génio tutelar? Mas que génios*

desconhecidos são esses que vêm imiscuir-se nos negócios dos homens médicos e estragar-lhes o negócio!

Depois de a experiência e o raciocínio terem mostrado que a medicina dos extáticos era quase a única medicina que lhes era adequada, que médico, sendo um verdadeiro filantropo, não deveria desejar que em circunstâncias difíceis e embaraçosas cada um dos seus doentes fosse acometido por um acesso de êxtase, a fim de ser capacitado a curar-se a si mesmo? Ora, a descoberta do sonambulismo artificial realizou este desejo; mas as consequências que esta nova ordem de coisas trazia consigo não estavam ao alcance de espíritos baixos e alarmaram de tal modo os interesses privados dos homens da velha escola que eles recusaram admiti-las. O que será feito de nós, gritavam eles, se proclamarmos uma verdade que capacita as pessoas a dispensar o nosso ministério? O que farei com os meus livros?, diz um para si mesmo. O que farei com o meu génio?, diz o outro. Os seus livros? Senhor, queimá-los-á. No tocante a si, Senhor Homem de Génio, — ah! mas está a brincar! Não seria cem vezes melhor para a humanidade e para si próprio que aplicasse os seus belos talentos a propósitos úteis e não a esbanjá-los, como está agora a fazer, na extensão do erro? E depois, observe isto, a saber: que, faça o que fizer, todo o seu conhecimento, toda a sua habilidade, toda a sua eloquência não terão sucesso em fazê-lo desviar o mal.

A sagacidade médica dos sonâmbulos magnéticos não é em modo algum inferior à dos extáticos. A circunstância principal no seu modo de ação consiste, da mesma maneira, numa atenção escrupulosa às doses dos medicamentos e às horas em que devem ser administrados. A sua medicação, no tocante à velha farmacopeia, é também por vezes muito estranha; mas é em geral notavelmente simples.

As pessoas ficam frequentemente espantadas quando se devotam pela primeira vez à prática do magnetismo com a importância que os sonâmbulos parecem atribuir a circunstâncias insignificantes; mas o espanto em breve cessa quando se vê que efeitos imensos podem resultar de causas ligeiras; eles acabam por se tornar minuciosos

também; mas para isto são necessários tempo e hábito, e nisso consiste realmente toda a ciência do magnetizador.

Um método que é muito prudente, e ao qual tive alguma dificuldade em me habituar, consiste em escrever durante a sessão tudo o que o sonâmbulo diz e especialmente tudo o que ele prescreve. Resulta disto uma dupla vantagem: primeiro para o paciente, cujos conselhos estará mais certo de não esquecer, e em segundo lugar para si próprio, pois lhe proporcionará os meios de nunca recolher senão casos exatos e perfeitos.

No tocante às horas a que lhe é dirigido atuar, deve sempre perguntar ao sonâmbulo se ele quer dizer a hora verdadeira ou a hora indicada por tal ou tal relógio. Alguns sonâmbulos regulam-se pelo relógio dos seus aposentos, outros pelo relógio da sua paróquia, etc., mas quase todos têm referência à hora verdadeira e calculam por ela. Estas observações parecerão aos leitores inexperientes demasiado minuciosas; mas os magnetizadores não as acharão, provavelmente, suficientemente detalhadas, e seria muito pior se um próprio sonâmbulo escrevesse um livro. Além disso, apenas um mês e alguma atenção são requeridos para fazer um bom magnetizador. O magnetismo, pois, não é uma coisa que possa ser por muito tempo monopolizada pela cobiça. O facto seguinte prova satisfatoriamente que ele se tornará muito em breve a medicina das famílias.

Na altura da invasão em 1814, uma desgraçada criança, após ter visto a sua família assassinada sobre as cinzas ainda fumegantes do seu cabana, foi ela própria despojada pelos Cossacos e pendurada completamente nua pelos pés a uma árvore. Alguns camponeses recolheram-na e restituíram-na à vida; mas a terrível impressão que estes acontecimentos pavorosos tinham feito nela tornou-a epilética. Todavia, veio à cidade mais próxima (Saint-Quentin) para implorar da piedade dos seus habitantes esse alívio que os seus desgraçados parentes já não eram capazes de lhe proporcionar. Como os seus sofrimentos eram bem conhecidos, toda a pessoa fazia um esforço para os aliviar; mas as esmolas que recebia não eram capazes de lhe restituir a saúde que tinha perdido; e, para que os seus frequentes

ataques cessassem de ser o espetáculo doloroso e hediondo das ruas e lugares públicos, aprouve a Deus estender-lhe a sua mão.

Ora, o Céu teve piedade desta pobre criança; pois foi o Céu, sem dúvida, que inspirou ao M. Aubriet a ideia de a magnetizar. O sucesso da medida ultrapassou toda a esperança. O desgraçado ser tornou-se sonâmbulo e ficou curado; e, como ninguém podia questionar a realidade da doença, a cura levou a convicção aos peitos dos mais incrédulos. Tal foi o entusiasmo excitado por este acontecimento que, quando em 1817 o M. de Puységur veio a Saint-Quentin, encontrou metade da cidade a magnetizar a outra metade.

Ora, sendo o M. Aubriet e o seu epilético o assunto geral de conversa em todo o lado, um pedreiro chamado Louis Pelletier, a residir em Curlu, perto de Péronne, apresenta-se ao bem-sucedido magnetizador, lança-se de joelhos e suplica-lhe que lhe cure o filho, que era também epilético. O M. Aubriet tenta-o, magnetiza o jovem homem e adormece-o. Não há dúvida do sucesso, mas exigiria tempo, um curso regular de tratamento, de facto, e Pelletier não é suficientemente rico para permanecer muito tempo na cidade; contudo, em menos de uma hora o M. Aubriet transfere todo o seu conhecimento ao camponês, o qual, após o cumular de bênçãos, regressa à sua aldeia feito um perfeito doutor.

Pelletier, mal chegou a sua casa, magnetiza o seu filho e adormece-o. A lucidez do jovem desenvolve-se; ele vê, ele trata doentes. Os habitantes do lugar vêm consultá-lo em grande número. Os epiléticos das vizinhanças circundantes acorrem a ele em multidões. Pelletier fica sem saber a quem atender primeiro. Por fim, adota o plano de converter a sua cabana numa casa de saúde; recebe pensionistas, faz sonâmbulos, e os doentes ficam curados. Todavia, como alguém verdadeiramente disse, "uma grande reputação tem os seus incómodos".

O cura do lugar, muito mais interessado pela salvação espiritual do seu rebanho do que pelo seu bem-estar temporal, persuade-se de que Pelletier entrou num pacto com o diabo e, fazendo o sinal da cruz

sobre si mesmo, vem ter com ele para o admoestar. As admoestações do reitor põem a polícia em movimento. A Inquisição teria queimado o pobre pedreiro vivo; o sub-prefeito de Péronne despacha os seus gendarme para junto dele.

Todavia, como por fim se verifica que Pelletier não faz senão o bem e que os seus procedimentos nada têm de diabólico, é-lhe permitido continuar os seus milagres e receber dos seus clientes algumas marcas de gratidão. Pelletier enviou ao seu mestre, o M. Aubriet, um relato que os nossos leitores acharão impresso na íntegra, e sem qualquer mudança, na *Bibliothèque du Magnétisme**; mas eles, provavelmente, não saberão sem espanto as curas que este homem efetuou ao fim de alguns meses.

1.ª A do seu filho, que começou a 6 de dezembro de 1816 e terminou a 17 de janeiro de 1817 (esteve doente durante vários anos).

2.ª A de Catherine Leroux (que se tinha tornado epilética após um susto), começando em março de 1817 e terminando a 5 de junho seguinte.

3.ª A de uma irmã de Catherine, que tinha contraído a sua doença há doze anos em consequência de um susto.

4.ª A de Philippine Cardon, de dezoito anos de idade, e doente há três anos em consequência de violência exercida sobre ela por um jovem homem que tinha ficado sozinho com ela na sua casa.

5.ª A de ***, que, em consequência de alguma severidade exercida sobre ela pelo seu padrasto, esteve por longo tempo a padecer de uma afeção nervosa cujos paroxismos eram tão terríveis que de manhã à noite eram necessárias duas ou três pessoas para a vigiar.

6.ª A de Josephine Palé, de dezassete anos de idade, que se tornou uma excelente sonâmbula para consultas.

- *N.º 14, página 148, e segs.*

7.ª A de um homem de trinta e seis anos de idade, doente desde a idade de dezoito anos, e que ficou curado em cinco meses.

Por último, Pelletier curou outros doentes também, sobre os quais as suas operações não são suficientemente claras para que as possamos citar. No tocante àqueles cujos nomes acabam de ser mencionados, certificados autenticados pelos magistrados do lugar estão anexos à sua história. O Esculápio de Curlu, pois, mereceu a sua reputação. Quantos médicos podem dizer o mesmo da sua?

Antes de nos abalançarmos à escrita deste capítulo, tínhamos por um momento pensado em estabelecer algumas divisões nosológicas que, à primeira vista, nos pareceram calculadas para facilitar aos nossos leitores o estudo do tratamento magnético; mas, independentemente da circunstância de que todas as divisões têm de ser arbitrárias, um momento de reflexão fez-nos sentir a impropriedade disso, visto que deve ser entendido, de acordo com o que já foi estabelecido, que o magnetismo é realmente aplicável a todas as doenças. Todavia, como avançámos que ele pode ser introduzido mesmo no tratamento das doenças cirúrgicas, citaremos um exemplo entre mil em apoio dessa afirmação.

DÉCIMO QUINTO CASO.

Fístula e úlceras no reto, com estreitamento do intestino, na Senhora Perier, de trinta e cinco anos de idade. Paris, 1813.

A cura que vamos relatar é uma daquelas que mais honra fizeram ao magnetismo.* A importante natureza do facto, as suas complicações, a longa existência da doença e a reconhecida incapacidade da profissão para a tratar, tudo deve dar à cura da Senhora Perier a aparência de um verdadeiro milagre.

• *Annales du Magnétisme*. N.º 11—14.

Durante os últimos onze anos esta senhora esteve doente. A sua doença consistia principalmente em várias ulcerações no reto, uma das quais, corroendo sucessivamente a parede do intestino e os tecidos subjacentes, se transformara numa fístula. Uma contração, situada um pouco mais acima, adicionava ainda mais à dificuldade de evacuar os

intestinos. De facto, a situação da paciente era tanto mais desesperada quanto parecia tornar-se cada vez pior, e cada dia parecia diminuir a hipótese de cura.

A Senhora Perier confiou-se primeiro à crassa ignorância de um boticário do grande exército, que a purgou além de todos os limites, lhe vendeu metade da sua loja e, sem deter o progresso da sua doença, por fim desarranjou a sua saúde.

Dois anos depois a Senhora Perier, estando em Toulouse com o seu marido e passando por um sofrimento intolerável, consentiu em seguir um novo modo de tratamento, proposto por um cirurgião desta cidade. Esta pessoa, tendo julgado descobrir um carácter sifilítico nas ulcerações de que ela padecia (de modo similar ao diagnóstico de Sabatier, a quem a paciente tinha também consultado), determinou prescrever para ela em conformidade; o seu tratamento consistia em fricções mercuriais, na introdução de mercúrio no reto, purgações, sudoríficos e um cautério na perna; após o que, tendo o médico concluído o seu tratamento, declarou a paciente perfeitamente curada. Mas, alas! irritada, emagrecida, abatida até ao mais baixo, privada do sono e do apetite, a pobre mulher sofria mais do que nunca; e tão grande era a dor que sofria na evacuação dos seus intestinos que chegou ao ponto de recusar o alimento necessário para a manutenção da vida.

Todavia, a cessação de todos os remédios, unida à bondade natural do seu temperamento, tendo produzido um regresso de forças, ela encontrou-se, em cerca de um mês depois, num estado para ir às águas de Bagnères, onde passou duas temporadas. Os banhos e as injeções melhoraram percetivelmente o seu estado; mas a fadiga da longa viagem que foi obrigada a fazer a fim de regressar a Paris neutralizou os bons efeitos produzidos pelas águas.

Vários homens da profissão foram de novo consultados. Alguns recomendaram uma operação, que outros julgaram impraticável. Um M. Jenouville ofereceu-se para curar a paciente meramente por injeções, cuja composição era um segredo; mas esta matéria infalível,

que foi experimentada, e que não era senão uma simples solução de sublimado corrosivo, como se verificou três meses depois, não teve melhor sucesso do que o resto. Por fim, a Senhora Perier, agora cansada, sem esperança e achando, sem dúvida, que era agora mais prudente reconciliar-se com a sua doença do que com os seus médicos, determinou dizer adeus a estes últimos e viver com o seu inimigo.

Desta maneira passou vários anos, sofrendo corajosamente e espantando todos os que a conheciam pela continuação de uma vida que os doutos prognósticos dos seus médicos assistentes lhe tinham há algum tempo negado. Todavia, perdeu a paciência. O célebre Boyer foi chamado. Após ter visitado a paciente, declarou a operação impossível e prescreveu a introdução no reto de uma vela untada com cerato, com injeções suavizantes; mas a dificuldade de introduzir a vela fez com que todo o tratamento fosse rejeitado.

Tendo o M. Perier sido atacado nesta altura por uma inflamação dos pulmões, complicada com severos sintomas tifoides, a sua mulher encontrou então forças para o assistir, as quais não tinha para si própria; mas no dia em que o médico declara que o seu marido está fora de perigo, esta força sobrenatural abandona-a de repente; recolhe à cama, coisa que não fazia nos últimos quinze dias; uma febre ardente apodera-se dela, e em pouco tempo desespera-se da sua vida. Todavia, para satisfazer os desejos prementes dos seus amigos, consente em receber o auxílio da medicina.

Os MM. Dubois e Damiron, sendo chamados em consulta, aprovam inteiramente a prescrição do M. Boyer, e, para remover toda a dificuldade no tocante à introdução da vela, é determinado que o M. Damiron desempenhará esse ofício ele próprio todos os dias; quando, contudo, a paciente tiver recuperado um pouco do seu presente estado de fraqueza.

Uma crise natural em breve remove o perigo do momento, e, logo que a Senhora Perier recuperou suficiente força, começam o tratamento, o qual produz uma melhoria percetível durante os

primeiros meses, e até alimenta alguma esperança de cura; mas esta esperança provou ser um engodo, pois o progresso no sentido de uma cura é em breve detido, e a paciente recai em todo o seu sofrimento.

Ora, as coisas estavam neste estado há cerca de três meses, quando um acidente afortunado faz o M. Perier ficar familiarizado com o magnetismo e revela-lhe todas as vantagens que poderia tirar do seu emprego.

Foi no meio de uma grande reunião de pessoas na sua

casa que um dos presentes, o M. Dupré, propôs à Senhora Perier magnetizá-la. O M. Perier, que estava algo preconceituoso contra o magnetismo, não prestou sequer um momento de atenção a esta sessão preparatória, e quando viu a sua mulher bocejar e queixar-se de entorpecimento em todos os membros, julgou a coisa muito natural após meia hora de estar quieta.

Todavia, a propensão para dormir era tão marcada na paciente que todos julgaram que se deviam retirar a fim de a deixar em liberdade. De facto, foram obrigados a despir-lhe a roupa e a ajudar a pô-la na cama, pois ela estava adormecida antes de se deitar. O M. Perier em breve foi para a cama ele próprio e não pensou mais no que tinha ocorrido, quando a sua mulher começou a rir bastante alto e a falar-lhe. Esta circunstância não o espanta muito, visto ser uma coisa de ocorrência não incomum durante o sono natural.

A própria Senhora Perier apresentava-lhe frequentemente o mesmo fenómeno; mas aqui a conversa é tão bem sustentada e mantida, as respostas são tão distintas e precisas, que ele, por fim, pergunta a si próprio se não seria o efeito do magnetismo? Faz então várias perguntas à paciente respeitantes a pessoas ausentes, com quem se suporia estar ela em comunicação; ela fala-lhe dessas pessoas como se estivessem perto dela. Ele está agora impelido pela curiosidade, as suas perguntas aumentam em número e, não obstante o seu ceticismo, está agora ansioso pela manhã, a fim de verificar as revelações que lhe tinham sido feitas. Ora, de manhã está decididamente convertido, pois tudo se realizara. Então já não para, a sua cabeça fica voltada, corre

por junto dos seus amigos, escreve para todo o lado e, por fim, reúne ao seu redor magnetizadores experientes, que lhe dão o único conselho racional que lhe fora dado nos últimos doze anos respeitante à sua mulher, a saber, o de a tratar pelo magnetismo.

A Senhora Perier é então magnetizada pelo seu marido a 6 de nov. de 1813. Desde a primeira sessão está suficientemente lúcida para fazer alguma mudança nos remédios que estava a tomar, e pede para não ser magnetizada senão ao fim de três dias.

No dia 9, diz que a vista da sua doença a perturba muito, e que não deve ser deixada no estado de sonambulismo senão o tempo mais curto possível.

No dia 13, o M. Perier, espantado com a precisão com que a paciente descrevia as suas feridas, e sensível a todas as vantagens que um homem médico bem informado poderia tirar de tais pormenores, expressa à sua mulher o desejo de que o M. Damiron estivesse presente às sessões; mas ela responde-lhe e diz que o M. Damiron ridicularizaria, como todos os seus confrades, uma coisa de que não tinha ideia, e, além disso, que "não precisavam de ninguém".

Depois disto, a Senhora Perier exigia ser magnetizada todos os dias.

Tendo-lhe o seu marido perguntado, no dia seguinte, se seria necessário magnetizar a água que ela bebia, ela disse-lhe que não era necessário.

No dia 15, diz que em dois dias uma tumotação se formaria na extremidade do braço esquerdo, o que fora ocasionado por ter sido magnetizada demais deste lado, para o qual os humores foram atraídos.

No dia 17, tendo a tumotação anunciada aparecido, o M. Perier perguntou à sua mulher o que devia ser feito. "Nada",

disse ela; "outras três se estão a formar no lado esquerdo, que não são aparentes."

Diz que estava num momento de crise, que, nos últimos cinco dias, todos os vasos sanguíneos estavam inchados, e que experienciava muita dificuldade em menstruar. "Este é o caso", acrescentou ela, "para empregar toda a força do magnetismo." Depois recomendou ao seu marido que moderasse o desejo que tinha de que ela ficasse curada, porque isto dava ao seu sangue uma efervescência demasiado grande.

No dia 20, duas das feridas do reto estavam curadas. A última, que, em consequência da sua situação muito elevada, as injeções não podiam alcançar sem dificuldade, rendia ainda uma supuração profusa. Estando a paciente oprimida, e as regras não aparecendo, fez alguma mudança no seu tratamento, porque tem, disse ela, outras doenças além daquela de que tinham conhecimento.

No dia 21, a Senhora Perier sentiu uma melhoria percetível na parte afetada. O reto recuperou muito da sua elasticidade, e as dores locais estão quase inteiramente passadas. A sua vivacidade está agora a regressar com a esperança, embora o seu temperamento, enfraquecido por tantos anos de sofrimento, esteja a recompor-se mas lentamente. Informa o seu marido de que em breve menstruará, mas que lhe é indispensavelmente necessário sair e caminhar.

No dia 23, introduz a vela necessária no reto, com grande destreza, com as suas próprias mãos, porque o M. Damiron (que, provavelmente, tem medo do magnetismo) já não vem tão regularmente como anteriormente.

No dia 25, a Senhora Perier está evidentemente a recuperar, e tudo inclina o seu marido a esperar uma rápida cura. Diz-lhe agora que as úlceras estão cicatrizadas, e que a abertura fistulosa está fechada; mas ele observa-a mudar de rosto e tremer em todos os membros quando a interroga sobre o resto. Por fim responde que uma nova acumulação de humores se estava a formar, que se devia deixar os remédios atuar, e que lhe suplicava que não a interrogasse mais sobre a matéria durante onze dias, após o que mudaria o seu regime.

A 1 de dezembro a paciente sofreu mais do que o costume. A última noite fora muito perturbada; e quando o seu marido, tendo-a posto num estado de sonambulismo, a forçou, pela sua vontade, a dirigir a sua atenção para a sua doença, a sua agitação tornou-se tão grande que ele foi obrigado a acordá-la. No dia seguinte declarou-lhe que era o magnetismo sozinho que lhe fazia bem, mas que o sonambulismo a fatigava.

Na manhã do dia 3 a Senhora Perier vomitou uma grande quantidade de sangue, misturado com algum fluido. Na noite do dia 3 para o dia 4 evacuou pela bacia uma incrível quantidade de pus, misturado com um pouco de sangue negro e tiras de membrana. Na manhã do dia 4 vomitou novamente muito sangue. No mesmo dia, o seu marido perguntou-lhe, durante a sessão, se essa era uma das crises que ela tinha anunciado. "Sim", respondeu ela; "começou ontem e concluirá amanhã; é esta bolsa cheia de humor, que eu tinha perto do meu coração, e que agora se abriu, e a qual evacuaste quase inteiramente, — vê o lugar que ocupava!* É muito afortunado que eu tenha tido uma obstrução, pois se este humor tivesse sido misturado com sangue, ter-me-ia sufocado, e estaria agora morta."

- *A Senhora Perier tinha o hábito de falar ao seu marido como se ele participasse da sua clarividência.*

Na sessão do dia 5 a Senhora Perier disse que ia melhorando; prescreveu alguns remédios ligeiros para si mesma e disse ao seu marido que a forçasse a sair e a fazer exercício; que estava agora suficientemente forte para ir caminhar com ele. Recomendou-lhe também que a fizesse usar as injeções mais frequentemente, e que introduzisse duas velas todos os dias.*

No dia 6, tendo uma causa moral mais uma vez retardado as regras da paciente, aconteceu, desgraçadamente para ela, que neste momento crítico, quando o seu estado exigia tanto cuidado, o seu marido foi atacado por uma febre violenta, com todos os sintomas de pneumonia aguda. Todavia, apesar do estado em que se encontrava, o M. Perier magnetizou a sua mulher, que não atendia senão a ele. No

dia seguinte tornou-se absolutamente necessário suspender todas as operações magnéticas, e esta prejudicial interrupção devia anular, de uma só vez, os resultados obtidos até este período. Todavia, a 8 de dezembro, apesar da sua própria doença, o M. Perier adormeceu a sua mulher; mas quando lhe perguntou se a podia magnetizar, ela respondeu que não, que o fluido dele na última sessão lhe fizera muito mal. Depois acrescentou que ele a devia continuar a adormecer todos os dias, mas magnetizá-la apenas quando ela lhe pedisse.

No dia 10, declara por fim que as suas regras estavam a começar, que durariam precisamente quinze dias, e que por três ou quatro dias seriam tão profusas que, se não estivesse avisada disso, pensaria, quando acordasse, que tinha uma hemorragia, como todos os médicos que a vissem neste estado pensariam tão bem como ela própria.

- *A úlcera na parte superior do reto existia ainda.*

No dia 11, diz ao seu marido que tinha tido sete supressões; menciona até os diferentes períodos delas e declara também as causas. Acrescenta que tem nos vasos uterinos algum sangue que esteve parado por mais de um ano; que evacuará muito dele nos dias seguintes, etc., etc., e é necessário suspender o uso das velas durante o tempo das suas regras.

No dia 12, permite ao seu marido que a magnetize; e como ele aplica a isso uma grande força da sua vontade, a paciente diz-lhe: "Eis uma coisa muito extraordinária; o teu fluido restitui vida a este sangue que estava morto e pútrido há muito tempo; mas basta; a tua vontade é demasiado forte; é-o mais do que a minha e já não está *en rapport* com o teu fluido."

Nos dias 13 e 14 o M. Perier consegue deslocar coágulos de sangue, magnetizando a sua mulher nos lugares que ela lhe indicava. Ela evacuou-os então no curso do dia. Quando sentia violentas dores de cólica, era suficiente para ele levar a mão à parte sofredora a fim de a acalmar. Por fim, como a suspensão do tratamento tinha permitido que as ulcerações inferiores se abrissem de novo, a paciente diz ao seu marido que deve estar curada antes que as úlceras superiores sejam

tocadas, onde as injeções não podem alcançar até que o reto tenha recuperado a sua força; mas que, em todos os casos, o magnetismo ajudaria muito na cura.

No dia 15 a Senhora Perier encontrou-se melhor. Zombou muito da incapacidade dos homens médicos, que, quando ela tinha tido, seis semanas antes, uma erupção na pele, não tinham percebido que era causada pela decomposição da parte aquosa do sangue! A pobre sonâmbula não sabia que a penetração do médico mais perspicaz nunca tinha ido tão longe. Tomou então a mão do seu marido e colocou-a no seu lado, na parte onde sentia dor; mas removeu-a quase imediatamente, dizendo-lhe que a sua vontade era demasiado ativa, e que a efervescência que ela causava ao seu sangue lhe poderia ocasionar uma perda de sangue.

No dia 16, tendo a Senhora Perier prescrito para si mesma algumas injeções com uma decoada de erva-moura, raiz de salsa, malva, etc., o seu marido lembrou-lhe que um dos seus cirurgiões (Boyer) lhe tinha também prescrito erva-moura. "Sim", disse ela, "mas ele juntou-lhe papoilas, uma coisa que paralisa a cura em vez de a acelerar; é o ópio das feridas."

No dia 18 a paciente estava fraca e a sofrer; a abundância das regras era pavorosa e, contudo, mal se encontra num estado de sonambulismo prescreve para si mesma o caminhar, com o propósito, diz ela, de acelerar a saída dos coágulos e de facilitar o escape de uma água vermelha que exaspera as feridas ao permanecer na sua superfície. Prediz então para si própria outras duas crises similares à que experienciara, e que deviam ter lugar em períodos consideravelmente distantes um do outro.

No dia 20 a Senhora Perier avisa o seu marido de que tinha tido uma indigestão no dia anterior; que tinha sofrido muito, mas que teria estado muito pior ainda se não estivesse perto dele.

Por algum tempo a paciente, ao aproximar-se a hora em que costumava ser magnetizada, experienciava alguma agitação e pedia para ser adormecida. No dia 21 este estado era mais marcado nela, a

sessão estava alguns minutos adiantada. Logo que esteve num estado de sonambulismo, colocou a mão do seu marido no seu coração. "Esta ferida", diz ela, "é a única mortal que tenho; causou-me um grande pavor e, hoje, pela primeira vez, examino-a sem sofrer." Depois acrescentou: "Se estivéssemos na estação boa, poderia tomar alguns depurativos, mas é suficiente que coloques a tua mão ali todos os dias; e, a fim de diminuir a demasiado grande atividade da tua vontade, pensa apenas em aliviar-me, sem desejares curar-me."

No dia 23 a Senhora Perier ia tão bem que aceitou um convite para jantar com uma das suas amigas; mas quando o seu marido veio à noite para a trazer, ficou tristemente espantado por a encontrar a sofrer muito. Trouxe-a e, logo que regressou a casa, pô-la num estado de sonambulismo para certificar a causa desta indisposição imprevista; a causa fora o ter sido magnetizada de manhã pelo seu marido enquanto ele estava arreliado com algumas circunstâncias importantes e desagradáveis.*

No dia 25, por fim, a paciente anuncia a sua cura. O seu sono magnético é calmo e tranquilo, e a satisfação interior que sente está expressa no seu rosto. "Se eu escrevesse", diz ela, "todas as circunstâncias que podem surgir da minha doença e que eu tinha previsto, todos os meios que tinha encontrado para as desviar ou para as diminuir, os remédios que lhes podem ser aplicados, haveria suficiente para encher volumes; e, após tudo isto, estou contente por beber uns copos de camomila e limonada.

- *Não há magnetizador que não tenha tido oportunidade de testemunhar ocorrências similares. Uma das minhas sonâmbulas perdeu a sua lucidez durante quase três semanas em consequência do mau humor em que eu estava um dia ao magnetizá-la.*

Conto curar-me a mim mesma sem empregar remédios mais complicados. Levo a minha previsão ainda mais longe, pois dirijo a minha atenção para o que devo fazer após a minha cura, quando tiver cessado de dormir."

A 1 de janeiro de 1814 o M. Perier, tendo sido obrigado a adormecer a sua mulher duas horas mais cedo do que o costume, o resultado foi uma sensação de indisposição que durou o resto do dia. Do que ela se queixava era de uma opressão considerável, acompanhada por tal extinção de voz que mal se podia fazer ouvir.

No dia seguinte a opressão e a perda de voz tinham escassamente passado; mas a paciente disse ao seu marido que, por ter sido adormecida no dia anterior antes da hora habitual, tinha sofrido muito, e que, às onze horas, o humor que costumava receber uma impressão estranha fora detido no seu peito. Numa palavra, anunciou que teria febre até ao dia 6.

No dia 4 a Senhora Perier queixa-se da rapidez da sua cura. "Doenças curadas demasiado rapidamente regressam", diz ela; "a minha ferida está inteiramente cicatrizada e seria mais fácil agora formar outra ao lado dela do que abrir esta de novo."

No dia 5 a paciente mal esteve num estado de sonambulismo diz: "Fico facilmente assustada. Este humor, que passou pelo meu peito, fez-me recear pela minha vida. Bem! hoje isto passará inteiramente e nada permanecerá, pelo menos nada de perigoso. Terei o último paroxismo de febre das seis às nove horas. Devo tomar um remédio consistindo em leite e *cassonade rousse*, e deixem-me guardá-lo tanto tempo quanto possível. Produzirá um grande efeito em mim; efetuará a evacuação deste humor, que será misturado com sangue negro em coágulos.

Como farei esforços consideráveis, as feridas no reto serão rasgadas e retomarei o uso das velas." O M. Perier, após ter acordado a sua mulher e a ter informado de tudo o que ela tinha a fazer no curso do dia, saiu e não regressou senão depois da meia-noite. Estava então longe de a encontrar no estado favorável em que a tinha deixado. De acordo com as suas previsões, os efeitos da defecação tinham-na enfraquecido, mas meia hora de sono magnético bastou para a tranquilizar e para lhe restituir as forças. Foi então para a cama e passou uma boa noite.

Nada de notável nas sessões dos dias 6, 7 ou 8.

No dia 9 a paciente queixou-se da demasiado grande atividade que o magnetismo dava ao seu sangue, e proibiu o seu marido de a magnetizar. "Teria um atraso nas minhas regras", diz ela, "e elas aparecem neste momento; assim, em vez de estarem retardadas, estão cinco dias adiantadas."*

Na noite do dia 11, tendo o M. Perier tido a ideia de magnetizar alguma água, pediu à sua mulher que segurasse a garrafa sobre a qual ele estava a atuar durante o processo; mas a pobre mulher, recebendo em breve a influência destinada ao líquido, começou o riso convulsivo que precedia cada um dos seus sonos e implorou ao seu marido para recolher rapidamente a garrafa, a qual se tornara tão pesada, diz ela, que já não tinha forças para a suportar.

Todavia, o M. Perier completou a sua operação e desejou fazer a sua mulher provar a água magnetizada. Ela bebeu um muito pouco dela de um copo e não encontrou sabor particular nela. Mas mal tinha esvaziado o seu copo foi acometida por dores agudas nos ouvidos, acompanhadas por febre e náuseas, uma indisposição que continuou toda a noite.

Na sessão do dia seguinte a paciente estava de muito mau humor. Recriminou o seu marido por ter, apesar da sua proibição, magnetizado num horário que não era o das suas sessões. Depois acrescentou: "Quando me fizeste segurar a garrafa que magnetizaste, o teu fluido veio em abundância para dentro de mim; não sei o que é, mas o copo tem algo que me é contrário, e estou persuadida de que muito mal se me poderia fazer usando-o."

"— O que teria acontecido, então, se, ontem à noite, tivesses bebido vários copos desta água magnetizada?"

"— Teria tido convulsões que teriam confinado muito de perto com manias."

Recusou-se constantemente a dirigir a sua atenção para a sua doença e continuou a responder com mau humor a todas as perguntas que lhe foram dirigidas sobre o assunto.

No dia 13 a paciente estava inteiramente abatida; tudo ia mal; as suas regras foram subitamente detidas, e a congestão sanguínea que, em consequência desta supressão, se estabeleceu na sua cabeça e no seu peito impedia-a de atender à sua cura. Todavia, o seu marido tentou todos os meios de lhe despertar a coragem e, após ter esgotado todos os recursos da sua lógica, por fim dirigiu-se-lhe assim: "Visto que renunciarias à tua cura, não terás a tua própria vontade na matéria; a minha vontade é demasiado firme para mudar e estou demasiado certo de te curar para te abandonar assim. Não te acordarei sequer até que tenhamos encontrado os meios de te restituir ao estado em que estavas antes desta ocorrência." Estas palavras produziram o seu efeito; a paciente explicou a maneira como devia ser magnetizada e, na mesma sessão, as regras reapareceram, mas duraram apenas três horas.

No dia 16 abandonou o uso das velas por três dias, porque um novo abcesso se estava a formar no reto, o qual continuaria a aumentar durante estes três dias e se abriria em cinco.

No dia 18 queixou-se novamente da demasiado rápida cicatrização das suas feridas. Declarou que estaria curada no mês de março, cinco horas após o seu último abcesso rebentar, e que depois disto já não dormiria.

No dia 25 diz que, como fora curada demasiado cedo, receava que a fístula reaparecesse em dezoito meses, mas que ia dirigir a sua atenção para os meios de prevenir este regresso. Louvou então a vontade benévola do seu magnetizador e garantiu-lhe que ninguém poderia ter obtido, mesmo num tempo muito longo, os efeitos que ele produzira nela num momento.

- *Este efeito do magnetismo é constante.*

A paciente disse na sessão do dia 30: "As minhas feridas estão quase inteiramente curadas; não me posso regozijar com isso; o que

contudo me consola é que espero ser capaz de manter a minha fístula tanto tempo quanto julgar conveniente." No dia 5 de março, a revolução ocasionada pela ideia da sua próxima separação magnética do seu marido trouxe o aparecimento da terceira e última crise. O abcesso que se tinha formado no reto rebentou no mesmo momento e não lhe causou muito sofrimento, em consequência da sua proximidade com o orifício anal. No dia 11, o M. Perier tentou adormecer a sua mulher, mas não pôde ter sucesso. A mesma coisa ocorreu nos dias seguintes. Todavia, embora as ulcerações estivessem completamente cicatrizadas e já não existisse qualquer estreitamento do intestino, a fístula ainda existia. Mas quando a Senhora Perier seguiu, até ao mês de junho, o tratamento prescrito, a própria fístula por fim secou e desapareceu; e, de acordo com a sua predição do mês de dezembro, a cura desta terrível doença, que a Faculdade tinha declarado ser incurável, foi completa e perfeita.

O magnetismo animal pode então ser um recurso comum em cirurgia; e se for realmente necessário ser um homem médico para tratar devidamente uma afeção cirúrgica, a intervenção do sonambulismo, ou pelo menos de um somnâmbulo, será indispensável no tratamento de toda a lesão externa. Estou persuadido, primeiro, de que assim teremos sucesso em evitar a maioria dessas operações dolorosas que, o mais frequentemente, oferecem ao paciente, em troca da morte, meramente uma mutilação ou deformidade quase tão hedionda como a própria morte.

Por fim, quando a dura necessidade tiver imposto ao cirurgião a obrigação de praticar estas operações, não nos restará o isolamento pelo qual podemos remover dos desgraçados pacientes condenados a sofrê-las o horror e o sofrimento deles decorrentes? Chamemos à memória a excelente observação da Senhora Plantain. Garanto-vos que os nossos arquivos, se quisessem, seriam preenchidos em menos de um ano com milhares de factos similares. Os gritos que fazeis os pacientes soltar, bons senhores, não adicionam ornamento algum às vossas coroas que eu possa ver. A vossa missão é aliviar as vossas criaturas semelhantes e não as torturar; reflexionai pois nisso: se

porventura houver algum meio de poupar às vossas vítimas o castigo que as fazeis suportar, e se recusais dar-vos ao trabalho de conhecer tal meio, sois culpados, muito culpados, pois esse homem não é senão um carrasco que sabendo-o e de livre vontade faz mártires.

DÉCIMO SEXTO CASO.

Surdez crónica curada em dois meses. Não conheço caso algum mais completo e, portanto, mais conclusivo do que aquele que vai ser lido. A posição social da pessoa que é o objeto dele, a extensão das suas relações, a superioridade do seu espírito, a respeitabilidade do seu carácter, a categoria da sua família, não nos permitirão suspeitar ou questionar o seu testemunho. O M. Adam, filho, dirige em Ruão um estabelecimento considerável, o que necessariamente o coloca em ligação próxima com um grande número de indivíduos.

Ensinou também música, de acordo com o método analítico do M. Aimé Paris, em classes frequentadas por mais de cento e cinquenta alunos. O resultado é que escassamente há um habitante em toda a cidade de Ruão que não possa afirmar: 1.º Que ele foi obrigado a abandonar os seus cursos de música meramente porque já não podia ouvir a voz dos cantores; 2.º Que estava no ponto de abandonar o ensino porque não podia ouvir a voz dos seus alunos. Havia, pois, para seguir o seu ensino, a obrigação de fazer uso de trombetas acústicas, cujas dimensões ele aumentava quase todos os meses; ainda assim, não obstante este incómodo mas indispensável instrumento, era obrigado a aproximar-se, a uma distância muito curta, de cada um dos seus alunos a quem se dirigia e cuja resposta esperava. Mas isto não é tudo; a justa minúcia e estreiteza dos vários corpos doutos, como do Instituto, por exemplo, exigiriam de nós, sem dúvida, testemunhas competentes em apoio destas asserções.

Bem; certamente não encontraríamos dificuldade em aduzi-las; pois, para não contar um grande número de praticantes distintos na sua cidade natal, vários homens da profissão em Paris prestaram, em várias ocasiões, testemunho no tocante à existência desta enfermidade do M. Adam. Podemos mencionar entre outros os MM. Itard, Deleau e

Menière, cujos talentos e integridade são igualmente bem conhecidos. Todos os três assistiram sucessivamente o meu paciente durante meses inteiros e concordaram todos em declarar incurável uma doença que tive a boa fortuna de curar. Não se ofendam estes senhores por eu assim citar os seus nomes.

Tenho o mais alto respeito por eles pessoalmente e pelo seu grande conhecimento, e nomeio-os aqui meramente para apelar à sua justiça. Sem dúvida atingirão o sucesso que atingimos quando se decidirem a empregar os mesmos meios. Eis, pois, um primeiro facto estabelecido. O M. Adam, filho, estava positivamente surdo; e nada resta agora senão provar que já o não está. Ora, para fazer isto, não tenho necessidade de evocar o testemunho dos doutos; pois todas as pessoas que se dirigirem apenas ao M. Adam serão capacitadas a detetar-me se lhes impuser uma falsidade. Este curto preliminar é dirigido evidentemente aos nossos confrades em medicina que não acreditam ainda no magnetismo. Vede, senhores, vede e declarai-vos. O que precede deve suficientemente provar-vos que o engano em tal caso não é possível.

Não temos aqui a ver com jogos de mãos, nem com um milagre, mas com um facto simples de patologia; conhecei-o, pois, e decidi o seu valor. Entro agora no assunto e começo a minha narrativa, inteiramente indiferente no tocante ao efeito que possa produzir no espírito de certos leitores. Por amor da verdade, serei minucioso; mas o meu assunto é fecundo, e se não se provar interessante a culpa será minha e não dele.

O M. Adam tem de trinta e cinco a trinta e seis anos de idade; é de estatura média e de uma constituição nervosa. A prodigiosa atividade intelectual de que está dotado deve ter uma quota-parte considerável, como mencionaremos adiante, no desenvolvimento da sua enfermidade. Além disso, acreditava no magnetismo antes de a ele recorrer para alívio, e a confiança que tinha neste agente, tão poderoso e até agora tão pouco conhecido, aumentou naturalmente aquela com que tive a fortuna de o inspirar.

Menciono estas circunstâncias porque estou certo de que aceleraram a sua cura. Nada, de facto, é mais impressionante do que a influência sobre o físico de certas disposições morais. Parece por vezes que a esperança de sucesso é um passo dado no sentido de o atingir. Falámos sobre este assunto nas ideias teóricas publicadas por nós há alguns meses.* E, além disso, o magnetismo era para o M. Adam a última tábua de salvação. Nos últimos dez anos vinha regularmente todos os anos passar dois meses do outono a Paris. Quando se soube, na altura da sua última partida de Ruão, que ele vinha para aqui para se fazer magnetizar, os seus amigos soltaram um riso tolo perante a sua confiança no magnetismo. O que terão eles pensado do sucesso que coroou a sua quimérica esperança? Não hesito em afirmar que o magnetismo terá em breve mais do que um neófito na grande cidade de Ruão.

• *Transactions du Magnétisme Animal*, etc.

Estado do paciente a 26 do passado mês de agosto. — Foi a 26 de agosto de 1841 que o M. Adam se apresentou na minha casa pela primeira vez. Fiz com que ele percorresse longamente todos os pormenores da sua doença; tentei depois determinar o grau e a natureza dela por um exame atento.

As orelhas estão bem formadas; mas o pavilhão, como também a porção dos músculos epicranianos que as rodeia, são ocasionalmente a sede de um inchaço edematoso que torna o toque destas partes doloroso para o paciente e é acompanhado por uma dor surda que parece ser mais aguda consoante os esforços para ouvir são mantidos por mais tempo.

Este inchaço (a 26 de agosto) é perfeitamente visível. Os dedos, ao comprimirem as partes laterais e posteriores da cabeça, causam evidentemente uma impressão que continua por algum tempo; mas a dor causada por esta prova não permitirá a repetição dela. Não há espécie alguma de corrimento das orelhas. Uma sonda penetra sem qualquer obstáculo, e à profundidade ordinária, em cada um dos meatos, onde o *speculum auris* dos MM. Deleau e Menière nada

descobriu de anormal. A introdução de um instrumento satisfez o M. Deleau de que não havia alteração estrutural alguma. Toda a doença, pois, parece reduzir-se a uma paralisia incompleta dos nervos acústicos, uma opinião confirmada por uma diminuição percetível de sensibilidade na pele que cobre, imediatamente abaixo das orelhas, as regiões superior e lateral do pescoço.

O tipo de experiência selecionado por nós para verificar o estado da audição, e depois o seu progresso, dá o grau desta paralisia de uma maneira suficientemente precisa. O M. Adam ouve o seu relógio a uma distância algo menor do que três polegadas do ouvido esquerdo; mal o ouve do ouvido direito, quando o relógio é aplicado imediatamente ao orifício do *meatus auditorius*. Uma conversa no tom ordinário da voz é-lhe absolutamente impossível. Quando se deseja ser ouvido por ele, é necessário não apenas levantar a voz consideravelmente, mas aproximar do seu ouvido esquerdo, onde ele faz uma trombeta acústica com a mão esquerda. Também se fica frequentemente obrigado a repetir a mesma pergunta duas ou três vezes, da qual por fim ele apanha antes o sentido do que as palavras.

Se houver alguma distância entre o seu ouvido e o corpo vibrante, os sons já não chegam até ele mais do que se não fossem produzidos de todo. Ficou obrigado durante alguns anos a fazer violência aos seus gostos favoritos, privando-se do teatro, onde não apenas já nada ouvia, mas onde, também, era atacado, quase subitamente, pelo inchaço já por nós mencionado, em razão dos esforços inúteis que fazia para apanhar o sentido dos diálogos. O canto pode ele apanhar muito melhor do que a voz falada. Os sons agudos são muito melhor ouvidos do que os sons graves e, consequentemente, uma voz feminina muito melhor do que a voz de um homem. Isto é tão marcado que o M. Adam, enquanto parece completamente surdo às intonações graves que ressoam de certo modo no seu ouvido, pode ainda ouvir a uma distância considerável o chilreio estridente de um pássaro.

Não encerrarei a enumeração dos sintomas apresentados por este interessante paciente sem notar uma particularidade que lhe é comum com um grande número de pessoas surdas, e que merece reflexão; é

esta: o M. Adam ouve positivamente melhor no meio do ruído do que no silêncio absoluto. Um dia viajávamos juntos para Versalhes, e fiquei espantado com a extraordinária facilidade com que ele mantinha a conversa, quando, ensurdecido eu próprio pelo ruído das carruagens, deixava fugir três quartos das suas respostas sem as entender. "Tenho a minha desforra", disse ele a sorrir, "pois percebe que agora é o senhor quem está surdo."

Um senhor que ouviu a nossa conversa, e a quem pela sua linguagem técnica e sentenciosa reconheci como médico, tentou explicar-nos um fenómeno que confessei não entender. "Pelo próprio facto", disse ele, "de o senhor estar surdo, fica menos afetado do que nós pelo grande ruído que vem de fora, e essa é a razão por que ouve melhor as nossas vozes." Desgraçadamente esta explicação conduziu a um resultado falso e, consequentemente, nada explicou. De facto, numerosas experiências me provaram desde então que não apenas o ruído não diminui, nas pessoas surdas, a pouca audição que lhes resta, mas até a favorece e a desenvolve temporariamente de uma forma que é por vezes espantosa.

Tão verdadeiro é isto que, quando o M. Adam, na minha casa ou no seu próprio quarto, media a distância a que podia ouvir o seu relógio, esta distância aumentava subitamente algumas polegadas sempre que uma carruagem acontecia passar rapidamente sob as janelas do aposento. Não há oftalmologista que não tenha tido oportunidade de observar este fenómeno; mas não sei se deduziram dele as consequências que me parece fornecer.

Visto que os sons devem ser considerados como os excitadores especiais do sentido da audição, não poderá ser que haja certas formas de surdez que exijam esta espécie de excitação? A determinação dos casos em que esta espécie de exercício do ouvido é necessária parece-me o assunto de uma obra importante, que certamente compilarei quando possuir documentos sobre a matéria em número suficiente. Mas sigamos a nossa narrativa.

(Etiologia. — Nada é frequentemente mais difícil em patologia do que determinar a causa de uma doença crónica quando não começou na forma aguda. Mais ainda: como os estados mórbidos desta espécie se estão a preparar e a elaborar, como se poderia dizer, durante um tempo considerável antes de darem qualquer indicação da sua existência, fica-se quase sempre embaraçado para fixar com certeza o verdadeiro período da sua origem. Isto em certa medida ocorreu no caso do M. Adam. Mas veremos, contudo, que, se possuímos respeitante à origem da sua doença apenas dados conjeturais, alguns são tão racionais que podem ser tomados por certezas.

Causas Predisponentes. — Para evitar digressões banais, notarei apenas uma causa, mas era terrível, desesperada. O pai do M. Adam morreu surdo, e três das suas irmãs foram afetadas da mesma maneira. Tínhamos evidentemente de lutar com uma predisposição hereditária. Ora, sabemos quão difícil é, em geral, superar estas tendências congénitas de uma organização quase essencialmente afetada de doença que a deve atacar um dia.

Causas Determinantes. — Estas eram aparentemente numerosas, mas podiam reduzir-se a uma: a sobre-excitação prolongada do cérebro. Esta, independentemente dos trabalhos do ensino a que o M. Adam se devota com extrema ardor, este professor zeloso e consciente devota-a ainda na porção principal do seu tempo desocupado ao estudo. Constantemente impelido pelo desejo de alargar o círculo do seu conhecimento, passava metade das suas noites a aprender línguas, história, etc.

Ultimamente, mais especialmente, quando a paralisia acústica fez tais progressos que o forçou a renunciar ao mundo, onde os seus talentos e amável carácter há tão pouco tempo o faziam procurado, vivia num isolamento quase absoluto, já não existindo, como se poderia dizer, senão em si próprio, e buscando baldadamente num estudo obstinado e quase frenético uma espécie de consolação para a angústia sob a qual estava a padecer. Alas! o pobre M. Adam não fazia senão agravar a sua doença ao procurar remediá-la, como as

desgraçadas pessoas que cometem suicídio para se libertarem do sofrimento. Por fim, como já dissemos, o M. Adam, quando o M. Aimé Paris deixou Ruão, sucedeu a este engenhoso professor na sua cadeira de música analítica, e temos uma forte inclinação para acreditar que esta nova espécie de instrução deve ter dado o golpe final na sensibilidade do seu sistema auditivo, já quase extinto.

De facto, tudo é relativo; e se as detonações de peças de artilharia são suficientes por vezes para ensurdecer de uma só vez um ouvido normal, nada há de espantoso em que os acordes ruidosos de multidões a cantar produzam o mesmo efeito num ouvido já seriamente afetado. O M. Adam teve grande dificuldade em terminar o seu segundo curso.* Foi neste período que apareceu o primeiro caso nas minhas *Transactions* de surdez curada pelo magnetismo. A leitura deste facto notável mudou o curso das ideias do M. Adam, e foi com uma forte esperança, que ficou justificada pelo acontecimento, que ele determinou aproveitar as férias para se fazer magnetizar.

- *Cada curso durava três meses.*

Curso. — Uma perfeita igualdade de inervação nos sentidos duplos é tão rara como uma paridade absoluta no desenvolvimento e força muscular dos membros correspondentes. Quase sempre, se olharmos de perto, verificaremos que uma pessoa vê melhor com o olho direito do que com o esquerdo, ou *vice-versa*, tal como se ouve melhor com um ouvido do que com o outro, etc. Segue-se que, quando uma causa debilitante ou um agente morbífico vem exercitar a sua ação num sistema sensível, um dos dois sentidos, aquele que é naturalmente o mais fraco, é o primeiro a sentir esta influência, ou antes parece ser o primeiro afetado. Isto é precisamente o que ocorreu no caso do M. Adam. Há quinze anos o ouvido direito, que se tinha tornado a sede de zumbidos e tinidos, precursores da surdez, começou percetivelmente a perder a sua delicadeza, enquanto não aparecia lesão alguma ainda no ouvido esquerdo.

O progresso da doença foi lento, mas regular, e tudo o que se fez para o deter não teve influência no seu curso. Foi apenas doze anos

depois que fenómenos absolutamente similares começaram a manifestar-se no ouvido esquerdo. Assim, o mesmo tinido, o mesmo inchaço edematoso externamente, a mesma extinção do som externo, e tudo isso desenvolvendo-se com a mesma regularidade de progressão; de modo que o M. Adam, medindo de mês para mês a nova perda de sensibilidade acústica que estava a sofrer, poderia ter racionalmente predito, muito aproximadamente pelo menos, o tempo em que ficaria completamente surdo. Pelo que dissemos do seu estado no mês de agosto passado, este período não estava certamente longe; de modo que não era sem razão que estava alarmado quanto ao futuro.

Tratamento. — Não mencionarei aqui todos os diferentes tipos de tratamento que o M. Adam adotou de 1827 a 1841. Com exceção do magnetismo, posso certificar que teria sido difícil recomendar-lhe um modo de tratamento que ele não tivesse experimentado. Houve um, contudo, que colocou toda a sua paciência à prova. Com o risco quase do seu desagrado, daria de bom grado o nome do charlatão, se o pudesse encontrar neste momento. Todavia, consistia em purgantes drásticos continuados sem relaxamento durante quatro meses inteiros. Certamente não sou inimigo dos purgantes; penso até que podem ser úteis em certos casos de surdez. Mas em tais doses no caso de um sujeito nervoso e debilitado! Oh! M. Adam, se tivesse perseverado neste tratamento, teria ficado curado de todos os seus padecimentos, e o magnetismo não teria agora de o contar no número dos seus mais ardentes apóstolos, nem eu teria de o manter na lista dos meus amigos.

Não mencionarei os diferentes métodos terapêuticos dos MM. Itard, Deleau e Menière. Vindo de homens tão distintos, devem ter sido pelo menos racionais; mas no presente caso, como em muitos outros, não foram acompanhados pelo menor sucesso. Venhamos agora àquele que fizemos nós próprios.

26 de agosto. — Como estava satisfeito de que a surdez do M. Adam consistia numa semi-paralisia dos nervos acústicos, o meu objeto era trazer de novo vida a estes órgãos por meio de uma magnetização ativa dirigida às regiões que eles ocupam. A primeira sessão durou um quarto de hora. A sensação experienciada pelo

sujeito não é muito aguda, como era de esperar, visto que os nossos encontros não tinham sido ainda suficientemente numerosos para me colocar completamente *en rapport* com ele. Esta sensação consiste num formigueiro particular, acompanhado por calor e por um estado de bem-estar geral. Todavia, após alguns minutos, uma pequena opressão manifesta-se, a qual facilmente dissipo libertando o peito. Passagens de mãos ao longo do curso dos principais nervos do tronco e extremidades são igualmente acompanhadas por um formigueiro. Não há peso de cabeça nem bocejos, nem sensação de picada nas pálpebras; numa palavra, nenhuma disposição para o sonambulismo. Os resultados consecutivos desta primeira sessão foram absolutamente insignificantes. O sono da noite seguinte não foi perturbado, como acontece frequentemente em tais casos. Em suma, se o magnetismo não fez ainda nenhum bem, é evidente que não fez mal nenhum.

5 de setembro. — Como desde o fim de agosto até meados de setembro eu estava a sofrer consideravelmente de reumatismo, exercia neste período sobre os meus doentes uma ação que era muito frágil e provavelmente não muito salutares. O M. Adam após cada sessão sentia no pescoço e ombros dores que eram decididamente de natureza reumática, cuja causa não me esquivei de ocultar. Como forma de compensação, comunicou-me um tinido nos ouvidos similar ao seu próprio, de cuja sensação não me pude libertar senão duas ou três horas após cada um dos nossos encontros.

Até esta altura tínhamos esquecido medir de uma forma regular o progresso que a sua audição parecia ter feito até então. À falta de um instrumento mais preciso, empregámos neste dia uma brochura para medir a distância a que ouvia o seu relógio com o ouvido esquerdo. Ora, para sua grande satisfação, esta distância parecia ser de dezassete a dezoito centímetros em vez de oito. No tocante ao ouvido direito, não ganhou ainda percetivelmente.

10 de set. — Efetuo uma insuflação nos ouvidos. Resulta imediatamente dela uma melhoria percetível. Mas será esta melhoria o resultado de uma verdadeira ação magnética, ou meramente o resultado do calor húmido que o meu hálito concentra nas passagens

auditivas? Isto não sei dizer. Seja como for, durante os cinco ou seis dias seguintes, nunca falho em terminar cada sessão com o emprego destes meios, que me parecem ser de decidida vantagem. O M. Adam começa a ouvir o seu relógio à distância de dez centímetros do ouvido direito, o qual ele, ao início, julgou ter perdido sem esperança de regresso. Com o ouvido esquerdo pode ouvi-lo à distância de mais de vinte centímetros.

15 de set. — Os dois ouvidos parecem dispostos a colocar-se em equilíbrio no tocante ao seu grau recíproco de inervação. Assim, enquanto, desde a sessão do dia 10, o ouvido esquerdo ganha muito pouco, o M. Adam ouve o seu relógio com o seu ouvido direito a mais de vinte centímetros de distância. Mas a partir deste período a sua condição permanece estacionária, e a magnetização exclusiva das partes superiores do corpo começa mesmo, evidentemente, a fatigá-lo.

Seja qual for a direção das minhas passagens de mãos, seja qual for a da minha vontade, a sua cabeça *dói*, para usar a sua própria expressão, à aproximação das minhas mãos, e vejo-me forçado a reconhecer que há no magnetismo um algo de essencialmente diferente do poder moral, e que, em certos casos, parece de modo algum subordinado a este último. Durante oito dias espero em vão algum novo progresso. Culpabilizo o meu próprio estado de indisposição; acuso a temperatura; mas já não sofro, o barómetro e o higrómetro estão todos bem, e os mesmos fenómenos negativos recorrem para me descoroçoar. Verdadeiramente, era bem tempo de a Providência nos enviar uma coluna de fogo para nos iluminar neste deserto desconhecido, pois já não sentia dentro de mim a coragem para prosseguir. Mas quem ousará atribuir ao mero acaso a afortunada e extraordinária circunstância que traçou a rota que havíamos de seguir?

28 de set. — No instante em que começo a magnetizar o M. Adam, de acordo com o método habitual, ele diz-me: "— Acredita em sonhos, M. Teste?" "— Isso depende das circunstâncias." "— Há alguns, então, que, na sua opinião, merecem atenção?" "— Hipócrates, pelo menos, assim o pensava, a julgar pelo seu capítulo sobre os

Sonhos." "— Bem, tive uma noite bastante estranha com um; veja agora qual é o alcance dele. Sonhei que lhe suplicava que magnetizasse os meus pés, mas apenas os meus pés, e num banho quente.

O senhor não estava disposto, mas, por fim, pela força das minhas solicitações, consegui prevalecer sobre si, e encontrei-me tão bem que, após um quarto de hora, ouvia tão nitidamente como se nunca tivesse sido surdo." Embora esta extraordinária comunicação me tivesse sido feita num tom de gracejo, não pude deixar de ficar impressionado por ela. Ocorre-me que em várias circunstâncias similares uma espécie de intuição tinha subitamente descoberto a diferentes doentes o que deveria ser feito para os curar. "Se deseja", disse eu ao M. Adam, "poremos à prova este método que teve tanto sucesso consigo esta noite. Quem sabe? o seu sonho é, provavelmente, uma revelação do alto. Deus o queira; mas receio muito que seja uma sessão perdida. A de ontem aproveitou-lhe tão pouco que afinal a perda não será grande; experimentemos."

Em conformidade, pus-me a concentrar a minha ação nos pés do M. Adam, plenamente determinado a que, se tivesse sucesso apenas em metade, completaria o meu sucesso no dia seguinte por meio do pedilúvio indicado. Ora, após as primeiras passagens de mãos, o M. Adam sente a sua cabeça aliviada. Uma sensação de formigueiro, acompanhada por um frio glacial, é sentida nos pés; mas quem poderia descrever a sua alegria, o seu espanto, o seu estado de intoxicação, quando descobriu, após a sessão, que a sua audição tinha ganho dez centímetros em cada ouvido, — um progresso que positivamente ultrapassava o que tínhamos obtido durante quinze dias.

«— Oh! estou salvo! — exclama ele, com a mais viva emoção — e o senhor será para mim um segundo pai.» E a Providência? Não é ela que tudo fez?

29 de setembro.— Antes da hora a que o M. Adam costuma vir a minha casa, a sua audição perdeu um pouco desde o dia anterior. O relógio ouvia-se a trinta e cinco centímetros com o ouvido esquerdo e

a vinte e sete com o direito. Tudo nos inclina a esperar que possamos, doravante, contar com a continuidade dos efeitos obtidos. No entanto, o M. Adam põe os pés na água quente e começo a magnetizá-lo como da última vez. As mesmas sensações, exceto que o frio é detido à superfície do líquido. A cabeça fica novamente desimpedida sob a influência da ação magnética; mas, ao terminar a sessão, verificamos que o banho de pés nada acrescentou de notável aos efeitos que obtemos, o que nos determina a dispensar para o futuro este incómodo acessório. A audição ganhou, como ontem, sete ou oito centímetros em cada ouvido, e agora estamos certos de estar num bom caminho.

Entre os diferentes fenómenos agora mencionados, houve um em particular que me chamou a atenção muito fortemente; foi o frio intenso sentido nos pés durante a magnetização destas partes, ao passo que uma ação semelhante, dirigida às partes superiores do corpo, dava origem a uma sensação oposta. Seria isto um facto geral ou apenas uma anomalia? Só a experiência podia decidir a questão e, desde a noite do dia 28, estive ansioso por recorrer a ela.

Três pessoas foram sucessivamente magnetizadas por mim na cabeça e nos pés, e todas as três experimentam as duas sensações opostas pela ordem mencionada pelo M. Adam. Já não duvido, pois, de ter descoberto um facto e penso agora em publicar um princípio que considero geral. Infelizmente, o resultado oposto que obtenho, no dia seguinte, numa quinta pessoa, vem destruir o meu axioma. Eis-me então obrigado a renovar e a multiplicar as minhas experiências, das quais já não espero muito sobre este assunto; mas (relativamente à minha própria organização) eis o fruto das minhas investigações sobre este ponto:

1. Quase sempre o magnetismo dá origem a sensações opostas, conforme é dirigido à cabeça ou aos pés.

2. Mais frequentemente, a sensação de calor é sentida na cabeça e a de frio nos pés; mas também pode acontecer o contrário.

3. Algumas pessoas experimentam indiferentemente frio ou calor, isto é, a mesma sensação, seja qual for a parte do corpo magnetizada.

4. A intensidade da sensação, seja qual for a sua natureza, é invariavelmente proporcionada ao esforço da vontade do magnetizador e também à intensidade da sensação que este último experimenta nos dedos.*

- Todos os praticantes conhecem este facto, o qual vai muito longe na prova da existência do fluido.

5. O magnetizador, independentemente do formigueiro elétrico que sente nas mãos, sente também, muito frequentemente nestes órgãos, uma sensação de calor ou de frio, mas sempre o inverso daquela que o doente sente.

15 de outubro.— A temperatura fria e húmida, que predomina há algumas semanas, tornou o progresso mais lento, mas ainda assim não o deteve completamente. O M. Adam ouve o seu relógio a setenta e cinco centímetros do ouvido esquerdo e a quarenta do direito. Goza de perfeita saúde, o que prova que o magnetismo não despertou a vitalidade dos sentidos em detrimento de outros órgãos; pelo contrário, parece que a sua vista, que é naturalmente fraca e esteve muito tempo fatigada pelo estudo, recuperou alguma força no decurso do tratamento. O M. Adam determinou levar algum algodão nos ouvidos para os resguardar do frio; mas verificamos que, nas afeções destes órgãos, não há meios certos de lutar com vantagem contra a humidade. O algodão, independentemente do facto de preservar os canais auditivos da impressão do ar, possui também outro género de vantagem, o de estender um pouco os sons, de modo que se torna para a audição o que os conservadores são para a vista. Recomendo, portanto, a todas as pessoas surdas que levem algum até ao regresso do calor.

30 de outubro.— A audição está tão restabelecida que se pode conversar horas inteiras com o M. Adam sem perceber que ele é surdo, ou antes, que o tem sido. Falamos em voz normal, ou mesmo

em voz baixa, de uma extremidade à outra da minha sala, isto é, a uma distância de mais de sete metros. Ele foi ontem ao *Théâtre du Vaudeville* e ouviu perfeitamente os atores de uma das cadeiras da plateia.* Ouve o movimento do seu relógio à distância de mais de um metro do ouvido esquerdo e a setenta centímetros do direito, o que é quase o estado normal. Lamento muito, contudo, que as ocupações do M. Adam não lhe permitam demorar-se mais um mês em Paris.

De facto, por muito satisfatório que seja o seu estado, não considero a sua cura como inteiramente completa. Assim, os ruídos nos ouvidos ainda não desapareceram de todo. Seja qual for a causa destes ruídos, é claro que tem alguma ligação com a da surdez. Os dois fenómenos, é verdade, não deviam melhorar nas mesmas proporções, pois podemos facilmente conceber que a audição, ao recuperar a sua delicadeza, apenas se torna cada vez mais sensível aos ruídos internos de que eles são sede, de modo que estes últimos pareceriam aumentar se não diminuíssem realmente. Seja como for, não tenho dúvida de que o tratamento, se continuado mais um pouco, teria removido, com o resto da paralisia, estes fenómenos desagradáveis, que são muito frequentemente os seus precursores e o seu termo.†

Vamos concluir este capítulo pelo relato de um daqueles acontecimentos, cujas particularidades estão todas gravadas com letras de fogo no espírito da pessoa a quem dizem respeito e determinam para sempre a profissão de fé científica daqueles que os testemunharam. As emoções da alma, de facto, são provavelmente ainda mais permanentes do que as mais rigorosas deduções do entendimento, e nada pode apagar do espírito as impressões que a ele chegam apenas através do coração.

Há momentos terríveis e solenes em que o observador mais circunspecto já não pensa em desconfiar dos homens. A palavra sonoramente ressonante de um orador na sua tribuna é muitas vezes menos persuasiva do que a voz fraca e quase ininteligível de quem luta no seu leito de morte com as agonias da morte, pois parece que é o próprio Deus que fala no limiar da eternidade. E contudo — e

contudo quem é esta pessoa que morre? — Um homem como vós, que não conheceis, que provavelmente nunca vistes. Mas o que seria, bons céus! se ele fosse vosso amigo, se fosse vosso irmão, se fosse ainda mais?

Oh! sim, repito-o, cada uma das suas últimas palavras afundar-se-ia no fundo da vossa alma, como uma revelação do Eterno; e por mais que vivêsseis, por mais que vos misturásseis, uma vez mais, nos conflitos tempestuosos do mundo, a vossa crença ficaria fixada e morreria apenas convosco. Julgue o leitor, pois, da minha; o caso que vou apresentar é o da minha própria esposa:

Caso da Sra. Teste.

A Sra. Teste tem apenas vinte e dois anos de idade, mas é de uma constituição frágil e doentia. Mais sensível do que o termómetro ao ar, a sua extraordinária impressionabilidade não lhe deixa um momento de descanso. Alegra-se com um raio de sol, excita-se com uma ranhura de vento e alarma-se com a queda de uma folha. Uma nuvem a passar pelo céu entristecê-la-á; ela sente e prevê uma tempestade com vários dias de antecedência; numa palavra, ela muitas vezes percebe e participa, sem eu saber, em todas as alternâncias do meu humor. Ver-se-á facilmente, pois, que com tal constituição deve ser difícil gozar de perfeita saúde; por conseguinte, a minha esposa padece tão frequentemente que sou quase tentado a considerar a doença como a sua forma normal de existência e, quando acontece ela estar bem, sinto algo que se assemelha muito a uma inquietação.

Devo mencionar, contudo, que desde que foi submetida ao magnetismo o seu estado melhorou muito, uma afirmação cuja exatidão os nossos amigos (mesmo aqueles que mais decididamente se recusam a concordar com a minha opinião) não hesitarão em certificar. Mas terei ocasião de pedir o seu testemunho em apoio de uma circunstância muito mais séria, ou, pelo menos, mais decisiva.

A 28 de junho de 1840, queixando-se a Sra. Teste de sentir uma espécie de indisposição indescritível que lhe é nova, ponho-a a dormir, com a esperança de obter dela própria algumas informações úteis

sobre este assunto. O acontecimento verificou as minhas conjeturas e satisfez o que eu pretendia. Mas o que custa às vezes querer penetrar um mistério! Repeti-o frequentemente para mim mesmo. Temos de agradecer à Providência o véu impenetrável que Ela lançou, por piedade de nós, sobre os nossos destinos futuros; e, pela minha parte, tomo Deus por testemunha, se algum génio infernal alguma vez me gratificasse com um espelho mágico onde o futuro estivesse refletido, eu desejaria quebrar o espelho por medo de ser tentado a olhar para ele.

A Sra. Teste, cujo sono magnético é muito calmo, não está mais do que em estado de sonambulismo desta vez do que fica comovida, perturbada e agitada. O seu semblante torna-se pálido, as suas feições alteram-se, a sua respiração acelera-se, todo o seu corpo treme e, enquanto a sua mão aperta convulsivamente a minha, o horror e o sofrimento estão estampados no seu rosto.

«Meu Deus! meu Deus!» exclama ela finalmente, com uma voz rouca e desesperada. E as suas duas mãos estão pressionadas sobre o seu coração, como se quisesse sufocar ali alguma dor pungente antes do seu nascimento.

«O que tens?» disse-lhe eu. «Vês o que te aflige?»

Ela não dá resposta; eu torno-me apenas mais premente. Repito a minha pergunta, duas, três, dez vezes. Um terror secreto mistura-se com a minha curiosidade. Tremo já com o que vou saber; mas não queria por nada deste mundo continuar a ignorá-lo.

«Rogo-te, meu querido,» diz-me ela finalmente, «cessa de me questionar.»

«Porquê?»

«Porque as desgraças são sempre sabidas demasiado cedo.»

«Mas se esta previsão pode oferecer algum meio de a evitar?»

«Não, não; é impossível.»

«Peço-te de joelhos, meu amor, dize-me o que viste.»

«Vai afligir-te,» diz ela, tomando-me pelas mãos e derramando lágrimas sobre elas.

«Não importa! Juro-te que não pode afligir-me mais do que o teu silêncio.»

«Pois bem, escuta! Vejo — oh! o que fiz eu então ao céu? — vejo uma grande doença!»

«Para qual de nós dois? Para mim?»

«Não; para mim, graças a Deus!»

«Sempre! És tu então que hás de sempre sofrer?»

«Mas isso não é tudo. Fica quieto, não ficas?»

«Sim, prometo-te.»

«Pois bem, vejo a minha última luta!»

Oh! meu Deus! estas terríveis palavras não me deixaram forças para prosseguir o assunto. Parecia ter descido a um abismo, onde a minha cabeça rodava; a profundeza deste abismo não me atrevia a medi-la, pois já não via o fundo. No entanto, reuni toda a minha coragem e fiz um último esforço.

«E depois?» disse-lhe eu.

«Depois,» repetiu ela lentamente, «depois não vejo nada;» então, decorridos alguns segundos, exclamou numa voz que me despedaçou a própria alma:

«Acorda-me! acorda-me! Afonso, acorda-me, porque sinto-me a afundar.»

Não vi mais nada. Os batimentos tumultuosos do meu coração pareciam misturar um som real com o da nossa respiração oprimida. «Nada!» essa palavra fatal não cessava de vibrar nos meus ouvidos, mais horrível do que a própria morte.

No entanto, pus-me a acordar a minha doente. Cada um dos meus passes parece dissipar um pouco algumas visões que a perseguem; o

sangue regressa às suas faces; o seu semblante reassume a sua aparência natural; e em breve, quando as suas pálpebras começam a abrir-se, um sorriso brilha nos seus lábios, que, nem há um minuto, eram expressivos de desespero! Ah! quem me dera poder esquecer como ela esquece!

29 de junho.— Ai de mim! eu não tinha esquecido nada! a previsão fatal que tinha ouvido soava incessantemente nos meus ouvidos; não conseguia pensar em mais nada. No entanto, ainda não podia formar uma ideia do que estava para acontecer; mas sabemos que a dúvida é por vezes mais insuportável do que a mais melancólica certeza.

Os meus leitores conceberão facilmente, pois, em que estado de espírito passei a noite de 28 para 29; foi para mim uma noite de real angústia, como o foram as que se seguiram. Tampouco a minha esposa dormiu; mas o estado perturbado em que me encontrava e a agitação que ela própria experimentara durante o seu sonambulismo explicavam-me suficientemente a causa desta insónia. Finalmente, o dia apareceu e senti-me aliviado. Durante a noite, a alma volta-se para dentro de si mesma; quer seja sofrimento ou felicidade, sente tudo mais agudamente porque, durante o silêncio e a escuridão, alimenta-se à vontade dos seus prazeres ou das suas emoções, que nenhuma distração a impede então de analisar.

A manhã, pelo contrário, eleva a coragem e a força dos aflitos; parece-lhes trazer-lhes sempre algum raio de esperança. No entanto, como a Sra. Teste não devia ser magnetizada senão ao meio-dia, a manhã passou devagar. Ela estava fatigada de não ter dormido; mas, tudo somado, o seu semblante estava como de costume e estava longe de expressar tristeza. Eu também me forcei a estar calmo e alegre; mas este esforço custou-me algo e, fizesse eu o que fizesse para manter o meu semblante na ordem devida, tinha por vezes a desgraça de esquecer o meu papel. Contudo, estava apenas a entrar em cena e esta poderosa restrição devia durar ainda muito tempo. Finalmente, ao aproximar-se a hora, preparamo-nos para recomeçar a experiência do

dia anterior. A minha esposa, contrariamente ao seu costume, submeteu-se com extrema relutância.

«A julgar pela nossa sessão de ontem,» disse-me ela, «penso que o magnetismo faz mais do que me cansar, e que me fatiga. Notaste como fiquei agitada ontem à noite?»

«Sim, mas isso não foi culpa do magnetismo.»

«Foi tua, então?»

«Talvez sim; tinha tomado algum café contra o costume e, como desde que o magnetismo colocou o nosso fluido nervoso em comum, não podes evitar participar em tudo o que sinto, o estimulante que eu tinha bebido apenas para mim terá servido para ambos.»

«Isso é extraordinário,» disse ela, sorrindo, «mas é muito desgraçado para mim que tu me cedas apenas o lado mau das tuas sensações; ora, garanto-te, não tive a menor ideia que fosse do aroma que o teu café possa ter tido ontem à noite.»

«Isso acontecerá, naturalmente.»

«Deveras! ora não te vás envenenar, pois eu correria o risco de morrer.»

Ela não tinha pronunciado estas últimas palavras quando o sono a atacou. Eram então faltavam alguns minutos para o meio-dia. A expressão do sorriso permaneceu nas suas feições; mas, sem que nenhum dos músculos do rosto parecesse sofrer qualquer nova contração, esta expressão mudou e tornou-se sardónica; era o sorriso da morte. Alguns movimentos nervosos puseram-lhe todos os membros em movimento. A sua palidez tornou-se extrema e dir-se-ia que era uma estátua de mármore. Por fim, exclamou:

«Eu vejo! oh! sim, vejo... mas deixa-me chorar, meu querido, e falarei depois.»

Ela chorou, por conseguinte, e pela minha parte estava tão despedaçado que não conseguia articular uma palavra. Há emoções

que as almas bem formadas podem compreender, mas que pena nenhuma pode descrever. Finalmente, diz-me ela após alguns minutos:

«Meu querido, não será apenas por uma hora que teremos de sofrer, mas por uma noite inteira!»

«Mas quando então, se me podes dizer?»

«No próximo sábado.»

«Apenas?»

E estávamos então apenas na segunda-feira; e havia ainda quase uma semana inteira a decorrer para mim neste estado horrível... que dias! que horas! que minutos a contar! O que era feito de mim! durante seis longos dias ter o sorriso na boca e a morte na alma... No entanto, a minha esposa tomou-me pela mão e disse-me com uma doçura angélica:

«Tem coragem, meu querido, eu entendo-te; mas o Céu é justo e não nos abandonará; e ainda não sabemos que sorte nos está reservada.»

«Mas, peço-te, qual é a doença de que vais ser atacada?»

«Escuta: sábado à noite, às oito horas precisamente, terei convulsões... Oh! muito violentas... como nunca tive na minha vida. Estas convulsões durarão até às nove horas.»

«E depois?»

«Depois ficarei muito doente.»

«E durante a noite?»

«Ficarei muito doente ainda.»

«Terás a tua consciência?»

«Espera... não.»

«Não me conhecerás?»

«Não. Quando me magnetizares, poderei falar-te; mas, acordada, já não te ouvirei.»

«Até que hora estarás assim?»

«Até de manhã. Às seis horas estará tudo terminado.»

«O que queres dizer com isso?» disse eu, a tremer.

«Quero dizer que às seis horas... estarei melhor, ou se não... Oh! meu Deus! se tiver de ser que te vá deixar.»

«Não, criança; não fales assim, exageras o mal que nos vai acontecer.»

«Oh, não, se soubesses; o que vejo é medonho.»

«E no domingo, o que vês?»

«Não vejo nada.»

«Nos dias seguintes?»

«Nada, nada; acorda-me.»

«Mas o que se há de fazer por ti?»

«Dir-te-ei amanhã. Acorda-me, acorda-me, senão vou desmaiar.»

Eu obedeço. A Sra. Teste, tendo entrado na vida real, não conserva das emoções do seu sono senão uma agitação vaga, de que se enganou quanto à causa. Com um ar de despreocupação que só me deixa mais triste, retoma a conversa brincalhona que começara antes de ser posta a dormir; mas desta vez já não a ouço e respondo tão mal às suas perguntas que ela determina deixar-me em paz, exclamando contra o capricho do meu humor. Refleti então no papel que tinha a tomar. A primeira coisa que fiz foi informar os meus amigos do que me acontecera. Alguns riram-se da minha credulidade, outros participaram dos meus receios, todos me asseguraram da sua simpatia e da sua dedicação.

Agradeço a todos, mas nenhum deles, tenho a certeza, se estivesse hoje nas circunstâncias em que eu estava então, ficaria

menos alarmado do que eu fiquei. Uma ou duas vezes fui tentado a colocar na minha confiança alguns dos nossos grandes médicos que ainda não creem no magnetismo, quando me foi justamente observado que, sob tais circunstâncias, eu devia reunir em meu redor apenas pessoas bondosas e dedicadas; e que, no momento em que a vida da minha esposa estava em questão, as convicções científicas de fulano ou sicrano já não deviam interessar-me.

Estas reflexões eram sem dúvida justas; eu tinha-as feito antes de me serem sugeridas; reconheço, contudo, que se pudesse ter conhecido o verdadeiro desfecho do acontecimento que temia, este acontecimento teria tido como testemunhas outros homens além de amigos íntimos, cujos depoimentos serão sempre suspeitos. Sim! se a questão me dissesse respeito apenas a mim, não teria hesitado e, se a minha morte estivesse um dia destinada a efetuar o triunfo do magnetismo, gostaria que toda a Paris estivesse presente à minha última luta. Mas, nas circunstâncias em que me encontrava, deveres sagrados impunham-me um sacrifício que não teria feito por mim próprio. Havia então apenas um pequeno número de pessoas presentes.

• *Ele ouviu a última peça muito menos nitidamente, sendo o órgão muito fraco e, portanto, muito cronicamente fatigado.*

† Um acidente desgraçado, mas imprevisto, neutralizou os bons efeitos obtidos pelo M. Adam do magnetismo. A diligência em que regressava a Rouen tendo capotado na estrada, o M. Adam foi obrigado a caminhar duas léguas a pé sob uma chuva copiosa. Seguiu-se uma inflamação do peito e, em consequência, uma nova perda de audição. Mas há de o magnetismo ser culpado por isto?

Na noite de 29, a Sra. Teste continuou a passar razoavelmente; nada, certamente, indicava nela o ataque iminente de uma doença grave; no entanto, não tinha apetite para o jantar e tomou apenas um pouco de caldo.

A noite seguinte foi novamente uma noite de insónia para ela e para mim.

Sendo o calor considerável e o tempo tempestuoso, não vi nada de não natural no seu pouco apetite e na ausência de sono. Provavelmente, também, não o teria notado em quaisquer outras circunstâncias. Ainda assim, como este género de perturbação funcional continuou até ao fim da semana, fui por fim forçado a ver nele o precursor de uma afeção mórbida. Mas não antecipemos; pois as coisas não se passaram tão rapidamente como as narro.

30 de junho.— O Dr. Frapart e o M. Thévenot, boticário,* vieram a minha casa, de acordo com o meu convite, às duas horas da tarde. A Sra. Teste foi magnetizada diante deles às duas horas e meia. As coisas passaram-se quase da mesma maneira que na sessão do dia 29, exceto que a doente, concentrando o seu sofrimento mais eficazmente, respondeu apenas com uma estoica frieza às perguntas que lhe foram feitas. As suas revelações em nada diferem das que me foram feitas na ocasião anterior.

Relativamente às prescrições a que teremos de nos conformar, elas reduzem-se a algo de muito simples. Primeiro, nada no mundo pode conjurar a crise e impedi-la de ter lugar; todo o tratamento seria então supérfluo até ao dia decisivo (sábado, 4 de julho). Mesmo neste dia não haverá nada de particular a fazer até às sete horas e meia da noite, hora a que duas sanguessugas devem ser aplicadas à doente (sobre a região do coração).

Das oito às nove horas deve ser-lhe posto algum gelo na boca a cada quarto de hora; das nove às dez, deve tomar um banho a vinte e oito graus. Às duas horas terei de a magnetizar, a fim de receber dela as indicações a seguir para o resto da noite. A Sra. Teste promete-nos voltar a estes diferentes pontos nas próximas sessões. Além disso, a sua determinação está irrevogavelmente fixada relativamente ao que já prescreveu para si mesma. Assim, o M. Frapart apresenta-lhe em vão uma caixa homeopática, assegurando-lhe que infalivelmente encontrará nela algum específico apropriado à sua doença futura. Ela pega nalguns dos tubos, destapa-os, aplica-os ao nariz e volta a colocá-los imediatamente no lugar, assegurando-nos de novo que, para além das sanguessugas, do gelo e do banho, que prescreveu para si

mesma, nenhuma espécie de remédio lhe poderá ser útil. Acordo-a, então, depois de ter anotado todos os pormenores que ela nos acaba de dar; e estes senhores, ao sair, prometem secretamente encontrar-se em minha casa no sábado à noite.

A partir deste período, fiz questão de anotar involuntariamente as mais pequenas alterações que ocorressem na saúde da Sra. Teste. As disposições morais em que ela se encontrava durante os últimos dias da semana constituíam uma circunstância notável, e da qual devia dar conta aos nossos leitores. Ninguém lhe tinha revelado o acontecimento que o seu destino lhe reservava; nenhuma expressão indiscreta poderia ter feito com que o suspeitasse; e, no entanto, ela tinha o pressentimento dele.

Assim, como se alguma voz interior lhe tivesse sugerido que restava apenas um pequeno número de dias para passarmos juntos, um instinto irresistível prendia-a aos meus passos. Não se separava de mim um segundo e, se alguma razão plausível me forçava a afastar-me dela, chorava como se tivesse medo de nunca mais me ver. No entanto, não estava a sofrer. Dizia constantemente que não estava doente. Cem projetos respeitantes ao futuro misturavam-se com o terror indefinível que experimentava. Mas, fizesse ela o que fizesse, não conseguia dissipar a sua melancolia; e, apesar de toda a sua aparência de hilaridade, era fácil ver que falava e agia assim apenas com o propósito de afastar todo o pensamento, como uma pessoa a morrer que se esforça por se convencer a si mesma de que vai adormecer.

«Algo nos tem de acontecer,» disse-me ela; «sinto que não estou calma e quando tu não estás perco a tranquilidade.»

«Perdes a tranquilidade de quê?»

«Não sei, mas é mais forte do que eu. Olha! estou constantemente no estado de uma pessoa que, ainda comovida ao acordar de um sonho medonho, não consegue, contudo, recordar-se dele.»

«Sonhaste, então?»

«Não,» diz ela, sorrindo, «visto que não tenho dormido.»

«De onde vem, então, que já não dormes?»

«Sou eu que devia perguntar-te isso a ti, Senhor Doutor.»

«É verdade, considerarei o assunto; para isso dá-me até domingo.»

«De bom grado; mas poderias dizer-me por que razão tu já não dormes?»

«Eu... o estudo, a fadiga, o esforço mental... estas coisas tiram-me o sono.»

«É possível; mas presumo, meu querido, que haja algo mais com isso.»

«O quê, então?»

«Talvez um antegosto da calamidade que está prestes a cair sobre nós!»

«Tola que és!»

«Sim, sou uma tola, não o nego; mas crê em mim, meu querido, os pressentimentos não são meras coisas quiméricas e apenas os espíritos fortes zombam deles.»

«Devo então, neste caso, possuir um espírito forte, pois o meu ceticismo sobre este ponto é absoluto e sê-lo-á sempre.»

«Tanto pior para ti; mas espero, pelo menos, que a tua incredulidade respeite a minha fraqueza e que não me impeças de seguir a minha própria ideia.»

«Que ideia tens, então?»

«Uma daquelas que não te ocorrem com frequência: *quero confessar-me*.»

«Hoje?»

«Hoje mesmo.»

«Porquê?»

«Meu Deus! não me perguntes, pois não te responderia melhor sobre isso do que sobre o resto.»

Este desejo súbito e estranho perturbou-me completamente. Senti o meu velho materialismo médico ceder e eu, também, fui tentado a ver por um momento nesses pressentimentos algumas revelações mudas da Divindade. «Segue a tua inspiração,» disse eu, com uma gravidade de que a Sra. Teste ficou espantada; «ela vem, talvez, do céu.»

A nossa sessão magnética deste dia (2 de julho) não nos deu mais informações do que a do anterior, exceto que não pudemos deixar de ver um presságio muito desfavorável na melancolia e no extremo abatimento que provavelmente começaram a manifestar-se no dia seguinte. Uma grande alegria seria, pelo contrário, um bom augúrio, mas com isso mal se podia contar. No dia seguinte, por conseguinte, a minha esposa estava triste e muito abatida. Cada dia, pois, estava a privar-me de esperança.

3 de julho.— No entanto, o desejo quimérico de lutar com o destino apoderou-se de mim e, a fim de ser mais bem-sucedido em pôr a minha esposa alegre, convidei vários amigos para tomar o pequeno-almoço. O Dr. Amédée Latour era um deles; mas tinha sido acordado que não falaríamos nem de medicina nem de magnetismo, visto que do encontro destes dois inimigos irreconciliáveis surgiam inevitavelmente disputas intermináveis e desagradáveis, cujo único efeito é afastar as partes envolvidas, bem como aborrecer aqueles que têm a má sorte de as ouvir.

Aqui, pois, não há nem magnetizador nem médico, mas apenas convivas agradáveis, cada um dos quais, a fim de se conformar com a ordem do dia, faz o seu melhor para fornecer o seu contingente de piadas e hilaridade. A Sra. Teste queixa-se várias vezes da lassidão que sente em todos os membros, mas, no geral, não parece muito pior do que no dia anterior. Não come, é verdade, mas toma parte na conversa; brinca connosco e parece rir de bom grado das saídas de

espírito que nos escapam. Dir-se-ia, de facto, que ela adivinhava e participava nas nossas intenções. Pela minha parte, exerci tanta obstinação na ocasião que quase consegui vencer o meu desânimo. Tão verdade é que a excitação dos sentidos é o melhor antídoto para a melancolia, que há poucos desgostos que possam resistir constantemente a emoções físicas violentas. O prazer, se está longe de nos tornar felizes, goza, pelo menos, do privilégio de nos fazer esquecer os nossos desgostos. Ao concluir a refeição, tendo a Sra. Teste deixado a sala por alguns momentos, o Dr. Latour diz-me:

«Pois bem, meu amigo, o que é feito da tua fé?»

«A minha fé mantém-se inalterada,» disse eu.

«O que estás a dizer?»

«Digo que a minha fé é mais inalterável do que a tua incredulidade.»

«Como! Ainda tens as mesmas ideias relativamente à Sra. Teste?»

«Decididamente.»

«Mas, meu amigo, isso é loucura.»

«Deus o permita. Mas, seja como for, esta loucura será incurável em mim até ao próximo domingo.»

«Espantas-me de tal modo que já não te reconheço.»

«Isso é porque não me conhecias suficientemente bem.»

«Mas vejamos, meu amigo, reflete. Quaisquer que sejam os teus preconceitos contra a medicina, o teu bom senso médico devia ainda permanecer. Examina, questiona a tua esposa e dize-me, se puderes, que órgão nela está afetado e qual é a sua doença.»

«Reconheço, com toda a humidade possível, que não te posso satisfazer nesse ponto; mas mesmo que pudesse, é claro que a minha opinião de hoje nada provaria para amanhã à noite.»

«Até certo ponto. Ora, é necessário estar doente para morrer?»

«Sabes tão bem como eu que não é necessário estar doente durante muito tempo.»

«É perfeitamente claro que a Sra. Teste não o está de todo.»

«Isso é o que tu não sabes, e o que eu sei muito bem é que ela o estará amanhã à noite.»

«Porquê?»

«Um muçulmano responder-te-ia: Porque estava escrito. E eu responder-te-ei: Porque ela assim o disse.»

«Então, meu amigo, compadeço-me de ti e a tua convicção aflige-me duplamente.»

«Juro-te que me aflige mais a mim do que a ti; mas, por mais doloroso que me seja, nada a pode abalar.»

Amédée Latour, a quem estas últimas palavras deixaram sem resposta, encolheu os ombros e retirou-se.

«Pois bem,» disse eu à minha esposa, quando ele nos deixou, «os nossos amigos conseguiram distrair-te um pouco?»

«Não,» disse ela; «pois se estivesse sozinha teria estado a chorar.»

4 de julho.— Esta manhã, a Sra. Teste está tão fraca que mal se consegue suster. O pulso está um pouco frequente, mas ainda regular. Queixa-se de alguma dor na região precordial. Às dez horas da manhã magnetizei-a pela última vez. As suas previsões corresponderam às dos dias anteriores, e escrevi sob o seu ditado o programa da noite seguinte. A Sra. Teste não pode dar conta das causas da sua doença. «*Tem de ser assim*,» disse ela, «*e o magnetismo, de que serias tentado a suspeitar, não tem absolutamente nada a ver com isso*.»

De facto, relativamente à natureza da doença, dá uma explicação muito pouco qualificada para satisfazer o que um médico pretende. Diz que é sangue que vai subir e sufocá-la, se o gelo não o impedir. «*Estou muito doente,*» acrescenta ela, «*e se esta noite, às nove horas*,

eu não falar nem sorrir, já não se deve esperar nada.» Mal tinha pronunciado esta última frase, vi-me obrigado a acordá-la precipitadamente para evitar uma síncope.

O resto do dia passou devagar, muito devagar. As visitas eram incómodas e a solidão ainda mais. Queria falar e não encontrava nada para dizer; queria ler e não entendia o que lia; numa palavra, passei as horas a contar os minutos e cada um deles parecia-me infindo.

À tarde, a Sra. Teste sofreu mais do peito, ao mesmo tempo que se queixava de violenta dor de cabeça. Uma das suas faces (a esquerda) estava injetada de sangue, como a de um doente tísico; era então evidente desta vez que a Sra. Teste estava realmente doente; e se, contudo, um dos nossos confrades me tivesse perguntado o nome da sua doença, teria experimentado a mesma dificuldade em responder que no dia anterior. Como, de facto, havia eu de qualificar o estranho grupo de sintomas apresentado por ela? Não me recordava, em todas as minhas leituras médicas, de um único nome que lhe conviesse.

Noite de 4 para 5 de julho.— Agora aproxima-se o momento terrível em que a pavorosa questão de vida ou de morte está prestes a receber uma solução final. As impressões que deixou em mim estão ainda frescas na minha memória, e a minha pena pode encontrá-las todas no fundo do meu coração, se fosse de alguma utilidade descrever uma a uma aos meus leitores todas as peripécias desta noite terrível. Mas o que importa aqui é dar uma narrativa científica na qual o narrador se deve esquecer de si mesmo, de modo a falar apenas de factos.

Às sete horas, a Sra. Teste sente-se um pouco desfalecida e está tão oprimida que acha necessário recolher à cama. Declaro-lhe, então, que ela previu de manhã uma ligeira indisposição, que certamente evitará ao deitar-se; mas uma indisposição que, em todos os casos, não se deve prolongar para além das nove horas. Alguns momentos depois, apresento-lhe um jovem médico da sua relação, o meu talentoso amigo, M. Édouard Le Carpentier. A Sra. Teste recebe-o com a sua habitual afabilidade e conversa com ele, de modo a não o

deixar perceber que está a sofrer. Ora ela estava inquieta com os idas e meias que ocorriam nos aposentos vizinhos, mas a explicação que lhe dou sobre o assunto satisfá-la e dissipa todas as suas suspeitas.

Às sete horas e um quarto, os Srs. Doutores Frapart, Amédée Latour, Millardet, os Srs. Le Carpentier, Guinier e algumas outras pessoas estão silenciosamente reunidos numa das salas contíguas àquela em que a doente está deitada. Ela diz agora que está melhor desde que se deitou. Apenas eu estou perto dela.

Às sete horas e meia, a Sra. Teste não parece pior; no entanto, disse que às sete horas e meia era necessário aplicar duas sanguessugas sobre a região do coração. Certamente, eu estava muito longe de ter esquecido esta injunção e, contudo, hesito em conformar-me com ela. E se a crise das oito horas não viesse? — se ela estivesse enganada? — se não houvesse nada de verdadeiro nas suas profecias? Mas empregar a medicina com uma mulher que não parece doente, que poderia, provavelmente, não o estar de todo, isto desconcertava-me e sentia a minha fé ceder. Entro então na sala onde os senhores estão reunidos.

«São sete horas e meia,» disse-lhes eu. «Devem aplicar-se as sanguessugas?»

«Como! se devem?» exclama o Dr. Frapart, com essa voz estridente e mímica viva da qual apenas as pessoas que conhecem o nosso amigo podem fazer uma ideia. «Vai, então, infeliz! vai, então, a vida da tua esposa está em jogo; estas sanguessugas deviam ter sido postas há um minuto.»

«Mas se ela não quiser que lhas apliquemos?»

«Vai, então, digo-te; é preciso saber se ela as quer ou não.»

Ai de mim! o Dr. Frapart estava então comigo como eu estaria, sem dúvida, com ele em circunstâncias semelhantes; tinha toda a sua frieza. As sanguessugas foram então aplicadas, aos oitenta segundos passados das sete e meia. Estes segundos suplementares parecerão ridículos a mais do que um dos nossos leitores, mas agora que me

tornei calmo novamente e recuperei, não direi toda a minha lógica, pois não se trata aqui de uma questão de lógica, mas toda a minha recordação, estou persuadido de que este miserável erro de oitenta segundos teve uma influência assinalada na maneira como as coisas se passaram durante o resto dessa noite.

A escassos minutos das oito horas, os nossos confrades vieram para o aposento; dispõem-se em silêncio ao redor da cama; mas a doente já não os vê, pois parece estar num estado de síncope. Os olhos estão fechados, as feições estão baças e desprovidas de expressão, todos os membros estão imóveis. No entanto, o pulso é regular, isto é, quase normal, tanto em amplitude como em frequência. Esperamos.

Finalmente, soam as oito horas e todos os olhos estão fixos na doente. O som do relógio ainda ecoa nos nossos ouvidos quando, eis que ela começa a mover-se! Tudo o que ela previu vai cumprir-se, então! Oh! meu Deus! Aqui começa para mim uma daquelas cenas horríveis que marcam e formam uma época na vida de um homem, e cuja imagem permanece para sempre a mesma se ele vivesse mil anos. Oh! sim, ainda vejo dentro da grande alcova, onde a luz ténue das velas chega fracamente, — ainda vejo a minha pobre esposa estendida na sua cama de dor e a devorar tacitamente os seus sofrimentos. No início, são os seus dedos e as suas mãos que se agitam; depois os seus braços, que se torcem em todas as direções, como se já não restasse nem articulação nem osso; depois as extremidades inferiores são atacadas, depois os músculos da espinha, depois todo o corpo. Às oito horas e dez minutos a cena torna-se mais agitada. Os suspiros profundos que lhe elevam o peito em breve se transformam em gritos sufocados, depois, pouco tempo depois, em gritos altos.

O movimento clónico, que alternadamente separa e aproxima os arcos dentários, produz, de momento a momento, um ranger que se ouve indistintamente. Dá-se-lhe gelo a cada quarto de hora, mas é com dificuldade que se lhe consegue pôr na boca. Às vezes o fecho das mandíbulas opõe-se-lhe invencivelmente; às vezes, no instante em que o pedaço de gelo é apresentado, uma contração súbita dos masséteres

faz voar uma parte em pequenos fragmentos, enquanto o resto é quebrado por um único golpe sob os dentes.

Às oito horas e meia a agitação está no seu auge. Quatro pessoas fortes mal conseguem manter a Sra. Teste na cama. Dir-se-ia, a cada momento, que ela está prestes a partir a testa ou um dos membros. Oh! bom Deus! que longa hora é esta... por fim, a exaltação convulsiva torna-se progressivamente mais intermitente e é sucedida por paroxismos marcados, que se tornam cada vez mais distantes uns dos outros. O último ocorre a escassos dez minutos das nove horas; é mais violento do que os outros, é terrível; é um grito que nos estarrece a todos. Mas, por fim, acalma e é seguido por um grande abatimento, e contudo a hora* — a hora soou, mas não a ouvimos.

Nove horas! e ela tinha-me dito que se às nove horas não falasse nem sorrisse, tudo estava terminado e já não restava esperança. Pois bem! são mais de nove e ela não falou! não sorriu! em vão a chamo pelo seu nome cem vezes; ela já não me ouve, pois já não me responde! Agora, pois, é a sua luta final! Oh, eu sofro mais do que ela! — Ela é posta num banho; mas, exceto uma respiração impercetível e algumas pulsações arteriais mal percetíveis, nada, absolutamente nada, evidencia que a vida ainda permanece. O seu cabelo caiu e está molhado no banho, quando, para a impedir de se afogar, se torna necessário que eu a sustenha pelos ombros. A sua cabeça oscila e inclina-se segundo a posição que lhe é dada, e cede sem resistência às leis da gravidade; haverá ainda um pensamento nesta cabeça, que cai assim? Isto nenhum de nós saberia dizer.

- *A Sra. Teste disse-me de manhã que, ao magnetizá-la durante as suas convulsões, eu apenas retardava a crise, sem impedir a sua ocorrência.*

- *Residindo na Rua Sainte-Marguerite, 36.*

No entanto, no outro lado da sala, uma discussão animada, que na verdade não ouvi, instalou-se entre dois dos presentes.

«É abominável,» diz um, «esta mulher está a morrer, é evidente, e não fazem nada por ela!»

«O que queria que se fizesse?»

«Que sei eu! Eu! chamem-se médicos; sangra-se-lhe; deem-se-lhe antiespasmódicos; um clister de assafétida; mas em nome do Céu, não a deixem deste modo!»

«Ela própria não prescreveu nem clister, nem sangria, nem assafétida.»

«Mas o que ela prescreveu é absurdo!»

«O que sabe disso?»

«Não me venha com o seu magnetismo!»

«E não me venha o senhor com os seus médicos!»

«Seja assim; mas o senhor terá de responder pela morte de uma mulher.»

A estas palavras o primeiro orador, que não era outro senão o Dr. Amédée Latour, saiu indignado, deixando o Dr. Frapart a ler tranquilamente o seu jornal. Eu já não podia mais, e a fadiga corporal que sofri ao sustentar a minha esposa três quartos de hora no banho, somada aos meus sofrimentos morais, esteve quase a fazer-me desmaiar. E depois era um facto, — eu via-a morrer.

«É a hora, M. Frapart?»

«Faltam dez minutos ainda,» respondeu o impassível leitor, depois de se certificar lançando um olho para o relógio. «Dez minutos! como é longo! Afinal, se tudo o que falta é coragem, iremos até ao fim.»

Batem finalmente as dez horas. Magnetizo a Sra. Teste, que tinha sido recolocada na sua cama. Desta vez ela fala! mas tão baixo que mal a ouço.

«Tudo muito mal,» diz-me ela, «e estou muito doente.»

«Poderás em breve falar acordada?»

«Não.»

«Mas quando é que finalmente a fala te voltará?»

«Não sei de nada.»

«Sofres muito?»

«Oh! sim.»

«O que se deve fazer por ti?»

«Mostarda.»

«Nas pernas?»

«E nos pés.»

«Quanto tempo em cada lugar?»

«Dez minutos.»

«Deve continuar-se o gelo?»

«Sim.»

«A noite toda?»

«Sim. Deixa-me dormir um pouco e não me faças falar; fatiga-me.»

«Quanto tempo te devemos deixar dormir?»

«Um quarto de hora.»

Obedeço-lhe, e não a acordei senão depois de passado o quarto de hora. Assim que acordou, caiu para trás e não falou mais. Era evidente que estava então sem consciência; uma circunstância que me sugeriu, logo nessa noite, certas reflexões que desejo submeter aos nossos leitores. Certamente, este é dificilmente o lugar para discutir a natureza e a imortalidade da alma, e contudo, visto que esta questão metafísica me atravessava o espírito no próprio instante de que falo, deve estar ligada diretamente aos acontecimentos que relato. Não é uma coisa espantosa, de facto, esta mulher, na própria agonia da morte, recuperar toda a integridade da sua inteligência às próprias portas do seu túmulo?

O argumento mais poderoso alguma vez avançado contra a imaterialidade da alma pareceu-me sempre ser este: a alma não pode existir sem órgãos; nasce com o nosso corpo, desenvolve-se com ele e envelhece com ele. O pensamento é evidente e essencialmente subordinado a condições físicas. A criança mal pensa; o adulto (em boa saúde) goza de todas as suas faculdades intelectuais; estas últimas declinam no velho, pervertem-se na idade muito avançada, tornam-se quase aniquiladas no moribundo e abandonam completamente o morto. O que é feito então da alma quando o homem expira?*

Mas isto não é tudo: interrogai os frenologistas; à simples inspeção dos crânios dir-vos-ão: Aqui está um homem que pensa bem; Aqui está outro que pensa mal; Eis um terceiro que pensa de tal e tal modo. Os frenologistas não estão errados; deve admitir-se então com eles que todas as manifestações da nossa alma dependem da conformação do nosso crânio, ou, se assim o quiserdes, do nosso cérebro; de modo que se fosse possível retirar sucessivamente a um homem, sem o matar, as partes do seu encéfalo que correspondem a cada uma das faculdades mentais, poderíamos reduzir progressivamente o domínio do seu intelecto de tal maneira que não lhe deixássemos nem uma ideia nem uma sensação. Neste último caso, novamente, o que seria feito da sua alma?

Ora, esta ficção é quase diariamente realizada por factos. Entrai num manicómio: um perdeu a memória; outro perdeu as suas afeções; um terceiro, o seu julgamento; um quarto, até o instinto da sua própria conservação. Mas qual é a origem de todas estas desgraças? Que causas puderam então alterar assim a essência inalterável que nos anima? Um acidente inteiramente físico, uma queda, uma pancada na cabeça, ou uma emoção violenta; eis o que há dez anos e mais faz com que todas estas almas entrem em delírio. Mas o quê! a nossa alma, então, está assim sujeita aos mais pequenos casualismos da matéria! a sua existência está até esse ponto ligada à do organismo. Não há sofrimento, nem alterações, que não sejam comuns aos dois! e dizeis que não morrem juntos! Paradoxal!

Digo-vos eu, orgulhoso paradoxo com que se divertem os homens que, para tornarem as abordagens de uma dissolução total menos amargas, se aprazem em sonhar com a quimera consoladora de uma vida eterna. Retenhamos ainda o nosso julgamento por um momento; pois eis a contrapartida de tudo o que acaba de ser lido. Magnetizai um idiota: — ele pensa justamente. Magnetizai um louco:† — ele pensa racionalmente. Magnetizai um moribundo:‡ — ele dir-vos-á com todo o seu bom senso tanto quanto lhe restar de força para falar. O magnetismo, pois, isola a nossa alma e liberta-a de certo modo dos seus laços terrestres. O caso que apresentamos é a prova disso; mas sigamos agora o curso da nossa narrativa.

11 horas.— O estado da doente não mudou. Ela está calma ou antes imóvel; o seu rosto está percetivelmente corado; as veias do pescoço estão inchadas e salientes; as pulsações no pulso são isócronas e perfeitamente regulares; mas continua sem haver consciência.

«O que pensa o meu amigo?» disse eu ao Dr. Frapart.

«Aparentemente o mesmo que o amigo pensa,» respondeu ele; «isto é, que não há que enganarmo-nos e que ela me parece muito doente; mas penso, contudo, que, ajudando Deus, conseguirá trazê-la a si.»

«Não veem nada de particular a fazer, senhores?» Ninguém me respondeu.

Eu estava vencido e, ao retirar-me para outra sala, o meu amigo Frapart seguiu-me; ele compreendeu-me e permaneceu durante mais de um quarto de hora antes de me falar. Perguntou-me então se eu pensava que a sua presença poderia ser de alguma utilidade para o resto da noite. Disse que não. Ele tomou então a minha mão, apertou-a afetuosamente e prometeu voltar antes das seis horas da manhã. O M. Le Carpentier deixou-me um pouco depois, e apenas os MM. Millardet e Guinier permaneceram comigo.

Os sinapismos tinham sido aplicados; mas, exceto a vermelhidão das barrigas das pernas e das plantas dos pés, não produziram nenhum efeito sensível. Continuámos a dar o gelo a cada quarto de hora.

Meia-noite.— A doente é magnetizada novamente; a sua voz é ainda tão fraca que ninguém a pode ouvir senão eu; o meu ouvido tem de estar colado à sua boca.

«Como te encontras, meu amor?»

«Ainda muito doente.»

«Onde sentes dor?»

«No peito; estou a sufocar.»

Por conseguinte, as suas mãos, que são levadas por um movimento espontâneo constantemente à região esternal, estão contraídas como se quisesse arrancar algo que a estivesse a restringir ou a oprimir.

«Vou então deixar-te!» continuou ela, tristemente.

«Não! Deus não quererá tal.»

«O que Lhe fiz eu então?»

A estas palavras os seus olhos abriram-se e voltaram-se para cima. Estavam completamente baços, embora uma expressão mística parecesse animá-los. Falei-lhe novamente, mas ela cessou de me responder e continuou assim por alguns minutos. Finalmente os seus olhos baixaram e disse-lhe:

«Já não queres falar comigo?»

«Sim, mas pedi a Deus que não nos separasse. Gostava de O ver — a Deus.»

«Nunca O viste?»

«Não.»

«Ficarás muito tempo sem consciência?»

«Sim.»

«Quando, então, estiveres acordada, serás capaz de me ouvir e compreender?» Ela hesita e parece magoada com a minha pergunta. Sinto no meu ombro uma ligeira pressão do seu braço; depois, finalmente, solta um grito sufocado:

«Nunca!»

Observo agora silêncio, pois o meu pensamento morre nos meus lábios sem que eu encontre força suficiente para o expressar. No entanto, retomo alguns minutos depois:

«Há algo de novo a fazer-se?»

«Não! tudo seria inútil.»

«Quando será necessário magnetizar-te?»

«Às três horas.»§

«Devo acordar-te?»

«Sim!»

Acordo-a, e estou certo de que ela já não dorme a partir do momento em que cessa de me ouvir.

Da uma às três horas, pequenos movimentos convulsivos mostram-se, os quais acalmo por meio de alguns passes. A respiração está evidentemente constrangida e a doente continua a aplicar as mãos ao peito. Finalmente, assim que batem as três horas, magnetizo-a. A sua voz está um pouco mais forte do que estava à meia-noite. Diz também que pensa encontrar-se um pouco melhor. No entanto, ainda dá poucas esperanças relativamente ao desfecho da doença.

«Às seis horas estará tudo terminado.»

«O que queres dizer com isso?»

«Que às seis horas estarei a dar-me muito melhor, ou então... Isto seria uma grande desgraça para o magnetismo,» continuou ela, «pois não deixarão de atribuir a minha morte a ele (ela pensava em tudo).»

«Mas vês para além das seis horas?»

«Não.»

«Amanhã, por exemplo, como irás estar?»

A resposta que deu foi outro grito, acompanhado de movimentos convulsivos. O futuro para ela não se estende, pois, para além de algumas horas. A Mlle. Clary D*** também declarara que nada via para além de 4 de junho, e esse foi o próprio dia em que cessou de viver. Não importava o que eu fizesse para o afastar, este pensamento ocorria-me incessantemente, e mal passava um minuto sem ser perturbado por esta recordação sombria e impressionante.

A Sra. Teste pediu para ser magnetizada às quatro horas e meia. Apesar das apreensões que me acabara de expressar, começo agora a participar da esperança dos meus amigos, pois embora ela continue ainda a não falar, a melhoria no seu estado parece inegável. Pois se não fala, evidentemente compreende-me, visto que se esforça por reter a minha mão na sua. Por fim, magnetizo-a. Ela confessa que se encontra melhor; mas às cinco horas e meia um novo ataque de convulsões há de vir, tão violento, pelo menos, como os da noite, um ataque que há de decidir o resto. Esta revelação, à qual não contávamos, manda a morte para a própria alma.

«Veem, senhores,» disse eu aos meus amigos, «esperámos cedo demais; e quando um sonâmbulo está alarmado, tem razão para o estar. Mas vejamos! Visto que temos de esperar até ao fim, esperaremos.»

Fiel à sua promessa, o Dr. Frapart acabou de entrar às cinco horas e meia. As convulsões vieram ao mesmo tempo e julgo realmente que nunca vi nada parecido. Ai de mim! é porque os doentes que eu tinha até então observado não me tinham tocado tão de perto. Finalmente, batem as seis horas; a batida do relógio soa-me ao ouvido como um dobre a finados! Já não vejo nada, mas ouço um grito lúgubre; depois, no meio do silêncio sepulcral que lhe sucede, a voz impassível do meu amigo Frapart pronunciando estas duas palavras: «Está terminado!»

«Está terminado!!! O quê! a vida?»

«Não! a crise.»

«Ela vive, então, ainda?»

«Espera! Sim! Em alguns instantes julgaremos melhor.»

Às sete horas, a Sra. Teste abriu os olhos e falou.

Tinha tomado uma letargia pela morte!!!

O caso que acaba de ser lido levanta várias questões importantes.

1.º Pode dizer-se que a doença da Sra. Teste não era tão grave como supúnhamos, o que é muito possível; e poderia ter sido tão bem aliviada pelos meios ordinariamente empregues em tais casos, como sob a influência das sanguessugas e do gelo que a doente prescreveu para si mesma, cuja última afirmação não pensamos de todo que seja desprovida de probabilidade. Mas supondo que os médicos tivessem sido chamados, como o Dr. Latour desejava, e que tivéssemos seguido os seus conselhos, sabemos quais teriam sido os resultados ulteriores da sua perícia?

Há cinco anos, tive ocasião de tratar a Sra. Teste como seu médico. Ela estava então a sofrer de uma afeção nervosa. É uma coisa bem conhecida dos seus parentes que tive a assinalada honra de em breve triunfar sobre os seus paroxismos. Mas o que foi feito do meu triunfo? Que a pobre doente foi obrigada a guardar a cama durante cinco anos. E não se suponha que este é um caso excecional; pois, do meu próprio conhecimento, mal há um único caso de afeção nervosa curado pela medicina.

2.º O que devemos pensar do erro de previsão que, no caso da Sra. Teste, nos fez recear a morte? Respondo que este erro é um daqueles que os sonâmbulos podem cometer, mas que certamente raramente cometem. Sobre este assunto lemos o seguinte na brochura do M. Koreff:* «Menciona no seu quinto capítulo (o autor dirige-se a Deleuze) uma predição dos sonâmbulos que várias vezes me deixou inquieto e que muitas vezes achei incorreta — a da sua morte. Desde

então descobri que os sonâmbulos se enganam frequentemente sobre este ponto, tomando crises perigosas, síncopes violentas pela morte; confundindo, talvez, o que há de análogo entre estas transições abruptas e as terminações irrevocáveis da vida. Este é um dos pontos mais incertos nesta região obscura, estamos inteiramente faltos de sinais positivos para distinguir a verdade do erro. Coube-me em sorte achar que os sonâmbulos predisseram corretamente a morte de várias pessoas, e ficaram completamente enganados relativamente a outras», etc.

CAPÍTULO XV

MEDICINA DOS SONÂMBULOS

Deve admitir-se que até agora a conduta da Academia Real de Medicina para com o magnetismo animal tem sido, pelo menos, estranha. Eis os factos. Julgue o público.

A 11 de outubro de 1825, o Dr. Foissac dirige uma carta à Academia de Medicina, a fim de obter deste douto corpo um exame circunstanciado dos fenómenos magnéticos que se oferece para apresentar à sua observação. Uma Comissão é então nomeada para examinar a questão, a saber: se a Academia deve ou não considerar o assunto do magnetismo. Os senhores nomeados para este propósito, Adelon, Pariset, Marc, Burdin sénior e Husson, decidem pela afirmativa; e após os ruidosos debates ocasionados pelo seu relatório durante as sessões seguintes, de 13 de dezembro a 14 de fevereiro, a Academia vota por escrutínio secreto e adota apenas por uma maioria de dez vozes a conclusão do relatório. No entanto, não obstante os preconceitos inconcebíveis e inqualificáveis da minoria, a Comissão pedida pelo M. Foissac é finalmente nomeada. Demos no nosso primeiro capítulo os nomes dos honrados membros que a compunham.

Ora, durante seis anos consecutivos, estes distintos sábios dedicaram-se a um trabalho incessante para cumprir a missão que lhes fora confiada; e é apenas após o decurso destes seis anos, durante os quais é absurdo admitir que estes hábeis observadores tenham sido

constantemente ingénuos, que decidem submeter a relação dos factos que viram ao tribunal competente. Pois bem! o que é produzido por este relatório à Academia? Ainda discussões, discussões para sempre (como se factos pudessem ser discutidos), e nada mais... Mas, senhores, os comissários que vós próprios nomeastes eram competentes, ou não eram.

Se não eram, não deviam ter sido nomeados; e se eram, de onde vem, então, que já não pensam no relatório do M. Husson mais do que se ele nunca tivesse existido? É da vossa parte apenas uma falta de conclusividade? Por respeito por vós, senhores, estou disposto a acreditar que sim; mas não levareis a mal que, para o propósito de popularizar um pouco as declarações notáveis dos vossos colegas, os quais vários de vós não hesitaram em desvalorizar ridicularizando-os, eu peça emprestado ao texto os elementos daquelas convicções que estou a esforçar-me por propagar.

> • *Recomendaríamos ao nosso autor que se mantivesse nos factos simples do magnetismo animal e não preocupasse a sua cabeça com teorias. O exemplo acima de raciocínio (?) metafísico prova a solidez do nosso conselho. Não seria necessário um Aristóteles para apontar a grande quantidade de sofisma que figura em toda esta tirada. Quase pensamos que teria sido igualmente bem omitido na tradução inglesa; não nos sentimos, contudo, perfeitamente autorizados a deixá-lo de fora. — Tradutor.*

*† Ver p. 155. O caso de Henrietta L*** no meio de um acesso agudo. Imediatamente quando em estado de sonambulismo, ela diz-me: «Estou louca, muito louca, mas não durará muito tempo se me atender devidamente. O meu estado deve-se à supressão da minha menstruação. Devo ser sangrada numa hora. Não o desejarei; mas devo ser sangrada apesar de mim. Apenas para o realizar, empregue a doçura em vez da força, pois aumentaria a minha perturbação irritando-me.» Espero que isto não tenha sido mais do que loucura.*

*‡ Tendo feito esta observação diante de um dos nossos confrades, ele diz-me: «O que lhe prova agora que a Sra. Teste estava realmente tão doente como parecia estar?» «Nada,» disse eu; «mas se não está satisfeito com este exemplo, citar-lhe-ei outro: a Mlle. Clary D*** (ver p. 104) meia hora antes de morrer, em estado de sonambulismo, mandou chamar todos os seus amigos e falou-lhes com toda a sua razão. Mas quem sabe? A Mlle. Clary talvez contrafeça a morte desde essa altura.»*

*§ A este momento, o Dr. *** fez esta estranha pergunta à doente: «Minha senhora, que horas são?» «É esta a altura para pensar em experiências?» disse eu, abruptamente. Mas a Sra. Teste já se tinha antecipado a mim dizendo: «Vinte minutos passados da meia-noite;» uma resposta cuja exatidão espantou o experimentador ainda menos do que a sua apóstrofe inoportuna me tinha escandalizado. É dificilmente necessário observar que aqui não tínhamos nada a ver com um fenómeno de visão.*

- *Lettre d'un Médecin Étranger, etc. P. 30.*

Página 21.

Tomo, pois, do relatório de 1831 os meus primeiros factos respeitantes à medicina dos sonâmbulos.*

«A Mademoiselle Céline foi posta em estado de sonambulismo na presença da Comissão, a 18 e 21 de abril, 17 de junho, 23 de dezembro de 1826, 13 e 17 de janeiro e 21 de fevereiro de 1827.

Ao passar do estado de vigília para o de sonambulismo, ela sente um frio muito percetível ao termómetro: a sua língua torna-se seca e áspera, de macia e húmida como estava antes. A sua respiração, anteriormente doce, é fétida e repulsiva.

A sensibilidade está quase abolida durante o seu sono, pois faz seis inspirações tendo sob as narinas um frasco de ácido clorídrico e não manifesta qualquer emoção com isso. O M. Marc belisca-a no pulso; uma agulha de acupuntura é cravada três linhas na coxa esquerda; outra, duas linhas no pulso esquerdo. As duas agulhas são

ligadas por um condutor galvânico; desenvolvem-se movimentos convulsivos na mão e a Mademoiselle Céline parece completamente alheia a tudo o que se lhe faz. Ela ouve as pessoas que lhe falam muito perto dela e tocando-lhe, e não ouve o ruído de dois pratos quebrados inesperadamente ao seu lado.

É quando está mergulhada neste estado de sonambulismo que a Comissão reconheceu nela, por três vezes, a faculdade de descobrir as doenças das pessoas que toca e de indicar os remédios a opor-lhes.

A Comissão encontrou entre os seus membros alguém que consentiu em submeter-se ao exame desta sonâmbula; foi o Monsieur Marc. A Mademoiselle Céline foi solicitada a examinar cuidadosamente o estado de saúde do nosso colega. Ela aplicou a sua mão na testa e na região do coração e, após três minutos, diz: que o sangue tinha uma tendência para a cabeça; que no momento o Monsieur Marc estava afetado no lado esquerdo desta cavidade; que tinha frequentemente opressão, especialmente depois de comer; que devia ter frequentemente uma ligeira tosse; que esta parte (apontando para a região da cartilagem ensiforme) estava contraída; que para curar o M. Marc seria necessário sangrá-lo copiosamente; que deveriam aplicar-se cataplasmas de cicuta e que deveriam empregar-se fricções com laudano sobre a parte inferior do peito; que ele devia beber limonada gomosa, que devia comer pouco e frequentemente, e que devia passear imediatamente após comer.

Procurámos depois saber do M. Marc se ele sentia tudo o que a sonâmbula dizia. Ele disse-nos que sentia realmente opressão quando caminhava ao levantar-se da mesa; que tinha frequentemente alguma tosse; e que, antes da experiência, tinha uma dor no lado esquerdo da cabeça, mas que não sentia dificuldade na passagem dos alimentos.

Ficámos impressionados com esta analogia entre o que o M. Marc sente e o que a sonâmbula anuncia; anotámo-la cuidadosamente e aguardámos outra oportunidade para testar de novo esta singular faculdade! Esta oportunidade foi oferecida ao relator, sem que ele a

tivesse solicitado, pela mãe de uma jovem de quem cuidava há muito pouco tempo.

A Mademoiselle de N***, filha do M. de N***, par de França, de cerca de vinte e quatro anos de idade, sofria de ascite há cerca de dois anos, acompanhada de várias obstruções, algumas do tamanho de um ovo, outras do tamanho do punho, algumas do tamanho da cabeça de uma criança, as principais das quais tinham a sua sede no lado esquerdo do abdómen. O exterior do abdómen era desigual, enrugado, e estas desigualdades correspondiam às obstruções sedeadas na cavidade abdominal. Dupuytren já tinha puncionado esta doente dez ou doze vezes e extraído sempre uma grande quantidade de albumina clara, límpida, sem odor e sem qualquer mistura. Este tratamento era sempre acompanhado de alívio.

O relator esteve presente três vezes a esta operação e foi fácil para Dupuytren e para ele certificar-se do tamanho e da dureza destas tumorações e, consequentemente, saber da sua incapacidade de curar esta doente. Prescreveram, contudo, diferentes remédios; deram alguma importância ao facto de a Mademoiselle ter sido posta no uso do leite de uma cabra com a qual se tinham empregue fricções mercuriais.

A 21 de fevereiro de 1827, o relator foi em busca do M. Foissac e da Mademoiselle Céline, e conduziu-os a uma casa, na rua do Faubourg du Roule, sem os informar do nome, sede ou natureza da doença da pessoa que desejava submeter ao exame da sonâmbula.

A doente não apareceu na sala onde a experiência era conduzida senão depois de o M. Foissac ter posto a Mademoiselle Céline a dormir; depois, tendo posto uma das suas próprias mãos nas dela, examinou-a durante oito minutos, não como um médico faria, pressionando o abdómen, percutindo-o, procurando em todas as direções, mas meramente aplicando a mão levemente várias vezes no abdómen, peito, costas e cabeça.

Quando interrogada para averiguar dela o que tinha observado na Mademoiselle de N***, respondeu que todo o abdómen estava doente;

que havia escirro e uma grande quantidade de água do lado do baço; que os intestinos estavam muito inchados; que havia bolsas nas quais vermes estavam encerrados; que havia massas do tamanho de um ovo nas quais estavam contidas matérias puriformes, e que estas massas seriam dolorosas; que havia no fundo do estômago uma glândula aumentada do tamanho de três dos seus dedos; que esta glândula estava dentro do estômago e devia prejudicar a digestão; que a doença era antiga e que por fim a Mademoiselle de N*** teria dores de cabeça. Prescreveu o uso de uma tisana de borragem e de grama nitrada, de cinco onças de sumo de parietária, tomado todas as manhãs, e de um pouco de mercúrio tomado no leite. Acrescentou que o leite de uma cabra que tivesse sido friccionada com pomada mercurial meia hora antes de a ordenhar serviria melhor;* além disso, prescreveu cataplasmas de flores de sabugueiro constantemente aplicadas no abdómen, fricções nesta cavidade com óleo de louro ou, à falta deste, com o sumo deste arbusto junto ao óleo de amêndoas doces, um clister de decoada de quina misturado com uma decoada emoliente.

A sua dieta devia consistir em carnes brancas, leite e dieta farinácea, nada de limão. Permitiu muito pouco vinho, etc., etc. Este tratamento não foi seguido; e mesmo que o tivesse sido, não teria salvo a doente. Ela morreu um ano depois. Não houve exame post-mortem do corpo, de modo que o que a sonâmbula tinha dito não pôde ser verificado em todos os seus pormenores.

Numa circunstância delicada onde médicos muito hábeis, dos quais vários são membros da Academia, tinham prescrito um tratamento mercurial para um enfartamento das glândulas cervicais que atribuíam a uma mácula venérea, a família da doente, percebendo o sobrevir de sintomas graves, desejou ter o conselho de uma sonâmbula. O relator foi chamado a estar presente a esta consulta e não negligenciou aproveitar esta oportunidade de ainda acrescentar ao que a Comissão tinha visto. Encontrou uma jovem mulher, a Sra. Condessa de L. F., tendo todo o lado direito do pescoço profundamente enfartado por uma grande quantidade de glândulas

aglomeradas. Uma delas foi aberta e deu saída a uma matéria purulenta amarelada.

A Mademoiselle Céline, a quem o M. Foissac magnetizou na presença do relator, colocou-se em relação com a doente e disse que o estômago tinha sido atacado por uma substância, como que veneno; que os intestinos estavam ligeiramente inflamados; que existia no lado superior e direito do pescoço uma doença escrofulosa, que seria mais considerável do que era no presente; que, ao seguir um tratamento que ela ia recomendar, haveria alguma melhoria em quinze dias ou três semanas.

Este tratamento consistia em oito sanguessugas na boca do estômago, alguns grãos de magnésia, papa de aveia, um purgante salino todas as semanas, dois clisteres todos os dias, um de uma decoada de quina e imediatamente a seguir um de raiz de alteia, fricções de éter nos membros, um banho todas as semanas; e quanto à dieta, leite, carnes leves e abstinência de vinho. Este tratamento é seguido durante algum tempo e houve uma melhoria percetível. Mas a impaciência da senhora doente, que pensava que o regresso à saúde não era suficientemente rápido, determinou a família a chamar um novo grupo de médicos. Foi resolvido que a doente devia ser submetida a um novo tratamento mercurial. O relator cessou então de a ver e soube que, após o emprego do mercúrio, ela tivera sintomas muito severos no estômago, que a apressaram para a sepultura, após dois meses e meio de sofrimento.

Um relato escrito da autópsia, assinado pelos MM. Fouquier, Marjolin, Cruveilhier e Foissac, mostrou que existia um enfartamento escrofuloso ou tubercular das glândulas do pescoço, duas pequenas cavidades cheias de pus, resultantes de tubérculos no cimo de cada pulmão; a membrana mucosa do grande fundo do estômago estava quase inteiramente destruída. Estes senhores averiguaram, além disso, que nada indicava a presença de uma doença venérea, quer recente quer antiga.

O resultado destas observações é: 1.º, que, no estado de sonambulismo, a Mademoiselle Céline indicou as doenças de três pessoas com quem tinha sido posta em relação; 2.º, que a declaração de uma, o exame feito da outra após três punções e a autópsia da terceira estavam em exata conformidade com o que a sonâmbula tinha declarado; 3.º, que os diferentes tratamentos prescritos por ela não saem do círculo dos remédios que ela poderia conhecer, nem da ordem das coisas que ela poderia razoavelmente recomendar; e 4.º, que os aplicou com uma espécie de discernimento.»

Deve admitir-se que, se nos casos agora lidos o diagnóstico formado pela Mademoiselle Céline fosse o mero resultado do acaso, o acaso era tão grande que devia parecer milagroso. Mas milagres deste género são hoje em dia tão comuns que é impossível recusá-los sem admitir que, de momento, todo o mundo civilizado está salpicado de uma multidão de gente honrada a abjurar toda a espécie de princípios honestos para se tornarem magnetizadores, isto é, velhacos e impostores. Mas deixemos passar as desmentidas rasas da polémica, às quais mais alguns anos farão ampla justiça, pelo que valem; pois dar a nega em polémicas não é considerado mais do que uma insulte, e negar a existência de um facto está muito longe de provar a sua impossibilidade.

Quais são as faculdades que os sonâmbulos devem apresentar para estarem qualificados para dar conselhos aos doentes? Tal é o problema que estamos agora prestes a resolver.

E, primeiro, direi que, quaisquer que sejam estas faculdades, todos os sonâmbulos estão longe de as possuir. Conheci mesmo sonâmbulos lúcidos perfeitos que não as possuíam, ou que as possuíam apenas imperfeitamente. Estes, contudo, ao descreverem exatamente as alterações orgânicas que veem, podem ainda prestar grandes serviços ao chamar a atenção para doenças graves, que por vezes nem sequer foram suspeitadas, ou relativamente à natureza das quais havia grande risco de engano. Mas toda a sua utilidade reduz-se a isto, visto que não sabem prognosticar as crises, nem indicar com certeza os remédios próprios para curar ou aliviar, — uma dupla

faculdade que constitui, propriamente falando, a aptidão médica dos sonâmbulos, e que vamos agora considerar separadamente.

Da Previsão Externa.

Já dissemos o que é a previsão interna. O que nos ocupa agora é a extensão desta faculdade à modificação patológica num organismo estranho ao sonâmbulo e meramente trazido em contacto com ele.

Segundo os factos que extraímos do relatório do M. Husson, factos que tendem a provar que os sonâmbulos têm tanto a consciência do que se passa no sistema dos indivíduos postos em relação com eles como do que se passa dentro de si mesmos, os fenómenos de previsão externa não deveriam causar mais espanto do que os fenómenos de previsão interna. Reconheço, contudo, que os primeiros são observados muito mais raramente e que quase sempre as predições dos sonâmbulos relativamente a outros não têm a precisão das que lhes dizem respeito pessoalmente. Tive, contudo, a oportunidade de observar vários casos muito conclusivos de previsão externa, um entre outros que vou aqui detalhar.

A 4 de junho passado fui consultado relativamente a uma criança de dezasseis meses de idade, a sofrer desde as últimas seis semanas de uma afeção pulmonar, cuja gravidade eu não suspeitava de todo ao início. O pequeno doente tinha o viço que é habitual para a sua idade; estava fraco, sem dúvida, mas asseguraram-me que nunca tivera mais força e que, desde os últimos quatro meses em que lhe tinham retirado a ama, ainda não tinham conseguido fazê-lo andar.

Além disso, tinha algum apetite, uma ligeira diarreia, mas sobretudo uma tosse muito frequente, acompanhada de considerável opressão e de uma excessiva secreção mucosa, cuja natureza não podia ser facilmente averiguada, visto que a deglutição nas crianças substitui a expetoração. Contudo, tomei-o nos meus joelhos e achei a pele seca e quente. Tinha-o ouvido tossir e os acessos de tosse não eram os da tosse convulsa.

Seria então uma simples bronquite? As regiões subclaviculares são perfeitamente sonoras à percussão; o murmúrio respiratório parece

normal nestas partes, com exceção de algumas grandes bolhas mucosas que arrebentam de momento a momento nos brônquios e na traqueia. O pulso é frequente, é verdade; mas para esta frequência não posso dar mais conta do que para a opressão. Seja como for, é apenas após este exame prévio feito à porta fechada que apresento a criança à minha sonâmbula, que o vê pela primeira vez apenas no seu sono. Ela examina o pequeno doente durante muito tempo sem lhe tocar, após o que se volta para mim e me diz em voz baixa:

«Esta criança está muito mal; pior do que tu suspeitas.»

«O que tem ela?»

«Os seus pulmões estão pejados de sangue e mucosidade que é quase purulenta.»

«Vês aí alguma ulceração?»

«Sim; na parte inferior do pulmão direito.»

«Esta criança teve uma inflamação pulmonar; não a perceberam ao início e terás alguma dificuldade em fazer a criança passar por isto.»

«Mas o que se há de fazer por ela?»

«Coloca um grande vesicatório no peito. Faze-lhe tomar todos os dias duas colheres de chá de xarope de ipecacuanha. Fricciona as extremidades com flanela seca; dá-lhe papa de aveia e pão para sua alimentação.»

«E com isto pensas que os sintomas vão ceder?»

«Prazendo a Deus.»

Quando os parentes do pequeno doente se retiraram, a minha sonâmbula diz-me:

«Esta criança está perdida, morrerá em vinte dias.»

A 26 de junho a criança morreu. O erro foi então de apenas dois dias.

Do Instinto dos Remédios.

Não nego que as pretensões dos magnetizadores foram muito longe ao declararem que os sonâmbulos conheciam e prescreviam, conforme a ocasião o exigia, todos os remédios possíveis, mesmo aqueles de cujos próprios nomes eram ignorantes no seu estado de acordados. A razão disto é que, entre os homens geralmente de uma baixa educação, deve admitir-se, que até agora se dedicaram à prática do magnetismo, há alguns cuja credulidade não conhece limites.

Foi-me dito, por exemplo, que o M. Ch quis um dia ensinar à Sra. Pigeaire a maneira de fazer os sonâmbulos verem os anjos e, o que é ainda mais, a maneira de os ver ela própria. Ora é certo que os globos deste pobre homem estavam virados, e mesmo que ele me dissesse as mais belas verdades do mundo, teria sempre um desejo irresistível de me rir das suas descobertas.

Mas, surgindo a ocasião, devo relatar aos meus leitores o que me aconteceu pessoalmente a mim próprio relativamente a essas pretendidas revelações do outro mundo. Um dia magnetizei uma jovem sonâmbula que, sem ser notável por hábitos de piedade, tinha contudo propensões religiosas, cuja origem era sem dúvida referível aos órgãos do *maravilhoso* e da *veneração*, os quais, estando enormemente desenvolvidos na sua cabeça, enchiam toda a capacidade do crânio quase unicamente com eles. Esta jovem era, por conseguinte, frequentemente acometida por estes acessos de êxtase durante as nossas sessões; e assim que lhe via os olhos abrirem-se e o seu rosto voltar-se para cima, cessava de lhe dirigir uma palavra, visto ser o começo do seu misterioso comércio com os espíritos do céu. Um dia, pois, quando estava em comunicação com os anjos, exclamou de súbito, enquanto lágrimas de emoção caíam realmente nas suas faces: «Oh! deliciosa música! divina harmonia! O prazer só sentido ao ouvir-vos bastaria para fazer uma pessoa ambicionar a felicidade dos eleitos toda a sua vida.» Isto ouvi eu com os meus próprios ouvidos; mas nem uma única nota da sinfonia celestial me chegou. Além disso, a minha sonâmbula disse ela própria que já não ouvia, mas retomou um momento depois:

«Ali! ali estão eles a começar de novo!»

Escutei então e desta vez ouvi! O quê? Um miserável realejo que, numa rua adjacente, estava a despedaçar da maneira mais bárbara uma das canções da ópera de *Guido*.

Escolherão os sonâmbulos os seus remédios apenas entre substâncias que lhes são conhecidas no estado de acordados; ou adivinharão eles, como algumas pessoas credíveis nos asseguram, os nomes e virtudes de medicamentos de que nunca ouviram fazer menção durante toda a sua vida?

Reconheço que as minhas próprias observações, embora já suficientemente numerosas, me deixam em completa dúvida sobre este ponto particular; isto é, em todos os casos foi-me possível atribuir razoavelmente a reminiscências as pretendidas artes de intuição de que fui testemunha. Mas ainda assim não nego a realidade dos factos que se lhes opõem e limito-me à mera declaração de que nunca vi tais coisas. Seja como for, a terapêutica dos sonâmbulos é composta em geral de numerosos meios, mas quase sempre muito simples. As substâncias que empregam são quase sempre produtos naturais, e encontramos geralmente nas suas prescrições indicações gerais em vez de verdadeiras fórmulas. Por vezes, contudo, insistem de uma maneira muito particular na determinação da dose e esta circunstância, quando é confirmada por uma grande exatidão de diagnóstico, é uma garantia adicional a favor da lucidez do indivíduo.

Resta-nos agora perguntar se não poderia ser útil ensinar aos sonâmbulos um pouco de farmácia e de matéria médica? Penso, pela minha parte, que seria alargar o círculo dos seus conhecimentos, isto é, multiplicar os seus recursos, sem no mais mínimo grau prejudicar o seu discernimento, o qual constitui unicamente a sua superioridade sobre nós.

- *Foissac. Rapports et Discussions de l'Académie Royale de Médecine sur le Magnétisme Animal. Paris, 1833, etc. P. 189.*

- *Sem atribuir grande importância a este encontro singular da prescrição feita pela sonâmbula, do uso do leite de uma*

cabra friccionada com pomada mercurial, com a mesma prescrição recomendada à doente por Dupuytren e pelo relator, a Comissão sentiu-se na obrigação de assinalar esta coincidência no seu relatório. A dita Comissão apresenta-o como um facto cuja autenticidade é fiada pelo relator, mas um facto que nem a Comissão nem ele podem explicar. — Nota do Relator.

Certos detratores do magnetismo têm afirmado que os sonâmbulos, ao deixarem-se influenciar pelos pensamentos do seu magnetizador, devem consequentemente participar nas opiniões médicas deste último, se ele for médico, e naturalmente conformar a sua prática com a dele. Felizmente, a coisa não é assim. Sobre todas as proposições que lhe possam ser propostas, um sonâmbulo médico tem sempre as suas próprias objeções e o seu veto, com os quais nada pode interferir. M. Koreff* dá-nos uma prova disso. «Uma posição muito extraordinária,» diz ele, «é aquela em que me encontrei colocado, perante a esposa de um jardineiro de Sans-Souci.

No seu sonambulismo, que era muito extraordinário, esta mulher, de cerca de cinquenta anos de idade, pedia-me para lhe propor remédios, porque não estava dotada dessa espécie de clarividência por meio da qual uma pessoa os pode ordenar para si própria; tinha apenas o dom da crítica. Vi com espanto, misturado com uma humilhação bastante dolorosa, que ela rejeitava como prejudiciais a maioria daqueles que eu lhe propunha segundo a minha convicção médica, e que selecionava aqueles que eu considerava como os menos apropriados ao seu estado.» Um pouco mais à frente o mesmo autor acrescenta: «Não nego de modo algum a possibilidade de as ideias de um sonâmbulo levarem em si o reflexo e a cor das ideias do seu país, do seu tempo e até do seu magnetizador; mas rogo a esses homens que fizeram esta engenhosa objeção que considerem devidamente se a dificuldade é maior para ver uma planta, qualquer outra substância, do que para ler nos pensamentos de outro ser.»

Segundo o que acabamos de expor, a lucidez de um sonâmbulo não garante infalivelmente a sua competência médica; mas aqui surge

uma daquelas questões sobre as quais os magnetizadores não parecem ter refletido suficientemente, ou pelo menos uma que não resolveram, em minha opinião, de uma maneira satisfatória. É indispensável que um sonâmbulo médico seja lúcido, ou, por outras palavras, não pode o instinto das doenças e dos remédios existir independentemente da lucidez?

Declaro que numerosas experiências me inclinam a pensar que as duas faculdades podem existir separadamente, e estaria pouco inclinado a admitir, segundo a teoria que formei para mim próprio relativamente ao isolamento,† que cada uma delas obtenha o seu máximo de perfeição apenas na medida em que exista sozinha.‡ Mas então como havemos de verificar o instinto dos remédios? e qual será o critério desta faculdade? Reconheço que não conheço nenhum outro, salvo a experiência. Contudo, os sonâmbulos que dessem grandes provas de intuição e previsão, aqueles particularmente que, durante o curso de doenças graves, se tivessem tratado a si próprios com o meu conhecimento direto; esses, digo eu, deveriam inspirar-me mais particularmente confiança.

«O que deve tornar esta faculdade muito menos frequente em extáticos demoníacos ou religiosos,» diz Bertrand,§ «é que, não estando a sua saúde em geral alterada, não havia ocasião para observar neles um instinto que só pode servir no estado de doença.» Disto seguir-se-ia que o instinto médico é adquirido e desenvolvido pelo hábito, o que, contudo, não penso que seja universalmente verdadeiro. De facto, sustento que desde o momento em que o estado de sonambulismo é perfeito, todas as faculdades que pertencem a este estado estão no seu último grau de desenvolvimento. Assim penso que ao fim de quinze dias, por exemplo, um sonâmbulo é tudo o que pode ser; e se experiências adicionais provarem o contrário, o magnetizador deve imputá-lo apenas a si próprio.

Relativamente ao instinto médico nos sonâmbulos não lúcidos, o facto é indiscutível. Ontem, pela terceira vez apenas, magnetizei uma mulher, de vinte e oito anos de idade, que caiu em sonambulismo após a primeira sessão, mas que não é lúcida e provavelmente nunca o será.

Pois bem, esta falta de clarividência não a impede de gozar de uma penetração e de um tato médico verdadeiramente surpreendentes.

Após a segunda sessão, tendo-lhe pedido que voltasse a sua atenção para a minha saúde, disse-me que eu estava afetado no estômago e no joelho esquerdo; o que estava inteiramente certo. Tendo sido depois trazida em contacto com uma senhora a quem via pela primeira vez, e a quem certamente nunca ouvira falar, disse-lhe: «Tem dores de cabeça (o que não era verdade); tem uma sensação de sufocação (o que, além disso, não era verdade); mas, mais especialmente, uma constante disposição para vomitar» (o que era perfeitamente verdadeiro). Ora é certo que nestes dois casos os pontos principais apontados pela minha sonâmbula são irrepreensíveis. Dir-se-me-á ainda que houve um erro? Concordo; mas estes são erros que, após oito dias, a minha sonâmbula provavelmente nunca mais cometerá.

Acontece por vezes que os sonâmbulos prescrevem substâncias perigosas, relativamente ao efeito das quais há alguma razão para ficar alarmado. É então muito importante que o magnetizador volte várias vezes ao ponto duvidoso e, se necessário, que recorra a outro sonâmbulo. Esta precaução seria uma espécie de acessório supérfluo, se o caso fosse o de um sonâmbulo a tratar-se a si próprio. «Vi uma mulher,» diz o M. Koreff, «insistir em tomar substâncias que me pareciam ser perigosas para alguém na sua condição. Julgando-a em erro, opus-me à sua opinião.

Dirigi a sua atenção para o estado dos seus órgãos, tal como me parecia. Mandei vir vários fármacos, entre os quais estavam aqueles que ela desejava: ela reconheceu-os e insistiu neles. Lutei com ela durante várias horas e acabei por ceder, estando convencido, por todos os meios ao meu dispor, da sua perfeita lucidez. A hemorragia uterina, que era o sintoma alarmante da sua doença, foi instantaneamente detida, sem que nada de desagradável ocorresse.»

Em recapitulação do que precede, e não obstante o que dissemos do instinto médico de que os sonâmbulos não lúcidos podem estar

dotados, a lucidez, no estado atual da ciência, deve ser considerada como o selo mais seguro deste instinto, visto que, quase em todos os casos, o diagnóstico formado por sonâmbulos clarividentes é pelo menos achado exato. É lamentável que não tenhamos nada de mais preciso a dizer sobre este assunto; pois nada seria mais importante do que encontrar os meios de traçar e detetar o charlatanismo e a impostura, que há muito tempo se vêm esforçando por ter o magnetismo nas suas mãos. Mas de quem é a culpa disto, senão dos homens da medicina, que entregam desdenhosamente a mãos equívocas um recurso filantrópico, cuja posse de direito lhes pertence? Atenda-se a isto agora. Antes que a prática do magnetismo tenha tomado decididamente o seu lugar, a ignorância e a avareza ter-lhe-ão trazido o descrédito; pois o papel da filantropia, tal como o do magnetizador, nunca pode caber adequadamente a pessoas desprovidas de conhecimentos e, demasiadas vezes, desprovidas de moral. Poder-se-ia dizer com verdade que, para atingir o cume da escala social, a grande verdade que agora defendemos requer subir todos os degraus um a um. Ela há de empreender o seu voo, atingir a sua altura, ou nós morreremos na luta.

Das Sensações Experimentadas pelos Sonâmbulos ao Contacto dos Doentes.

Alguns sonâmbulos estão dotados do melancólico privilégio de sentir momentaneamente as dores experimentadas pelos doentes com quem são trazidos em contacto, e até de apresentar os sintomas das afeções de que esses doentes passam a sofrer. Esta observação foi feita há muito tempo e Georget exprime-se nestes termos sobre este assunto: «Se os meus sonâmbulos,» diz ele, «eram trazidos em contacto com uma pessoa doente, experimentavam instantaneamente uma sensação de mal-estar nos membros, que se estendia rapidamente à cabeça, depois nos músculos, e, mais ainda, um mal-estar ainda maior, uma espécie de constrangimento, ou uma dor aguda na mesma parte onde o outro indivíduo estava a sofrer; várias vezes doentes histéricos ou epiléticos, no ponto de ter os seus acessos, provocaram subitamente uma violenta dor de cabeça e um acesso àqueles já

afetados por estas doenças. Estas ocorrências impediram-me de multiplicar as experiências tanto quanto teria desejado. Um dia três sonâmbulas estavam juntas na mesma sala. Uma ao pé da cama estava a sofrer dores violentas na cabeça e no estômago; outra na cama estava muito bem; a terceira, ao lado da cama, estava a tomar um banho de pés.

A segunda vem conversar com a primeira, toca-lhe e é imediatamente acometida por um acesso. Enquanto ajudo a segurar esta última, a terceira, que nada suspeitava do que se estava a passar, não querendo manter os pés na água com sinapismo, pouso uma das minhas mãos nos seus joelhos, a fim de os reter ali. Imediatamente ela sente uma viva comoção, que compara a um choque resultante de uma forte carga elétrica, e tem um acesso severo. Sempre que, após deixar as minhas sonâmbulas, as voltava a encontrar a sofrer acidentes não habituais e imprevistos, estava certo de que isto derivava da circunstância de terem tido comunicação com doentes, contrariamente à minha proibição expressa.»

Não é difícil dar conta disto: sabemos com que prontidão certas neuroses se podem transmitir de um indivíduo para outro. É impossível, por exemplo, ver uma pessoa bocejar numa companhia sem que em breve ela tenha imitadores. Algumas pessoas viram epiléticos acometidos de um acesso à vista de outro epilético numa crise. Mas isto é ainda mais impressionante: uma mulher, no ponto de dar à luz, corre um grande risco de ser acometida pelas dores do parto ao ver outra mulher que está atualmente em trabalho de parto. Observei um facto similar há quatro ou cinco anos, num curso privado de obstetrícia — os alunos tiveram dois partos em vez de um. Ora, se a influência da imitação se pode exercer durante o estado de vigília, o que havemos de julgar dos seus efeitos durante o sonambulismo, durante o qual todas as impressões são tão rápidas e tão vivas? Além disso, os factos notados por Georget estão longe de ser capazes de generalização.

Entre os sonâmbulos para consultas, há alguns que apenas sentem uma sensação dolorosa ao contacto com doentes, mas não mantendo

semelhança com a que os próprios doentes sentem; finalmente, há alguns (é certo, o menor número) que não sentem absolutamente nada. Reconheço que nestes últimos poderia sentir muito pouca confiança, e de todos, os primeiros são certamente os mais perfeitos; mas a sua própria perfeição é provavelmente um defeito; pois não podem seguir por muito tempo o pavoroso ofício de participar constantemente nas dores dos outros.

Vi uma ultimamente (a Sra. Caria) que, quando consultada diante de mim para um doente em tal perigo que morreu três dias depois, soltou gritos tão pungentes e fez tais contorções que julguei que ela própria estava na luta final. Esta jovem recebia, dizem-me, cinco ou seis francos por cada consulta; mas certamente ganha bem o dinheiro que lhe dão, se repete a cada sessão a cena de que fui testemunha.

Da Maneira como as Consultas Devem Ser Dadas.

Para que o sonâmbulo não forme, nem tenha a aparência de formar, qualquer ideia preconcebida relativamente ao doente que o vem consultar, é correto que seja posto a dormir antes de ser trazido em contacto com este último. Introduzido na sala de consulta, o doente deve observar silêncio; pois toda a espécie de comentário sobre a sua doença seria, da sua parte, uma perfeita superfluidade. Vós próprio não tendes de o questionar, ou pelo menos não o podeis fazer senão depois de a consulta ter terminado. É ao vosso sonâmbulo, pois, que cabe falar.

Ele deve estar isolado até ao momento em que, pondo uma das mãos do doente numa das dele, lhe pedis para voltar a sua atenção para a saúde desta terceira pessoa, para vos dizer tudo o que pensa e para entrar em todos os pormenores necessários relativamente ao tratamento. Feito isto, deixai-lo falar sem o interromper, tomando nota das suas palavras, após o que voltais com ele aos pontos equívocos. De facto, redigis vós próprio a consulta e despedis-vos do vosso doente sem acordar o vosso sonâmbulo, o qual, ao acordar, nem sequer deve suspeitar do que fez.

Observação importante.— Se quaisquer parentes do doente, alguns dos seus amigos, o seu médico, etc., julgarem correto acompanhá-lo a vossa casa, tende cuidado para que o vosso sonâmbulo permaneça alheio às discussões que possam surgir entre essas pessoas e vós. É necessário mesmo (e para isto tendes apenas de lhe expressar o desejo) que ele não ouça a vossa voz, quando não vos dirigis a ele. Além disso, as discussões em tais casos estão sempre fora de lugar. Nunca aconteceu, nem nunca acontecerá comigo, não que eu receie a coisa o mais mínimo no mundo, seja com quem for, mas porque tudo deve ter o seu tempo.

Nestes últimos tempos, uma questão muito extraordinária foi lançada, a qual pode ser expressa nestes termos: É justo que os sonâmbulos recebam honorários pelas consultas que dão? Se por justo se entende legal, direi que o magnetizador deve ser um médico; mas se por justo entendemos apenas o que a palavra significa no seu sentido absoluto, a resposta é tão simples que me abstenho de a dar.

Cada um vive do que tem neste mundo cá de baixo; uma pessoa das rendas que obtém do seu pai, outra vive pela sua cabeça, uma terceira pelos seus braços; alguns pela sua pena, outros pelo seu pincel, quase todos, de facto, pelos serviços que prestam, ou se supõe prestarem, aos seus semelhantes. Pois bem! uma bela lucidez magnética é um dom da natureza pelo menos tão raro como o belo talento do artista ou do advogado; e se os médicos são pagos (e às vezes são muito mal pagos), por que razão se haveria de esperar que os sonâmbulos não fossem pagos? Mas dirá alguém: Há de o sonambulismo tornar-se então um ofício? E por que não?

Acharão esses senhores, os oficiais de saúde, este ofício menos honroso do que aquele que seguem? Se assim é, gostaria de saber em que consiste a honra. Torne-se o magnetismo uma medicina doméstica, uma medicina de família, segundo as expressões que já empreguei, e não exijo melhor. Mas até que todos tenham um irmão, uma irmã ou uma esposa que possa ser sonâmbulo, para cuidar deles, é necessário, se as pessoas estiverem doentes, recorrer a sonâmbulos profissionais. Mas como todos os serviços se compram e vendem

entre pessoas que não se conhecem, é justo, — nada, de facto, pode ser mais justo do que — que essas pessoas sejam pagas quando são empregues.

CASO.

A Sra. C*** nasceu em Paris em 1812. É de pequena estatura, mas de rosto agradável, e com um visço que faz honra à sua profissão. O caráter frenológico da sua cabeça é inteiramente a seu favor. A bondade, a inteligência e a justiça estão bem desenvolvidas, de modo que o nosso amigo Frapart poderia, à primeira vista, responder pelas suas qualificações morais.

O seu temperamento, que, com a gente da medicina, passaria como essencialmente linfático, é linfático-nervoso, segundo a expressão da pessoa a quem me refiro. A maneira como é posta a dormir, e é acordada, é quase tão notável como o seu próprio sono. Nunca é senão após uma grande quantidade de passes que a sua pálpebra cai com um tremor, e depois se fecha após deixar escapar grandes lágrimas. Um ligeiro gesto indescritível avisa-me do seu sonambulismo. Depois, quando a sessão está terminada, tenho apenas de dizer estas palavras: «Acorde, minha senhora!» e duas ou três fricções violentas, que não a posso impedir de praticar nos seus olhos, restituem-na imediatamente à vida.

Uma particularidade extraordinária, e de que nunca vi outro exemplo, constitui nesta sonâmbula o tipo de uma espécie distinta. A Sra. C***, quando dorme, de nada se lembra: nem das pessoas, nem dos acontecimentos que viu durante o estado de vigília; esqueceu até o seu nome, e todos os seus sonos, que estão ligados entre si por uma espantosa precisão de memória, constituem realmente para ela uma existência separada, e não tendo ponto de contacto com a sua outra vida. Mas passemos agora em revista as inestimáveis prerrogativas deste estado maravilhoso, relatando aos nossos leitores o que vemos todos os dias.

Quando um doente se me apresenta para uma consulta, recomendo-lhe expressamente que não me diga nada do seu estado.

Não lhe pergunto o nome, a idade, a residência, nem, de facto, nada que lhe diga respeito; desejo, de facto, que ele continue desconhecido para mim, pois toda a forma de interrogatório é banida da minha casa, onde nada se pergunta, mas tudo o que é necessário é revelado. Sendo introduzido na minha sala, dá a mão à sonâmbula, senta-se ao seu lado e continua a observar o mesmo silêncio. A Sra. C*** dá-lhe então a história da sua doença em poucas palavras, e não uma daquelas descrições prolixas em que cada um se pode reconhecer. É um diagnóstico conciso, claro, rápido, e que não pode levar o doente ao engano. A um louco dirá, por exemplo:

O senhor não tem a sua razão; a um doente tísico dirá: O senhor tussa, escarra sangue, tem um vesicatório no braço esquerdo e tem uma dor ali, pondo o dedo no vértice do pulmão ulcerado. Ora após isto pergunto a qualquer pessoa de bom senso se com tais factos há possibilidade de engano ou de deceção? Mas isto não é tudo. A sonâmbula entra depois em pormenores que os homens da medicina nunca notam, mas cuja exatidão o próprio doente reconhece com espanto. Descreve-lhe melhor do que ele próprio poderia as horas precisas dos seus paroxismos e todas as matizes das suas dores. Isto lembra-me uma anedota insignificante que desejo relatar:

«Faz agora cerca de três meses que o M. X***, um rico banqueiro de Berlim, veio consultar a minha sonâmbula. Este senhor não crera no magnetismo; mas como tinha posto todas as forças da medicina sob contribuição sem qualquer vantagem, quis experimentá-lo. Ainda vejo a expressão poética mas zombeteira do seu rosto quando apresentou a mão à sonâmbula, dizendo-lhe: "Os médicos, minha senhora, não me parecem compreender a natureza da minha doença; vejamos, pois, se a senhora será mais bem-sucedida."

A Sra. C*** tomou então a mão do doente; depois, após meio minuto de atenção, volta-se para ele e diz-lhe: "O senhor sabe-a, senhor, a natureza da sua doença; mas tem medo de a confessar a si próprio."

"Eu!" exclamou o M. X. "Pois bem! sim... penso que tenho uma afeção do coração."

"Não, senhor; não é aí que a tem; tampouco é isso o que o senhor pensa que tem."

"O que é, então?"

"Não lho quero dizer.* Mas eis o que o senhor sente."

Ora, a cada sintoma que a sonâmbula mencionava, o M. X., que já não sorria, parecia tornar-se mais pálido e parecia pronunciar apenas com horror a terrível afirmação que uma espécie de poder mágico arrancava dele. No entanto, quando o diagnóstico estava estabelecido, a Sra. C*** acrescentou, num tom de voz mais baixo e com uma espécie de hilaridade:

"Pois bem, senhor; visto que já não pensa, como pensava há pouco, em pôr em questão o meu poder de ver a doença, espero que de boa mente crerá no poder que possuo de a curar."

Com isto ditou a sua prescrição, que eu escrevi; marcou ver o pobre doente novamente em quinze dias; e o M. X*** deixou-nos, ao mesmo tempo aterrorizado, consolado e convertido!»

- *Lettre d'un Médecin Étranger*, etc., p. 68.

† Ver página 60.

‡ Estes princípios de compensações são indiscutivelmente verdadeiros para as faculdades que dependem apenas da exaltação sensitiva. Assim fiz há algum tempo a seguinte experiência: Após ter isolado completamente um sonâmbulo, deixando-lhe apenas o sentido da audição relativamente a mim próprio, fui a alguma distância dele e mantive uma conversa com ele por muito tempo em voz baixa, enquanto um dos espetadores gritava no seu ouvido. Isto excitou de tal modo a admiração dos meus amigos que me pediram para repetir a mesma experiência no dia seguinte. Mas desta vez sucedeu de forma bastante incompleta, estando o sonâmbulo lúcido.

§ Obra já citada, página 116.

- *Era tísica no segundo estágio.*

Uma observação que pode ser colocada aqui como complemento do que precede é que a Sra. C*** nunca designa uma doença perigosa na presença do doente, quando percebe, julgando do caráter deste último, que tal comunicação poderia ser prejudicial.

Mas falemos agora do seu tratamento. Devo admitir que é muitas vezes bastante estranho, e sem a menor semelhança com o adotado pelos médicos; mas que importa, se for bom? Ora, a prova de que é bom é que cura; e a prova de que cura é esta: — Para o meio de fevereiro passado, fui convidado a levar a minha sonâmbula à Sra. V....y, Rua Saint Georges. O diagnóstico foi coisa de um momento. A Sra. V....y tinha um reumatismo muito agudo, sediado nos dois ombros. O M. Professor Velpeau e o Doutor Moreau, que desde há dois dias tratavam a doente, competiam um com o outro em martirizar a pobre mulher segundo todas as regras da arte, e prometiam-lhe que estaria boa dentro de um mês.

Pois bem, a Sra. C*** declara que, se o seu tratamento for adotado, a doença não se prolongará para além de seis dias, e que será emendada em mais de metade instantaneamente. Nada nos torna mais confiantes do que a dor. O meu conselho é seguido; as prescrições dos nossos ilustres confrades são postas de parte pelas nossas; e a Sra. V....y, que após o primeiro dia se encontra consideravelmente aliviada, deixa a cama no espaço de seis dias.* Notemos, contudo, que a medicina clássica teve toda a honra desta cura, porque nunca se atreveram a dizer ao M. le Professeur da intervenção de uma sonâmbula. Confunda o Céu os grandes médicos e o preconceito! Apressem-se a gozar dos seus últimos triunfos; pois o seu templo está a ruir e os seus deuses estão a despedir-se.

O que distingue a Sra. C*** em particular — não direi dos tolos estúpidos que infestam a nossa capital, mas dos sonâmbulos reais e genuínos — é a constância da sua lucidez. É sempre igualmente

perfeita, não importa qual seja o momento do dia em que é magnetizada.

Não concluamos este capítulo sem examinar uma proposição feita por Deleuze, e aceite por um número considerável de magnetizadores. A questão é saber se seria conveniente ou não associar o magnetismo à medicina. Ouçamos agora o que o M. Koreff diz sobre o assunto:

«Meu estimado amigo (dirigindo-se ao M. Deleuze), oponho-me ao conselho que dá de combinar estes dois métodos, os quais não podem ir de braço dado. A minha consciência impõe-nos como dever não confiar num sonâmbulo por razões de pouco peso; certificarmo-nos primeiro da sua boa fé e depois examinar o grau de clarividência de que está dotado. Depois invocar a ciência, em vez de fazer uma mistura de dois elementos heterogéneos, ou de nos lançarmos com cega credulidade no vago de devaneios alimentados por recordações, e provocados pelo desejo de excitar a surpresa, ou por outros motivos que existiam no estado de vigília.

Reverencio mais o sonambulismo no seu estado de isolamento e pureza; e atribuo-lhe menos importância quando não é inteiramente estranho ao estado ordinário. Muitas pessoas que não têm ideia do fim a que a natureza o destinou, e que estão desprovidas do conhecimento necessário para o apreciar e dirigir, têm procurado frequentemente produzi-lo, quer para satisfazer a sua curiosidade, quer por vistas interessadas. É principalmente a este abuso que atribuo o declínio do magnetismo em França, e o desprezo que os eruditos acumulam sobre ele. No norte, onde o estudo do magnetismo ostenta um caráter grave e científico, a observação do sonambulismo tornou-se fecunda em resultados que já se provaram muito úteis, e que prometem lançar a maior luz sobre a alienação mental e sobre mil fenómenos de psicologia, que, até ao presente, são a terra incógnita na geografia do nosso mundo intelectual e moral.»

Não há meio-termo; ou a medicina não passa de uma quimera, ou o magnetismo não passa de uma jugularia. Mas como pensamos ter provado a impossibilidade desta última suposição, a primeira é necessariamente verdadeira. Não há nada em comum entre a medicina dos médicos e a dos sonâmbulos; e querer fundir estas duas coisas, entre as quais nego a possibilidade de qualquer mediação, é nem mais nem menos do que um absurdo.

Quando consultamos um sonâmbulo, se queremos que o seu conselho seja proveitoso, é necessário segui-lo em todos os seus pormenores — isto é, é necessário fazer tudo o que ele manda fazer, e não lhe acrescentar nada. Qual é, então, a utilidade da intervenção de um médico? Digo-vos que ele não sabe mais do método do sonâmbulo do que este último do dele. E quereis que estes dois seres se entendam e combinem os seus meios. Mas tal associação é revoltante para o bom senso. Devemos escolher entre os dois. Crer na medicina ou crer no magnetismo. Numa palavra, crede nos dois se quiserdes; mas, por amor de Deus, desisti da ideia de os unir.†

CAPÍTULO XVII
DA NECESSIDADE DE MORALIDADE NOS MAGNETIZADORES

É lamentável para aqueles que não encontram em si mesmos razões suficientes para os determinar a ser honestos; pois não me parecem capazes de alguma vez o vir a ser. Este capítulo não se destina a ser uma homilia chã dirigida a mentes corruptas, que pudessem ser tentadas a praticar o magnetismo para proveito da sua vício.

O único objeto que me proponho ao escrevê-lo é pôr os meus leitores em guarda contra a degradante e miserável concupiscência dos homens de quem falo; e essa é a razão pela qual, sem ser impedido pelo medo de abrir novos caminhos à imoralidade, que, mais cedo ou

mais tarde, sem dúvida teria descoberto, exponho audazmente abusos que, para vergonha da humanidade, considero serem demasiado reais.

Não sei, na verdade, se a castidade é, como alguns sonhadores cínicos afirmaram, meramente uma questão de convenção, mas isto sei eu, que a honra das suas esposas e das suas filhas é cara a todo o marido e a todo o pai. Ora lamento prevê-lo, o magnetismo trará a decadência e a desolação a mais do que uma família; como se houvesse a necessidade de que as melhores coisas tivessem as suas compensações nos perigos que o seu uso traz consigo.

Independentemente das relações estreitas e mais ou menos frequentes que o magnetismo estabelece necessariamente entre a pessoa que o pratica e a pessoa que se lhe submete, está para mim para além de toda a dúvida que, na maioria comum dos casos, ele dá à primeira sobre a segunda um poder absoluto e ilimitado, cujo depositário pode nem sempre provar ser digno dele. Não só a pessoa que magnetizais é irresistivelmente constrangida a ceder, à vossa instigação, no desempenho de todos os seus atos físicos, mas pode acontecer que, regulando todas as transações da sua alma por vós, sem ela própria ou vós o perceberdes, ela penetre os vossos desejos mais secretos, se associe a todas as emoções da vossa alma e, sem perceber que apenas obedece à vossa vontade, antecipe até as vossas intenções mais secretas.

Uma sonâmbula, numa palavra, no momento em que o sono a entrega ao seu magnetizador, já não vê, já não ouve, já não age, senão através dele; e embora conserve ainda o discernimento do bem e do mal, pertence-lhe de corpo e alma, se ele for suficientemente vil e cobarde para abusar de tal poder. As diferentes observações que espalhámos pelos capítulos precedentes poderiam provavelmente poupar-nos ao trabalho de aduzir novas provas em apoio desta afirmação; mas com o propósito de corroborar aos olhos dos nossos leitores o julgamento que formamos, resumiremos os factos para eles em poucas palavras.

1.º Um magnetizador paralisa à sua própria escolha tal ou tal membro, tal ou tal órgão da sua sonâmbula. Assim, torna-a surda a todos exceto a si próprio (paralisia do nervo auditivo) dirigindo-lhe meramente estas palavras: «Quero que não ouças ninguém a não ser a mim só;» depois torna-a insensível a qualquer outro contacto que não o seu (paralisia da pele); é assim também que a paralisa de uma só vez em todos os seus órgãos e em todos os seus membros, de modo a condená-la à completa imobilidade e à passividade exterior de uma vida inteiramente intuitiva.

2.º O magnetizador pode, pelo contrário, por uma mera sugestão, e por vezes até por um desejo não expresso, substituir o movimento pela paralisia no ser que mantém em dependência. Pode exaltar a sua sensibilidade, ou pode extingui-la; pode produzir um eretismo extraordinário nos seus sentidos, e até agitar todo o seu corpo com espasmos e convulsões. Disto para a questão física; examinemos agora a questão moral.

1.º O desenvolvimento extraordinário das faculdades instintivas durante o sonambulismo é um facto há muito tempo provado e quase geralmente admitido; mas o que é muito menos conhecido é a possibilidade no magnetizador de dar a essas faculdades exuberantes o alimento e a direção sugeridos pelo seu próprio capricho. A experiência é delicada e nem sempre sucede; mas acabei por ser bem-sucedido em realizá-la e em repeti-la várias vezes; isto é, isolando sucessivamente pela minha vontade cada um dos instintos de um sonâmbulo, fui bem-sucedido em torná-lo alternadamente vaidoso, mentiroso, guloso e sensual; de onde se segue que é possível, pelo menos até certo ponto, excitar eventualmente na mente de um sonâmbulo essa propensão que possamos ter razão para desejar que ele tenha.‡

2.º Não só é possível forçar a pessoa magnetizada a confessar os pensamentos que lhe ocupam a mente, mas podemos mesmo extinguir

este pensamento nela e substituir outro; isto é, numa palavra, podemos modificar à vontade a disposição intelectual de um sonâmbulo, como dissemos que modificávamos numa das nossas o estilo instintivo. Podemos facilmente conceber de que monstruosa aplicação tais factos podem ser em mãos obscenas. Sem tentar alargar-me mais sobre um assunto que provavelmente já tratámos com demasiado pormenor, deixamos aos nossos leitores a tarefa de comentar a matéria.

Além disso, como tudo o que agora escrevemos se refere absolutamente ao tempo, habitualmente muito limitado, que cada sessão dura, temos agora de examinar esta outra questão, que é pelo menos tão importante como ela, a saber, o que resta das influências magnéticas durante o estado de vigília, isto é, quando o sonâmbulo, tendo entrado na vida real, está aparentemente liberto dos seus laços. Isto é sério, declaro-o, e ao aproximar-me de tal assunto não dissimulo nenhum dos argumentos que ele poderia fornecer aos nossos detratores, se eles nos tratassem com menos desdém; mas seja como for, direi o que sei sobre ele; pois não vejo nada de mais deplorável do que a mania de certos autores de pleitear a causa de um sistema científico, como um advogado faria a de um homem, isto é, nunca mostrar senão o lado belo de uma verdade, como se tivessem medo de a prejudicar mostrando-a toda.

Se felizmente há poucos homens suficientemente vís para se satisfazerem e entregarem a prazeres usurpados, há poucos cuja vaidade resista a essa delicada preferência que constitui o verdadeiro amor. Os primeiros encontram-se escassamente a não ser nas classes mais humildes da sociedade, ou entre esses seres desgraçados cujas estúpidas convenções exigiram uma continência absoluta e não natural; os segundos encontram-se, pelo contrário, em todo o lado.

Assim, considerando devidamente a matéria, as afeções morais, cuja causa poderia ser atribuída ao magnetismo, são mais de recear do que as imundas mas raras saídas do instinto bruto, por esta única razão, de que não trazem vergonha à parte envolvida e não são

suscetíveis de recurso à lei. Vejamos, pois, se a acusação é bem fundada e se o magnetismo se pode tornar culpado desses afetos ilícitos e irresistíveis de que tem sido acusado. A questão de direito está já decidida e, relativamente à questão de facto, que não é discutida, a experiência força-me a resolvê-la pela afirmativa.

Sim, isso é verdade, infelizmente demasiado verdade; o magnetismo pode produzir entre duas pessoas de sexos diferentes um afeto profundo, extremo e insuperável.

Podemos cessar então de nos espantar com o desejo que várias vezes expressei, o de ver o magnetismo praticado por médicos. É, de facto, uma homenagem pública que devo aos nossos confrades; não há provavelmente em toda a sociedade uma classe de homens mais honrada, mais desinteressada e especialmente mais moral. Algumas exceções muito raras podem ter contradito este elogio, que quase todos eles merecem. Mas não há magistrados que se tenham desonrado? Não há padres que tenham sujado a sua batina e até a tenham manchado de sangue? O que prova isso, se não disto — que em todas as condições de vida os homens podem por vezes esquecer os deveres mais sagrados e tornar-se viciosos!

Os médicos, além disso, oferecem a garantia de uma boa educação, e isso é muito. Bem educados, em geral conhecem e praticam o decoro e a propriedade; e se o seu decoro nem sempre está do lado da virtude, os seus desvios pelo menos nunca dão escândalo. Por último, estão habituados, desde tenra data, à observação da natureza e dos fenómenos fisiológicos; uma verdade tão indiscutível que, ao percorrer os arquivos do magnetismo, mal há factos, salvos os relatados por homens da medicina, aos quais me sentisse autorizado a atribuir alguma importância. Perdoem-nos os nossos irmãos a severidade de algumas expressões que nos possam ter escapado: não era a eles pessoalmente que eram dirigidas, mas à sua gabada ciência, que nós também estudámos com ardor, e que nos provou ser apenas uma amarga deceção

CAPÍTULO XVIII
CONCLUSÃO

Tendo um dos nossos mais distintos contemporâneos me dito um dia: «Creio no magnetismo animal, mas não creio nos vossos milagres,» busquei por muito tempo o sentido destas palavras. Por fim, contudo, descobri que não continham nenhum, não se tendo o M. Bouillaud explicado sobre o sentido que atribuía à palavra milagre. Poderia ser por algum acaso que o M. Bouillaud entendesse por milagre tudo o que não compreende? Creio-o possuidor de demasiada inteligência para o supor capaz de tanto orgulho.

Ora, prive-nos a natureza de um dos nossos sentidos, e a produção fortuita das perceções pertencentes ao sentido eliminado tornar-se-á para todos os homens uma sucessão de milagres. Desenvolva-se em nós, pelo contrário, um sexto sentido, e teremos, com as nossas novas sensações, a apreensão de fenómenos que até agora iam para além de todos os limites da nossa razão. Ora tudo nos inclina a crer que o magnetismo, quando produz o sono lúcido, realmente desenvolve um sentido suplementar, de que todo o sistema nervoso pode ser o órgão; mas recorramos a uma ideia que um exemplo nos permitirá compreender.

Imaginai, no meio de uma população de homens cegos, um único indivíduo dotado do sentido da visão; é certo que as perceções visuais deste indivíduo serão outras tantas impossibilidades, e as suas revelações outras tantas falsidades, para os seres imperfeitos que receberem as suas comunicações. Nenhuma pessoa será bem-sucedida em fazê-los compreender que é possível fazê-los chegar por um sentido até aos próprios limites do horizonte; ver os céus e as estrelas a vários milhões de léguas de distância; e adivinhar, sem lhes tocar, os seus mais pequenos movimentos: dirão, sem dúvida, como o M. Bouillaud disse, não cremos em milagres.

Sigamos a matéria, contudo. Suponhamos que por alguns meios ou outros o nosso vidente (voyant) prova em última análise o que declara. Milagroso ou não, o facto existe; a coisa é crer nele; nada mais resta senão explicá-lo, e está explicado; mas como? No extenso campo de conjetura que ele levanta, cada departamento do conhecimento adquirido traz por sua vez o seu contingente de analogia; os órgãos das sensações são interrogados em todas as suas possíveis modificações; a audição, o tato, o olfato e o próprio paladar são sucessivamente postos em requisição; por fim, a fim de dar conta do facto da visão que perplexa o seu entendimento, os nossos amigos cegos esquecem todos os sentidos exceto um, o da visão que não têm. E esta é a história das teorias magnéticas.

A impossibilidade quase absoluta de sistematizar os fenómenos produzidos pelo magnetismo depende da nossa incapacidade para julgar perceções estranhas ao nosso estado habitual; o maior mal que dela resulta é que o magnetismo não é, e provavelmente nunca será, uma ciência regular.

Contudo, ponhamos a teoria de parte, isto é, a interpretação dogmática dos factos (uma coisa que em nada altera nem a sua ocorrência nem a sua utilidade, se a tiverem), e a prática do magnetismo continua subordinada a regras gerais fundadas na experiência. A combinação destas regras forma realmente uma arte, e é unicamente esta nova arte que nos propusemos como nosso objeto no Manual agora escrito.

PÓSFÁCIO

Mesmo ao pôr a última folha desta obra na prensa, recebemos do nosso douto e respeitado amigo M. Mialle,§ uma comunicação de tanto interesse que não podemos resistir ao prazer de informar os nossos leitores dela.

Trata-se de um homem que, no seu sono natural, isto é, sem ter sido previamente posto a dormir pelo magnetismo, vê através de corpos opacos. Este homem é um judeu polaco; o seu nome é Rabi Hirsch Doenemark; chegou a Metz, em agosto passado, possuindo certificados que lhe foram entregues pelo Papa, pelo Príncipe Metternich e pelos primeiros professores da Alemanha.

As três sessões que o M. Hirsch deu em Metz não desmentiram no mínimo a sua reputação. Lê fluentemente num livro fechado, contanto que o contacto ou um simples gesto o tenha posto em relação com este livro. O seu filho, de dez anos de idade, que está em São Petersburgo, possui as mesmas faculdades que o pai, mas num grau mais elevado. É consultado para doenças e processos cujo desfecho desejam saber. Perante a Sua Majestade o Imperador da Rússia, disse o que estava contido na câmara da Imperatriz.

O M. X. acaba de regressar à Prússia perfeitamente convalescente.

† É digno de notar que entre os magnetizadores foram sempre aqueles que não eram médicos que propuseram a associação da medicina e do magnetismo, enquanto os médicos magnetizadores a rejeitam. A causa desta curiosa circunstância é que os magnetizadores têm, em geral, uma ideia tão falsa da medicina como os médicos têm do magnetismo.

‡ Pode ser, e gosto de pensar assim, que as minhas afirmações se apoiem apenas em factos excecionais; mas, raros ou frequentes, estes factos foram produzidos e estou na obrigação de os mencionar.

§ O M. Mialle, o mais douto e sensato dos magnetizadores modernos, está no ponto de publicar uma Tabela Sinóptica do Magnetismo Animal; ou, uma revisão analítica de tudo o que se publicou em França sobre as teorias, processos, agentes, auxiliares do Magnetismo, e todos os fenómenos do Sonambulismo. Ninguém

pode estar melhor qualificado para produzir tal obra do que o M. Mialle.

FIM